

R O D R I G O S A N T O S D E F A R I A

Ribeirão Preto, uma cidade em construção(1895-1930)
O moderno discurso da higiene, beleza e disciplina

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação da
Professora Dra. Cristina Meneguello

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 18 / 08 / 2003.

BANCA:


Profa. Dra. Cristina Meneguello (orientadora)


Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani (membro)


Profa. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna (membro)

Profa. Dra. Ivone Salgado (suplente)

AGOSTO,2003

UNICAMP
Biblioteca - IFCH

UNIDADE	IFCH
Nº CHAMADA	F225 r
V	EX
TOMBO BCI	55871
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	28/9/03
Nº CPD	

CM00189064-4

Lib 101 300924

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

F 225 r **Faria, Rodrigo Santos de**
Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930) : o
moderno discurso da higiene, beleza e disciplina / Rodrigo Santos
de Faria. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Cristina Meneguello.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Embelezamento urbano – Ribeirão Preto (SP).
2. Cidades e vilas – Melhoramentos públicos. 3. Planejamento
urbano – Ribeirão Preto (SP). 4. Ribeirão Preto (SP) – História –
Séc. XIX-XX. I. Cristina Meneguello. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

RESUMO

Esse trabalho é um estudo da cidade de Ribeirão Preto por intermédio do discurso que orientou o processo de modernização urbana. Delimitado entre a construção dos Teatros Carlos Gomes e Pedro II, respectivamente entre os anos de 1895 e 1930, o trabalho procurou entender as interfaces higiênicas, embelezadoras e disciplinares da construção da modernidade burguesa **Entre Rios**. Dessa forma, compreender a orientação ideológica e legitimadora dessa modernidade, presente nos discursos oficiais publicados nos Relatórios Municipais, Atas da Câmara, Códigos de Posturas, entre outros documentos.

ABSTRACT

This work is a study of the city of Ribeirão Preto through the discourse that has directed the process for urban modernization. Respectively delimited to the building of Carlos Gomes and Pedro II theaters from 1895 to 1930, the study searched to understand the hygienic, embellishment, and construction interfaces of **Entre Rios** modern burghers hip. With the intention of understanding the ideological orientation and the authenticity of this modernity, that is present in the official speeches published in the Municipalities Reports, the minutes of the City Council, Code of Conduct, among other documents.

AGRADECIMENTOS

Não posso iniciar essa parte sem antes fazer um pedido de perdão, à minha filha Lara Magalhães de Faria. Antes mesmo do seu nascimento, em 16 de abril de 2002, eu já estava envolvido na etapa mais dura, e não por isso, menos prazerosa desta Dissertação: a sua escrita. Perdão por ficar esse tempo de mais de um ano, privado de alguns momentos do seu crescimento. Tentei, quando era possível, não perder cada nova descoberta sua: as mãos, a voz, os dentes... Mas foi necessário perder alguns domingos de sol a passear na praça empurrando seu carrinho. Por isso, esse singelo pedido de perdão.

Ao Cnpq, pelo tempo de duração da bolsa num período crucial do trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcos Tognon, orientador dessa Dissertação no seu início. A ele devo a fundamental mudança dos caminhos traçados num incipiente projeto de pesquisa sobre Ribeirão Preto.

À Profa. Dra. Stella Bresciani, exemplo de dedicação e referência intelectual no estudo das cidades. O seu exemplar da qualificação, com as suas anotações e marcações, será guardado com muito carinho.

À Profa. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna e Profa. Dra. Ivone Salgado pelo aceite do convite e leitura da dissertação.

À minha esposa, Kelly Magalhães pelo seu amor e compreensão na minha ausência nos domingos de sol, que esse trabalho provocou.

Minha Mãe e meu Pai, Lourdes e Helvio, e minha madrinha, Nayde. Está aqui o significado de trabalho dedicado, e formação ética que nesses 30 anos foi construído diariamente.

À Elaine Cristina da Silva, pelo sua irreprochável contribuição na pesquisa dos documentos, no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Aos amigos, Francisco Gimenes e Keila Scott, que estão sempre dispostos e prontos à oferecer ajuda e amizade, como no trabalho com as fotografias. Às nossas memoráveis andanças nas madrugadas com macarrão.

Aos amigos Oswaldo Nogueira, Henrique Vichinevski e Ana Luiza por tornarem suas casas em Campinas, a minha casa.

Tânia, Mauro e Bia, todos do Arquivo Público de Ribeirão Preto. Esse trabalho é resultado do trabalho dedicado de cada um de vocês.

À minha querida amiga Denise Xavier. Sua relação com esse trabalho se iniciou na época de elaboração do plano de pesquisa, e nós trocávamos mensagens mediante suas observações. Minha formação profissional sempre estará relacionada com o aprendizado nas suas aulas e orientação no TFG. Aliás, desde o dia que eu fiz aquela atrevida pergunta na praça central da Faculdade: *é você a nova professora?*

À Profa. Maria de Fátima, pelas conversas de Pós-Graduandos em História que somos, meu respeito e admiração.

À Pesquisadora Dra. Solange Ferraz de Lima, do Museu Paulista da USP, pela tarde do conversa sobre fotografia no CAPH/FFLCH-USP. Muitas indagações daquele dia estão presentes no trabalho.

À Profa. Dra. Sarah Feldman. Sua disciplina no DAU/EESC-USP, foi fundamental na desenvolvimento da pesquisa. Obrigado pela oportunidade de publicação do trabalho do Eng. José de Oliveira Reis.

Aos amigos(as) Francisco Gimenes, Varlete Benevente, Rita Fantini, José Bezzon, Dariane Bertoni, Orestes Bortolli, Edgard Couto, Phitágoras Daronch, Onésimo Carvalho, obrigado pela minha formação e incentivo perene.

Aos colegas de Pós-Graduação, Paulo, Joana, Nancy, Vichi, Juliana, pela cordialidade e respeito na nossa convivência.

À uma recente, mas, fundamental amiga, Josianne. Nossos *diálogos Historiográficos* em Salvador no ano de 2002, durante Seminário de História da Cidade e do Urbanismo serão sempre lembrados.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristina Meneguello. Não sem propósito ficou para o fim esse agradecimento. Mais fácil e simples seria logo agradecer pelas leituras e pela orientação. Opção impossível de adotar aqui. Devo não só a orientação à Prof. Cristina Meneguello. Por isso mesmo, ficar para o final, a fim de tentar encontrar palavras capazes de esclarecer minha gratidão. Pela orientação, pelo respeito ao trabalho proposto, pelos caminhos decididos em conjunto. Pela postura ética na nossa relação profissional. Essas são algumas das coisas que devo agradecer, seguindo um ritual *pro forma*. Mas tenho ainda a felicidade de agradecer a uma amiga, que ela sempre foi. Principalmente nas horas mais difíceis desse meu processo de pesquisa e aprendizado na História. O problema, é que as palavras continuam não sendo capazes de expressar todo meu reconhecimento e gratidão. Cristina, muito obrigado!

Esse trabalho é dedicado a uma linda mulher que nasceu durante o exigente e árduo processo de escrita da História:
LARA, minha filha, com todo meu amor.

SUMÁRIO

Ave, Ribeirão Preto 8

Apresentação 10

capítulo um:

Nos Caminhos Da História

Sobre a História Urbana: conceituação e possibilidades **23**

RIBEIRÃO PRETO, olhares sobre a cidade: entre os relatos memorialistas e as narrativas acadêmicas **44**

capítulo dois:

Ribeirão Preto, Uma Cidade Em Construção

Sujeira, pobreza e doença: resquícios do núcleo rural e as primeiras ações higienizadoras nos debates da Câmara Municipal **94**

Serviços Urbanos e Higiene 105

Do Largo à Estação: expansão da ordem higiênica 121

Melhoramentos Urbanos entre higiene e ordem urbana: a legitimação do processo de modernização **141**

Legislar para Ordenar a Modernização 149

capítulo três:

Ribeirão Preto, Uma Modernidade *Entre Rios*

Consolidação da modernidade; higiene, beleza e progresso na cidade disciplinada pelo urbanismo **168**

Entraves da Modernização Urbana 184

O Progresso a qualquer custo, econômico ou social 192

Embelezamentos urbanos: consolidação estética da modernidade 207

O território *Entre Rios* da modernidade 222

Considerações finais

Entre a *permanência* do discurso e a *ruptura* dos estudos **253**

Fontes de Pesquisa 259

Bibliografia 270

Anexo 280

Ave, Ribeirão Preto

(singela homenagem a florescente cidade amiga)

Como que por encanto
Atraiu gente de terras longinquas
E, em torno dela, ergueram-se a igreja a taberna, as primeiras
casinhas.
E atiraram na terra roxa
Nesta terra boa e privilegiada,
As cerejas do ouro verde
Que jorram espontaneamente
Contribuindo poderosamente
Para a opulência do Brasil.
E cedo a fama da fecundidade do seu solo
Da sua pujança, do esplendor,
Ultrapassou as fronteiras,
E aquela delicada flor,
Tratada por mãos de hábeis jardineiros
Fi crescendo viçosa e bela
Despertando grande admiração!
E ao raiar da aurora o 1º centenário
Entre cânticos e salmos,
Aquelas formosa flor refloriu
Numa eclosão de pétalas, luzes e cores!
E o que foi um pequeno aglomerado
É hoje uma fulgurante realidade!
Novas e pitorescos bairros
Surgem como por enquanto
Nas pontas mais elevadas da cidade
D´onde se descortinam panoramas maravilhosos.
Soberbos edifícios – verdadeiros gigantes de cimento – imponentes
torres campanárias
Altas chaminés fumegantes
Elevam-se aos céus
Enquanto cinzentas fitas de asfalto
Rasgam, em todos os sentidos,
As planícies verdejantes desta rica região...
Ribeirão Preto cresce.
E o milagre da fé do trabalho e da prece.
Veio de longe, muito longe
Além montes e campinas!
Foi numa linda noite de verão.
Quando a lua demorava

Dilúviu de pétalas de prata
Sobre a cidade adormecida
Onde folhas farfalhavam
Ternos cantos excitantes
O castelo imperial
Que dominava o prado perfumado
Esplendidamente iluminado
Fervilhava de convidados
A corte se apresentava na sua beleza
Apogeu magnânimo da nobreza
Que ali estava reunida.
As damas exibiam ricas toaletes.
Os ares eram impregnados de sutis odôres,
Finos vinhos espumavam nas taças de cristal.
Brinde eram erguidos à sua realeza.
Doces acordes de harpas e cítaras
Ressoavam pelos luxuosos salões
Enquanto os convidados, aos pares
Dançavam, em ritmos vertiginosos,
O romance de valsas vienenses...
Em dado momento no auge da festa,
Esbelta e atraente princezinha
Denotando ressentir-se do calor
Descera ao jardim que contornava o palácio.
Embrenhando-se bosque a dentro
Caminhou...caminhou até que cansada,
Adejou-se sobre a relva aveludada e dormiu.
No seu solo virgem e delicado
A suavidade de um botão de rosa
Encantadoramente alijofarado
Deliciava ainda mais o carinho.
Esse botão como um pergaminho
Resvalou sobre o verde tapete e floriu
Instantes depois, o perfume embreagador
Dessa bela e mimosa flor.

João Martinho, in: Ribeirão Preto: seu progresso. Revista impressa em
Ribeirão Preto. Década de 1960

APRESENTAÇÃO

Estranhamento. Não aquele recurso cinematográfico, que confere a dualidade ou a possibilidade de duas finalizações distintas à narrativa visual apreendida pelo olhar. Uma apreensão por esse mesmo olhar que, amalgamada ao tempo, oferece a mais significativa experiência no constante movimento da cidade sobre ela mesma.

Experiência que, em minha formação de arquiteto e urbanista, torna-se decisiva na leitura da cidade, assim como na leitura das palavras **da** e **sobre** a cidade. Ou, ainda, leitura dos textos e texturas impregnados nas suas construções materiais e nas suas construções sociais. Esta última, em especial, ainda pouco trabalhada nos campos **disciplinares** da arquitetura e urbanismo.

O plural aqui adotado, que define **disciplinas**, e não **disciplina**, determina uma orientação teórica que percorre uma tentativa de compreensão do que venha a ser arquitetura e urbanismo.¹ A segunda, definida como ciência da cidade, disciplina que conferiu à cidade estatuto de objeto de estudo/intervenção, é o maior interesse em nossos trabalhos.

Arquitetura seria, então, a ciência da edificação, aquela que orienta seus interesses no estudo do abrigo humano? E não definimos abrigo no sentido do fechado, do envolvido em proteção estabelecida por meio de limites -transparentes ou não- aos lugares, mas entendido como espaço do acontecer solidário mediante a ocupação e interação humana.

¹ Uma tentativa que não pretendemos abordar profundamente no presente trabalho. Surgem nesta apresentação, apenas algumas questões que entendemos necessárias quando deslocamos nosso percurso profissional por outra disciplina, a História.

Assim, a espacialidade arquitetônica é também definida, até mesmo em primeira instância, pelas áreas livres, já que a cidade não surge num movimento linear do ocupado ao vazio, da edificação às praças, parques e ruas. É em verdade sobre o vazio do território que a arquitetura **impõe** sua ordem, tanto técnica quanto estética.

Diante de tais considerações, que são muito mais observações surgidas no decorrer de uma prática profissional ainda inicial, surge uma interrogação: e o ser humano?

Em relação ao trabalho aqui iniciado, interessa menos o significado *stricto sensus* de humano, que a medicina, a psicologia e a antropologia, entre outras, podem desenvolver. Interessa, muito mais, sua ação na construção da cidade, a cidade de Ribeirão Preto. Nesse sentido é que não se pensa no ser humano isolado, mas, ser social, sociável.

Uma vez que a cidade é uma construção humana, vivenciada por grupos sociais distintos que conformam redes de sociabilidade também diversas, recorreremos a um percurso que se desloca por uma terceira disciplina: a História; definida no interior da disciplina historiográfica, uma construção narrativa. Porém, não História da Arquitetura e Urbanismo praticada por arquitetos e urbanistas; em grande parte, ainda, uma História que se constrói por meio de plantas, cortes, volumetrias das edificações, ou planos de cidades, suas formas e desenhos².

² Mesmo que, ainda maioria na pesquisa brasileira, recentes trabalhos publicados oferecem uma nova perspectiva para a história da arquitetura e urbanismo. Entre eles: BARONE, Ana Cláudia Castilho. "Team 10. Arquitetura como crítica" São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.; ARANTES, Pedro Fiori. "Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões". São Paulo: Ed. 34, 2002.; BASTOS, Maria Alice Junqueira. "Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira. Discurso prático e pensamento". São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2003.

Podem existir diferenças entre essas Histórias, em específico o caso de uma História Urbana? Existem, e estão localizadas nas diversas etapas de desenvolvimento de uma pesquisa, principalmente quando essa pesquisa se pretende interna ao campo do conhecimento historiográfico.

Foram essas diferenças que determinaram o que foi chamado, logo na primeira palavra do presente trabalho, de estranhamento. Nesse caso, o estranhamento não teve o papel definidor de duas possibilidades distintas e intocáveis, como pode ocorrer na realização cinematográfica. Ele nos colocou, sim, as diferenças e divergências entre campos disciplinares constituídos por estruturas conceituais próprias³, o que não deve significar a impossibilidade de contaminações -no bom sentido- de trocas, de transformações dessas estruturas provenientes justamente da interação, do contato.

³ Sobre tal problemática a abordagem de Stella Bresciani em recente artigo é definidora de opção coerente: "O que o saber historiográfico oferece como colaboração para o estudo das cidades, das questões urbanas? Nestor Goulart disse em uma mesa-redonda que "as áreas profissionais parecem ilhas. Cada vez que nos reunimos para discutir esse tema a impressão de que a nossa história urbana não é a mesma de outros profissionais". Sua Crítica incidia no que considerou ser "uma tendência a desqualificar as visões de conjunto da história" (Goulart, 1991.p.15), que seriam fundamentais para a sua área, a da história da urbanização. A afirmação de Goulart surpreende, não pelo reconhecimento das diferenças e divergências entre as áreas que tratam da história urbana, e sim por considerá-las algo desconcertante e indesejável. Surpreende mais, pois minha experiência em relação aos estudos e pesquisas sobre as cidades permite que, dependendo do *ponto de vista* do estudioso, com frequência em estreito vínculo com sua formação profissional, a mesma aproximação teórica pode levar a ênfases diferentes(...) A questão que proponho a tratar é da interdisciplinaridade constitutiva desse campo de saber - o urbanismo -, quando recebe sua denominação e reconhecimento na década inicial do século XX, e sua irrecusável dependência da forma de analisar as cidades, portanto de compor uma narrativa sobre a cidade. Quais foram os caminhos que levaram a essa estrutura interdisciplinar dos estudos sobre as cidade? Seríamos nós os responsáveis pela pulverização do objeto cidade, tal como outros temas do domínio da história, submetidos a recortes específicos, quando não ao esfacelamento? A aceitação da interdisciplinaridade com seus recortes diversos espelharia, como quer Goulart, uma recusa às "visões de conjunto da história"? BRESCIANI, Maria Stella. M. "Cidade e História". In: Cidade: história e desafios. OLIVEIRA, Lucia L. (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 17-19.

Esse mesmo estranhamento está possibilitando o exercício de interpretação da cidade, não mais exclusivamente pelo recurso visual que o desenho possibilita, e para ao qual fomos treinados. É o recurso textual, das palavras, do discurso que perpassa as ações humanas na construção da cidade, que o contato com a História determinou.

Conseguir, assim, olhar não só para o que antecede a cidade, como fazemos nós, Arquitetos e Urbanistas, pelos planos de construção de novas cidades, pelos projetos de intervenção no ambiente urbano, já que, na manutenção exclusiva dessa ação, estaremos legitimando a imposição da cidade abstrata pelo urbanismo, o modelo de todas as cidades.⁴ Uma vez que,

"a maior obra do urbanismo é, portanto, prover a cidade de outro sentido, é lhe dar outro estatuto epistemológico, na medida em que sua ação leva à redefinição da polissemia urbana e ao aprisionamento da cidade numa unidimensionalidade que só faz reduzir a experiência histórica, aprisionando-a às imagens derivadas dos dados técnicos e estatísticos, com as quais vai esculpir, não mais o tempo (história), mas no espaço, outra imagem da cidade."⁵

Para a reversão de uma direção já estabelecida, é preciso também uma atuação voltada para os significados do urbanismo, estudos direcionados às questões epistemológicas da chamada ciência da cidade, dos sentidos das suas palavras e teorias, abordagens que no Brasil ainda são exíguas. Contudo, se elas existem, estão partindo, em sua maioria, justamente da História, acostumada a desenvolver

⁴ PECHMAN, Robert. "Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista". Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002. p. 386.

⁵ PECHMAN, Robert. op. cit.p.387.

estudos cujos problemas são decorrências de tais questões.⁶ Uma conseqüência do trânsito cada vez maior dos Historiadores nas esferas de pesquisa, de congressos e cursos de arquitetura e urbanismo, enquanto que Arquitetos e Urbanistas pouco se permitem circular nas discussões dentro da História, estando em seu interior.

Cada uma dessas questões, e outras que foram se revelando durante as atividades no Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, são, portanto, uma tentativa de permissão de um contágio, aliás, delicioso e apaixonante, pela História. Uma opção circunscrita, porém, em determinados medos que já existiam antes da entrada nesse campo do conhecimento, e comprovados em disciplinas que fazem uso de literatura **estranha** aos cursos de arquitetura e urbanismo. Literatura estranha também em programas de Mestrado e Doutorado em Faculdades de Arquitetura e Urbanismo, definidos como História da Arquitetura e Urbanismo.⁷

⁶ Os Seminários de História da Cidade e do Urbanismo no Brasil, evento que demonstra a força de um campo de estudos em crescente desenvolvimento no país, poderia ser o momento fundamental para o lançamento dessas problemáticas, sobretudo o 7º Seminário realizado na FAUUFBA, com o tema: "Balanço da Produção recente e Desafios Atuais". Das comunicações apresentadas, a maioria ainda estava centrada em estudos de projetos de cidade, projetos de intervenção, ou obras de profissionais engenheiros e urbanistas. Pouco se abordou sobre quais sejam os desafios atuais, entre os quais se destaca a preocupação com a memória, como apontou Maria Cristina da Silva Leme na sua apresentação no encerramento do evento. Desafios de ordem metodológica, de utilização de fontes de pesquisas foram minorias dos trabalhos, ainda prevalecendo, por exemplo, no estudo desenvolvido por arquitetos a necessidade de inserção de fotografia, como falou Nestor Goulart, sem no entanto indicar possibilidades de análise da documentação fotográfica, com a criação de um vocabulário específico para esse tipo de documentação. Só a inserção pela inserção corrobora com o caráter meramente ilustrativo dessa importante fonte documental.

⁷ Uma condição que oferece indícios de processo de mudança fundamental, como a incorporação do artigo de Bernard Lepetit, "O Presente da História" (LEPETIT, 2001), na bibliografia da avaliação ao Programa de Doutorado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos - USP.

Algumas questões iniciais passavam, ainda que numa atmosfera distante, pelo nosso conhecimento, como História Nova, autores como Le Goff, ou ainda Foucault. Contudo sem se dar conta, por exemplo, da dimensão que o filósofo teve para a História, estabelecendo problemáticas de método e abordagens relativas às questões disciplinares, do vigiar e punir, das palavras e as coisas, entre outros trabalhos.

O resultado de tudo isso está na compreensão de que as dificuldades dos historiadores no trato com a documentação iconográfica, principalmente aquela que nos acostumamos a ler, como mapas, plantas, cortes, são as nossas mesmas dificuldades na compreensão do trabalho historiográfico a partir do principal, ou melhor, mais utilizado tipo de documento na História: o texto.⁸

Outro importante problema que, para os **de fora** da História surge como primordial, é o da verdade. Seria a História a ciência que traria a verdade sobre os eventos humanos? Seria ela, enfim, ciência, na mais pura definição como tal, autoritária e exigente dos seus procedimentos metodológicos? Em se pensar que a História é uma narrativa, construída conscientemente por quem se propõe a tal, pode até existir uma verdade, mas, aquela que interessa a quem escreve e por qual caminho ele define sua escrita. Pode-se pensar numa verdade do processo metodológico de pesquisa e escrita, mas não na verdade dos eventos no passado. Isso, talvez, por vários motivos, mas, o principal deles, em nosso entender, ocorre pelos documentos.

Num primeiro momento, temos que, na escrita da História, é possível conhecer o passado, através do que ainda resta de registro desse

⁸ Algumas questões serão abordadas no primeiro capítulo e, por isso, não especificadas no momento.

passado, para a solução de um ou vários problemas a que nos propomos. Como já afirmara Paul Veyne,

"um livro de história surge sob um aspecto muito diferente daquilo que parece ser; não trata do Império Romano, mas do que ainda podemos saber desse império." (VEYNE, 1987.p.26)

Num segundo, um outro filtro estaria na própria pessoa, ou, ainda, na própria ação narrativa, que pode manipular a documentação em função do seu interesse, no trânsito entre eventos particulares que permitam a construção de conceitos gerais.

Essas mesmas questões levantadas foram presenciadas mais diretamente nas disciplinas cursadas, sobretudo Teoria da História.⁹ Já de início, ao primeiro contato com esse **novo** campo do conhecimento, uma discussão aprofundada por temas absolutamente deslocados do léxico arquitetônico e urbanístico. Autores como Hayden White, Natalie Z. Davis, Marc Bloch e Carlo Ginzburg precisavam ser ao mesmo tempo absorvidos, interpretados e transformados em literatura palpável, como que natural ao nosso *metier*.

Situação que resultaria numa experiência perturbadora e angustiante para um estrangeiro entre historiadores acostumados a todos os títulos trabalhados na disciplina. Porém, uma perturbação estimulante e desafiadora, mas, definidora dos nossos limites teóricos em territórios epistemológicos historiográficos, assim como, da capacidade de olhar para a História de dentro dela, como num procedimento antropológico.

Contudo, as perturbações não ficariam limitadas a essa disciplina. Uma outra perturbação, de caráter desviante de qualquer retórica metodológica fechada em si mesma, era deliciosamente construída na

⁹ Disciplina cursada com a Profa. Dra. Sílvia Lara.

disciplina Tópicos Especiais em História.¹⁰ Perturbações do imaginário social, da literatura e política, da narrativa cinematográfica e linguagem iconográfica eram trabalhadas por um discurso que falava da necessidade de um contato íntimo com nossos objetos de estudo.

Definia-se também, nessa disciplina, aquilo que foi chamado de uma **História do Hoje**, que, impregnada das mazelas sociais do mundo contemporâneo, definiria uma postura importante ao profissional historiador. Algo que definiremos aqui como uma História Operativa, ou Operante, distinta, portanto, da concepção da História enquanto operação de retorno à determinado passado supostamente congelado, mas, determinada por questões colocadas no presente a partir dos mais variados estímulos.

Fechando o conjunto de disciplinas que orientaram essa incursão pela História, estão os seminários de linha de pesquisa, no caso a linha de pesquisa Cultura e Cidades que, após reestruturação, denomina-se Cultura, Cidades e Patrimônio. Esse talvez o momento ímpar nas possibilidades de contágio e interação entre a história, arquitetura e urbanismo, ou seja, entre Historiadores e Arquitetos-Urbanistas.

Uma disciplina estruturada no desenvolvimento de trabalhos mediante a leitura de textos, com ênfases e conteúdos que promoviam debates que perfaziam os mais diversos objetos de estudos. É nesse momento que o Plano Pesquisa é colocado em questão a todos os participantes do programa e vinculados à linha de pesquisa: professores e professoras, mestrandos e doutorandos.

Os primeiros encaminhamentos, dados a partir de uma incipiente proposta de pesquisa, começam a definir-se num rumo que tem como problemática principal a imagem da cidade de Ribeirão Preto, em

¹⁰ Disciplina cursada com o Prof. Dr. Ítalo Tronca.

estudo que se basearia numa série documental composta por fotografias localizadas no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. No entanto, com o desenvolvimento da pesquisa em acervos públicos na cidade, novos conjuntos documentais foram encontrados e inseridos ao trabalho. São Relatórios de Intendentes e Prefeitos Municipais, Códigos de Posturas, respectivamente de 1889, 1902 e 1921, textos de jornais, almanaques e revistas, nacionais e estrangeiras, e as próprias fotografias.

Nesse sentido, uma possibilidade de ampliação do estudo, promovida pela diversificação considerável das fontes, definiu uma alteração estrutural na pesquisa a ser trabalhada. De início, aquela questão da imagem da cidade, central nas problemáticas do trabalho pelo estudo das fotografias, deixou de existir, deslocando o conjunto de fotografias para uma estrutura em anexo, catalogadas por meio de um fichamento.

Na lógica do trabalho, esse deslocamento não deve ser entendido como um congelamento do papel, que as fotografias poderiam ter. Continuaram, sim, a estruturar a noção de uma centralidade, eixo articulador da modernidade na cidade de Ribeirão Preto, representada pela Praça XV de Novembro e toda a área central, com seus teatros, jardins, palacetes, lojas e estação de trens, entre outros.

Em conjunto com os almanaques e revistas publicadas no Brasil e no exterior, as fotografias assumem um papel divulgador da metrópole do interior, da cidade em processo de modernização. O que se pretendeu publicar nesses almanaques e revistas, seja texto ou fotografia –que serão em sua maioria as mesmas–, objetiva a consolidação da imagem de uma cidade moderna. Principalmente às fotografias, pode-se definir uma ação legitimadora dessa imagem, suporte visual do discurso de

construção da cidade moderna, higiênica, bela e disciplinar, imposta pela elite local.¹¹

Entendemos que essa alteração, pela incorporação de outras fontes, também promoveu o maior benefício para o trabalho, instrumentalizando a pesquisa para um estudo da cidade de Ribeirão Preto, não mais insistentemente relacionada ou resolvida, como em outros estudos acadêmicos, pelo trinômio caracterizado pela relação café-ferrovia-desenvolvimento.

Esses mesmos trabalhos foram analisados no primeiro capítulo, sem a pretensão de uma aprofundada revisão historiográfica, juntamente com a produção memorialista sobre Ribeirão Preto. Procurou-se compreender quais os temas e abordagens recorrentes, e como a questão da legitimação e reprodução de uma concepção de cidade progressista, metrópole do interior paulista, pode estar presente tanto nos relatos memorialistas quanto em algumas dessas pesquisas acadêmicas. Fato recorrente, sobretudo nas pesquisas que se reportam a alguns autores considerados memorialistas, em nosso entender

¹¹ A catalogação das fichas fotográficas tem como referência o importante trabalho de Solange Lima e Vânia Carvalho, ambas do Museu Paulista -USP: LIMA, S. F; CARVALHO, V. C. "FOTOGRAFIA E CIDADE: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)". Resultado da dissertação de mestrado de ambas as autoras no Departamento de História da FFLCH-USP, segundo as próprias autoras, "o presente livro analisa as relações entre imagem e sociedade a partir de núcleos documentais constituídos por álbuns fotográficos relativos à cidade de São Paulo, divulgados entre 1887 e 1954." (Ibidem.op.cit.p.13)Em relação específica ao tratamento das imagens, cada uma delas "recebeu um tratamento individual, sendo arrolados tantos seus atributos formais como icônicos." (ibidem,op.cit.p.30). Foram desenvolvidos os chamados Descritores Icônicos e Formais. Os icônicos determinam os elementos espaciais e os formais a plasticidade dos motivos do contexto urbano. Em nossa pesquisa, estaremos fazendo uso dos descritores icônicos, também em uma análise individual das imagens que serão trabalhadas em fichas de catalogação. A utilização dos descritores em nossa pesquisa não significará a utilização integral da metodologia daquele trabalho. Outro trabalho com fotografia foi realizado por Sônia Aparecida Fardin. (FARDIN, 2001). Neste estudo das fotografias, Fardin incorpora na sua totalidade os procedimentos de análise dos descritores icônicos e formais.

erradamente, utilizando sua produção sobre a história de Ribeirão Preto como verdade inapelável.

Ainda no primeiro capítulo, uma discussão, muito aquém de uma definição determinante, sobre a história urbana. A partir de quatro condicionantes, uma interiorização do estudos urbanos¹², uma interdisciplinaridade controlada, a técnica e a escala, procurou-se trilhar sobre as possibilidades de uma área de conhecimento intensa e ainda sem uma conceituação mais aprimorada dos seus significados, suas metodologias e filiações teóricas. Em verdade, um percurso que surge enquanto continuidade daquelas perturbações e estranhamentos que perfizeram o nosso primeiro olhar, não **sobre** ou **sob** a História, mas **na** História.

Fechando a estrutura da dissertação, os dois seguintes capítulos estão centrados na discussão sobre a cidade de Ribeirão Preto. O trabalho foi definido temporalmente a partir da construção de dois importantes espetáculos da cena urbana construídos sobre o território daquela vila empoeirada dos anos de 1856: inicialmente, o Teatro Carlos Gomes, em 1895, e o Teatro Pedro II, em 1930.

Entre eles, a grande Praça XV de Novembro, espacialidade convergente e centralizadora do processo de urbanização e modernização, que dela se dissemina pela área central da cidade. Um processo definido e implementado pela burguesia local, atrelado ao seu poder político e econômico, orientado por um discurso coerente com a construção de uma cidade moderna. Nessa cidade, a higiene, a beleza e a disciplina consubstanciariam a ordem urbana e a civilidade daqueles inseridos territorialmente e economicamente nos limites

¹² No sentido mesmo da noção do território. Avançar com os estudos para cidades do interior do país, não restringindo a possibilidade de compreensão do Brasil urbano pelas capitais de Estado da faixa litorânea, como, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife.

internos aos córregos do Ribeirão Preto e Retiro. Instrumento dessa ação, uma série de intervenções urbanísticas estruturadas por programas de melhoramentos e embelezamentos urbanos. Aos excluídos dessa lógica imposta pela burguesia ávida pelas benesses da modernidade, e auxiliada pelo urbanismo, ciência urbana definidora dos parâmetros higienistas e embelezadores entre fins do século XIX e início do XX, a pobreza, a doença e a polícia.

CAPÍTULO UM
NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA

Sobre a História Urbana: conceituação e possibilidades

"Um campo de estudos ainda em construção"(FERNANDES & GOMES, 1998.p.14). Foi essa a conclusão a que se chegou aquela que talvez tenha sido a primeira tentativa –ainda no início dos anos de 1990- em estabelecer um panorama dos estudos em História Urbana no Brasil¹.

No interior desse processo de construção, duas problemáticas ainda permanecem abertas: uma sobre a ampliação do quadro de cidades estudadas, e outra da conceituação da própria história urbana enquanto área de conhecimento². A primeira aponta para a

"predominância absoluta de estudos monográficos centrados em cidades específicas. Com isso, só as grandes cidades vêm

¹ No caso dos estudos em História Urbana na Europa e Estados Unidos, o debate está mais consolidado que no Brasil. No caso Europeu foram fundamentais as contribuições do Grupo de História Urbana da Universidade de Leicester, sob a coordenação de Harold James Dyos, e a publicação, a partir de 1962, do Urban History Newsletter, transformado no Urban History Yearbook e já na década de 1990 no journal Urban History. Nos Estados Unidos o grupo New Urban History consolidou-se a partir da "Conferência Nineteenth Century Industrial City", organizada na Universidade de Yale em 1968, por Richard Sennet e Stephan Thernstrom (DA SILVA, 2000). Para uma abordagem mais detalhada das atividades internacionais em História Urbana, especificamente sobre os principais eventos e discussões, o artigo de Luis Octávio da Silva (2000) é uma referência fundamental.

² Não é objetivo do presente trabalho definir e problematizar os possíveis gêneros de abordagem da História Urbana no Brasil. O debate aqui proposto, de conceituação e possibilidades, está inserido nas problemáticas internas ao próprio trabalho, valendo-se de abordagens mais ampliadas, cujo objetivo figure na tentativa de, se não definir, esclarecer os mais recorrentes gêneros. Assim sendo, mesmo com a lacuna de uma década de sua escrita, o artigo "A Pesquisa recente em História Urbana no Brasil: percursos e questões" (FERNANDES & GOMES, Ibidem) é uma dessas referências. No artigo, os autores abordam o que eles definiram como "Percursos da Produção" da História Urbana no Brasil. São eles: **Modernização Urbana**, uma situada na virada do século XX, e outra entre os anos de 1930 e 1960; **Modernização Urbana e Habitação**, organizada por quatro direções principais de pesquisa; **Pensamento Urbanístico**, em sua maioria vinculada em sua maioria aos pesquisadores Arquitetos e Urbanistas; **Territórios e Mercado de Trabalho**. Outro importante trabalho, mesmo que ainda incapaz de trilhar criticamente toda a enorme quantidade de estudos das cidades, é o artigo apresentado no ENANPUR-Porto Alegre, "História da Cidade: constituição e balanço temático" (BRESCIANI, 1999). Nele a autora realiza um balanço

sendo contempladas, o que configura uma história urbana das capitais brasileiras" (FERNANDES & GOMES, op. cit. p.25).

O conjunto das cidades brasileiras estudadas pode ser ampliado se adotarmos os pressupostos da tradição higienista do século XIX, em que os estudos urbanos priorizam o momento em que o

"urbanismo incorpora a cidade a partir da objetivação dos "problemas urbanos" estabelecida pela medicina, pela engenharia, pela filantropia, pela nascente sociologia, pela economia social" (PECHMAN, 1998.p.29),

ou ainda quando a cidade se problematiza atravessada pela questão da técnica e pela questão social³. Cidades portuárias, como Santos, ou cidades do interior do país são exemplos desse foco de interesse que as pesquisas podem assumir⁴. Nesse caso, os estudos urbanos estariam concentrando seus olhares na questão da **Modernização Urbana**, especificamente aquela centrada entre fins do século XIX e início do século XX.

É importante, aqui, perceber que a maioria das capitais estudadas são cidades portuárias, fechando-se um círculo de interesse comum, confirmando a observação que aponta uma centralização das pesquisas, em sua maioria, nas cidades capitais. Na contramão desse círculo de interesse comum, definido pelo binômio cidade-porto, estariam os estudos sobre a capital da Província de São Paulo: a cidade de São Paulo, que é objeto de estudiosos provenientes das mais

temático fundamental para que outros pesquisadores tenham uma referência da produção brasileira sobre temas urbanos.

³ Bresciani aponta seu interesse de estudo para o momento em que a cidade se problematiza como " questão urbana". São interfaces dessa questão os problemas da sujeira, da peste (o cólera) e da pobreza, entre outros (BRESCIANI, 1991.p.10).

⁴Das cidades brasileiras que não são capitais de Estado, Santos poderia ser considerada até os anos de 1990, uma exceção a essa orientação dos estudos urbanos, em função das pesquisas realizadas sobre a cidade.

diversas disciplinas: da sociologia, geografia, economia, arquitetura e urbanismo, história e antropologia.⁵

Quando não direcionados para cidades capitais e/ou portuárias, os estudos focalizam seus olhares para as cidades planejadas, como Belo Horizonte, Goiânia e Brasília, entre outras. Nesse caso, a motivação e a quantidade de estudos se fazem pela discussão sobre urbanismo moderno no Brasil⁶: suas origens e suas propostas.

Na abordagem dessa primeira problemática referente aos estudos em História Urbana, não se objetivou uma crítica em relação aos pressupostos teóricos ou metodológicos dos trabalhos. As questões que envolvem as pesquisas relacionadas com a cidade, no Brasil, na virada do século XIX para o século XX, que é o momento, como já foi mencionado, em que a cidade se problematiza como questão urbana, e todas as interfaces relativas a essa problematização serão, em suas medidas, objetos de estudo da cidade de Ribeirão Preto.

⁵ Mais recentemente os estudos da Linguagem, com pesquisadores provenientes de Institutos de Estudos da Linguagem, como é o caso da Unicamp, também estão focalizando a cidade como objeto de estudo, e não só a cidade de São Paulo. Nesse referido Instituto - IEL/Unicamp - a Revista RUA, do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade/NUDECRI e Laboratório de Estudos Urbanos/LABEURB, é um importante instrumento de debate sobre temas urbanos, especificamente a Revista RUA /NUDECRI-Unicamp nº 5, março de 1999, e RUA /NUDECRI-Unicamp, número especial, julho de 1999: 1º Jornada Científica Urbanizar a Cidade. No caso dos estudos de linguagem, as abordagens estão mais centralizadas nas questões da cidade contemporânea, como afirma a Apresentação da Revista RUA nº 5 "através de uma reflexão sobre os processos sociais, políticos e de linguagem", não atuando numa perspectiva historiográfica, de História Urbana, como é o caso do presente trabalho

⁶ Um conjunto de cidades novas planejadas e cidades empresariais também fazem parte desses estudos. Um estudo inédito sobre cidade empresarial no Brasil e que merece publicação, sobretudo pelo conjunto de documentos adquiridos nas Universidades Norte-Americanas de Harvard e Orígon e no catálogo da exposição "SERT, Arquitecto en Nueva York", realizada no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, em 1997, foi realizado por Francisco Carlos Gimenes: "A Cidade dos Motores, três projetos". Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 1998.

Aponta-se, portanto, para a necessária ampliação do quadro geral de cidades que merecem atenção dos pesquisadores. Cidades que, no tempo apontado como fundamental para o país - é a República que nasce nesse momento -, tiveram extrema importância no processo de urbanização brasileiro.

É fundamental, até para uma cristalização desse campo de estudos em questão, um movimento de **interiorização** territorial das pesquisas urbanas, para a compreensão de outras várias realidades urbanas que, em determinados casos da Província de São Paulo, naquela época, afloraram pelos caminhos que os trilhos da ferrovia deixaram no território, no seu objetivo de chegar, no caso da Companhia Mogiana, até às Minas Gerais.

Ribeirão Preto é uma dessas realidades⁷. A chegada da ferrovia a Ribeirão Preto, no ano de 1883, é coincidente com as primeiras ações propagandísticas⁸ sobre a qualidade da Terra Roxa da região, para o cultivo do café, já em intenso processo de decadência em outras regiões da Província de São Paulo⁹. Esses dois fatos foram fundamentais, como veremos no capítulo 2, para o florescimento econômico, social e urbano de Ribeirão Preto. É o momento de ruptura com o ambiente rural da então Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, para a construção da cidade que seria idealizada pelas elites locais - no caso de Ribeirão Preto composta por coronéis do café - em

⁷ A formação da cidade de Ribeirão Preto não está vinculada à chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1883. Oficialmente, a data de formação é de 1856. Porém, a importância da Ferrovia na economia urbana municipal é fundamental, pela dinâmica que esse fato determina não só para Ribeirão Preto como toda a região.

⁸ JÚNIOR, Martinho Prado. Município de S. Simão e Ribeirão Preto. in *Jornal A Província de São Paulo*, São Paulo, 18 de outubro de 1877.; BARRETO, Luiz Pereira. A Terra Roxa. In *Jornal A província de São Paulo*. São Paulo, de 2 de dezembro a 10 de dezembro de 1876.

⁹ Para um estudo sobre o processo de transformações urbanas e econômicas na cidade de Ribeirão Preto promovidas pela Ferrovia, o trabalho de Kelly Cristina Magalhães Faria (FARIA, 2002).

tudo que ela poderia ser modernizada, higienizada e embelezada pelos trilhos do progresso que chegava.

Nessa ordem dos fatos que se processariam, institui-se uma **Ideologia da Higiene**¹⁰ como instrumento de ação do Poder Público Municipal -poder aliado aos interesses da elite cafeeira- sobre o ambiente urbano, de modo a sanear a cidade dos problemas da sujeira, da doença e da pobreza.

E a cidade de Ribeirão Preto é uma das que começam a surgir nos congressos como objeto de estudo. Uma análise dos trabalhos apresentados nos últimos Encontros Científicos¹¹ sobre História da Cidade e Planejamento Urbano no Brasil é demonstrativa da ampliação do conjunto das cidades pesquisadas, o que efetiva a História Urbana enquanto campo analítico, crítico e propositivo. Uma realidade, contudo, aquém do potencial que a problemática urbana no Brasil pode oferecer como objeto de pesquisa: uma potencialidade que permite os mais diversos olhares – da história, da sociologia, da geografia e do urbanismo, entre outros – sobre cada uma das cidades brasileiras.

Essa análise aponta também para uma diversidade de abordagens e recortes privilegiados: estudos relacionados com as transformações físico-territoriais do ambiente urbano; estudos que priorizam o planejamento urbano e do desenho das cidades; o processo de

¹⁰ A concepção de uma Ideologia da Higiene foi trabalhada por Sidney Chalhoube (CHALHOUBE,1996).

¹¹ São eles: o V, VI e VII Seminários de História da Cidade e do Urbanismo realizados respectivamente em Campinas/SP (1998), Natal/RN (2000) e Salvador/BA (2002): (BORTOLUCCI & BENINCASA, 1998); (MARTINS,1998); (CONSTANTINO & REGINATO, 1998); (SILVA, 1998); (BENTIVOGLIO, 1998); (JÚNIOR, 2000); (SILVA, 2000); (FERNANDES & MAGALHÃES, 2000); (LIMA, 2002); (LOPES & MENEGUELLO, 2002); (FARIA, 2002); (FRIDMAN, 2002); (MORAES, 2002); (FLEXOR, 2002); (LANNA, 2002); (REGO, 2002); (CAMPAGNOL, 2002); (GUERRA & AIMEIDA, 2002).

formação da estrutura fundiária do município; estudos cuja temática está voltada para o processo de formação de núcleos coloniais urbanos e o processo de formação das cidades; e a questão da legislação urbanística, que começa a receber tratamento para além da mera verificação e representação quantitativa, sem passar por um estudo das suas verdadeiras implicações sobre o território, oferecem, portanto, uma contribuição para a compreensão dos resultados da aplicabilidade do corpo legislativo sobre a cidade¹².

A abordagem dessa primeira problemática sobre a História Urbana, no que diz respeito à ampliação do quadro de cidades que merecem um olhar científico, é uma das justificativas do presente trabalho. Com estudos voltados, em sua imensa maioria, para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre, não poderemos imaginar uma verdadeira compreensão da questão urbana no Brasil.

Compreender que as várias problemáticas urbanas possíveis de serem estudadas nessas capitais são as mesmas para cidades de menor porte -sobretudo quando o estudo passa pelo campo conceitual, por exemplo o conceito de **cidade higiênica**-, pela própria importância daquelas, como referência cultural, social e política, é fundamental. Contudo, adotar o pressuposto de uma transferência unilateral da questão urbana, das cidades capitais para todas as outras cidades, significa apagar cada um dos vestígios deixados pelos eventos humanos. Significa não escutar as vozes de cada um dos atores sociais, não olhar para cada registro -que são singulares- que as cidades trazem nas suas *"camadas superpostas de resíduos materiais: elementos de*

¹² No artigo "Avanços e limites na Historiografia da Legislação Urbanística no Brasil"(FELDMAN, 2000), Sarah Feldman, na sua compreensão da legislação urbanística como um "conjunto de regulamentações referentes ao parcelamento, uso e ocupação do solo e às edificações", aponta para a pouca atenção despendida pelos pesquisadores, e, ainda, quando inserem em seus estudos a questão da legislação

arquitetura, recortes das ruas ou monumentos" (BRESCIANI,1999.p.11). Por outro lado, adotando a noção de particularidade, singularidade dos eventos, estaremos corroborando com uma compreensão do trabalho historiador que foi proposto por Edgar De Decca. Ele afirma a existência, na prática historiográfica, de um movimento que é constante, entre uma

"lógica da semelhança - e as semelhanças dão origem aos conceitos"¹³ (VEYNE apud DE DECCA,1991.p.8) - e, ao mesmo tempo, porque cada evento é um evento particular, com uma lógica da diferença" (DE DECCA, Loc. cit.).

Desse movimento é possível estabelecer, através da narrativa histórica construída nas semelhanças, um conceito de cidade. No caso, um conceito de cidade no Brasil do século XIX e início do século XX, em que o ambiente urbano se transformava pela ótica sanitarista imposta pela elite dominante. Em relação à lógica das diferenças, cabe ao historiador inventariar o que cada evento urbano representa do ponto de vista da construção historiográfica (DE DECCA, 1991.p.8 et seq).

A segunda problemática no debate sobre História Urbana é de ordem conceitual, de sua conceituação enquanto área de conhecimento com pressupostos teóricos e critérios metodológicos específicos. O mesmo artigo que aponta para a predominância dos estudos nas capitais, em desconsideração de cidades do interior do país, afirma a insuficiência de tentativas dessa conceituação da história urbana:

urbanística, com poucas exceções, vão além de uma identificação das leis por meio da sua listagem e descrição de conteúdos.

¹³ "O lugar onde o historiador resume a trama é sempre conceitual. Numa determinada trama se constrói o conceito de cidade"(DE DECCA, op.cit.p.8); ou ainda, "Na narrativa histórica, trabalha-se com conceitos que nos permitem tecer uma rede de significações com os fragmentos de que dispomos" (FERNADES & GOMES, op.cit.p.24).

"da análise dos trabalhos depreende-se que a conceituação do que seria uma "história urbana" parece não ter sido ainda suficientemente contemplada"(FERNANDES & GOMES, op.cit. p. 24).

Por outro lado, os próprios autores fazem uma advertência em relação ao texto, como sendo datado e, portanto, constituído de lacunas e irregularidades. Porém, uma tentativa em estabelecer -hoje fundamental para entendermos os primeiros percursos da História Urbana no Brasil-, mediante a análise das pesquisas apresentadas nos primeiros Seminários e Encontros Científicos¹⁴, se não uma conceituação dessa área de conhecimento, mas uma discussão dos

"temas priorizados nesses estudos recentes, as abordagens e os recortes privilegiados, as referências teórico-conceituais que os embasam, bem como colocamos em pauta os aspectos da história da cidade e do urbanismo no Brasil sobre os quais eles lançam uma nova luz, o que ainda deixam na obscuridade e que perspectivas abrem para a compreensão dos processos de estruturação urbana das práticas de intervenção".

O interesse, neste trabalho, em abordar tais questões, passa não só pela tentativa de contribuir com o debate sobre história urbana - suas práticas, objetos, filiações teóricas - mas, também, entender como os pesquisadores provenientes das áreas da Arquitetura e Urbanismo, que é o nosso caso, estão inseridos nesse debate, mediante suas respectivas pesquisas. Assim sendo, uma primeira questão está colocada: a da formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo e não em História. De início, surge uma problemática que é inerente ao

¹⁴ Os trabalhos analisados foram apresentados no I Seminário de História Urbana realizado em Salvador, no ano de 1990, e no IV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, também realizado em Salvador, no ano de 1991.

conhecimento arquitetônico e urbanístico, e ainda não resolvida no âmbito das próprias instituições de ensino e pesquisa: A prática arquitetônica e urbanística é tida como ciência¹⁵? Se essa prática for a construção do espaço, tanto a dos espaços livres quanto a dos espaços edificados, e essa é - talvez a de maior ocupação - a prática que o profissional arquiteto e urbanista desenvolve no cotidiano do seu trabalho, então ela, a prática, entendida aqui enquanto as etapas de coleta de informações de uma determinada área, elaboração das idéias e propostas e finalmente a execução, não é uma ciência¹⁶.

Seria o produto dessa prática, ou seja, seriam as cidades, os edifícios, as ruas e as praças, entre tantas outras materialidades resultantes do fazer arquitetônico e urbanístico, objetos de pesquisa? E não devemos nos esquecer de uma grande parte da produção arquitetônica e urbanística que não chega até à etapa da execução - por exemplo, os projetos apresentados no concurso para a capital federal -, mas cujo resultado pode ser de grande interesse para os debates em arquitetura e urbanismo. Neste último caso, as pesquisas podem estar voltadas, conforme aqueles Percursos da Produção, para os estudos do **Pensamento Urbanístico**, de modo que *"incorporando a dimensão projetual do urbanismo moderno, os trabalhos nessa linhagem recuperam, de pioneiro, as proposições feitas pela disciplina"*, a partir do início do século XX.¹⁷

¹⁵ Para os órgãos Federais responsáveis pelo Ensino Superior no Brasil a área da Arquitetura e Urbanismo está definida como Ciências Sociais Aplicadas.

¹⁶ Adotando como pressuposto o elaborado por De Decca (Ibidem. p. 8) sobre a história ser ou não uma ciência: "Se você pensar que as ciências lógicas-dedutivas são aquelas que enunciam leis, então, segundo essa definição, podemos dizer que a história não é uma ciência. É um conhecimento." (DE DECCA, *ibidem*) O mesmo poderemos dizer sobre a prática arquitetônica e urbanística, ou seja, não tem um caráter científico, mas deve assumir-se como **conhecimento** quando o trabalho é de História da Arquitetura e do Urbanismo.

¹⁷ Outras abordagens também são caracterizadas, como a questão da forma urbana e as relações entre propostas urbanísticas e a gestão das cidades. No caso da História da Arquitetura, estamos de acordo com a observação realizada pelos autores que

Esses questionamentos se intensificaram no instante em que iniciamos um trabalho de pesquisa no interior do campo historiográfico, visto que essa penetração na disciplina histórica, ou melhor, essa incursão se evidencia por uma série de dúvidas e conflitos sobre o modo pelo qual deveremos proceder durante toda a pesquisa, por intermédio das bases teóricas e metodológicas da História. Se não uma apropriação irrestrita dessas bases, uma compreensão do trabalho do historiador através delas.

Um elemento importante na construção do saber histórico, e que, na esfera da pesquisa realizada em arquitetura e urbanismo, ainda não efetivamente trabalhado em todas as suas especificidades, e sobretudo possibilidades que podem oferecer na escolha dos vários percursos até o objeto pesquisado, são as fontes de pesquisa.

Algumas interrogações elaboradas pelos historiadores no processo de uma pesquisa, como, por exemplo: É possível construir¹⁸ a História através dos documentos disponíveis? Em quais condições se pode atravessar as fontes e conhecer o passado? Ou, ainda, uma noção para além da problemática da veracidade ou não dos documentos mas, sim, de saber o quê, exatamente, as fontes documentam, entre outras interrogativas, não fazem parte da maioria das pesquisas realizadas pela chamada história da arquitetura ou do urbanismo.

Isso se dá, uma vez que as fontes - no caso formadas, em sua grande maioria, por material iconográfico, desenhos, mapas, planos, etc.¹⁹ -

apontam para a existência de "ensaios e monografias desde, sobretudo, a criação da Revista do SPHAN, em 1937" (FERNANDES & GOMES, 1998, p.14 et seq.).

¹⁸ Adotamos a concepção de história enquanto uma construção narrativa, pois os eventos humanos não são um dado natural, uma vez que "os eventos humanos se tornam históricos a partir da narrativa do historiador" (DE DECCA, op. cit.p.7)

¹⁹ No caso das pesquisas voltadas para a problemática urbana, "as fontes documentais primárias são também pouco utilizadas, predominando as de cunho oficial (relatórios, "fallas", leis) e a imprensa (jornais e revistas)" (FERNANDES & GOMES, op.cit.p.21). Porém, não se deve estar apenas restrito à identificação das fontes utilizadas. Saber

são lidas e interpretadas superficialmente, enquanto elemento bidimensional de pura representação de uma realidade espaço-temporal urbana. Elas assumem um papel de **janela**, entre o evento que se deu em um determinado tempo passado e o olhar daquele que vai construir a narrativa. Nesse papel fica claro o descolamento, o deslocamento dos documentos das ações que os produziram.

Nessa lógica, a compreensão de um documento iconográfico, por exemplo, a fotografia, deve ultrapassar os limites do plano do papel. A visualidade da imagem urbana pode ser tão interessante quanto uma descrição puramente verbal da ação em um tempo passado, lida a partir de um referencial contemporâneo à ação.

Importa, para a maioria das pesquisas -estamos nos referindo à arquitetura e urbanismo-, um caráter mais quantitativo dos documentos levantados em arquivos públicos ou pessoais, secretarias municipais e estaduais, jornais, etc., desconsiderando uma apreensão mais detalhada, como a realizada por Ana Maria de Souza Andrade Essus sobre a utilização da fotografia, em que

"as imagens fotográficas produzidas ao longo das primeiras décadas do século 20, na cidade do Rio de Janeiro, refletem o interesse da classe dominante em construir uma determinada sociabilidade a partir do controle dos códigos de comportamento e de representação social no espaço urbano"
(ESSUS, 1997)

utilizar cada documento disponível é que se torna fundamental na escrita da História, e em sua maioria os profissionais Arquitetos e Urbanistas não estão preparados para questionar os documentos, prática essa dominada por profissionais Historiadores.

Este momento é importante para se refazer uma consideração: nossa formação não é a História. Porém, no momento em que penetramos na História, devemos buscar compreender como a disciplina histórica pode, através dos seus critérios e procedimentos metodológicos, suas filiações teóricas, na relação que ela vai estabelecer entre a busca e análise dos documentos, construir um saber, um conhecer na perspectiva que foi proposta por Decca (DECCA,1991) para a realização do que deve ser a sua prática profissional.

Isso, contudo, não significa uma transposição direta desses procedimentos para a pesquisa em arquitetura e urbanismo, mesmo que em determinados momentos a disciplina Histórica e a disciplina Arquitetônica e Urbanística se construam amalgamadas, já que cada uma delas se constitui a partir de estruturas conceituais diversas.

Uma possibilidade de concatenação entre as práticas profissionais de cada uma das disciplinas, que tem interesse em olhar para a cidade como um verdadeiro objeto de pesquisa, é através da interdisciplinaridade. Não uma interdisciplinaridade cuja pretensão é a de promover uma **história total** da cidade, tão propagada nos anos de 1980.

Adotamos um critério de interdisciplinaridade

"apenas como um processo controlado de empréstimos recíprocos, entre as diferentes ciências do homem, de conceitos, problemáticas e métodos para leituras renovadas da realidade social" (LEPETIT, 2001.p.42).

Nessa adoção, realizada a partir da compreensão dos critérios que norteiam a pesquisa histórica, e de outras ciências humanas, conjuntamente com as bases dos estudos em arquitetura e urbanismo, é que poderemos compreender a cidade, através das diversas portas

de entrada que dispomos (BRESCIANI,1991.p.10 et seq) para nela penetrarmos.

Ainda sobre a questão das fontes e dos eventos, a crítica desenvolvida por Carlo Ginzburg em relação a Natalie Zemon Davis, sobre o "*O Retorno de Martin Guerre*", pode ter uma aplicabilidade em relação à arquitetura e ao urbanismo. Ginzburg, na crítica sobre os procedimentos praticados pela autora através da reconstituição de fatos, fala que

"reproduzir uma revolução, um arroteamento ou um movimento religioso é impossível, não só na prática mas em princípio, para uma disciplina (no caso a História, grifo nosso) que estuda fenômenos temporalmente irreversíveis" (GINZBURG, 1989.pp.179-202).

Nesse sentido é que adotamos essa **impossibilidade** como válida para a pesquisa em História da Arquitetura e do Urbanismo, uma vez que a necessidade da materialidade do fato arquitetônico e urbanístico - os edifícios, cidades, ruas, praças, etc. -, mesmo que sobrevivendo, segundo Maria Stella Bresciani (1999,pp.11-45), "*na forma de fragmentos, resíduos de outros tempos, suportes materiais da memória, marcas do passado inscritas no presente*", é dado fundamental na pesquisa. Quando, porém, esse dado material do ambiente urbano se manifesta enquanto ruína, pode tornar-se, para a pesquisa em arquitetura e urbanismo, um documento de difícil compreensão, estando a disciplina arqueológica, com seus critérios e métodos, propícia e capacitada para desenvolver tal estudo.

Voltando à afirmativa de Ginzburg sobre a reprodução dos eventos, acreditamos, também, não ser possível a reprodução de edifícios, praças, cidades, etc., não só em maquete mas também em escala

real, para a realização de uma pesquisa, ou seja, reconstruir uma arquitetura enquanto fato, e ao mesmo tempo enquanto fonte de um estudo "a posteriori". Contudo, o estudo do ambiente urbano, não deve passar apenas pela materialidade edificada, mas também pelas subjetividades da ação humana nesse ambiente²⁰.

Para complementar todo o debate proposto até aqui e, de certo modo ampliar a possibilidade de discussão, trataremos brevemente de duas outras variáveis: a escala e a técnica.

Para a abordagem da problemática da escala faremos uso do artigo "*Sobre História da urbanização - história urbana*", escrito por Nestor Goulart Reis Filho (REIS FILHO, 1991. pp.15-18). Nesse texto, o autor define o termo História Urbana como uma **redução conceitual**, e propõe como prática dos pesquisadores arquitetos e urbanistas uma história da urbanização. Uma prática existente, pelo que aponta o autor, nas disciplinas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo:

"Nós procuramos lançar mão de bases empíricas para construir essa nossa história (a história urbana, se quiserem chamar

²⁰ Foi relatado, anteriormente, sobre um conjunto de projetos em arquitetura e urbanismo, que não chegam até a sua etapa de execução. Projetos não vencedores de concurso são um exemplo, como é o caso de Brasília. Tais projetos são importantes para o debate e pesquisa em arquitetura e urbanismo, porém estudados como tal, ou seja, projetos, e não obras edificadas. Quando adotamos a necessidade de materialidade da cidade na pesquisa em história urbana, estamos afirmando a necessidade de compreensão de duas categorias fundamentais, o tempo e o espaço, nos estudos urbanos. As ações humanas não podem ser observadas em planos de cidades ou projetos de arquitetura. Diferenças, divergências que caracterizam as ações sociais na cidade se configuram naquela materialidade. No presente trabalho tais ações estão sendo trabalhadas por intermédio dos discursos sobre a cidade e sobre as ações na cidade. Não partimos do pressuposto de que discurso e prática sejam ações diversas, sendo a primeira anterior à segunda. Ambas são uma só. Representações dos grupos sociais que as produziram e produzem. Com isso não queremos desconsiderar os estudos situados naquela temática do **Pensamento Urbanístico**, e aqui incluímos o **Pensamento Arquitetônico**, apropriada ao estudo de planos urbanos e projetos de arquitetura não edificadas ou materializadas.

assim). Para nós, é a história da urbanização e na FAU-USP é assim que as disciplinas são denominadas"(REIS FILHO, op. cit. p. 17).

Nesse sentido é que os estudos em história da urbanização fazem uso, segundo Reis Filho, de várias escalas na apreensão do objeto, no caso a cidade, apontando também para a necessidade de uma visão de conjunto para se operar as pesquisas na cidade através dessas várias escalas possíveis.

Em relação a essa visão de conjunto nos estudos históricos apontados pelo referido artigo, já foi aqui abordado o que pode ser um problema, quando se pensa numa visão de conjunto totalizante sobre o objeto da pesquisa, ou, ainda, numa perspectiva de uma **história total** que a prática da interdisciplinaridade pode promover. Em recente artigo traduzido para o idioma português, Bernard Lepetit se utiliza de uma pesquisa realizada no ano de 1961, na comuna bretã de Plozévet, onde um conjunto diversificado de disciplinas elaborou, cada uma delas, sua respectiva análise sobre aquela realidade, para no final de vários anos publicar uma enorme quantidade de estudos com os respectivos resultados. Segundo Lepetit,

"é nítido o princípio do projeto: em vez de unificar as ciências do homem de acordo com uma metodologia preestabelecida, trata-se de provocar uma situação de interdisciplinaridade, oferecendo a um grande número de disciplinas um campo comum, de dimensões reduzidas, que os obriga ao encontro e ao confronto"(LEPETIT, op.cit.p.33).

Lepetit aponta, nesse sentido, para a constatação do fracasso da interdisciplinaridade:

"a interdisciplinaridade tornou-se um "leitmotiv" encantatório, um "recurso imaginário" destinado a dissimular a compartimentação crescente das ciências humanas e a crise do saber. Assim caminham as proposições sobre a interdisciplinaridade, oscilando entre a valorização de uma idade de ouro que se tentou fazer acontecer e o desencanto resultante das experiências passadas, entre a constatação de uma fragmentação das disciplinas e a ambição constante de sua unificação" (LEPETIT, op.cit.p33).

Quando se pensa na tentativa de uma visão de conjunto, corremos o risco de, ao adotarmos uma única resposta aos estudos elaborados, e o risco dessa unificação é evidente, eliminarmos as identidades disciplinares e suas estruturas conceituais.

Não optamos, porém, por uma estratificação das fronteiras ou dos contornos de cada uma das disciplinas. Essas fronteiras devem ser, ou melhor, na medida em que são contaminadas, impregnadas pela contigüidade com outras disciplinas, devem sofrer alguma transformação e, portanto, uma transformação dos seus conceitos, problemas e critérios metodológicos, uma vez que a interdisciplinaridade se institui em um processo constante e contínuo de evolução. Dessa forma, correr os riscos, primeiro, de uma possível unificação das análises sobre o objeto em estudo e, segundo, da eliminação de uma estrutura disciplinar, pode significar o fechamento daquelas mesmas portas conceituais de entrada na cidade. Na concepção de Lepetit,

"de certo modo, uma disciplina que morre é uma língua que desaparece. Imaginar seu desaparecimento por anulação das diferenças é acreditar que a compreensão das sociedades (e também das cidades - grifo nosso) progride com a redução do

número e da complexidade dos conceitos explicativos feitos sobre elas" (LEPETIT, op.cit.pp.38-39).

Essa visão de conjunto apontada aqui como um possível problema, na medida em que pode ser redutora das possibilidades de análise de um objeto como a cidade, *"cidade que é, em si mesma, um objeto complexo em que se manifestam todos os fenômenos de interação"* (LEPETIT, op.cit.p.39), estrutura-se, no caso do artigo de Reis Filho, como uma saída para a concatenação dos resultados obtidos nas várias escalas propostas pelo autor: a escala da

"história global da urbanização, a história da urbanização no país que se estuda, que é a escala de definição das estruturas de poder e controle da produção e as relações"

e, em seguida, as escalas de *"nível regional e do cotidiano, o que nós chamamos corretamente de cidade e sua estruturação interior"* (REIS FILHO,op.cit.p.16).

Para Lepetit, uma questão se coloca aqui: *"Como conciliar a continuidade do espaço real (passa-se, sem corte, da aldeia para o mundo) com o caráter discreto das escalas em prática?"*. Essa pergunta nos obriga a uma atitude cuidadosa na compreensão do território real, para que não ocorra uma hierarquização vertical, em qualquer sentido, da importância que os fenômenos podem adquirir no processo de construção do saber, quando analisados no interior de cada uma das escalas: global, nacional, regional e local. Assim sendo, não é de se imaginar que os fenômenos e as organizações espaciais possam mudar através da mudança da escala.

Na perspectiva proposta por Reis Filho para esse problema, não deve existir uma separação nas

"explicações para o funcionamento das cidades, da região e da urbanização de uma maneira geral. Uma coisa depende da outra. Há um arcabouço teórico permanente que integra as várias escalas de organização, que está sendo elaborado e reelaborado. Não há a menor possibilidade de se atuar sobre o real, sem que se tenha consciência disso" (REIS FILHO, op. cit.p.16).

Por outro lado, essa mudança da escala da análise pode significar, segundo Topalov, somente a mudança de escala *"de um projeto racionalizador inalterado"*(TOPALOV, 1991.p.31). Também reafirmamos a preocupação com a visão de conjunto para os estudos em diversas escalas, pois a sua realização pode sobrepor ou anular determinados fenômenos e organizações, em função dos interesses que norteiam os olhares lançados sobre o objeto, na construção do conhecimento do real.

De todas as escalas apontadas para a realização dos estudos, aquela última, a da cidade, é a que nos interessa neste momento, visto que é nessa escala que se amalgamam o corpo social e o corpo físico, em todas as suas contigüidades e em todas as suas diferenças. Como inserir, portanto, o corpo social da cidade, nesses estudos objetivados pelas escalas de organização?

"O território, ao contrário, é uma formação espacial que não depende apenas da organização de um espaço, mas da prática de atores que se desenvolvem de acordo com lógicas pouco mensuráveis. Como a variação de escala pode dar conta da complexidade do real e de sua inscrição em universos de medida díspares?" (LEPETIT, op.cit.p.211)

Nesse sentido é que a proposição de uma história da urbanização, segundo Reis Filho, enquanto possibilidade de penetração nos estudos urbanos, praticada por arquitetos e urbanistas, pode contribuir para a construção de um saber sobre a cidade, pautado exclusivamente pelo olhar da técnica, ou, ainda, de uma história (a história da urbanização, como quer Reis Filho) das ações dos saberes técnicos sobre a cidade.

Mais importante que a vontade irresistível de definição, História Urbana, História da Urbanização, História do Urbanismo, História da Cidade, é a necessidade imprescindível dos estudos urbanos, principalmente aqueles desenvolvidos por arquitetos e urbanistas, em compreender a estrutura social da cidade, para que a ciência das cidades não seja apenas *"o estudo de suas leis, o exame de suas patologias e a definição de como remediá-las, a planificação sendo o primeiro dos remédios"*(TOPALOV, op.cit.p.31).

A permanência dessa constatação corrobora com a instituição do urbanismo como disciplina exclusiva de estudos da cidade. Uma disciplina cujo saber é estruturado na planificação como meio de controle ordenador da cidade, num ordenamento que até hoje é pautado apenas por uma fundamentação técnico-científica, cujos estudos *"são responsabilidade de técnicos especializados em coisas. E a cidade não é assunto só para urbanistas"*(SANTOS, 2001). Essa legitimação do urbanismo como ciência da cidade, *"lugar onde se cristalizam as distintas objetivações da cidade que vinha sendo elaborada pelos diferentes saberes ao longo do século XIX"*(PECHMAN, op.cit.:31), definiu uma única porta de entrada possível para sua penetração na cidade: a da intervenção. E todas as formas de intervenção - planos de melhoramentos e planos viários, entre outros- estão centradas na lógica da construção da cidade ideologicamente vinculada aos interesses burgueses: grandes eixos viários, cenários

urbanos europeizados e eliminação de moradias populares são as suas materialidades na virada do século XX. Uma disciplina²¹ que, segundo Robert Moses Pechman,

"emudeceu a cidade e se revestiu de uma forma de dominação, fundada exclusivamente na técnica. Mas, de onde vem a força do discurso urbanista? Sua força vem de sua capacidade de requalificar a cidade, transformando-a num espaço abstrato, um não território. A "virtude" maior do Urbanismo é, pois, a de criar modelos²² abstratos, o que unicamente pode ser uma cidade, o que unicamente "deve" ser uma cidade. Com isso, a cidade fica reduzida a seus aspectos técnicos de funcionamento e sua densidade histórica é anulada" (PECHMAN, 1999. p.12).

Diante dessas constatações fica difícil compreender as pesquisas sobre o processo de urbanização como quer Reis Filho, como não se tratando *"de um processo de urbanização mecânico, puramente técnico, mas de um processo fundamentalmente social e só secundariamente técnico."*(REIS FILHO, *op.cit.*p.16).

²¹ De acordo com Pechman, "a historiografia com vocação para a história urbana não consegue estabelecer uma especificidade a partir da cidade como objeto de análise. Transitando entre uma história econômica (a cidade como lugar da acumulação), uma história política (a cidade como base do novo pacto social) e uma história social (o papel da cidade na constituição da sociabilidade burguesa), a história furtou-se a enfrentar a cidade como temática com questões próprias. - "Até o final dos anos de 1960, na França, por exemplo, a cidade não constitui verdadeiramente um objeto de pesquisa histórica. Ainda é apenas um cenário cômodo, um palco em que passa a história econômica, social ou política das sociedades que nela habitam, como se indiferentes a seus espaços"(LEPETIT, *op.cit.*p39) - Mais próximo disso esteve o urbanismo que, ao legitimar-se como ciência da cidade, procurou dar a ela estatuto científico próprio. Vem então do urbanismo e não da história a tentativa de enquadramento da cidade na perspectiva de uma reflexão sistematizada. Mais do que isso, é pelo urbanismo que a cidade se inscreve na história" (PECHMAN, 1998, p.31).

²² "Ao transformar-se numa disciplina, o urbanismo leva a uma ruptura epistemológica com seu objeto, pois aquilo que o urbanismo visa não é à cidade curada (das epidemias), à cidade reformada (das obras de engenharia e topografia), à cidade ordenada (da disciplina) ou à cidade estetizada (da arquitetura), o urbanismo visa é à **cidade modelo**" (PECHMAN, *op.cit.*p.32)

A conclusão a que se pode chegar é a mesma que foi apontada no início. A história urbana não só é um campo em construção como deve permanecer em constante construção, assim como as diversas disciplinas que, "em ritmos e segundo orientações não necessariamente semelhantes, estão em constante evolução. Se o horizonte dessa construção passa por uma prática²³ da interdisciplinaridade, nesse caso, seria fundamental aquela interdisciplinaridade proposta por Bernader Lepetit, "*como um processo controlado de empréstimos recíprocos*"(LEPETIT, op.cit.p.34). Nesse sentido, também não seria razoável uma delimitação da história urbana no interior de uma única disciplina, ganhando um estatuto historiográfico a partir da Escola dos Analles (DE DECCA, op.cit.p.9), mas da possibilidade dos diversos saberes sobre a cidade construírem, cada um deles, um estatuto dos estudos urbanos, ou da história urbana no interior das suas estruturas conceituais. Dessa forma é que a história urbana deixa, ou "*deixou de existir e que existe tantas tramas quantas for possível a cidade tecer, ou que o historiador - não só o historiador mas cada um dos pesquisadores provenientes de cada uma das disciplinas- possa tecer sobre a cidade*"(DE DECCA, op.cit.p.9).

Adotando-se, portanto, a delimitação da história urbana através das particularidades dos diversos saberes sobre a cidade, a interdisciplinaridade aponta não só uma saída, ou um percurso aos estudos, mas uma prática necessária entre as disciplinas, através de um diálogo constante entre seus representantes: os pesquisadores.

²³ No Brasil os estudos interdisciplinares podem ser verificados, por exemplo, no Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR-UFRJ) e no Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (CIEC-IFCH/Unicamp)

RIBEIRÃO PRETO, olhares sobre a cidade: entre os relatos memorialistas e as narrativas acadêmicas

Vários são os olhares lançados sobre a cidade de Ribeirão Preto desde fins do século XIX. As abordagens, periodizações e focos de interesse desses olhares estão aqui organizados²⁴ basicamente em três grupos: os relatos dos viajantes, a produção memorialista e a produção acadêmica. Em relação a esta última, os estudos são provenientes de várias disciplinas e se iniciam no final dos anos de 1970²⁵. São pesquisas elaboradas principalmente pelos saberes da Economia, da Arquitetura e Urbanismo, das Artes, da História e da Política.

No caso daquela produção denominada memorialista- denominação presente nos textos acadêmicos que objetivam identificar um determinado conjunto de publicações sobre Ribeirão Preto-, os trabalhos foram desenvolvidos por moradores da cidade: são Professores, Advogados e Políticos, entre outros, que narram a história da cidade de Ribeirão Preto desde seus primórdios, dos tempos das primeiras ocupações mineiras, passando pelo processo de demarcação de terras para doação ao Patrimônio Religioso.

Em "O RIBEIRÃO PRETO - Histórico e para História", de Plínio Travassos dos Santos, é possível verificar essa narração:

²⁴ Nos estudos acadêmicos sobre a cidade de Ribeirão Preto, os relatos dos viajantes não surgem como categoria de análise. Em alguns estudos, procura-se apresentar os temas já tratados sobre a cidade, assim como apontar a localização dos seus próprios estudos nesses temas. Exemplos desse objetivo são: TUON, Liamar I.: "O Cotidiano Cultural de Ribeirão Preto (1880-1920)". Franca, FHDSS-Unesp, 1997. Dissertação de Mestrado; DA SILVA, Benedita L.: "O Rei da Noite na Eldorado Paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880-1930)". Franca, FHDSS-Unesp, 2000. Dissertação de Mestrado.

²⁵ ZAMBONE, Ernesta. Processo de Formação e Organização da Rede Fundiária da Área de Ribeirão Preto (1874-1900)- uma contribuição ao estudo de estrutura agrária." Tese de Mestrado apresentado ao DH-FFLCH/USP, 1978.

"Desde muito antes de 1863 as terras que hoje constituem o MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO, em grandes tratos e retalhadas em pequenos "sítios", pertenciam a vários senhores e faziam parte da FREGUEZIA DE SÃO SIMÃO, criada pela Lei n. 26, de 8 março de 1842, pertencente, então, à VILA (Município) de Casa Branca, criada pela Lei n. 15, de 25 de Fevereiro de 1841 (...) Anos antes, moradores do lugar, sitiante localizados aqui e ali, desejando a construção de uma CAPELA para suas práticas religiosas em vista da enorme distância em que se encontrava a MATRIZ da FREGUEZIA DE SÃO SIMÃO, a que pertenciam, principiaram a fazer doações de terras de campos e matas na fazenda das Palmeiras, avaliadas em 40\$000, feita por escritura pública de 2-11-1845, lavrada nas notas do Cartório de Paz de São Simão²⁶ (DOS SANTOS,1942).

Do conjunto dos trabalhos dos memorialistas sobre Ribeirão Preto é possível identificar as mesmas intenções nos relatos publicados sobre a cidade de São Paulo. Segundo Ana Cláudia Brefe,

"observa-se que o memorialista aborda o passado como um objeto transparente que ele enxerga por inteiro. Por isso, ele acredita ser capaz de abarcar a totalidade do passado, através da sua narrativa, e de contá-lo em sua verdade absoluta e definitiva. Os relatos são, portanto, muito descritivos - tentando abranger pequenos detalhes e dar conta do maior

²⁶ Não interessa aqui entrar no debate sobre as primeiras ocupações das terras de Ribeirão Preto nos primórdios do século XIX, ou ainda sobre a fundação da cidade. Para tal os trabalhos de José Lages são fundamentais: LAGES, José A.C.: "O povoamento da Mesopotâmia Pardo-Mojiguaçu por correntes migratórias mineiras: o Caso de Ribeirão Preto". Dissertação de Mestrado apresentada à FSDSS-Unesp, Franca, 1995; LAGES, José A.C.: "Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro - povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX". Ribeirão Preto: VGA, 1996.

número de fatos possíveis - como também profundamente afetivos" (BREFE, 1993.p.7).

Os dois melhores exemplos dessa abordagem totalizante, no caso de Ribeirão Preto, são os trabalhos de Plínio Travassos dos Santos (DOS SANTOS, op.cit.) e de Rubem Cione, em "História de Ribeirão Preto", esta última, uma publicação realizada em cinco volumes, de 1985 a 1997²⁷.

Observa-se que, nas abordagens desses relatos, os estudos acadêmicos sobre Ribeirão Preto, principalmente aqueles provenientes da História, estão limitados a uma identificação dos mesmos, ou, ainda da sua utilização como possibilidade de localização de fonte documental.

Em nenhum trabalho o relato memorialista foi problematizado analisado como documento primário. Seu discurso surge nos trabalhos acadêmicos como representação ou possibilidade de caracterização do passado da cidade, numa concepção do passado como verdade absoluta. O discurso que constrói uma cidade moderna, que se transforma diariamente pelos importantes melhoramentos urbanos²⁸

²⁷ Como será ainda abordado no presente trabalho, não consideramos o trabalho de Rubem Cione como memorialista. Por outro lado, existe um consenso entre os pesquisadores em definir seu trabalho como tal.

²⁸ A concepção do termo "melhoramentos urbanos" diz respeito a um conjunto diversificado de ações, em sua maioria intervenções pontuais, ou seja, não estão inseridas numa noção de plano. Segundo Bresciani, "essa ampliação do elenco de intervenções específicas denominadas melhoramentos torna-se possível dado estarem todas compreendidas no campo semântico das teorias sanitárias"(BRESICIANI, 2001). Ainda segundo a autora, os melhoramentos estarão numa etapa posterior, no caso da cidade de São Paulo, inseridos na lógica dos planos urbanos. Constatação pouco provável no caso da cidade de Ribeirão Preto, uma vez que os melhoramentos não estavam nem estariam inseridos em planos, assumindo, portanto, uma ação localizada. Considera-se, aqui, como um primeiro Plano Urbano para cidade de Ribeirão Preto, aquele desenvolvido pelo Engenheiro José de Oliveira Reis, no ano de 1945, vinculado às questões viárias e de *zoning*. Trabalho fundamental sobre urbanismo sanitário é de Carlos Roberto Monteiro de Andrade. Segundo Andrade, ações higienistas, mesmo tendo as populações mais pobres como objeto privilegiado, "atingiram o conjunto do corpo social, estipulando modos de ser ou viver, isto é,

implantados pelo poder público municipal, sobretudo pelos pressupostos sanitaristas.

Numa tentativa de identificação de características daqueles e de outros trabalhos memorialistas, os estudos acadêmicos adotam uma posição passiva diante dos relatos. Nessa adoção, inviabilizam-se as possibilidades de compreensão crítica da construção e legitimação da cidade que tais relatos pretenderam elaborar. Abordagem que pode ser verificada em trabalhos realizados, entre outros, por Benedita da Silva e Liamar Izilda Tuon²⁹. Para a primeira autora, as obras dos memorialistas

"além de, se configurarem em crônicas e rememorações sem nenhuma pretensão analítica, como se denota, carregam um aspecto mitificante dos episódios. Eles carecem de uma abordagem historiográfica que vise analisar e relacionar sujeitos e eventos da história" (DA SILVA, 2000.p.22),

ou, de acordo com Liamar Izilda Tuon,

"a pesquisa histórica utiliza-se das mais diversas fontes para sua construção. Consideramos que as obras dos memorialistas são importantes porque, de alguma forma, foram eles que

modos de morar, de se comportar em público e no âmbito familiar, que foram testados e adotados em setores diversos da população". (ANDRADE, 1992. p. 17)

²⁹ A análise que se pretende aqui não está direcionada para a observação de que os memorialistas carecem de uma abordagem historiográfica. Porém, situa-se no momento em que as pesquisas realizadas pelas autoras, e por outros trabalhos sobre Ribeirão Preto, não incorporam uma crítica nas suas análises e escritas, incorporando tais textos de forma, aí sim, passiva. Outra questão abordada no presente trabalho será a definição e utilização de determinados autores como memorialistas. É o caso dos textos de Rubem Cione, autor que se configura, se não como relato memorialista, como referência histórica inapelável para os principais trabalhos acadêmicos, inclusive os mais recentes, como o de Renata Alves Sunega (SUNEGA, 2003) sobre o "Quarteirão Paulista". Um autor que em verdade não deve ser definido como memorialista, mas sim, com trabalho cuja abordagem historiográfica está centrada na lógica da verdade singular dos fatos, por intermédio dos grandes eventos e personagens da história local.

tiveram a preocupação de "guardar" na memória e depois publicar um pouco da história da forma como eles a percebiam"(TUON, 1997. p.15).

Entendemos que os textos dos memorialistas atuam, em sua maioria, no campo da mistificação dos fatos e dos personagens, além de não adotarem, nas suas abordagens sobre a cidade, nenhum critério historiográfico, ainda que todos eles, nas suas respectivas concepções, acreditam que fazem história: a História da Cidade de Ribeirão Preto³⁰.

Porém, ao adotarem o discurso do que denominam de memorialista como verdade, corroboram com a manutenção e legitimação de uma história, para o município de Ribeirão Preto, que precisa ser revista: uma história que sempre aparece vinculada com a noção de progresso e desenvolvimento material e cultural da sociedade, propiciada pela economia cafeeira.

Por outro lado, seria importante, para a efetivação de uma outra história de Ribeirão Preto, sempre subjugada e apagada pelas luzes que se mantêm apontadas para as transformações da cidade que se modernizava entre os finais do século XIX e início do século XX, estudos como o proposto por BREFE (1993) para o caso da cidade de São Paulo. São importantes os estudos que apontam e discutem, nesse momento de passagem para o século XX, onde a cidade foi

³⁰ É importante destacar uma distinção na compreensão sobre quais sejam os relatos memorialistas, entre o nosso trabalho e os demais estudos sobre Ribeirão Preto. Assim realizado, adotaremos a afirmativa da inexistência de abordagem historiográfica, como apontado por DA SILVA (2000). Entre eles, apenas Renato Jardim e Prisco da Cruz serão efetivamente identificados como memorialistas. Para as suas observações e relatos sobre Ribeirão Preto, é que identificamos aquela mistificação dos fatos e personagens. Em nenhum momento o trabalho de Rubem Cione pode ser categorizado como tal. Tendo como suporte um enorme volume de documentos disponibilizados por outras pessoas –como Plínio Travassos- e entidades, seus cinco volumes "História de Ribeirão Preto" não carecem de nenhuma abordagem historiográfica. São, contudo, uma historiografia linear, evolutiva, crente na verdade positiva dos fatos que a riqueza e o progresso, advindos, sobretudo, do café, possibilitaram registrar.

modernizada, e em quais áreas interessava intervir³¹. Essa autora, no estudo que desenvolveu sobre a capital paulista, dos anos de 1870 a 1920, a partir dos relatos memorialistas, adota um caminho, como ela própria afirma, na **contramão**:

"Se o movimento dos relatos vai no sentido de definir a Paulicéia como uma metrópole moderna, este trabalho vai em contramão, procurando desmontar as tramas discursivas compostas pelos memorialistas ao produzirem essa imagem" (BREFE, op.cit.p.3).

Esse caminho pode permitir entender como o discurso dos relatos constrói o ambiente urbano em Ribeirão Preto nesse momento de passagem para o século XX, elegendo e legitimando as ações dos promotores da grande metrópole do interior, ou melhor, da "Capital D´Oeste": a burguesia cafeeira. Ainda mais importante nesse percurso é a possibilidade de trabalhar com o discurso, não como uma materialização direta de uma condição real existente no passado mas, ainda de acordo com BREFE, como uma prática, e uma prática consciente das suas ações, uma vez que

"as práticas discursivas instituem figuras sociais, constróem identidades e objetivam o fato histórico, dando-lhe visibilidade e imprimindo-lhe um sentido determinado" (RAGO,apud BREFE, op.cit.p.2-3).

Nesse sentido, os relatos memorialistas, enquanto práticas discursivas conscientes, podem promover a visibilidade de uma cidade destituída

³¹ São importantes, aqui, na escolha de determinado aspecto que interessa no estudo de qualquer cidade, as indagações elaboradas por Ulpiano Bezerra de Menezes: "Qual cidade? A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores, dos donos do poder, de ontem e de hoje?", para que as novas abordagens não sejam apenas a manutenção de um olhar voltado para o que pode ser a única ordem das coisas, ou seja, a cidade dos que detêm todas as faces do poder. MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Cultura e Cidades. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, 8/9, 1995.

de problemas, sobretudo daqueles problemas de sujeira, doença e pobreza, para construir³² uma cidade que é o reverso desse cenário: uma cidade higiênica, saudável e embelezada, tudo isso respaldado pela crença nas possibilidades da técnica e do progresso.

Uma vez não adotado como reflexo puro e exato do real, o trabalho com os textos produzidos pelos memorialistas, ampliado para além da noção de *que "servem para apontar indícios e fontes primárias"* (TUON, op.cit.p.15), mas, sendo tais relatos a própria fonte primária - como é o caso do trabalho de BREFE - também exige ordenação e um recorte preciso.

Na precisão desse recorte, não somente *os "aspectos que expõem, repetem, enfatizam"* (BREFE,op.cit.p.3) nas construções que elaboraram sobre a cidade devem ser abordados, como também *"seus profundos silêncios e lacunas"*(BREFE,op.cit.p.4), ou seja, aquilo que não está presente na escrita do memorialista.

Em relação a esse caráter lacunar, Paul Veyne afirma que *"só a história pode permitir-se ser lacunar de facto"* (VEYNE, 1983.p.28), pois os documentos são uma forma incompleta de se abordar o passado. E o passado só pode ser escrito, uma vez que a História é uma escrita, em função do que os documentos fornecem de entrada nesse passado, ao qual direcionamos o olhar, ou, ainda, ao passado ao qual o memorialista se reportou.

³² No caso está sendo privilegiada a construção verbalizada da cidade através dos relatos e, portanto, sem responsabilidade diante dos problemas da cidade. Por outro lado, Bresciani fala da preocupação, no caso da cidade de São Paulo, em relação ao que ela chama de "par pobreza-doença". A autora aborda a criação, no ano de 1893, de uma comissão, formada principalmente por médicos, para um estudo sobre a cidade. Essa comissão "avalia a situação da cidade, invadida por levas de imigrantes europeus e migrantes de outras regiões do Estado e do país, e localiza nesses maus lugares possíveis focos de doenças infecto-contagiosas". Para Bresciani, a preocupação surge nas ações da autoridades, pois já demonstra um comprometimento de um crescimento ordenado (BRESCIANI, 1999).

Assim, valendo-se de Veyne,

"um livro de história surge sob um aspecto muito diferente daquilo que parece ser; não trata do Império Romano, mas do que ainda podemos saber desse império". (VEYNE, op.cit.p.26)

Nesse momento surge uma indagação em relação aos relatos memorialistas: até que ponto esse caráter **lacunar**, ou, como aponta BREFE, esses **silêncios**, não são uma operação consciente? Até que momento, para esses autores, cujas obras são a possibilidade de legitimação de ações e, conseqüentemente, das transformações do ambiente urbano, interessava ou não abordar determinado documento³³ ou fato? Seja um evento presenciado por eles mesmos, ou ainda documentos que poderiam significar a quebra de um discurso unitário, fechado no progresso que o poder público municipal, que é composto pelos mesmo personagens que dominam o poder econômico, buscou implementar na cidade?

Uma outra concepção passiva em relação aos memorialistas é a de que eles *"tiveram a preocupação de guardar na memória e depois publicar um pouco da história da forma como eles a percebiam"*(TUON,op.cit.p.15).

Nessa passagem do trabalho de Tuon duas problemáticas ficam evidentes. Uma primeira que adota uma concepção estática da memória, da memória que congela o fato visualizado. A segunda problemática possível de ser verificada no argumento da autora aponta para uma supressão entre a história e a memória. Nessa concepção, ambas se formulam como uma só, numa visão contrária à elaborada por Ulpiano Bezerra de Menezes. Conforme Menezes,

³³ O trabalho de Plínio Travassos dos Santos, "Ribeirão Preto, Histórico e para História", atua entre relatos de fatos observados e análise de documentos por ele mesmo catalogados na Câmara Municipal e Prefeitura.

"a memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva" (MENEZES, 1992.pp. 23-24)

enquanto, por outro lado, a *história "é a forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva"*, uma operação que não deve, ainda segundo Menezes, quando praticada, ser destituída de sua função crítica. Dessa forma é que, para Menezes, *"a memória precisa ser tratada como objeto da história"*(MENEZES, op.cit.pp.23-24).

Na construção de Tuon, o que foi preservado na memória passa diretamente para o registro textual, e se configura como história. Para a autora, o **tempo** entre as lembranças de um passado apreendido pela observação, e a publicação parece não sofrer nenhum tipo de contágio, acúmulos e perdas.

Em oposição a esse **tempo** linear e intocável que surge na argumentação de Tuon , assumimos uma concepção de **tempo**,

"cuja textura se compõe de transmissão de memórias, conjunto de recordações coletivas e pessoais, intimamente ligadas à escuta e à escrita, aos mores, a um dado monumento que não se sabe mais exatamente a que se refere, uma substância menos racional, em suma(...)Tempo que em suas dobras superpostas e simultâneas guarda memórias assemelhadas à forma como transcorre nossa vida: fragmentariamente, com esquecimentos e lacunas, submetidos que somos a um acúmulo de opiniões cuja origem desconhecemos e que no entanto servem de suporte à vida social"(BRESCIANI, 1999. p.12).

Assim, ao mesmo tempo que o memorialista acredita (re)construir a verdade sobre a história da cidade, a partir das suas experiências, o texto de Tuon demonstra corroborar com verdade elaborada nos relatos memorialistas, deixando de assumir aquele papel crítico da História.

Ainda sobre a questão da memória, o trabalho de Brefe é fundamental³⁴. Nele a autora direciona o argumento, mediante, sobretudo, os textos de Walter Benjamin, para a existência de uma memória não mais como uma lembrança intocável do passado. Conforme Brefe,

*"Benjamin constrói sua teoria do urbano baseada, em parte, na idéia de presentificação do passado de Bergson. É através da possibilidade de **iluminação** do passado que Benjamin estabelece sua teoria da história"* (BREFE, op.cit.p.26).

Nessas iluminações de fragmentos do passado que são apreendidos, é que esse

"passado poderia ser redimido, pois a história que, segundo Benjamin, perpetua a tradição dos opressores e apaga a dos oprimidos, poderia ser transformada. Nesse momento de

³⁴ Na sua dissertação de Mestrado em História, Ana Cláudia Fonseca Brefe elabora um importante debate sobre a problemática entre Memória e História. Partindo fundamentalmente dos textos de Walter Benjamin, a autora promove um diálogo com diversos outros autores, entre eles: HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Editora Vértice, 1990.; NORA, P. *Entre Mémoire e Histoire: la problématique de lieux in Les Lieux de Mémoire I: La République*. Paris, Gallimard, 1984.; BERGSON, H. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.; PROUST, M. *O Tempo Perdido*. Rio de Janeiro, Globo, 1988.; GAGNEBIN, J.M. *Porque um mundo todo nos detalhes do cotidiano?*, in Revista da USP - Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, 1992. Os textos de Benjamin abordados por Brefe são: *Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987; *Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987; *Os Pensadores - Walter Benjamin*. São Paulo, Abril Cultural, 1975; *Walter Benjamin*, São Paulo, Ed. Ática, 1985; *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um Lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

*iluminação se estabelece uma quebra do **continuum** da história onde o passado emerge como possibilidade de transformação do presente e do futuro"*(BREFE,op.cit.p.26-27).

Nessa transformação não só o presente pode não ser mais o mesmo e, portanto, apontar para um futuro distinto daquele vigente, daquele apontado pelo progresso, que os relatos memorialistas evidenciam.

"Nesse caso, resgatar a memória não significa preservar a tradição - como pretendem os memorialistas - mas, contrariamente, é romper com ela, é dar voz àqueles que sempre foram esquecidos e oprimidos. Para Benjamin, portanto, o trabalho da memória - profundamente imbricado à sua teoria da história - é fundamental para a realização da transformação que ele tanto sonhava" (BREFE, op.cit.p.28).

Na intenção de rompimento desse discurso narrativo unitário, que oficializa uma história repleta de esquecidos e oprimidos, Veyne aponta³⁵ para o que pode ser uma das maneiras de trabalhar com os relatos memorialistas, de modo que, numa abordagem problematizada desses relatos, evidencie-se um discurso pautado pela tentativa de preservação da tradição: no caso de Ribeirão Preto, a preservação das tradições de uma burguesia cafeeira, responsável, na visão dos memorialistas, pela construção da grande metrópole do interior.

Nesse sentido é que, como aquele *"leitor provido de espírito crítico"*(VEYNE,op.cit.p.26) de que fala Veyne, devemos olhar o discurso memorialista, ou seja:

³⁵ No texto "Natureza lacunar da história", Veyne fala da capacidade de um leitor crítico diante de um livro de história, e como esse leitor percebe a construção do texto pelo historiador. É essa capacidade de compreender o texto, inclusive o que não está explícito nas suas diversas variáveis - objetivos, critérios, entre outros -, que é fundamental para o trabalho com os relatos memorialistas, sobretudo quando tratados como fonte primária, como é o caso de Brefe.

"por debaixo da superfície tranquilizadora da narrativa, o leitor, a partir daquilo de que fala o historiador, da importância que ele parece atribuir a este ou àquele gênero de factos, sabe inferir a natureza das fontes utilizadas, assim como as suas lacunas, e esta reconstituição acaba por se tornar um verdadeiro reflexo; ele advinha a localização das lacunas mal remendadas, não ignora que o número de páginas que o autor concede aos diferentes momentos e aos diversos aspectos do passado é de uma média entre a importância que têm esses aspectos aos seus olhos e a abundância da documentação(...) Sabe sobretudo que, duma página para outra, o historiador muda de tempo sem prevenir, segundo o tempo das fontes, que qualquer livro de história é" (VEYNE, op.cit.p.26).

É justamente essa posição crítica, necessária para perceber, nos textos dos memorialistas, importâncias a um ou outro assunto e direcionamentos nas construções dos relatos, fundamental para uma análise problematizada. Aqui o distanciamento entre olhar e relatos é fundamental, para que a análise não se construa impregnada das mesmas afetividades e emoções com as quais o memorialista elabora sua escrita sobre o passado.

E, nesse distanciamento, compreender-se-á também como o memorialista pode transportar para seu relato, valendo-se de suas experiências e observações, uma série de conceitos e noções³⁶; no caso de narrativas sobre a cidade de São Paulo, entre fins do século XIX e início do século XX, as noções de progresso que norteiam as

³⁶ A análise dos textos dos memorialistas não pode ser generalizada para qualquer cidade, uma vez que as experiências possíveis são diversas, tanto quanto as próprias cidades e seus observadores. Portanto, a existência de conceitos e noções nos relatos deve ser trabalhada de forma coerente, analisando cada caso, pois, as noções de determinados conceitos podem também não estar presentes em determinado relato.

intervenções na cidade, assim como conceitos sanitário e estético que estão incorporados nestas intervenções sobre as cidades³⁷.

Na abordagem que os estudos acadêmicos fazem da produção memorialista, especificamente aquela sobre a cidade de Ribeirão Preto, todos os relatos levantados³⁸ são classificados como memorialistas³⁹.

Tal classificação surge nos estudos acadêmicos, pela característica que une todos os relatos, que é a de narrar a história da cidade, e mediante essa narrativa preservar o passado, seus personagens, acontecimentos e transformações urbanas, entre tantos outros eventos que surgem nos escritos. Por outro lado, a adoção da mesma identificação para todos os textos e autores, como sendo memorialistas⁴⁰, sem nenhuma abordagem criteriosa, principalmente

³⁷Tal abordagem dos relatos memorialistas foi desenvolvido por Stella Bresciani, tomando-se por base as crônicas de Alfredo Moreira Pinto sobre São Paulo, escritas em 1900. Conforme a autora, "Na apreciação da São Paulo 1900, há duas partes distintas: a "cidade velha" e a nova. Na primeira, o visitante demonstra ter um padrão a orientar seu olhar, quando afirma que edificações e arruamentos não obedecem a um "plano estético. Significativamente, a apreciação visual positiva detém-se na área de urbanização recente (...) *Aliam-se para formular essa concepção estética o saber sanitarista e a imagem do progresso*" (BRESCIANI, 1999. p. 11 et seq.)

³⁸ Os autores levantados são: CIONE, R. História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Image/Leggis Summa, 1987-1997, 5v.; COSTA, O.E. História da Fundação de Ribeirão Preto. São Paulo, 1955.; MIRANDA, J. P. de. Ribeirão Preto de ontem e de hoje. Ribeirão Preto: Eldorado, 1971.; GUIÃO, J. R.. O município e a cidade de Ribeirão Preto na comemoração do 1º Centenário da Independência. Ribeirão Preto: s/ed, 1922.; PRATES, P. da C. Ribeirão Preto de outrora. São Paulo: Gráfica José Ortiz Junior, 1956.; Dois outros trabalhos não estão incluídos nesta listagem: DOS SANTOS, P.T. O RIBEIRÃO PRETO - Histórico e para História. Ribeirão Preto: s/ed, 1948.; JARDIM, R. Reminiscências. São Paulo: Editora José Olympio, 1946. Desses dois, o primeiro deveria ser, segundo o próprio autor, publicado no ano de 1930. Essa publicação de 1948 é uma ampliação do original(1930), que foi publicado em folhetins, entre os anos de 1942-1943 no Jornal "Diário da Manhã", da cidade de Ribeirão Preto.

³⁹ Um exemplo dessa classificação unilateral, pode ser verificado no trabalho de Benedita Luiza da Silva. Segundo a autora, no que ela denominou de vertente temática **literário-memorialista**, "destacamos as obras de advogados, jornalistas e antigos moradores, que baseados nas suas lembranças ou em relatos coletados elaboram uma literatura composta de memórias (...) Dentre os memorialistas, como Pedro Miranda, Prisco Prates e Sebastião Palma, destacamos a obra de Rubem Cione, que em sua coletânea de memórias e crônicas sobre Ribeirão Preto, menciona várias vezes o "giamour" da noite local (DA SILVA, 2000).

⁴⁰ No estudo desenvolvido por Brefe sobre os memorialistas, tal narrativa "é constituída por relatos sobre a cidade realizados por observadores que procuram

da estrutura narrativa do texto, aponta uma superficialidade da abordagem.

O que se constata é que essa classificação parece surgir muito mais por uma identificação temporal, cronológica da publicação, que efetivamente por uma prática definida como memorialística, segundo características identificadoras. No caso das obras sobre Ribeirão Preto, são vários os relatos, e mais distintas ainda as características narrativas de cada um.

Dos autores apresentados, apenas Renato Jardim e Prisco da Cruz Prates elaboram suas narrativas a partir das lembranças dos fatos observados e preservados na memória.

No relato de Renato Jardim, a cidade de Ribeirão Preto não é objeto central no texto. Ela surge no final de uma viagem⁴¹ através de várias cidades, como que acompanhando o processo de urbanização promovido por fatores como o capital das exportações de café, a irradiação do sistema ferroviário no interior do Sudeste, imigração européia⁴² e migração no Estado e no país.

Em tal viagem, que tem início no Estado do Rio de Janeiro, nas suas regiões ainda nativas, as lembranças vão construindo o relato que está

preservar sua memória" (BREFE, op.cit.p.1). No texto de Brefe fica claro que são relatos elaborados por observadores que presenciam os próprios fatos ou, ainda, inserem seu discurso nas narrativas preservadas por uma tradição oral, complementado-as, até mesmo oficializando-as com seu argumento.

⁴¹ Essa é uma viagem que inclui, como no caso de Ribeirão Preto, morar por 17 anos na cidade. Não é exatamente uma simples passagem pelo município.

⁴² No artigo "A Invenção e/ou Eleição dos Símbolos Urbanos: História e Memória da Cidade Paulista", Ana Lúcia Martins também fala do processo de urbanização da Província de São Paulo na segunda metade do século XIX, segundo ela, como "resultado da acumulação de capital". Para Martins, "a sincronização entre o impulso demográfico, desenvolvimento econômico e expansão da via férrea explicam o extraordinário aumento de vilas e cidades, registrando-se em 1832, 45 vilas e 1 (uma) cidade e em 1887, 69 vilas e 57 cidades". In *Imagens da Cidade- Séculos XIX e XX*, Maria Stella Bresciani (org). ANPUH, São Paulo: Marco Zero/FAPESP.

repleto de imagens, como **fotografias verbalizadas** dos locais percorridos pelo memorialista:

"Na verdade, naquela vastidão de montanhas, de vales e de caprichosos cursos d'água, quantas e quão variadas coisas a descobrir, a admirar, a dar nomes, a fotografar: picos, cascatas, chapadas, pedras balões e até em profusão, "agulhas negras"!...Em passada era (quão longe vai!), ao sol radiante ou em noite tempestuosa, percorri eu, vezes a fio, os ínvios trilhos que ziguezagueavam por aqueles montes, da "Pedra Selada" ao "Retiro do Ramos", região de campos, esta, a grande altura, debruçada sobre o "Campo Belo".

Que de emoções, então, a sacudirem a sensibilidade nervosa de um organismo de vinte anos! E que de feéricos espetáculos ali assistidos! Às vezes, do dominante "Retiro do Ramos", larga vista sobre o vale do Paraíba, serpeante por entre morros, léguas e léguas, ponteados aqui e ali, de cidades!"⁴³.

Interessante perceber nesse percurso, dificultado pela necessidade de rompimento dos limites da natureza para, enfim, avistar as cidades do vale do Paraíba, que a fotografia aparece como mecanismo auxiliar na captação e preservação das imagens; e a ação que preserva na memória o que foi observado tem um duplo processo: um, subjetivo, do olhar que se interpõe ininterruptamente a outras imagens já anteriormente acumuladas⁴⁴, que sofrem as interferências das suas próprias experiências pessoais, e outro, objetivo, possibilitado pela

⁴³ JARDIM, R. "Reminiscências". São Paulo: Editora José Olympio, 1946, p.8.

⁴⁴ Bresciani fala dos resíduos materiais das cidades, que sobrevivem na forma de fragmentos e são os suportes materiais da memória. Memórias constitutivas do viver em cidades(BRESCIANI, op.cit.p.11); no caso do memorialista, das cidades vividas por ele.

máquina que registra a imagem, agora congelada pelo suporte fotográfico.

Tais imagens, inicialmente preservadas de modo distinto, sofrem, no momento da construção narrativa que ocorre muito posteriormente à ação descrita, uma sobreposição. Nessa sobreposição, o autor transporta o passado para o seu presente, que é o da escrita, para nele se inserir novamente e lembrar, apesar das dificuldades da época, o que lhe foi possível descobrir, admirar e instaurar marcos da sua presença, quando afirma a possibilidade de dar nomes.

Após percorridas várias localidades até o chamado "OESTE PAULISTA", passando por São Simão e Batatais, o autor termina seu relato na cidade de Ribeirão Preto: *"em 1905 aportei ao Ribeirão Preto, para aí morar"*(JARDIM, loc. cit.). Esse direcionamento da viagem de Jardim acompanhou também o movimento das lavouras de café. Com a decadência da cultura cafeeira no Vale do Paraíba e demais áreas do estado de São Paulo, a cidade de Ribeirão Preto tornou-se, já no final do século XIX, centro de convergência de fazendeiros, comerciantes e investidores, interessados, em geral, no desenvolvimento e crescimento da lavoura do café, favorecido pela chamada **Terra Roxa**⁴⁵. Num movimento quase que obrigatório em direção a Ribeirão Preto, Renato Jardim justifica sua ida para a cidade como um processo natural dos que buscavam riquezas: *"Como toda gente "lá de baixo", haveria eu também de vir parar àqueles tempos nas terras roxas do oeste de S. Paulo"*(Ibidem.p.196).

⁴⁵ Uma série de artigos elaborados por fazendeiros em viagem pelas terras do interior da Província de São Paulo, como caráter propagandista declarado das qualidades da terra roxa, são fundamentais para tornar Ribeirão Preto um atrativo populacional, pelas possibilidades de trabalho na lavoura do café. JÚNIOR, Martinho Prado. Município de S. Simão e Ribeirão Preto. in jornal "A Província de São Paulo", São Paulo, 18 de outubro de 1877.; BARRETO, Luiz Pereira. A Terra Roxa. In Jornal A província de São Paulo. São Paulo, de 2 de dezembro a 10 de dezembro de 1876.

No capítulo dedicado ao relato do Ribeirão Preto, o título já oferece indicativos das intenções do autor: "A TERRA DO CAFÉ". Toda a construção da narrativa está pautada exclusivamente na relação do café com o desenvolvimento social e material da sociedade. Interessou, no seu argumento, apresentar e enaltecer fatos e personagens que fazem parte de tal desenvolvimento.

Também os subtítulos do capítulo deixam claras tais intenções, quando as principais forças que compõem a estrutura social da cidade são objetos de interesse, mercedores da sua lembrança: estão presentes as forças políticas e econômicas, representadas pelas mesmas pessoas, ou melhor, pelos mesmos coronéis, e, também, a Igreja, pela figura do Padre Euclides Carneiro. Conforme Jardim,

"Ribeirão Preto, porção das mais ricas da vasta zona, englobava nesses imigrantes nacionais, gente de todas as profissões, não só lavradores: médicos, agrimensores, advogados, negociantes, operários. Numerosa e vasta colônia, de regra economicamente próspera. Os "chefes" políticos, como tais considerados, eram, porém, proprietários agrícolas, em cujas fazendas se condensavam os eleitores, às centenas, e que, arregimentados em um só bloco, traziam à urna eleitoral o seu voto...ao patrão. O coronel J. da C. D. J., membro de numerosa e rica família, antiga no lugar e grande proprietária de terras, era entre os seus, na arregimentação partidária, o reconhecido e enérgico chefe.(...) Para tanto, tinha na verdade, qualidades: inteligente como que por instinto, apercebido do grau de incipiente cultura da região e de quais os meios de alí frutiferamente agir"(Ibidem.p.200).

Continua seu relato, agora lembrando outro importante personagem na história política e econômica da cidade.

"Conheci pessoalmente o coronel F. Schmidt, vai para quarenta anos. De nome, de referências, há muito mais. Quem no "oeste de São Paulo" não ouviria contar a seu respeito algo interessante, e mencionar, em estonteantes expressões numéricas, os haveres que eram seus, ganhos com o esforço honesto dos seus braços, geridos pela inteligência incomum que era a sua!" (Ibidem.p.210).

No discurso do memorialista, não só a riqueza dos dois personagens, suas capacidades inatas e inteligência para lidar com qualquer assunto é motivo de orgulho, saudade até, por tê-los conhecido, mas, até mesmo a forma como constróem suas bases eleitorais, no caso do coronel J. da C. D. J., através dos votos dos muitos colonos trabalhadores e moradores das suas fazendas, surge como um dado natural da ordem das coisas. Fica claro que sua instância de poder está não somente na determinação do direcionamento político e econômico, isso em escala municipal e até mesmo regional, como também na ação individual das pessoas que integravam sua área de influência.

Em relação à cidade e seu desenvolvimento urbano, no que diz respeito aos mais variados aspectos, o relato constrói uma cidade que ainda apresenta, apesar do grande florescimento econômico, uma característica rural, desprovida de melhorias urbanas.

"Em 1905 aportei ao Ribeirão Preto, para aí morar. Estava êste num período de vida intensa. Lavoura, na sua maior pujança; comércio, movimentado e próspero; a pequena indústria - oficinas mecânicas e congêneres - por igual. Tudo fartura. Dinheiro, superabundante e de verdadeiro valor aquisitivo. Era assim a "Capital da Terra Roxa". Os hotéis nem sempre primorosamente organizados, cheios à cunha. Enchiam-nos fazendeiros que não tinham ainda a sua boa casa na

cidade(...). As ruas da cidade sofriam ainda de muita poeira roxa, fina e adesiva, ou da enxurrada impetuosa, da mesma côr, nos dias de chuva" (Ibidem.p.201 Et seq.).

A mesma cidade dos grandes negócios, das várias atividades profissionais urbanas, na imagem do memorialista sofria com seu caráter rural; sem calçamento, ou pavimentação das ruas, era o reverso da pujança econômica que representava. Nem mesmo os grandes fazendeiros ainda tinham, até esse início de século XX, construído suas residências urbanas, fato que ocorreria mais tarde em todo o entorno da Praça XV de Novembro.

Em outro momento, o autor deixa claro como a falta de melhorias urbanas na cidade dificultava até mesmo as horas de lazer, propiciadas, por exemplo, pelos espetáculos do Teatro Carlos Gomes⁴⁶. Narrando sua própria experiência, ele fala da dificuldade de chegar até o Teatro no dia da sua inauguração:

"Já existia o "Carlos Gomes". Anos antes, inaugurara-se com uma companhia lírica italiana(...) Chovia torrencialmente. Eu mal pudera, do hotel do Emílio Tavares, transpor o barro fundo do passeio e tomar o carro que me transportaria a ver o gordo Perí...de Nápoles". (Ibidem.p.202)

Esse mesmo Teatro Carlos Gomes assume, na narrativa do autor, assume um papel significativo, representativo do poderio econômico de alguns moradores que financiaram sua construção:

⁴⁶ Abordando ainda o processo de urbanização da Província de São Paulo, Ana Luiza Martins fala da instalação de uma edificação, sobretudo nas cidades que recebiam a ferrovia, no mesmo Largo da Matriz: o "Gabinete de Leitura". "Entidade estranha ao meio, brotava quase de repente, plantado na Praça da Matriz, porém de costas para o templo" (MARTINS, 1994.p.183). Segundo a autora, fato que ocorreu em quase todas as aglomerações. No caso de Ribeirão Preto, tal fato não se confirma. Ocorreu, sim, a construção do Teatro Carlos Gomes, implantado também no Largo da Matriz, porém, com sua entrada principal voltada para a frente do templo religioso.

"Certa vez, com ruidoso êxito, se exhibe aí autêntica, posto que modesta, companhia lírica. Foi um toque a rebate para a ousada construção do Carlos Gomes, de iniciativa de um punhado de cidadãos". (Ibibem.p.198)

No mesmo relato, Jardim também narra os dois extremos desse que foi um dos grandes símbolos do capital do café na cidade de Ribeirão Preto. Aqui, a construção do Teatro é a expressão do desejo de cidadãos, já em fins do século XIX, que procuravam dotar a cidade de embelezamentos, e romper com a estrutura rural ainda existente.

No outro extremo, já contemporâneo à narrativa, a decadência desse mesmo símbolo, agora representativo, segundo visão de todos os relatos sobre a cidade, da crise que abalou a economia cafeeira no final dos anos de 1920: *"Já agora vai ser, por inestético, demolido o velho Carlos Gomes"*. O mesmo edifício, agora abandonado e degradado pela inexistência de recursos para sua manutenção, além de ser caracterizado como velho, também sem nenhum valor estético⁴⁷.

No caso do relato de Jardim(1946), essa noção de velho atribuída ao Teatro pode significar uma comparação que o memorialista faz em relação a outro grande Teatro, construído no final dos anos de 1920, em Ribeirão Preto: o Theatro Pedro II, que, juntamente com o Edifício Meira Júnior e o Hotel Palace formam o chamado "Quarteirão Paulista".

O outro trabalho aqui considerado como memorialista é de Prisco da Cruz Prates. No texto *"Ribeirão Preto de Outrora"*, publicado no ano de 1956, Prates adota como estrutura narrativa um conjunto de eventos

⁴⁷ No momento da escrita do texto de Renato Jardim, todo o conjunto arquitetônico denominado "Quarteirão Paulista"- constituído pelo Theatro Pedro II, Edifício Meira Júnior e Palace Hotel- está construído. A Praça XV de Novembro já sofreu uma série de reformas, estando o Carlos Gomes, segundo os relatos, pela sua imagem de degradação nesse momento, prejudicando a qualidade espacial do entorno da praça.

ocorridos na cidade. São como contos que vão surgindo sem necessariamente estarem amarrados numa estrutura linear ou evolutiva, ou melhor, cronológica, dos fatos. Temas como *O Mercado*, *A Praça Rio Branco*, *A Linha de Bonde*, *A Iluminação Pública* e *A Cidade Poeirenta*, entre tantos outros, dominam todo discurso. Do conjunto dos relatos que, em sua maioria, objetivaram enaltecer a cidade, através dos melhoramentos que continuamente o poder público executava, assim como a caracterização negativa dos aspectos rurais e destituídos de beleza e progresso, do fim do século XIX⁴⁸, mais interessante está no relato sobre a existência do racismo na cidade. Conforme narra Prates,

"a idéia de ser criado em nossa cidade um Parque de atrações para os elementos de raça negra, motivou posteriormente uma entrevista sobre o caso, onde houve diálogo sôbre o assunto referente ao racismo ou a uma possível discriminação racial em nossa cidade(...) Em nossa cidade poderemos dizer inexistir êsse preconceito, sendo assunto que raramente serve de tema para conversações. As pessoas de côr conhecem os seus lugares, e sabem perfeitamente como viver sem risco de passagem por vexames de natureza racista".(PRATES, 1975.pp.232-233)

⁴⁸ Entre os relatos mais críticos, o "Cidade Poeirente e Prédios Velhos" é um exemplo interessante. Segundo Prisco da Cruz "O motivo de Ribeirão Preto não Ter continuo ritmo de progresso naqueles idos, era a enorme poeira existente, pois a não ser o pequeno trecho calçado da Rua General Osório, que partia da Praça Schimidt até a Rua Álvares Cabral, poderíamos dizer inexistir calçamento na cidade (...) As casas em sua totalidade eram terreas, havendo apenas sobrados de estilos bisonhos e inexpressivos ao lado de outras casas que obedeciam os mesmos ritmos corriqueiros. Aparentava a nossa cidade, naquela época, uma autêntica cidade sertaneja." (PRATES, 1956.p.20) No mesmo relato Prisco da Cruz altera totalmente o sentido inicial, quando vai comparar essa **cidade sertaneja** com a cidade do século XX: "Aparentava a nossa cidade, naquela época, uma autêntica cidade sertaneja, em contraste com o enorme progresso que observamos nessa grandiosa Metrópole de agora, com seus 20.000 prédios na zona urbana." (Idem, ibidem, Loc.cit)

No discurso do autor, a inexistência do racismo na cidade se dá, pode-se dizer, por uma inexistência de convívio social no ambiente urbano. Quando ele afirma o conhecimento dos negros sobre os seus devidos lugares na cidade, e por isso não sofrem nenhum tipo de vexame, ele afirma que a área mais urbanizada, com as melhores ações em melhoramentos e embelezamentos -a cidade moderna, burguesa, progressista, na visão dos autores-, no caso a Praça XV de Novembro, não é, ou ainda não deve ser lugar para "as pessoas de côr". Fica efetivada, portanto, uma ocupação segmentada do espaço público, expressão de uma sociedade sectária, com indícios do que hoje se denomina exclusão sócio-espacial na cidade, esse ambiente da urbanidade.

A contradição de Prates é construída por ele mesmo quando relata o movimento na Praça XV de Novembro, antigo Largo da Matriz:

"Então aos domingos, dias Santos e feriados, na Praça 15 de Novembro, em um corêto haviam as retrêtas musicais, onde um variadíssimo programa constituía o orgulho dos Ribeirãopretanos. O jardim ficava repleto de elementos de todas as categorias e era momento de audição musical que se notava a seleção verdadeiramente natural. Os considerados ricos rodavam no momento, ao redor do Pavilhão da Antártica, que era o local onde está a fonte luminosa e também na calçada, pelo lado da Rua General Osório, enquanto os da classe média faziam os seus "footings" girando em torno do corêto, e o elemento negro se contentava em seus passeios na Praça 15, pelo lado da Rua Duque de Caxias, entre Álvares Cabral até a Rua Visconde de Inhaúma. A retrêta da Banda era extensa e no transcurso da mesma notavam-se esta natural seleção das classes ribeirãopretanas". (Idem,1975:232)

Na descrição da cena, que na cidade era um acontecimento comum⁴⁹, a Praça XV de Novembro se estabelecia como ambiente repleto de possibilidade de ações dos atores sociais da época. A existência do Bar Antártica e do Coreto indica que a descrição é posterior ao ano de 1905, quando a Igreja Matriz foi demolida. A Praça já ajardinada, com os dois equipamentos urbanos e o Teatro Carlos Gomes na outra extremidade, a ocupação, ou melhor, a transformação da ocupação do entorno -não descrita pelo memorialista, mas em processo contínuo-, com hotel, café, lojas e residências, representava o rompimento efetivo com a imagem da cidade empoeirada com *"suas casas antigas, velhos, inestéticos pardieiros. Nem sobra de calçamento..."*⁵⁰, antítese da vida moderna que a oligarquia cafeeira construía para seu deleite.

Por outro lado, esse mesmo ambiente era caracterizado pela máxima segregação social no espaço. Conforme o próprio relato, era considerado como dado normal a *"natural seleção das classes"*, a ocupação da Praça em fatias sociais. Pelo critério do poder econômico do cidadão, se é possível a utilização desse termo para todas as pessoas, seu posicionamento na cidade ficava definido.

A própria imagem sugere imobilidade, não só espacial, em territórios singulares, mas também social, pela inexistência de uma interação

⁴⁹ A primeira Banda de Música da cidade é do ano de 1887, ainda no regime imperial. Organizada por Pedro Xavier de Paula, tocava em festividades e também enterros. A segunda Banda da cidade foi formada no ano de 1894, organizada por José Munhai, composta por pessoas da colônia italiana. A terceira Banda, considerada a mais importante era a de José Delfino. Denominada de "Filhos de Euterpe", tocava constantemente no coreto da Praça XV de Novembro.

⁵⁰ DOS SANTOS, Plínio Travassos, op.cit.p.47. Também em Prisco da Cruz Prates é possível verificar essa mesma identificação da cidade ainda com seu aspecto rural: "No início de sua fundação, Ribeirão Preto pontificava-se nos seus vários setores com casébrs constituídos de pau-à-pique, alguns com estêios de aroeira, as ripas feitas de bambús e devido a falta de telhas, a maioria eram cobertas de sapé. Deste modo quem percorria a cidade, indistintamente abrigava as ruas com casinhas espaçadas e com grandes quintais cercados de madeira, e os indispensáveis chiqueiros e galinheiros(...)Assim era observada a vilasinha com aquela sua aparência rural e que na época tinha o sonoro nome Entre Rios" (PRATES, op.cit.pp.83-84).

entre os grupos. Nesse cenário urbano do início do século XX, produzido –grande parte ainda– pelo capital proveniente da lavoura do café, todos os melhoramentos urbanos e sua localização, mesmo não sendo ainda resultado de um ordenamento previsto num plano geral de transformação físico-territorial, representavam um planejamento muito bem estruturado de controle social.

Nessa lógica do controle, a cidade foi sendo modelada pelos bons costumes europeizados, provenientes não somente, ainda no século XIX, da capital do Império ou da Província, mas também diretamente da Europa: influências no vestuário, nas leituras, nos objetos domésticos, na arquitetura e nas intervenções urbanísticas, estas duas últimas respectivamente alinhadas aos pressupostos do ecletismo e do sanitarismo.

Segundo Bresciani, *"definia-se um padrão arquitetônico, cujas características deveriam expressar pujança e estabilidade"* (BRESCIANI, op.cit.pp.32-33), assim como uma preocupação com o traçado das ruas, com os focos de doenças, com o calçamento das ruas, ajardinamento das praças e a eliminação do pó e da lama em dias de chuva. Um projeto de cidade modernizada, que caminha pelos trilhos da técnica e do progresso e se legitima pelas linhas dos relatos, mantendo, diante dessa necessidade do novo, uma sensação de perda com o Ribeirão Preto de outros tempos:

"A tradição, como vai acontecendo em toda parte nestes tempos de futurismo, também não é respeitada em Ribeirão Preto. Nenhum carinho há mais pelas coisas de outrora"⁵¹,

com o Ribeirão Preto do Largo da Matriz, de chão batido de pó fino e vermelho da terra roxa.

⁵¹ DOS SANTOS, op.cit.p. 44.

De todos os outros relatos sobre a cidade de Ribeirão Preto, o trabalho de Plínio Travassos do Santos, considerado aqui um dos mais importantes, ainda não recebeu o devido tratamento pelos atuais estudos sobre a história da cidade. Os trabalhos acadêmicos consideram como grande referência a obra de Rubem Cione, pela sua enorme compilação em cinco volumes. É preciso, entretanto, fazer uma "justiça histórica" em relação ao trabalho de Plínio Travassos: primeiro, pela enorme compilação de documentos sobre a cidade, sobretudo documentos oficiais da Prefeitura e da Câmara Municipal, e, segundo, por ter sido seu trabalho literalmente apropriado por Rubem Cione. São várias as páginas dos cinco volumes do texto "História de Ribeirão Preto" em que o autor transcreve integralmente o trabalho publicado de Travassos, em vários momentos, sem citação de fonte. Isso pode ser verificado, por exemplo, no capítulo V do Volume I, cujo tema é "A Cidade". É evidente, também, que no texto de Cione alguns acréscimos são realizados, até para fins de complementação, uma vez que a publicação do trabalho de Travassos é bem anterior.

Outro trabalho importante abordado pelos estudos acadêmicos, considerado também como memorialista, é *"O Município de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência: 1822-1922"*, organizado sob a Direção de João Rodrigues Guião, e publicado no ano de 1923.

Este trabalho tem muito mais caráter de almanaque, ou até mesmo de publicação propagandística, do que verdadeiramente de um trabalho de memória. Nele, João Rodrigues Guião, que terminara seu mandato de Prefeito no dia 15 de janeiro de 1923, aproveita para apresentar todo o relatório do seu governo como Prefeito. São informações de várias ações promovidas no seu governo, juntamente com toda a relação orçamentária de gastos e aplicações do município.

Surgem também, na publicação, passagens que justificam essa conotação propagandística da cidade, até mesmo na Europa,

"Com o extraordinário desenvolvimento da cultura cafeeira a imigração de colonos europeus tinha tomado grande impulso, despejando para esta zona a maior porção delles. Deparando-se-lhes aqui um meio rico que lhes facilitava a prosperidade, tomaram parte activa no coro laudatório à terra fecunda que lhes dava felicidades e riqueza. Para a Europa voou, portanto, a fama justificada de Ribeirão Preto" (GUIÃO, op.cit.p.16),

o que de certa forma é uma propaganda das suas próprias ações como prefeito municipal, uma auto-legitimação.

Retornando ao trabalho de Plínio Travassos dos Santos, o seu *"O Ribeirão Preto - Histórico e para história"* apresenta de início uma particularidade. Diferente dos trabalhos de Jardim e Prates, que elaboram seus relatos exclusivamente no campo da memória, através das lembranças dos fatos que escutaram e dos fatos que olharam, Plínio Travassos utiliza-se não só da memória, mas de um conjunto documental pertencente à Câmara Municipal.

No seu discurso, memória e documento se amalgamam para formarem um relato só, que ora se evidencia pelas lembranças de uma cidade apagada pela lógica do progresso, ora se pauta pelas Atas da Câmara para compreender como, através do jogo político das intenções e decisões do poder local sobre o desenvolvimento urbano, aquela cidade apagada foi sendo novamente edificada.

No relato, o autor deixa transparecer em determinados momentos um certo saudosismo para com a cidade de antanho. Na sobreposição de imagens do antigo e do novo, as lembranças de amigos e de lugares chegam a colocar em dúvida o deslumbramento com as possibilidades

que a técnica oferece para a construção de novas ruas, bairros, praças e melhoramentos de áreas poluídas e sujas, entre outros, assim como de uma arquitetura correspondente com a própria modernidade.

Entre a crença nas possibilidades da técnica que desde o início possibilitou que *"o alinhamento das ruas e praças fosse feito inteligentemente, sob um plano bem concebido"*⁵², surge uma preocupação com as perdas resultantes desse progresso, uma vez que *"a tradição, como vai acontecendo em toda a parte nestes tempos de futurismo, também não é respeitada em Ribeirão Preto"*⁵³.

A cidade moderna, concebida sob um plano racional, numa lógica tabular com seu grande Largo da Matriz -mais tarde a Praça que simbolizaria a República-, é devastadora das estruturas arquitetônicas representativas do passado colonial e agrário, em que *"as casas eram de má construção, de grandes beirais, na maioria de pau-a-pique, apenas rebocadas e caiadas"*⁵⁴. O autor segue falando do desenvolvimento da cidade e apontando para um dos principais fatores do progresso local: a ferrovia⁵⁵.

Na visão de Plínio Travassos, a ferrovia, colocando a cidade de Ribeirão Preto em contato direto com o porto de Santos, significava estar, a cidade, integrando uma rede de cidades em intenso processo de urbanização, que cada vez mais rápido se difundia pelo interior. Responsável por grandes transformações e melhorias urbanas,

⁵² DOS SANTOS, op. cit.p.44

⁵³ Idem, Idibem.p.44

⁵⁴ Ibidem, loc. cit.

⁵⁵ Um importante estudo já mencionado anteriormente, talvez o primeiro, sobre a Ferrovia na cidade de Ribeirão Preto, suas implicações econômicas e urbanísticas foi desenvolvido por Kelly Cristina Magalhães Faria. "O Moderno e o Urbano: Aspectos das transformações decorrentes da implantação da linha férrea na cidade de Ribeirão Preto". Relatório de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos, 2000.

direcionamento do crescimento da cidade⁵⁶ e formação de novos bairros, a ferrovia significava, à época, o próprio progresso, era o grande símbolo da técnica moderna. Conforme Travassos, *"O progresso de RIBEIRÃO PRETO, em verdade, principiou a passos de gigante quando os trilhos de ferro riscaram suas terras"*⁵⁷, no ano de 1883.

A importância de ferrovia para essas localidades e seus moradores, distantes, tanto do poder político imperial quanto do centro econômico que a capital da província e as cidades de Santos e Campinas representavam, pode ser averiguada pelo relato do memorialista sobre o dia da chegada do trem:

"A Vila amanheceu festiva. Poucas eram as casas para acomodação dos forasteiros. Por toda parte, nas ruas e praças, erguiam-se barracas. Bandeiras e bandeirolas, em fios, tremulavam, às centenas, à beira dos telhados e nas portas, atravessando as ruas. Os amarrotados ternos de sarjão preto, de "carregação", por muito tempo guardados no fundo dos baús, escovados, tiveram seus dias(...) Nos quintais e nas portas das "vendas", nos argolões dos esteios, relinchava a cavalaria, Carros-de-bois e troles descansavam no LARGO DA MATRIZ. Na estação apinhava-se verdadeira multidão. Para não perder o espetáculo muita gente dormira nas imediações, e , alí, conservara-se todo o dia, prevenidos todos com virados

⁵⁶ De acordo com Faria (FARIA, op. cit.p.16), decorrentes do crescimento urbano ordenado pela linha férrea, "novos efeitos modificadores da estrutura urbana são percebidos, tais como, a necessidade de novos assentamentos, alterando a demanda por infra-estrutura, comércio e serviços; a expansão de atividades tipicamente urbanas, contribuindo para a valorização do solo urbano e para a emergência dos interesses imobiliários." Ver também a Dissertação Final de Mestrado (FARIA,2002).

⁵⁷ DOS SANTOS, op. cit.p.45

*de carne de porco e galinha, para as exigências do estômago*⁵⁸.

Um espetáculo, segundo o próprio relato. A ferrovia representava o espetáculo da mais pura técnica moderna. A possibilidade de circular, de ir e vir, café e gente, dinheiro e novos costumes, enfim, alcançava a cidade de Ribeirão Preto através da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Na narrativa da grandiosidade da festa que tomou conta da cidade, da roupa guardada e somente usada em grandes momentos, tudo estava devidamente organizado para receber o futuro, o progresso que naquele ano de 1883 iria alterar os rumos do desenvolvimento da cidade em direção ao Porto de Santos, chegando até à Europa.

A multidão atormentada, numa mistura de emoção e medo da máquina, ocupava as ruas e as praças.

"Subitamente se fez ouvir ao longe um apito prolongado...Silêncio completo dominou tudo. O entusiasmo geral como que se arrefecêra, motivado pelo terror da maioria e pela emoção feliz dos que há muito ansiavam pelo acontecimento".

O próprio autor se acha tomado pela emoção de relatar o magnífico dia da história da cidade. Segue num fôlego só a promover nas suas linhas a imagem desejada da nova cidade que se modelava e se expandia.

"O pequeno núcleo de casas construídas nas imediações dos córregos "RETIRO" e "RIBEIRÃO PRETO", ponto inicial da CIDADE, desenvolveu-se, transpos esses córregos e continuamente se alastra, caminha, pontilhando todos os arredores de formosas "vilas", atingindo dia a dia proporções

⁵⁸ Ibidem.p.45

de verdadeira CAPITAL, para lhe justificar mais ainda a denominação de "CAPITAL DO OESTE" ⁵⁹.

Na descrição do memorialista, o rompimento dos limites naturais que encerravam a área urbana é o indício maior da vertiginosa ocupação do território geográfico. A cidade começava a se expandir em direção às terras até então ocupadas pelo café, impulsionada pelo contingente populacional de migrantes e imigrantes que chegaram, formando bairros como Barracão, Campos Elíseos e Vila Tibério. A população, que no ano de 1874 era de 5.552 habitantes, passou para 10.420 em 1886, três anos após a chegada da ferrovia, atingindo, em 1900, 59.195 habitantes⁶⁰.

Comparando esse aumento populacional, sobretudo o do ano de 1900, com relatos de Plínio Travassos para o mesmo período, percebe-se um desenvolvimento desequilibrado entre a economia/população e os serviços e melhoramentos urbanos. Conforme relata o memorialista,

"até 1901, além de ainda não beneficiada com calçamento de qualquer espécie, a CIDADE não era arborizada e não possuía uma só praça ajardinada(...)as ruas eram intransitáveis. Raras as beneficiadas com simples abaulamento. Passeios feitos sem regras, destacados, em frente de uma ou outra casa, ora muito largos, ora muito estreitos." (DOS SANTOS, op.cit.p.46)

Até serviços públicos de saneamento, como água, esgoto e energia elétrica somente foram implantados na cidade, respectivamente, em 1898, através da Ata da Câmara, do mesmo ano, em que a Secretaria

⁵⁹ DOS SANTOS, op. cit.p.46

⁶⁰ Para os mesmos anos - 1874; 1886; 1900 , respectivamente- São Paulo tinha 31385, 47697, 239820; Santos tinha 9.191, 15.605, 50.389; Campinas tinha 31.397, 41.253, 67.694 habitantes, DE MELLO, Z. C.; SAES, A. M. "Características dos núcleos urbanos em São Paulo" in: Revista de Estudos Econômicos 15(2), maio/agosto de 1985. São Paulo, IPE, 1985.

da Agricultura comunicou a autorização para a Repartição Thechinica de Aguas e Exgottos do Estado entregar o abastecimento de água para a Câmara Municipal; em 1900, sob concessão do Engenheiro Flávio de Mendonça Uchôa, que mais tarde, no ano de 1904, criaria a Empresa de Água e Exgottos de Ribeirão Preto⁶¹; e em 1883, com lampiões doados por moradores da cidade, à base de "Kerozene", sendo substituídos em 1899, pela iluminação elétrica.

Os problemas decorrentes da falta desses e outros serviços colocavam a cidade diante da possibilidade do aparecimento de problemas sanitários. A proximidade dos Córregos⁶² da área urbana da cidade naquele momento de passagem do século XX⁶³, alinhada à inexistência daqueles serviços urbanos ao grande contingente populacional e, conseqüentemente, um aumento da quantidade de lixo, entre outros vários dejetos das atividades humanas, tornava a cidade ambiente favorável para o surgimento de várias moléstias.

A situação era tal que o próprio poder Público Municipal e a Câmara de Vereadores anos antes já percebiam a necessidade de investimentos

⁶¹ Bresciani fala do interesse pelos contratos com a iniciativa privada para a realização de serviços urbanos como água e esgoto, apontando o caso de Santos, através da The City of Santos Improvements com sua sede em Londres. "Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950)" in: *Palavras da Cidade*, Maria Stella Bresciani (org). Porto Alegre: EDUFRGS, 2001. O mesmo é verificado aqui, no caso de Ribeirão Preto com essa Empresa, sob a direção do Engenheiro Flávio Uchôa.

⁶² Prisco da Cruz, em outro relato, aponta o problema para as áreas dos córregos, no caso o Córrego Ribeirão Preto: "uma enorme área do terreno entre a atual Praça Schimidt, até a imediações, onde se achava o mercado que fôra devorado pelo fogo, e ora reconstruído era uma mortífero pantanal, que após as chuvas, ficava completamente interdita à passagem de qualquer veículo, e quem tivesse a desventura de residir naquelas adjascências, estava sujeito as sezões, e as maleitas, cujo obituário produzido por essas enfermidades, era simplesmente assustadora". In: *Reminiscências - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto*

⁶³ Ainda sem nenhum tipo de tratamento urbanístico ou paisagístico em quase toda sua extensão, ou o que seria mais tarde elaborado: uma canalização com implantação de sistema viário e passeio público

para as devidas melhorias urbanas. Em Ata da Câmara do dia 18 de maio de 1893 é oficializada tal intenção:

"Indico que esta Câmara represente ao cidadão Dr. Presidente do Estado pedido de auxilio de RS 100:000\$000 para canalização de agua e outros serviços urgentes de saneamento do Município".

A euforia com o crescimento econômico e populacional, com a expansão da área urbana e com a intensa comercialização do café através da ferrovia que levava o produto até o Porto de Santos, era acompanhada de um temor em relação aos possíveis problemas decorrentes da falta de higiene e condições ambientais salutaras.

Esta cidade sem canalização de água e esgoto, sem calçamento de ruas e passeios públicos, sem ajardinamento de praças e com um conjunto de edifícios velhos -resquícios dos primórdios da ocupação -, representava não somente o reverso de todo esse progresso da municipalidade, um progresso destituído de caráter estético e técnico⁶⁴, variáveis fundamentais dos programas de melhoramentos urbanos.

Significava, também, a possibilidade de, nesse ambiente urbano destituído de ordenamento territorial, na época associado à lógica do sanitarismo, instaurar-se uma desordem social, antítese dos novos costumes, dos novos modos de vida civilizada que a urbanização e a europeização da sociedade representaram.

Diante do cenário urbano que se modelava por condições adversas, três agentes foram fundamentais para a reversão desse quadro na cidade. Em tempos históricos distintos e ações distintas, porém

consideradas aqui complementares, todos eles objetivaram a construção de uma imagem da cidade de Ribeirão Preto, não mais associada àquela cidade rural, do pó fino da terra que tudo impregnava.

Cada um dos agentes construíram, em seus respectivos papéis sociais, a cidade **Metrópole do Interior**, ou, a **Capital D´Oeste**, e tudo que de mais moderno e progressista essas duas nomenclaturas poderiam significar. São: o Poder Público Municipal, com suas intenções, ações e realizações sobre o ambiente urbano, sobretudo ações materializadas no espaço e justificadas por um discurso coerente com seus objetivos; as Revistas e Almanques que colocavam em circulação imagens que representavam apenas as áreas da cidade modernizada, através das fotografias impressas e textos articulados a essas imagens; e os Memorialistas, que anos mais tarde, através dos seus relatos publicados, oficializaram e legitimaram a cidade que o capital proveniente do café promoveu⁶⁵, a cidade representativa dos poderes constituídos, econômicos, políticos e sociais, todos simbolizados nos mesmos personagens: os grandes fazendeiros de café.

⁶⁴ São entendidas, aqui, principalmente as Técnicas do Sanitarismo das ações dos poderes públicos nas municipalidades nesses anos finais do século XIX e iniciais do século XX.

⁶⁵ A hipótese de que somente o capital proveniente do café foi responsável por gerar recursos para o Município, com arrecadação fiscal é revista no trabalho de Luciana Suarez Galvão Pinto. Segundo Pinto, "na década de 1910 a guerra e a geada influenciaram negativamente nas arrecadações. Na década de 1920, apesar da seca e da fragilidade provocada pela geada nos cafezais, a arrecadação apresenta uma tendência crescente, mostrando que as oscilações da produção e do mercado de café estavam perdendo influência nas atividades urbanas do município, pelo menos no tocante a arrecadação fiscal". PINTO, L. S. G. "Ribeirão Preto: A Dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930." Dissertação de Mestrado em História Econômica do Programa de Pós-Graduação em Economia. UNESP/Araraquara, 2000. pp. 128-129.

No caso do terceiro agente⁶⁶, verifica-se um discurso que não consegue, ou não interessa se expandir como a cidade, para além dos limites dos córregos que margeiam a área central -chamada hoje de quadrilátero central-, e aquelas áreas ocupadas por imigrantes, ferroviários, entre tantos outros trabalhadores, construir a história - nas suas concepções, seus relatos são condizentes à história da cidade - dos que estavam distantes, geográfica e socialmente da cidade modernizada.

Retomando agora o conjunto daqueles estudos acadêmicos sobre Ribeirão Preto, interessa, aqui, mais que elaborar uma análise aprofundada das suas respectivas problemáticas, traçar um panorama do conjunto dos trabalhos e suas abordagens sobre a cidade. Não se pretende, portanto, uma revisão da produção acadêmica sobre Ribeirão Preto.

O que norteou a escolha dos trabalhos foi a necessidade do estudo ter na sua abordagem a incorporação da cidade como ambiência privilegiada. Exemplos desses estudos são as importantes pesquisas realizadas por Maria Elízia Borges⁶⁷. Em ambas as pesquisas é apresentada como objeto, a produção artística realizada em Ribeirão Preto. Nessas pesquisas, a cidade permeia todo o estudo, porém, como um cenário que se desenvolve, urbaniza-se, na mesma medida que a sociedade local adota costumes e gostos requintados e importados condizentes com a grande riqueza do café.

⁶⁶ As Revistas e Almanques também focalizaram principalmente a área central margeada pelos córregos do Retiro e Ribeirão Preto. Exceção feita às fazendas na área rural do município.

⁶⁷ BORGES, M. E. "A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República". Dissertação de Mestrado. São Paulo, Escola de Pós-Graduação de Ciências Sociais. Fundação Escola de Sociologia e Política, 1983.; e "Arte Tumular: A produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República". Tese de Doutorado em Artes Plásticas. Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo, 1991.

Por outro lado, nos dois trabalhos de Borges -ambos da área de História da Arte- surgem generalizações que tendem a legitimar uma concepção de cidade rica e progressista em sua totalidade, como, por exemplo, na constituição de uma *"formação do gosto estético da população"*⁶⁸, pela produção artística imigrante italiana vinculada ao Ecletismo. Em verdade, esse padrão estético via ecletismo está mais associado à burguesia cafeeira e comercial, que importa mobiliários e constrói residências na área central da cidade, nas proximidades da Praça XV de Novembro. Torna-se inadequada a idéia de transferência desse mesmo padrão estético à parte periférica da cidade, aquela além dos córregos do Retiro e Ribeirão Preto, destituída de infra-estrutura urbana, pobre e insalubre.

Outro trabalho importante foi realizado por Ernesta Zambone⁶⁹, esse talvez o primeiro trabalho acadêmico com caráter historiográfico sobre Ribeirão Preto. Segundo a autora, um dos objetivos do trabalho é *"o estudo da formação e organização da propriedade fundiária na área de Ribeirão Preto, no período à cultura do café"*⁷⁰. Mesmo se estendendo até o ano de 1900, o trabalho está recortado pelo estudo *das "grandes unidades produtoras de café na área de Ribeirão Preto"*.

Em relação a outro conjunto de trabalhos, que compõem os estudos cujo objeto é a cidade de Ribeirão Preto, pode-se perceber um eixo que orienta suas pesquisas, ou seja, todos eles se propõem fazer História. Em sua maioria, as pesquisas estão temporalmente situadas no passado da cidade, e localizam-se entre os anos finais do século XIX e as três primeiras décadas do século XX. Concomitantes, portanto, à República e ao desenvolvimento da atividade cafeeira no Município e Região de Ribeirão Preto.

⁶⁸ BORGES, 1991:III.

⁶⁹ ZAMBONE, 1978.

Além desse tempo cronológico que orienta tal eixo, está a problemática em torno do café. As entradas desses trabalhos na cidade de Ribeirão Preto passam necessariamente pelas portas abertas pela produção cafeeira e pelo que dela resultou de desenvolvimento econômico e urbano. O eixo historiográfico fica, nesse caso, circundado por um único indicador de direção, que é o café.

Diante desse percurso traçado entorno da pujança econômica da cidade, trabalhos importantes compõem um conjunto diversificado de olhares. Em função da quantidade de pesquisas produzidas, principalmente a partir dos anos de 1990, centrou-se o foco de interesse naquelas que, como as pesquisas de Borges(1983;1991), a cidade foi questão fundamental. Outro fator que interessou delimitar nesse incipiente panorama da produção acadêmica sobre a cidade de Ribeirão Preto foi a área de estudo: História da Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Urbana e História Social⁷¹.

Os estudos em História da Arquitetura e Urbanismo, realizados em Escolas e Faculdades de Arquitetura, caracterizam-se, de um modo geral, pelo desenvolvimento de leituras de projetos. Mediante um instrumental metodológico arquitetônico, de compreensão da organização espacial e características tipológicas de conjuntos de edificações, entre outros, as pesquisas têm nos desenhos de plantas, fachadas, perspectivas suas principais fontes documentais. Entre eles, um estudo sobre o surgimento e consolidação das instituições totais – Estabelecimentos Penais-, no Brasil. Nesse trabalho, Kátia Kiss Tigli procura estabelecer vínculos entre as questões econômicas e sociais e

⁷⁰ ZAMBONE, op. cit.: 5.

⁷¹ Outro conjunto de trabalhos estão relacionados com três temas principais, sendo que, os dois últimos são pesquisas provenientes da História: Saúde, Religião e Política. Política: (JÚNIOR,), (DE GODOY,2000), (ROSA,1997), (TONETTO,1997), (BOTOSSO, 2001), (GUMIEURO, 2000), (GERALDO,2000); Religião: (GAËTA, 1997), (AGUADO,1997); Saúde: (GUIMARÃES, 2001)

os modelos de encarceramento, de punição e vigilância. Estuda também, a inserção, de edificações destinadas ao encarceramento, na cidade e como se efetiva seu cotidiano e organização espacial interna. Segundo a autora,

"metodologicamente, procurou-se na Dissertação analisar e ler projetos de instituições disciplinares, principalmente os três exemplos de Ribeirão Preto⁷²(...) houve, também, a preocupação de examinar as formas de organização do cotidiano dos detentos dentro das instituições, através dos espaços destinados ao trabalho, estudo, alimentação, repouso, banho e recreio. Nos detemos também na análise do reflexo destes edifícios no ordenamento do espaço urbano."(TICLI, 1997.p.17.et.seq)

Em relação à aquela intenção de se fazer História, Ticli adota a mesma abordagem historiográfica, centrada na lógica do café como responsável exclusivo do desenvolvimento econômico. Segundo Ticli, no que ela denominou de 2º período de crescimento, este desenvolvimento foi

"determinado pela chegada do café na região em 1876 (...) Essa época áurea viria modificar a paisagem da cidade com a construção das mansões e dos palacetes dos produtores de café." (TICLI, op.cit.pp.133-134)

Em outra pesquisa, no caso, mais especificamente sobre arquitetura residencial em Ribeirão Preto, desenvolvido por Marcelo Gaetani, essa concepção se mantém. Nesse estudo, o objetivo foi, segundo Gaetani, de *"resgatar parte da memória arquitetônica da cidade para subsidiar políticas de preservação de edificações importantes"*. Um resgate que

se daria pela *"inclusão dos projetos da época, como exemplo do que se construía na cidade de Ribeirão Preto."*(GAETANI, 1999.pp.4-6)⁷³

Partindo de uma concepção coincidente a essa desenvolvida por Gaetani, de estudo de edificações importantes, Carlos Maurício Dias Mercadante Junior, organiza seu trabalho em três periodizações: de 1856 a 1883, de 1883 a 1930, de 1930 a 1960. Segundo Júnior, o estudo foi realizado *"em função das características específicas de cada período"* (JÚNIOR, 1988, p.5). Nesse caso, apesar da longa duração a que se propôs, caracterizando, de fato, três estudos independentes, a abordagem da produção arquitetônica em Ribeirão Preto foi analisada, conforme Júnior, *"sob o prisma da evolução do partido arquitetônico e das técnicas construtivas"* (JÚNIOR, op.cit.p.4).

Deslocando o eixo de estudo, até então de caráter essencialmente teórico, a pesquisa de Maria Lucia Soubihe(1992), define uma intenção projetual, ou, como denomina a autora, *"A proposta de intervenção"*. Numa pesquisa sobre Restauro e Preservação do Patrimônio Urbano em Ribeirão Preto, efetuou-se, conforme Soubihe, a *"análise das transformações da evolução da cidade através das edificações que marcaram períodos notáveis da arquitetura eclética do centro"* (SOUBIHE,1992)⁷⁴.

⁷² Como objeto de pesquisa define três estabelecimentos: a FEBEM, a Cadeia Pública de Vila Branca e o Complexo Penal.

⁷³ Algumas questões desenvolvidas por Gaetani deixam claras certas contradições e incoerências da pesquisa. Segundo o autor, o Teatro Pedro II, *"construído pelo setor industrial emergente da cidade, foi uma construção em grande estilo e que mostrou quais eram os novos donos do poder de Ribeirão Preto"* (Idem, ibidem.p.39). Por outro lado, segundo Gaetani, *"em Ribeirão Preto por exemplo, o Teatro Carlos Gomes e depois o Teatro Pedro II, foram construídos com o dinheiro de produtores de café com a intenção de trazer o lazer para a cidade"* (Idem, ibidem.p.47). Contradições que podem colocar em risco a seriedade do trabalho.

⁷⁴Estão em desenvolvimento –algumas em etapa de conclusão –, várias outras pesquisas sobre Ribeirão Preto, nas áreas da Arquitetura, Urbanismo e Geografia. Das pesquisas em fase de desenvolvimento, definimos três importantes trabalhos: estudo sobre os *"projetos de Victor Dubugras para Ribeirão Preto"*, desenvolvido por Rita de Cássia Fantini na FAU-USP; *"Arquitetura e Cidade: projetos para Ribeirão Preto"* a

Passando para a segunda área do conhecimento, a da Engenharia Urbana, três trabalhos se destacam, sendo que, em dois deles, a abordagem passa por uma intenção historiográfica e, outro, diretamente vinculado ao processo de urbanização da cidade de Ribeirão Preto. Neste trabalho realizado por Vera Lúcia Blat Migliorini,

"o objetivo é prognosticar situações futuras, partindo do adensamento máximo através da aplicação de determinados instrumentos de controle do uso e ocupação do solo"
(MIGLIORINI, 1997.p.8)

Fica claro, pelos objetivos traçados pela autora, que o trabalho está integralmente vinculado ao Planejamento Urbano Municipal de Ribeirão Preto, interessado em discutir, e mais que isso,

*"informar sobre os aspectos positivos e negativos da legislação urbanística em vigor ou mesmo em fase de estudo, e mais ainda, indicar possíveis alterações no sentido de minimizar, mitigar ou mesmo evitar seus efeitos indesejáveis sobre a qualidade do meio ambiente urbano."*⁷⁵

Da Urbanização Municipal e Legislação de Uso e Ocupação do Solo para História da Cidade, os dois outros trabalhos produzidos na área da Engenharia Urbana, abordam temáticas importantes e pouco exploradas pelas pesquisas acadêmicas. Um deles estuda as *"modificações urbanas ocorridas em Ribeirão Preto a partir da criação do Núcleo Colonial Antonio Prado, criado em 1887"* (DA SILVA,

partir da construção do Teatro Pedro II, desenvolvido por Onésimo Carvalho de Lima também na FAU-USP; "O meio ambiente, centros urbanos e cotidiano: o caso de Ribeirão Preto, em desenvolvimento no Instituto de Geociências/Unicamp. Dois outros trabalhos em etapa final estão sendo desenvolvidos No Departamento de Arquitetura e Urbanismo –EESC/USP: Um deles sobre Legislação Urbanística em Ribeirão Preto a partir da legislatura da Câmara de 1874, realizado por Karla Sanches; e outro sobre Urbanismo sanitaria nas três décadas iniciais do século XX, elaborado por Luiz Ferrarini.

2002.p.5). Esse estudo procura entender o papel do Núcleo Colonial na expansão urbana da cidade de Ribeirão Preto, na direção do local de implantação do 4º Cemitério Municipal, que foi implantado em terras do mesmo Núcleo Antonio Prado

Na organização estrutural da dissertação, três temas definem o eixo de orientação da pesquisa, definido pela autora: emergência do capitalismo no Brasil, café e urbanização de Ribeirão Preto e o terceiro, especificamente sobre o Núcleo Colonial Antonio Prado nas suas duas fazes, a agrícola e a industrial. Nessa proposta, a que analisa a relação do café com a urbanização de Ribeirão Preto, surgem no trabalho de modo superficial e destituída de uma análise mais criteriosa. Em verdade, essa segunda temática do trabalho, como em outras pesquisas, remonta um **panorama histórico** da cidade. Dessa forma limita o texto a um nomear de datas e eventos, como raras e generalistas observações sobre as problemáticas relacionadas com a transformação do cidade. Segundo Adriana Capretez da Silva,

"segundo o pensamento vigente do século XIX, as cidades deviam ser saneadas e embelezadas. Assim todos os miasmas e focos de doença deveriam ser afastados do contato com moradores. Por isso, na década de 1880, Ribeirão Preto já possuía um Hospital de isolamento de leprosos, um cemitério e um matadouro" (DA SILVA, op.cit.pp.53-54),

ou ainda, sobre a construção do primeiro teatro na cidade, *"já em 1897, a cidade ganha o Teatro Carlos Gomes, nas imediações do Largo da Matriz, simbolizando o poder da elite cafeeira"* (DA SILVA, op.cit.p.54).

⁷⁵ MIGLIORINI, op.cit.p.8

Para finalizar esse panorama, os trabalhos desenvolvidos na área da História, deixam mais próximas as relações com o presente estudo, tendo em vista que, alguns dos autores também tem como formação básica a Arquitetura e Urbanismo. Ainda não tão comum, mas, esse deslocamento para cursos de Pós-Graduação em História, vai contribuir para a formação de pesquisadores envolvidos com os processos interdisciplinares de estudo de determinado objeto de interesse da História Urbana.

No caso da prática interdisciplinar, o que poderia significar de fato sua realização efetiva, como a possibilidade de empréstimos controlados entre as disciplinas, é anulada por uma noção que pressupõe uma disciplina central e outras várias periféricas. Na pesquisa desenvolvida por Eder Donizete da Silva, "A História Contada através da Arquitetura de uma Rua", fica clara essa noção⁷⁶. Segundo o autor,

"com a definição do objeto de pesquisa, procuramos determinar um processo de trabalho onde consideramos como ponto principal a execução da interdisciplinaridade, tendo a História como embasamento central ou foco de toda a pesquisa, nos utilizamos também da Arquitetura, do Urbanismo e das Ciências Sociais, Política e Econômicas. Com discernimento e reflexões voltadas para o pensar histórico, com Arquitetura e Urbanismo fornecendo o material de pesquisa na forma de construção e do espaço gerado na rua, pretendemos criar um conjunto que possibilite o contar a História através das construções" (DA SILVA, 1998.p.13)

⁷⁶ O objetivo da pesquisa, segundo Da Silva, "de se contar a História através da Arquitetura de uma Rua, nos permite rever e comentar os acontecimentos que ocorreram na cidade de uma maneira diferente das já enfocadas, não com a pretensão de ser mais eficaz do que as escritas, pois utilizaremos a História como fundamento para dissertar" (DA SILVA, 1998.p.9)

Pensar a Arquitetura e Urbanismo como **fornecedores** de material de pesquisa, promove uma redução da área de conhecimento, e de todo seu de instrumental de leitura e abordagem dos objetos. Nessa intenção do autor, sua formação profissional ficaria submetida, ou até mesmo anulada, na tarefa que ele definiu de "o pensar histórico". Porém, o trabalho já evidencia uma ampliação da utilização da documentação primária, com a incorporação de "dados da imprensa", "entrevistas", "processos de compra e venda" e "fotografia".

Outro importante trabalho desenvolvido por profissional Arquiteto e Urbanista na área da História, foi desenvolvido por Valéria Valadão. Numa perspectiva aproximada ao desenvolvido por Soubiê(1992), em "Memória Arquitetônica de Ribeirão Preto", Valadão também adota, como pressuposto da pesquisa, a elaboração de uma política de preservação do patrimônio na ambiência do Planejamento Urbano Municipal.

Na pesquisa, Valadão adota um procedimento metodológico da História Oral, para definir, por intermédio dos relatos orais⁷⁷ de moradores da cidade, os edifícios representativos de uma identidade local. Segundo Valadão, identidade, entendida como, "*o conjunto de valores que são próprios de uma determinada cultura e das peculiaridades que lhes diferencia de outras*" (VALADÃO, 1997), para, através das lembranças, buscar, ainda segundo a autora, "*reconstruir a cidade*".

No trabalho de Valadão surgem intenções como "*preservação do passado*" e "*preservação da memória*", que poderiam merecer uma abordagem problematizada, principalmente a questão da memória. No

⁷⁷ Não será realizada nenhuma abordagem sobre questões que envolvem a História Oral. Publicações importantes, com artigos que se propõe tal tarefa, devem ser consultados. Ver por exemplo: "Usos & Abusos da História Oral". AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.;

trabalho de Valadão, essa questão está definida por uma concepção preservacionista, que escapa idéia de memória como instrumento para preservar o passado, uma vez que não é ela que se quer preservar, mas pessoas, edifícios, praças, e que foi adotada pelos memorialistas. Nesse sentido, essa concepção perde força se houver comparação com a definição de Pierre Nora, para o qual *"a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento"* e também *"um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente"* (NORA apud MAUAD,1997.p.311) não devendo, portanto, ser concebida como algo congelado, que se preserva intacta

Ainda sobre os trabalhos desenvolvidos na História, agora por Historiadores, e já trabalhados neste capítulo, são fundamentais. Primeiramente a pesquisa de Lianmar Izilda Tuon, sobre o cotidiano⁷⁸ da cidade, através da interação entre grupos sociais diversos, sobretudo imigrantes. A pesquisa desenvolve um análise dessa população, que chegou em Ribeirão Preto para o trabalho, tanto na lavoura de café quanto em atividades urbanas, e as formas de interação no ambiente urbano com a comunidade local, e os equipamentos que favoreceram tal interação, como teatros, cinemas e os esportes.

Outros desses trabalhos realizados por Historiadores é o de Benedita Luiza da Silva (DA SILVA,2000). Um importantes estudo sobre a passagem do "Rei da Noite", François Cassoulet, na cidade de Ribeirão Preto; seus cabarés, cassinos, teatros, e, a promoção do lazer noturno com a incorporação da figura feminina como objeto de lazer, dos abastados frequentadores dos mais importantes empreendimentos: o Eldorado Paulista e o Cassino Antártica.

"Os desafios Contemporâneos da História Oral". Simson, O. R. de M. (org) Campinas, Centro de Memória da Unicamp, 1997.

Proveniente dos estudos em História Econômica o trabalho de Luciana Suarez Galvão Pinto, abordam, de maneira inédita, a problemática das finanças públicas na cidade⁷⁹, por meio das publicações oficiais de receita e despesas municipais, identificando a contribuição de várias atividades urbanas, como fonte de receita pública através de cobrança de impostos sobre profissões. Dessa forma a autora rompe com a idéia centrada exclusivamente no café como fator gerador do desenvolvimento urbano.

Todavia, é preciso focar outra característica dos trabalhos acima apresentados. Em sua maioria, senão em todos, a descrição do processo de formação da cidade, das divisões de terras para doação ao Patrimônio Religioso, passando pelas datas que caracterizam a elevação, desde freguesia, vila até a denominação de cidade, e chegando até a construção dos primeiros edifícios públicos demanda um fôlego desnecessário; existem estudos que tratam da questão da formação e fundação do Município⁸⁰, dos primeiros moradores e suas atividades econômicas. Outra problemática nessa intenção dos estudos, é que a descrição da formação da cidade, surge destituída de uma reflexão crítica -uma vez que todos os trabalhos pretendem ser historiográficos-, que é o papel da História.

No caso do presente trabalho, o critério de entrada no estudo é determinado por uma série de transformações urbanas. Elas delimitam o início do trabalho com a indicação de construção do Teatro Carlos Gomes, no Largo da Matriz, no ano de 1895, e finalizam o período estudado com a construção do chamado **Quarteirão Paulista** - conjunto arquitetônico constituído pelo Edifício Meira Júnior, Teatro

⁷⁸ TUON, 1997.

⁷⁹ PINTO, 2000.

⁸⁰ Para um aprofundamento dessa questão, ver o trabalho de José Antônio Corrêa Lages (LAGES,1995).

Pedro II e Palace Hotel - e a inauguração do Theatro Pedro II em 1930. Nesse tempo, várias foram as ações do poder público municipal para dotar a cidade de melhoramentos urbanos, como serviços de água, esgoto, calçamento, e também de embelezamentos, com ajardinamento de praças e construção de edifícios públicos, entre outros.

Uma abordagem inicial dos documentos atesta como melhoramentos e embelezamentos tem tempos distintos, porém complementares. Inicialmente o Poder Público atua na cidade com a preocupação de dotar a área urbana de completa infra-estrutura, numa clara ação que objetiva eliminar os traços que caracterizavam a cidade como um ambiente rural. Num segundo momento, os embelezamentos estarão em primeiro plano nas decisões governamentais.

O estudo está focalizado na região central da cidade, na área denominada, desde a formação da cidade, de Largo da Matriz e posteriormente Praça XV de Novembro, chegando às áreas dos fundos de vale dos Córregos do Retiro e Ribeirão Preto, e, também, às proximidades da Praça 13 de Maio e Aureliano de Gusmão, ambiência privilegiada das intervenções promovidas na cidade.

Apoiado num conjunto documental amplo, objetiva-se entender o discurso que ordena as ações dos promotores do desenvolvimento urbano municipal, denominado aqui **discurso oficial** e produzido em Relatórios de Intendentes e Prefeitos Municipais.

Um segundo conjunto de documentos está relacionado aos textos de jornais, relatos de viajantes, correspondentes de jornais da capital do Estado e repórteres locais que debatem as ações propostas pela Municipalidade, assim como algumas revistas e almanaques publicados

no Brasil e no Exterior. Publicações organizadas com um caráter propagandístico dessas mesmas ações. O caráter desses relatos e publicações é, em sua maioria, legitimador do desenvolvimento urbano promovido pelos poderes públicos, além de ter grande penetração nos diversos grupos sociais.

Finalizando o conjunto das fontes de estudo das ações municipais no ordenamento urbano, e representando também uma parte do chamado discurso oficial, estão as Atas da Câmara e os Códigos de Posturas produzidos no período- respectivamente em 1889, 1902 e 1921-, sendo o primeiro identificado como Leis Provinciais e os dois últimos como Código de Posturas.

Complementaria a série documental do presente trabalho um conjunto de fotografias do acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Contudo, mediante alteração dos rumos iniciais estabelecidos da pesquisa, essas imagens deixaram de ser trabalhadas como fonte primária. Condição que não significou, como já afirmamos, o congelamento das questões que seu conjunto organizado em Séries Temáticas pode levantar⁸¹, em especial uma noção de centralidade urbana moderna e progressista, com a Praça XV de Novembro assumindo um papel de eixo articulador de toda a área central da cidade.

Nesse caso, não entraremos mais num debate específico em torno das problemáticas inerentes ao trabalho com material iconográfico nos estudos em História, no caso a História Urbana, o que não significa, porém, que são fundamentais suas realizações, ainda limitadas aos profissionais historiadores⁸². Por outro lado, percebe-se que a inserção

⁸¹ As fotografias estão organizadas no Volume II – anexo com fichas de catalogação.

⁸² Duas referências autorais fundamentais nas problemáticas relativas ao trabalho com fotografia são, Ana Maria Maud de Souza Andrade e Solange Ferraz de Lima. ANDRADE, A. M.M. de S. "História, iconografia e memória". In: Os desafios Contemporâneos da História Oral. SIMSON, O. R. de M. (org). Campinas,

das fotografias nos estudos realizados por arquitetos e urbanistas ainda é, em sua grande maioria, trabalhada exclusivamente com uma conotação ilustrativa; se não dessa forma, na melhor das hipóteses como índice de uma determinada época, sendo capaz de revelar elementos da vida material, detalhes de arquitetura, elementos de infra-estrutura urbana e obras públicas. Nesse caso, segundo Ana Maria Mauad, se a leitura da imagem não mais está limitada a uma ilustração, porém ainda fica restrita a uma *"avaliação iconográfica da foto"*, numa relação definida pela autora como imagem/documento (MAUAD, 1997.p.315).⁸³

É na interação entre aqueles conjuntos de documentos –Relatórios, Posturas e Imprensa, entre outros- que as problemáticas levantadas sobre a cidade de Ribeirão Preto, entre os fins do século XIX e início do século XX, estão sendo reveladas e analisadas. Uma interação, que não determina os problemas, mas é o caminho para a compreensão de uma realidade urbana ávida pelo progresso material e social.

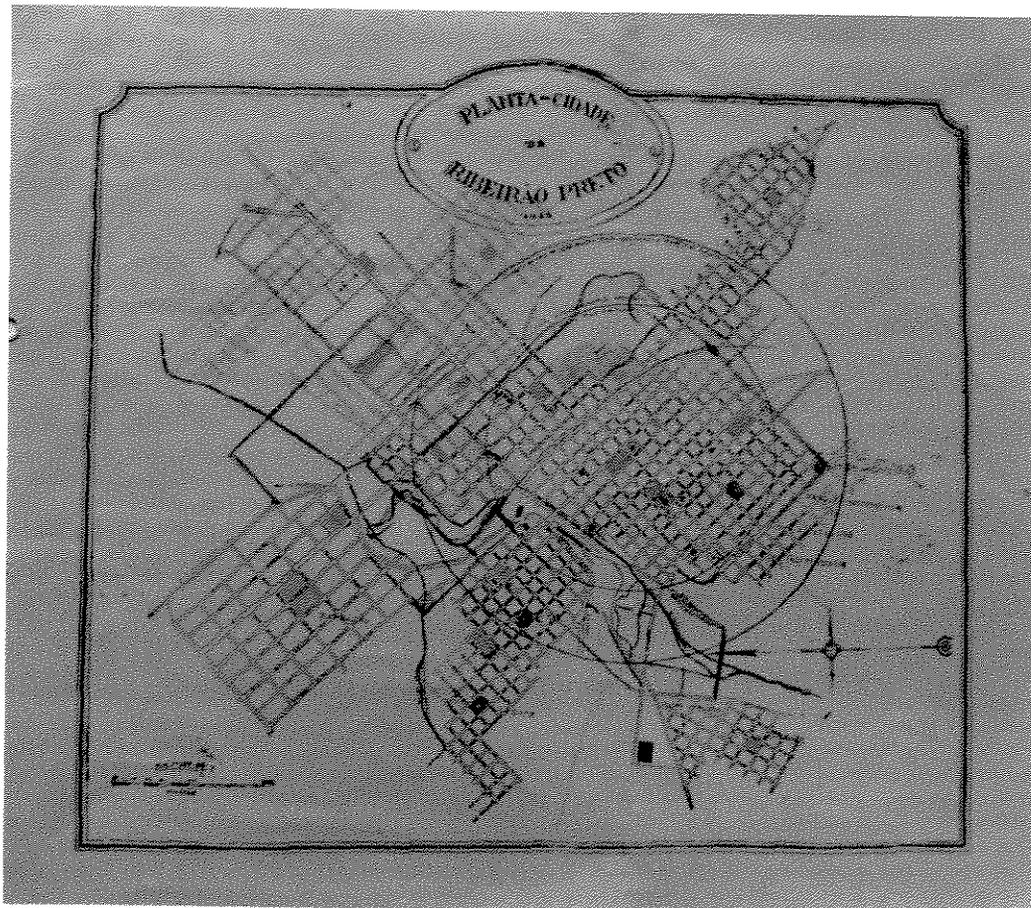
Cumprindo a intenção de ser uma outra contribuição aos estudos urbanos, através do objeto cidade de Ribeirão Preto, e somando-se a estudos realizados por pesquisadores de diferentes disciplinas, o presente trabalho efetiva-se também como contribuição àquela

CMU/Unicamp, 1997.; ANDRADE, A. M.M. de S. "Sob o Signo da Imagem: A Produção da fotografia e o controle dos Códigos de Representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX". Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1990.; LIMA, S. F. de." São Paulo na virada do século: as imagens da razão urbana - a cidade nos álbuns fotográficos de 1887 a 1919". São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, FFLCH/USP, 1995.; LIMA, S. F. de; CARVALHO, V. C. de." Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo / Álbuns de São Paulo (1887 - 1954)". Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

⁸³ Ainda segundo Mauad, quando a fotografia, na sua mensagem, extrapola a comunicação pura desses elementos materiais da vida, e oferece a possibilidade de revelar o que sociedades passadas pretenderam tornar perene, das suas próprias características, para o futuro, ela se estabelece como imagem/monumento. Nesse caso, para a autora ela é uma mensagem, e como tal, *"direciona a análise para o estudo das linguagens, no contexto de uma abordagem semiótica"* (MAUAD, op.cit.p.316).

interiorização dos estudos urbanos, no sentido mesmo do avançar pelo interior também urbanizado do território nacional. Uma opção que verdadeiramente possibilitará a compreensão de um Brasil que não é só Urbano - e todas as implicações que essa dimensão pode oferecer **como porta de entrada** aos estudos - em cidades capitais de Estados.

CAPÍTULO DOIS
RIBEIRÃO PRETO, UMA CIDADE EM CONSTRUÇÃO



Planta da Cidade de Ribeirão Preto no ano de 1925. Nessa época, a ocupação urbana não mais está restrita à área central – atualmente denominada de quadrilátero central. Algumas inscrições realizadas sobre o mapa, como as áreas verdes e legendas, foram realizadas posteriormente à época de confecção do mapa. Da mesma forma, a implantação do Edifício Diederichsen, os Teatros Carlos Gomes e Pedro II, indicam que essas inscrições foram realizadas entre o ano de 1930 e 1945. No canto Direito superior do mapa, é possível identificar a implantação do Núcleo Colonial Antônio Prado com a localização do 4º Cemitério, na Avenida da Saudade. No mapa as três principais praças estão também localizadas: Praça XV de Novembro, Praça 13 de Maio e Catedral e Praça Aureliano de Gusmão (Sete de Setembro) e os dois córregos canalizados na extensão da área urbana. **Fonte: Arquivo Público de Ribeirão Preto**

Sujeira, Pobreza e Doença: resquícios do núcleo rural e as primeiras ações higienizadoras nos debates da Câmara Municipal

"(...) Estando em S. Simão, commetteria uma grave falta, si por ventura deixasse de percorrer aquelle município, cuja fertilidade e grandeza ouvira apregoar desde a infância, e se me affigurava sempre como uma cousa phantastica. E este desejo tomára maiores proporções depois da leitura dos magníficos artigos publicados na Provincia, sob o titulo de – Terra rôxa e assignado pelo muito distincto medico e abalisado philosofo dr. Luiz Pereira Barreto¹, que magistralmente descreveu as bellezas produtivas do abençoado e surprehendente torrão de que ora passo a ocupar-me. Partindo da villa de S. Simão para a do Ribeirão Preto, distante 8 leguas, percorre-se o espaço de 2,5 leguas, atravessando um terreno esteril e arrenoso, porém avistando-se a correr parallelamente as esplendidas cordilheiras de que já me occupei, e em cujas fraldas divism-se as bellas plantações a que tambem já me referi.

¹ Os artigos de Luiz Pereira Barreto estão publicados no jornal "A Província de São Paulo", nos dias 2,3,5,6,7,8 e 10 de dezembro de 1876. Os artigos estão direcionados aos interesses dos produtores de café. A abordagem é centrada na análise das qualidades da terra roxa da região de Ribeirão Preto, apontando para um florescimento das atividades agrárias relacionadas à produção de café no chamado "Oeste Paulista". Segundo Pereira Barreto, em artigo do dia 10 de dezembro de 1876, "Só este era bastante para colocá-la acima de tudo quanto a imaginação pode conceber de mais surpreendente. É ali que a natureza tropical condensou todas as forças de sua fecundidade e derramou à profusão todas as maravilhas de sua onipotente criação. O Ribeirão Preto é o vasto território em que a "Flora Brasileira" se ostenta em sua mais enérgica e deslumbrante expressão. É a esse município que eu aconselharia uma visita a todos aquelles que aprenderam a achar um supremo gozo nos grandes contatos com o mundo criador, no grandioso espetáculo da natureza viva. Graças às suas terras excepcionais, a Província de São Paulo é a única que escapará ao naufrágio geral da nossa lavoura".

Findo esse espaço cheguei ao lugar denominado Cachoeirinha, divisa dos dous municípios, e transpondo o pequeno regato, pisei terras rôxas do Ribeirão Preto.

Nada vira ainda, mas começando a subir o espigão onde encontram-se os terrenos do sr. Franco e outros, meu espirito de agricultor sentiu-se tocado pelo entusiasmo, e o meu amigo e companheiro de viagem, Jezuino de Mello, previniu-me de que d`ahi por diante se nós deparariam terrenos iguaes áquelles.

Subindo mansamente, galgámos o espigão, na altura de 820 metros, e continuei a percorrer a estrada em terrenos sempre altos até galgar o platô das Cravinhos, a 890 metros de altura. Pertence ésta immensa fazenda e uma das melhores que tenho visto, aos irmãos do dr. Luiz Barreto.

Mede approximadamente 800 alqueires de terra, toda propria para café, por ser muito alta, e a qualidade do terreno e sua disposição, constituem uma verdadeira maravilha(...).

Da casa do dr. Barreto, ainda subindo alguma cousa, cheguei ao espigão de Cantagalo para começar a descer em direção á villa do Ribeirão Preto, acompanhando o valle do corrego do Retiro.

Dessa alta posição em que me achava, descortinei, a confinar com o horizonte, cordilheira de muitas leguas de extensão, prolongando suas longas e azuladas fraldas, para os valles de Guassú e Rio-Pardo, que, ciosos dessas riquezas, correm a unir-se no Pontal, como que para guardar o maoir, mais rico,

mais deslumbrante e fascinador torrão agrícola da província de S. Paulo, senão de todo o Brazil” (JÚNIOR, 1877) ².

Nem café, nem ferrovia, nem imigrante. A respectiva ordem destes três fatores, que orientou o florescimento econômico e social da região, determinando também os estudos a partir dos anos de 1970³ sobre a cidade de Ribeirão Preto, ainda não está presente no relato do viajante.

A paisagem geográfica, que surge através da viagem de Martinho Prado Júnior e relatada no jornal “*A Província de São Paulo*”, caracteriza um interior ainda pouco explorado e sem nenhum tipo de aproveitamento intensivo dos seus recursos naturais. Rios importantes como o Mojiguagu ou o Rio Pardo, que o viajante aponta no relato, estão ainda muito distantes dos incipientes núcleos urbanos, como é o caso de São Simão e Ribeirão Preto, ambos objetos de análise de Prado.

A situação, no caso de São Simão, relatado em primeiro lugar, obedecendo à lógica do território, de quem está no sentido da capital da Província em direção ao interior⁴, na visão de Martinho Prado, é lastimável diante da imponência da natureza. Segundo Prado,

² JÚNIOR, M. P. “Municípios de S. Simão e Ribeirão Preto”. *Jornal A Província de São Paulo*, 16 de outubro de 1877.

³ No primeiro capítulo foram apontados vários trabalhos acadêmicos e memorialistas sobre Ribeirão Preto. A orientação, no caso das pesquisas acadêmicas, está amarrada pelo tripé café-ferrovia-imigrante, e os objetos efetivos das pesquisas surgem na atmosfera de dominação dos três fatores. As perguntas relativas aos objetos de pesquisa foram elaboradas a partir da tríade, e as respostas saíram tanto de cada elemento em particular quanto em conjunto. Assim, para os estudos sobre as artes, os cabarés, o cotidiano e a arquitetura, entre outros vários temas, as respostas estão construídas exclusivamente – e tal determinação aponta para o que denominamos aqui de “Micro-Respostas” – pela riqueza proveniente das exportações do café, dos produtos importados da Europa e transportados até o interior através dos trilhos da ferrovia.

⁴ A condição ainda inexplorada das terras mais interioranas da Província de São Paulo são também registradas pelo viajante. “Assim, estando em Casa-Branca, dirigi-me á villa de S. Simão, distante desta cidade 12 leguas, em sua quasi totalidade de uma

"(...) com o espírito abatido pelo longo percurso de uma paragem tão monótona, senti-me, reviver ao aspecto magestoso da Serra de S. Simão, que contrasta com a pequenez da villa situada na fralda da serra. É uma das povoações mais abandonadas que conheço, e que deverá ser para o futuro muito importante, pela riqueza dos terrenos que a circundam" (Ibidem, 1877).⁵

Assim como Luiz Pereira Barreto em seus artigos no mesmo *jornal* "A Província de São Paulo", no ano de 1876, Martinho Prado acredita que toda a riqueza da região ainda se encontra no futuro. Um futuro que caminha juntamente com dois fundamentais aspectos, segundo a perspectiva dos dois escritores. Em primeiro lugar, a diminuição da produção cafeeira, inicialmente em terras fluminenses, passando pelo Vale do Paraíba e focalizada, na época, na região de Campinas, em função de um intenso processo de desgaste do solo. Em segundo lugar, o que os dois mais insistem em apontar como principal fator da possibilidade de um intenso processo de produção de café: a qualidade da Terra Roxa. De acordo com Pereira Barreto,

"é na constituição física e na espessa camada de terreno roxo, que reside o segredo da sua uberdade e toda a garantia da provincia de São Paulo" (BARRETO, 1876).⁶

A garantia do enriquecimento cada vez maior dos grandes fazendeiros, e também de um enorme acúmulo de terras em poder de famílias, como os Reis, Prado, Dumont, Junqueira, Schimidt e Barreto, entre

aridez incalculavel, pois, á excepção das serras do Taquarussú e Arrepido, pertencentes ao município de Casa-Branca e que ficam á esquerda da estrada que vae a S. Simão, toda ella atravessa um areial profundo e abrasador. Atravessa-se um verdadeiro deserto, sem habitações, sem agua, e de um aspecto lugubre pela pobreza da vegetação".

⁵ JÚNIOR, M. P. op. Cit., 16 de outubro de 1877.

outras, que dominariam toda a vasta região da Bacia Pardo-Guaçu, e formariam riquezas enormes, implicando uma dominação não somente econômica, mas também política, por parte dos coronéis do café e suas famílias.

Na continuação da viagem entre São Simão e Ribeirão Preto, Prado atinge o ponto mais alto entre os dois municípios, avistando o imenso vale que se abre diante dos olhos. O deslumbramento com as vastas terras propícias ao plantio do café contrasta com a caracterização da paisagem que acompanhou o viajante pela vastidão ainda intocada pela civilização.

Do Cantagalo, como indica Prado, o cenário tão desejado pelos olhos dos que acreditavam no futuro, no progresso que a riqueza do café poderia instituir. No desejo da brevidade do tempo entre o estado "in natura" da região e sua completa transformação em fazendas produtoras e exportadoras, o viajante desce o outro lado da serra.

"Descendo o valle do Retiro, encontrei numerosas habitações, todas proximas umas das outras, pertencentes a gente pobre, mas de uma pobreza que contrasta singularmente com a do povo de outros municipios. As casas são todas cobertas de telhas, possuem optimas pastagens, e ha um certo bem estar, que não se econtra no seio da população de outros logares. A explicação de tudo isto dá-se pela riqueza excepcional do solo (...). O animal, o boi, o porco, devido ás pastagens, é de aspecto diverso e gordo; enfim o pobre ahi é rico, sem outro auxiliar mais que o fogo. Pernoitei em casa do synpático sr. Luiz da Cunha Junqueira, e no dia seguinte, acompanhando

⁶ BARRETTO, L. P. "A Terra Roxa". Jornal A Província de São Paulo. 06 de dezembro de 1876.

ainda aguas do Retiro, cheguei á villa do Ribeirão Preto”
(JÚNIOR, 1877)⁷.

Nos primórdios da sua origem, a região onde se estabeleceria o município de Ribeirão Preto era ocupada por várias fazendas⁸ que se originaram de posse das terras por famílias provenientes sobretudo das Minas Gerais. Somente a partir da 1850, com a Lei de Terras, é que a propriedade fundiária se efetivaria através de compra legalizada, dando início ao que alguns estudiosos identificam como o início do processo de formação dos grandes latifúndios em poder poucas famílias, capazes de comprar novas áreas devido ao seu poder econômico.

Das tais fazendas que compreendiam a área do município, e que tentavam, através da doação de terras aos patrimônios eclesiásticos, desde os anos de 1845, a formação do Patrimônio Religioso de São Sebastião, nenhuma delas foi aceita pela Igreja, em virtude da não obediência às normas estabelecidas pela Câmara Episcopal, quanto à questão da legitimidade das terras em nome de seus proprietários, ou mesmo dos valores mínimos exigidos.

Somente no ano de 1856, com a divisão judicial da fazenda Barra do Retiro, realizada em 16 de junho, é que seria demarcado o Patrimônio de São Sebastião⁹, e posteriormente nomeado pelas autoridades

⁷ JUNIOR, M. P. op. cit., 16 de outubro de 1877.

⁸ As fazendas eram: Palmeiras, Lageado, Barra do Retiro, Serrinha, Cravinhos, Retiro, Laureano. As referências de fonte para a indicação das fazendas estão localizadas em vários trabalhos. No caso, informação do próprio Arquivo Público de Ribeirão Preto

⁹ Não é objetivo do presente trabalho uma abordagem detalhada do processo de formação do município de Ribeirão Preto. O estudo das primeiras ocupações, as divisões das fazendas para doação de terras ao Patrimônio Religioso, entre outras questões relativas à origem de Ribeirão Preto, podem ser encontradas em várias pesquisas, entre elas: LAGES, José A.C.: "Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro - povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX". Ribeirão Preto: VGA, 1996. LAGES, José A.C.: "O povoamento da Mesopotâmia Pardo-Mojiguaçu por correntes migratórias mineiras: o Caso de Ribeirão Preto". Dissertação de Mestrado apresentada à FSDSS-Unesp, Franca, 1995.

eclesiásticas, como fabriqueiro do Patrimônio do Santo, o Sr. Manoel de Nazareth Azevedo, responsável pela ordem do povoado em formação.

Caracterizada pela vida estritamente agrária e sua população dedicada ao cotidiano dos trabalhos nas fazendas, a vida social, nesse momento, se estabelecia principalmente através das atividades religiosas, com os primeiros cultos realizados numa capela provisória localizada entre as atuais Ruas Barão do Amazonas, Cerqueira César, General Osório e Duque de Caxias¹⁰. Somente a partir do ano de 1868, com a construção da segunda capela, a Igreja Matriz, aquele ambiente rural começaria a sofrer uma alteração, se não ainda do cotidiano da população local, através do aparecimento de atividades comerciais, serviços e lazer, mas de uma organização espacial definida pelo edifício da Igreja.

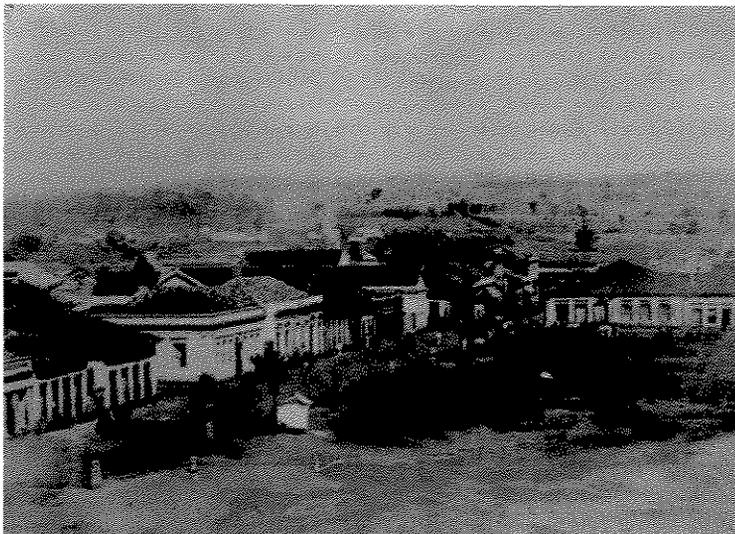


Foto 01

Imagem do Largo da Igreja Matriz no início da década de 1890. É evidente a inexistência de qualquer melhoria urbana. A imagem possibilita compreender o alinhamento definido pela ocupação nos lotes em relação ao ainda incipiente arruamento.

A imagem visualiza o cruzamento das ruas General Osório e Álvares Cabral. No fundo, o que será o Bairro Vila Tibério

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

¹⁰ "Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Memória: As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004". Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto & Câmara Municipal de Ribeirão Preto (org). Ribeirão Preto: Editora COC, 2001. No texto foi utilizada a nomenclatura atual das ruas da cidade, pois a primeira denominação oficial ocorreu na Sessão da Câmara em 15 de julho de 1874. Eram, respectivamente, Travessa da Lage, Cerqueira César?, Rua do Bonfim e Rua 4 de Junho.

Sua localização no centro do que seria denominado Largo da Matriz¹¹, impunha uma primeira ordenação urbanística para a ocupação do entorno, tanto dos arruamentos que começariam a se formar a partir do imenso quadrilátero do Largo, quanto das edificações que surgiriam alinhadas ao mesmo.

Essa ordenação, no que diz respeito às normas¹² estabelecidas por órgãos públicos¹³ - em relação ao crescimento daquele pequeno núcleo-, sobre terrenos, dimensões e nomenclaturas de ruas, a localização dos primeiros equipamentos, problemas de higiene, entre outras, seriam oficialmente elaboradas e aplicadas a partir da constituição da primeira Câmara Municipal, em 13 de julho de 1874.

¹¹ A utilização do termo "Largo da Matriz" não está definida pela compreensão da área como de fato um Largo, como uma possível "evolução" morfológica de um Terreiro. No caso, o termo utilizado no presente trabalho está presente nas documentações oficiais da Câmara Municipal, desde o século XIX, como aponta um requerimento de 25 de fevereiro de 1886, para mandar "feixar o perimetro do largo da Matriz em frente a Igreja, cujo feixo esta orçado em 500\$000, obrigando-se os Supptes. A fazerem a sua custa um jardim perfeitamente arborizado para recreio da população". Acreditamos na necessidade de um estudo detalhado sobre a morfologia urbana da Praça XV de Novembro -antigo Largo da Matriz- com as ocupações ao longo dos anos. Esse, porém, não é um objetivo desta pesquisa. Fundamental para um estudo mais detalhado sobre o tema no Brasil é o trabalho de Murillo Marx sobre as transformações dos espaços urbanos no Brasil. "Nosso Chão: Do Sagrado ao Profano". São Paulo: EDUSP, 1988. Segundo Marx, "já num tempo em que perdem força as normas eclesiásticas, as ordens religiosas, as confrarias e suas respectivas construções, quando se multiplicam novas fundações urbanas em muitas regiões, ostentando outra conformação, porém dominadas, como até hoje no oeste paulista, norte paranaense, no sul mineiro, por sua matriz. Praça em torno da qual giram a vida e o melhor esforço edilício locais. Nenhuma outra área comum lhe antecede em importância, em presença e trato municipal. Dificilmente a superará também em superfície". (Ibidem.p.130).

¹² No caso das cidades brasileiras, um conjunto importante de normas eclesiásticas determinou sua formação urbana desde as origens. Por exemplo, como aponta o trabalho de Marx, as "*CONSTITUIÇÕES primeyras do arcebispado da Bahia* do anno de 1707. Lisboa Occidental, Officina de Pascoal da Sylva impressor de sua Magestade, 1719. 618 p." Normas que estabeleciam, inclusive, segundo Marx, "uma série de situações não toleradas nos adros de seus templos, que seriam os de quase todo o Brasil até recentemente". (Ibidem.p.124).

¹³ Para as formações urbanas mais recentes, caracterizadas pela perda de força das normas eclesiásticas, como apontou Marx, a ordenação urbanística também vai sofrer uma nova orientação. De acordo com Marx, "talvez diante do poder municipal, do fórum da comarca...nessas cidadezinhas dos últimos dois séculos, nascidas já sob prevalência de preocupações eminentemente laicas e, embora tênues, sob o influxo de

Uma vez que, até a data de 12 de abril de 1871, quando foi elevada de Freguesia de São Sebastião do Ribeirão Preto¹⁴ à categoria de Município, pela Lei Nº 67, da Assembléia Legislativa Provincial, Ribeirão Preto estava atrelada juridicamente ao Município de São Simão, o que a tornava dependente de uma série de serviços desta municipalidade. Até mesmo a distância, para a época, entre os dois, dificultadas pelas possibilidades de acesso entre ambas, favorecia ainda mais, não só a dependência, mas o isolamento de Ribeirão Preto.

Tal situação de autonomia que fora conferida ao município de Ribeirão Preto através do seu desmembramento de São Simão, consolidando poderes legais e legítimos, e também delimitando todo o seu território, implicava, porém, uma série de obrigações que a municipalidade e seu representantes teriam que adotar. Uma delas, e já presente no texto da referida Lei nº 67, pelo seu Art. 1º, dizia: *"Fica elevada á cathegoria de Villa a Freguezia do Ribeirão Preto(...) devendo seus habitantes construir a Casa de Camara e Cadeia"*.

Era efetivada, portanto, a necessidade das Instituições que atuavam no controle, no estabelecimento da ordem da vida urbana que se formava: a Casa das Leis, Decretos e Posturas, que iria normatizar questões relativas à higiene municipal, edificações, equipamentos e serviços urbanos e outros vários temas do cotidiano dos que se inseriam na categoria "cidadão", e a Casa da Ordem, do Controle e Punição, que iria excluir do convívio social os que eram considerados desvios, não só dos códigos legais, mas, principalmente, dos códigos morais estabelecidos. E toda essa normatização da vida se inicia, como

visões de urbanismo calcadas muito mais em questões higiênicas e estéticas". op. cit.: 130.

¹⁴ Através da Lei Nº 51 da Assembléia Legislativa Provincial, no seu Artigo Único, "A Capella do Ribeirão Preto, do Município de São Simão, fica elevada á Cathegoria de FREGUEZIA, subsistindo as atuais divisas eclesiásticas, revogadas as disposições em contrário."

foi anteriormente mencionado, pela primeira Sessão da Câmara Municipal de Ribeirão Preto.

No início das suas atividades legislativas, a Câmara Municipal se defronta com questões de ordem distintas. De um lado, aquelas referentes à tentativa de criação não só das instituições públicas que deveriam orientar a vida do então município, mas, principalmente, da construção de toda a estrutura física, ainda inexistente, como é o caso da Casa de Câmara e Cadeia. Pelo texto da Ata de 15 de julho de 1874 é possível verificar a inexistência dos edifícios e as condições de trabalho dos vereadores na época:

"(...) foi indicado que esta Camara fissesse publico por ediates o logar onde tem destinado para os trabalhos Municipaes, e destinar uma casa para servir provisoriamente de prisão. Pelo Presidente foi apresentada uma emenda offerecendo, não só para os trabalhos da Camara como para foncionar n'ella qualquer outras Authoridades em actos de seus officios tão somente durante o corrente quatrienio, o commodo que está anexo a casa do cidadão Francisco Roiz de Faria".

As dificuldades relativas à construção dos edifícios próprios para o exercício das atividades legislativas e de reclusão, no caso da Câmara e Cadeia, perdurariam por um tempo longo, principalmente em função das dificuldades orçamentárias que impediam não só o aluguel de casas com maiores cômodos, mas, e principalmente, a construção de um edifício, prolongando o debate até o final dos anos de 1880, quando da construção de um edifício próprio.

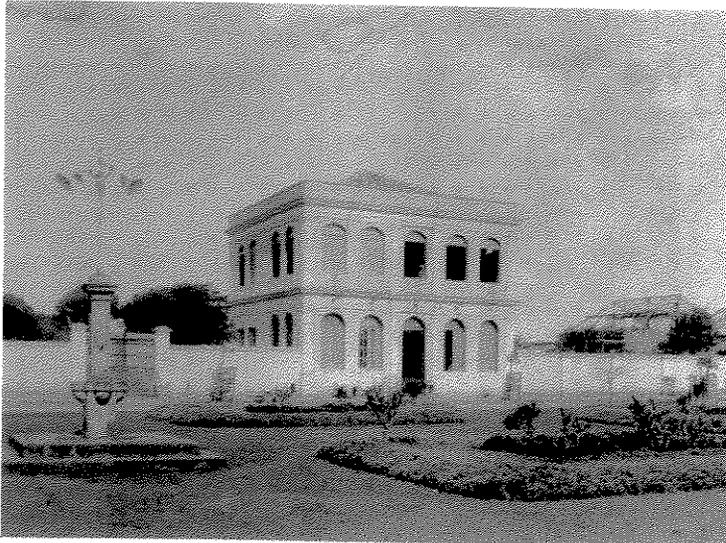
**Foto 02**

Imagem da Praça Rio Branco já nos anos de 1910, com o edifício da Casa de Câmara e Cadeia, que ainda exerce serviço público municipal. A Praça já está desenhada por pequenos jardins em seu interior, definindo assim seu perímetro. Fotografia realizada por Flosculo de Magalhães.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Fundo: José Pedro Miranda

Por outro lado, as questões da higiene e saúde pública já entrariam na pauta das discussões dos vereadores, nas primeiras sessões da Câmara.

No ano de 1874 foi tema dos debates entre os vereadores a construção do Matadouro Municipal, com o objetivo de iniciar algumas melhorias para o município, ainda destituído de qualquer infraestrutura urbana, como calçamento, jardins e iluminação, entre outros. A preocupação com esse aspecto rural e o objetivo de transformar tal condição ficam evidentes através da existência, já nos primeiros dias de atuação dos vereadores, de uma Comissão de Obras Públicas. Tal Comissão foi também, entre outras obras, responsável pela demarcação do local para edificação do Matadouro e, segundo Ata do dia 16 de julho de 1874, o local escolhido foi "*(...)o terreno que se acha á beira do corrego do Retiro, no fim da rua Boa Esperança e travessa da rua Botafogo*".

Para a época, a localização do edifício do Matadouro poderia não ter representado nenhum tipo de problema em relação à área já ocupada

do município, limitada ao entorno da Igreja Matriz. Nenhum dos dois córregos que banhavam o território municipal –tanto o Retiro quanto o Ribeirão Preto– apresentavam uma intensa ocupação, além das áreas de pastagens e cultivos, pois, o crescimento ainda era demasiadamente lento e, como já foi mencionado, restrito ao entorno da Matriz.

Serviços Urbanos e Higiene

Essa situação iria se alterar alguns anos depois, pelo próprio crescimento da área urbana, com o arruamento que se expandia do Largo num tabuleiro linear de vias ocupadas pelas casas de habitação e comércio.



Mapa da cidade no ano de 1874. A expansão da cidade nessa época está direcionada para o córrego do Retiro, local de implantação do Matadouro Municipal. Nessa época, o Largo é a principal área pública, dominado pelo edifício da Igreja.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

Aquela distância praticamente não existia mais, e os primeiros problemas relativos àquela atividade municipal e sua proximidade com o município entrariam novamente na ordem dos debates. Através da Ata de 19 de dezembro de 1876 verifica-se que

"(...)sendo muito inconveniente para a salubridade publica continuar a permanecer no lugar em que está o matadouro publico não só por que está apenas quinze braças mais ou menos de distancia de moradias de familias como por que é perto do correjo onde geralmente os moradores desta Villa mandão faser a lavagem de roupa e alem disso o lugar em que foi marcado o matadouro não se presta a limpeza precisa exalando dali continuamente um máo cheiro no que só pode prejudicar a saude como incomodar os moradores de mais perto".

Conforme o texto da Ata, a iniciativa, ou melhor, a alternativa para os problemas que o Matadouro trazia, em função das atividades de abate de animais, era sua mudança das proximidades das moradias que já alcançavam a margem do Córrego do Retiro. Em nome da salubridade pública, a permanência do Matadouro no local poderia, também, iniciar qualquer tipo de contaminação das pessoas em contato com o sangue que corria dos animais, pelo uso diário que faziam do Córrego, como aponta a Ata, para a lavagem de suas roupas. Até condições físicas das suas instalações eram um problema sério e antigo, não só pela pouca limpeza que nele se fazia, mas, também, pela qualidade dos materiais utilizados na sua construção. Ainda no ano de 1875, o próprio Fiscal da Câmara solicitava uma série de melhorias das instalações do local, que foram aprovadas e realizadas pela Câmara, que deliberou

"(...) que se ladrilhasse com pedras o matadouro publico num sisthema abaulado, afim de Ter livre o curso o sangue do gado, para não causar miasmas pestilentos, ordenando-se ao Procurador desta Camara para contactar esse ladrilhamento"¹⁵.

Concomitante aos problemas de higiene pública, representados principalmente pelo Matadouro Municipal nos primeiros anos de Legislatura da Câmara, uma intensa epidemia de varíola assolou o município, em 1875, demandando ações urgentes por parte dos vereadores. Algumas das decisões tomadas e colocadas em prática deixam claras as intenções no trato para com os doentes e com os que faleceram da doença, assim como, para o que de certa forma poderia, desde aquele momento, representar a permanência do **mal** que a epidemia significava. As ações do poder público municipal, nos seus objetivos de eliminação da varíola, adotariam sempre a mesma postura, a do isolamento daqueles que pudessem ser, na sua condição de pobres e miseráveis, os vetores de transmissão de miasmas e pestes.

Era urgente,

"em consequencia da enfermidade da varíola que infelizmente está grassando neste município (...) promover uma subscrição a favor desses infelises",

e também, a partir da *"necessidade de promover-se os meios por meio de um Directorio, afim de tratar de socorrer os pobres que forem affectados de variola"*, colocar fim à epidemia.

É interessante perceber que a relação imediata da doença com os que eram pobres e, portanto, duplamente infelizes, por serem pobres, como condição natural e também, naquele momento, portadores da

¹⁵ Ata da Sessão da Câmara Municipal, de 20 de janeiro de 1875

doença, opera a construção-criação¹⁶ de uma significação, não só simbólica, mas materializada num ser que é humano. Aqui, humano como estrutura biológica, mas que não é -em sua condição de pobre, infeliz e muito mais que simples doente ou falecido, portador da doença, no sentido de a ele estar definitivamente colado, amalgamado- um ser social.

É nesse sentido que, com esses **incômodos** da urbanização em processo, objetivou-se a eliminação, através de medidas ou estratégias -contra tais "miasmas", "pestes"- que transitavam tanto pelo discurso sanitário quanto pelo discurso policial, do que estava fora daquela ordem e, portanto, identificada nesse ser pobre-infeliz-doente, como desvio, ou ainda, como desviante. Esta última condição acaba se tornando mais perigosa aos olhos das instituições, pois, naquela condição de pobre-infeliz-doente, era dotado de capacidade de ação, já que estaria operando o desvio da ordem urbana e social. Distinto, portanto, dos que, na sua situação exclusiva de desvio, estabelecida pela sua pobreza e infelicidade, quando atingidos pela epidemia que se alastrava pelo município, eram naturalmente excluídos, na mesma ótica de uma "seleção natural", pois excluídos já eram, no sentido de estarem à margem do corpo social.

Das medidas adotadas pelos vereadores diante da situação de emergência em que se encontrava o município, duas delas indicam como a situação era considerada grave. Uma delas é criação de um hospital de variolosos.

¹⁶ Em fundamental e vigoroso trabalho que aborda a problemática do imaginário social, no caso, em estudo de doenças, Lepra e Aids, Ítalo Tronca (TRONCA, 2000) fala desse imaginário "(...)não como reflexo de alguma coisa ou como fictício, mas como criação essencialmente psíquica e indeterminada de figuras, formas e imagens somente a partir das quais se pode falar alguma coisa". Adotamos, aqui, justamente a noção estabelecida pelo autor de "criação", no texto como construção-criação.

A atuação desse serviço urbano de saúde estava provavelmente relacionada com trabalhos de internação, profilaxias e vacinação da população, uma vez que o cargo de vacinador, criado pela Comissão de Variola do Município, já era discutido na Câmara e exigido pelo Inspetor Geral de Saúde da Província, como consta nas Atas, no período de 16 de novembro de 1875 a 21 de março de 1876.

Uma outra medida adotada nos trabalhos de combate à epidemia foi a construção de um cemitério de variolosos. O fato poderia significar uma possível previsão das dificuldades que a municipalidade teria no combate à doença, o que ocasionaria grande mortalidade na cidade, conforme texto da Ata de 15 de novembro de 1875,

"(...)atendendo a molestia de variola que infelizmente principia a encommodar este municipio, que se fizesse um cemiterio fora do patrimonio afim de serem sepultados os que fallecerem da variola, o que posto a votos, deliberou a Camara aprovar a mesma indicação, e nomeou uma commissão afim de ver o terreno mais apropriado na fazenda do Ribeirão Preto(...)".

coadunando assim com a intenção clara de localizar o mais longe possível do meio urbano a ameaça da varíola, mesmo após o falecimento das pessoas acometidas pela moléstia.



Foto 03

Hospital de Isolamento de Ribeirão Preto. Demolido no Estado Novo estava situado nas margens do córrego Ribeirão Preto, nas proximidades da chamada Estação do Alto. A fotografia não está datada.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Foi em meio a esses fatos que marcaram as primeiras décadas do Município, que ainda crescia lentamente nos anos finais da década de 1870, que Martinho Prado chega à Vila do Ribeirão Preto. Problemas de higiene urbana, saúde pública e início da construção da infra-estrutura urbana, inexistente ou precária até aquele momento, são a imagem daquele ambiente ainda rural.

Por outro lado, em oposição a essa difícil situação do município, estão as argumentações de Martinho Prado em relação ao potencial agrícola de Ribeirão Preto. Nas suas intenções propagandísticas em relação ao potencial de todo o território municipal, os problemas do pequeno núcleo urbano não são abordados no relato. A todo momento a narrativa opera a construção da imagem do futuro, de um progresso certo, que naquelas terras fincará raízes: as raízes do café.

Nesta construção as distinções do município em relação a outras cidades surgem no relato, antes mesmo de adentrar a área urbana, ocupada nesse momento por edificações no entorno do Largo da Matriz. Com se viu, já na descida do Cantagalo em direção à vila, o viajante se impressiona com as "casas cobertas de telhas" e a qualidade das pastagens das terras daquela população¹⁷. Continuando seu percurso pela margem das águas do Retiro, Prado Júnior se depara com um município que é

"immensamente populoso em relação a outros, mas não em relação à sua área que é também imensa, compreendendo-se nella vasta extensão desahabitada".

Diante dessa impressão do Município, ainda reduzido quanto à ocupação de terras que compõem seu território, mas com uma população considerável¹⁸ pelo tempo de formação, datada oficialmente de 1856, o relato de Prado Júnior aponta para uma ocupação através de bairros estabelecidos nas proximidades do Córrego do Retiro.

¹⁷ Tal aglomeração situava-se na mesma área em que viria a ser formado o Bairro de Santa Cruz do José Jacques

¹⁸ No ano de 1874, o Município de Ribeirão Preto tinha uma população de 5552 habitantes. Se considerados outros Municípios como São Paulo, Campinas ou Taubaté, respectivamente com 31385, 31397 e 20847, verifica-se que a população de Ribeirão Preto é muito pequena, mas no intervalo de doze anos atingiria números próximos do dobro dessa quantidade, estando, em 1886, com 10420 habitantes. (MELLO & SAES, 1985)

**Foto 04**

Imagem do Córrego do Retiro vista da margem da área urbana da cidade, à época da chegada de Martinho Prado. Essa mesma região era a localização do Matadouro Municipal. Ao fundo, o Bairro Retiro com uma inicial ocupação por edificações. Esse mesmo fundo de vale seria transformado na Avenida do Café, nos anos de 1920.

Fonte: Arquivo Público e Histórico - APHRP

Conforme o texto, *"como o Bairro do Retiro, são também muito habitados, e com casas de telhas, os bairros das Posses, Lorianos, Sertãozinho, e Ribeirão Preto"*, o que caracteriza uma primeira vertente de crescimento do Município em direção ao Córrego do Retiro, local que também foi escolhido pela Comissão de Obras Públicas para a construção do Matadouro. Uma segunda orientação do crescimento de Ribeirão Preto se daria a partir do ano de 1883, com a implantação da Linha Férrea da Companhia Mogiana, que ocuparia as margens do Córrego do Ribeirão Preto.

A eloquência do discurso em defesa da qualidade das terras do Município, e, em verdade, dos seus interesses como grande produtor de café, fica ainda mais evidente quando continua sua comparação com outras cidades. Nesse aspecto, segundo o relato,

"Campinas, Limeira, Rio-Claro, Araras, Descalvado, Casa-Branca, etc., tudo é pequeno, rachítico, insignificante, diante desse incomparavel colosso. Ainda mais, todos esses

municípios reunidos, não podem disputar ao Ribeirão Preto a primazia, quanto á qualidade e extensão de seus terrenos de cultura”.

E continua sua divagação apologética das terras ainda ocupadas por uma população, cuja atividade produtiva estava vinculada a uma insignificante produção cafeeira¹⁹, dizendo que,

“conheço os municípios de Jundiahy, Campinas, Mogy-Mirim, Amparo, Ytú, Capivary, Piracicaba, Limeira, Rio Claro, Araras, Pirassununga, parte de Belém, Santa Rita, Casa Branca. Mocóca, Caconde e posso hoje dizer, sem receio de constatação, nada vi em relação ao quadro que tive deante dos meus olhos, durante a pergrinação pelo Ribeirão Preto, e entretanto, alguns destes municipios são extremamente importantes”.

Os objetivos eram, portanto, muito bem definidos. A região oferecia o que mais interessava aos senhores coronéis do café, ou seja, a terra, em qualidade e em quantidade. Construir essa imagem de um futuro grandioso para o município está além de uma generosidade que o olhar encantado do viajante registrou nas suas andanças. O perfil

¹⁹ Essa pouca relação da população local com a produção cafeeira foi também observada por Martinho Prado. Segundo o relato, “Até aqui quasi nada se tem feito no Ribeirão Preto, em relação á lavoura de café, cuidando seus habitantes exclusivamente na criação de porcos e internada de gado comprado, em outros pontos”. Em seguida, Prado Júnior demonstra que esse desinteresse à cultura do café nas terras do município assume também uma postura negativa, uma reação contrária por parte da população: “Ainda hoje, a grande maioria da população manifesta profunda hostilidade á cultura do café, e consideram os plantadores que alli teem comprado terras, como uns barbaros que levam áquellas paragens a pobreza e a ruina aos seus antigos habitantes. Habituaados a lançar o incendio ás capoeiras e mattas, afirm de prepararem verdes para o gado, cuidando em plantar os generos alimenticios sufficientes apenas á sua manutenção, viviam na abastança sem trabalho”. Prado Júnior expõe também como essa indignação da população surge através de versos de uma pequena prosa dos moradores: “Flando *trovado*, em linguagem de roça diz elle: *Si estiveres morto, Pega o teu porco. Si estiveres quebrado, Pega o teu gado. Mas com o café, Não Tenho fé*”. (PRADO, 1877)

promissor que fora traçado em jornais importantes sobre aqueles rincões perdidos no interior da Província, de tão difícil acesso, e, até aqueles anos de 1870, desinteressantes economicamente quanto à possibilidade de uma penetração da malha ferroviária²⁰, obedecia a uma lógica caracterizada pela ocupação e pela exploração. Uma lógica cujo resultado, ainda hoje verificado, foi a formação de grandes latifúndios de monoculturas.

Os resultados de toda essa ação propagandística foram sentidos nos dez anos seguintes às primeiras publicações. De início, um aumento populacional com as primeiras correntes migratórias para a região à procura das terras propícias ao plantio do café. A população do Município de Ribeirão Preto contava, nos anos de 1886, com 10420 habitantes e, mais tarde, em 1900, com 59195 habitantes.

Tal situação pode ser constatada a partir de um problema sério na cidade, relacionado com o aumento do número de pessoas mortas, ou seja, o da construção de cemitérios, que até o ano de 1893²¹ já eram quatro. À medida que a área urbana do município crescia, as áreas ocupadas pelos cemitérios tornavam-se tão incômodas que deveriam ser levados para lugares cada vez mais distantes.

Da sua localização primitiva no Largo da Igreja Matriz, o primeiro cemitério é transferido para o lado oposto à vertente de crescimento

²⁰ Segundo Ana Lanna, "Estabeleceu-se uma estreita vinculação entre o desenvolvimento da produção do café, o crescimento da população e as ferrovias. Nesse sentido a marcha pioneira e todos os problemas nela envolvidos foram tratados e considerados em virtude dos interesses dos fazendeiros e apresentados como de interesse coletivo". LANNA, A. L. D. "Uma Cidade na transição. Santos: 1870-1913". São Paulo, HUCITEC/PMS, 1996.

²¹ Em Ata da Câmara, de 19 de janeiro de 1893, "Fica autorizado o Presidente a fazer a aquisição do lote n. 16 do Nucleo Colonial Antonio Prado pertencente ao cidadão Antonio Martins Borracho para se estabelecer nelle o Cemiterio Municipal, contractado pela quantia de quatro contos de réis". Tal cemitério seria o Cemitério da Saudade, ou seja, o quinto cemitério do Município, se no total ficar incluído o Cemitério de Variolosos, que fora localizado além dos limites do Patrimônio da Fábrica.

que se dava em direção ao Córrego do Retiro. Esse segundo²² local de implantação do cemitério, que seria ocupado posteriormente pelo edifício da Catedral Metropolitana²³, rapidamente tornar-se-ia também incômodo ao Município, cujas terras começavam a ser loteadas e ocupadas por edificações.

Os pedidos de mudança do cemitério se intensificavam na Câmara, através de reclamações,

"propondo a mudança do cemiterio publico desta Villa, para outro lugar, visto estar quasi no centro da Villa, e não ter mais capacidade para receber cadaveres"²⁴,

ou, ainda, de preocupação com a higiene e salubridade do local, tendo em vista

"o estado ruinoso do actual e incapacidade de comportar maior numero de cadaveres, apelando-se tambem para a senerosidade publica, afim de fazer-se a remoção do actual"²⁵.

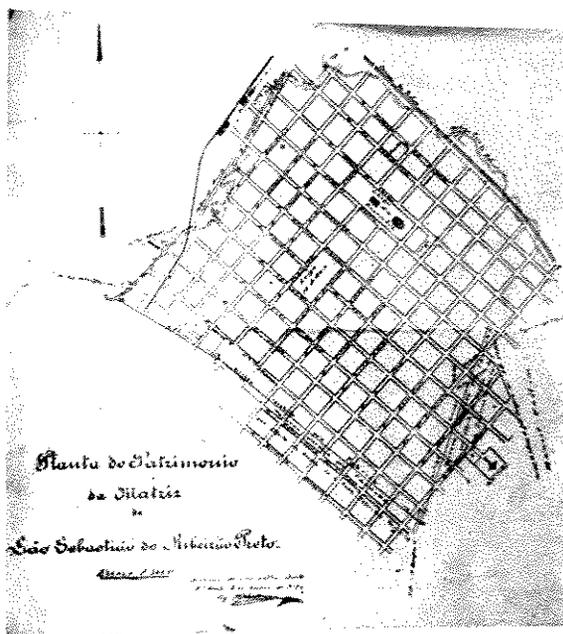
É importante perceber, também, que o tempo dos debates relacionados com a construção dos cemitérios é bastante longo, o que implica uma piora da situação até sua definitiva solução, seja ela de salubridade e higiene ou de capacidade de túmulos, apresentada pelos

²² A data exata de transferência do cemitério que se localizava no Largo da Matriz, não foi possível estabelecer. Por outro lado, os debates na Câmara Municipal sobre a construção desse segundo cemitério se dava ainda nos anos de 1878. Conforme Ata de 27 de fevereiro de 1878, "foi indicado que se nomeasse um directorio de quatro cidadãos deste termo para estes promoverem uma subscrição dos povos e com os productos desta edificarem um cemiterio nesta Villa".

²³ A construção da Catedral de São Sebastião se deu através da escolha de um projeto entre os 33 apresentados por engenheiros e arquitetos e expostos no Salão Nobre do Teatro Carlos Gomes. Segundo Maria Elizia Borges, "a discussão da comissão técnica restringiu-se às plantas de Victor Dubugras (1868-1933) e Carlos Ekman (1866-1940). A primeira foi considerada mais bela; a segunda, mais exeqüível, bem como a que mais se aproximava dos termos do edital". O projeto escolhido foi o de Carlos Ekman, que estabeleceu uma série de reformulações da proposta original, resultando em um Edifício Neogótico. O início da construção foi o ano de 1902 (BORGES, 1983.p.35)

²⁴ Ata de Câmara Municipal, Sessão de 26 de novembro de 1881.

próprios vereadores. Tal fato é também verificável nos debates em relação à construção do terceiro cemitério²⁶, que, iniciados nos anos de 1881, estenderam-se até 1888, quando a Câmara Municipal ordenaria ao Procurador entregar ao fabriqueiro Pedro Xavier, para a conclusão das obras, a quantia em dinheiro necessária.



Planta do Patrimônio da Matriz, segundo o dr. Caetano Álvares (1898).

Planta do Patrimônio da Matriz do São Sebastião do Ribeirão Preto, no ano de 1898. Ao centro do Mapa é possível identificar a implantação da Igreja Matriz e do Teatro Carlos Gomes. No canto esquerdo inferior, a marcação do cemitério concluído pelo Fabriqueiro Pedro Xavier. Nessa região, será implantada a Praça Aureliano de Gusmão. A essa época, o cemitério era delimitador da área urbana do município, na direção ao Morro do Cantagalo e São Simão.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto – APHRP.

Ainda assim, a inoperância parecia ser maior que as necessidades municipais, pois, nos anos de 1891, a construção de um outro cemitério entraria novamente na pauta dos debates dos vereadores²⁷.

²⁵ Ata da Câmara Municipal, Sessão de 8 de janeiro de 1883.

²⁶ O terceiro cemitério do Município de Ribeirão Preto foi implantado nas proximidades da área que seria ocupada mais tarde pela Praça Aureliano de Gusmão, que ficava no caminho em direção ao Bairro de Santa Cruz do Jacques e Cravinhos.

²⁷ Conforme Ata da Sessão de 23 de novembro de 1891 "Indico que, achando-se já quasi cheio o actual cemiterio d' esta cidade, que esta intendencia nomeie uma comissão para indicar um lugar apropriado e que offerela largura bastante afim de corresponder as necessidades sempre crescentes deste Município". Tal cemitério seria edificado em Lote do Núcleo Colonial Antônio Prado, num período em que o

Outras mudanças importantes, provocadas pelo desenvolvimento da atividade agrária monocultora do café, estão relacionadas às melhorias das condições urbanas. Ao se tornar o centro das atenções, e, atraindo, com isso, novos e numerosos habitantes, o município necessitava ampliar a rede de serviços urbanos oferecidos, públicos e privados, para atender à demanda crescente. Era fundamental, também, um conjunto de ações que ordenassem todas as medidas relacionadas à efetivação de uma infra-estrutura urbana adequada ao desenvolvimento que se processava.

Aquela situação da cidade caracteristicamente rural, sem calçamento, dominada pelo pó nos dias quentes e pela lama nos dias chuvosos, deveria ser transformada, visto que as atividades comerciais que começaram a se implantar no município necessitavam de um ambiente urbano propício ao seu desenvolvimento. Por fim, a cidade necessitava romper com as situações que representassem insalubridade e dificuldades aos cidadãos daquele lugar. E, nesses objetivos, as decisões dos vereadores foram determinantes do início da urbanização de Ribeirão Preto, fundamentalmente na sua região central, ou seja, o Largo da Matriz e arredores. E as diretrizes estabelecidas nas Sessões da Câmara limitavam-se a essa região.

As grandes construções, os projetos de iluminação, água e esgotos e construção de jardins públicos, entre outros melhoramentos, definiam-se como prioridades das administrações municipais naqueles anos finais de 1870, e toda a área central era o local privilegiado.

Uma primeira área determinada pelos vereadores foi estabelecida em 1878 como de fundamental importância ao município e, nesse sentido, merecedora das maiores atenções dispensadas pela Câmara no seu

crescimento da área urbana já se expandia para além dos limites naturais estabelecidos pelos Córregos do Retiro e Ribeirão Preto.

objetivo definido de estabelecer um conjunto de melhoramentos urbanos. Nessa delimitação pode-se perceber uma primeira intenção em estabelecer algum tipo de zoneamento, no caso, uma zona comercial através das principais ruas da região central da Vila. Conforme Ata de 26 de dezembro de 1878, ficou determinado que a

"Camara marque um quadro comprehendendo as ruas de mais commercio, para dentro do qual os terrenos que existierm pertencentes ao patrimonio devem ser limpos a custa desta Camara, os mais serem os proprietarios obrigados a conservarem limpos, o qual sou de paracer o mesmo comprehende as ruas do Commercio, Visconde do Rio Branco, Duque de Caxias e General Ozorio, desde a rua da Liberdade até a rua Saldanha Marinho".

Nesse zoneamento, cujo objetivo principal era a limpeza urbana das principais ruas comerciais do município, ficava determinada, pela posse particular de terrenos urbanos, um conjunto de obrigações por parte dos habitantes. Ao lado do direito de propriedade das terras, vinham os deveres para com a municipalidade, para a manutenção de um ambiente urbano salutar e propício à realização das atividades desenvolvidas naquelas ruas.

Alinhadas às medidas que visavam à salubridade do ambiente urbano, surgem decisões que começariam a estabelecer uma série de determinações²⁸ quanto à edificações na cidade. Nesse momento, o ordenamento urbano atingiria o interior dos lotes, estabelecendo critérios tanto para as questões sanitárias quanto estéticas das construções, definindo-se como uma primeira legislação, mesmo que

²⁸ Tais determinações ainda estavam relacionadas às Atas da Câmara Municipal, através das indicações dos Vereadores, visto que o primeiro Código de Posturas Municipal seria publicado em 1889.

ainda não determinada enquanto um código de posturas municipais, mas que definiriam os desenhos das edificações urbanas, impondo limites e critérios aos moradores proprietários. É possível verificar essa normatização através da indicação do vereador Antonio José Ferreira, de 8 de janeiro de 1879, que

"tendo esta Camara demarcado o quadro desta Villa, indica que não se concita dentro deste quadro pessoa alguma edificar cazas de meia agua, embora mesmo fora da frente".

Por outro lado, mesmo com as atividades da Câmara Municipal voltadas para a elaboração de medidas orientadoras do desenvolvimento urbano, o resultado dessas ações pode não ter alcançado os seus objetivos. Através da imprensa paulista, moradores da cidade apresentaram descrições das condições urbanas que apontavam para uma situação ainda problemática. Segundo um dos relatos, de 1880,

"A villa acha-se colocada em uma soberba planície, tendo em seu centro a igreja matriz e em volta da qual se conservam actualmente duas praças, sendo uma em frente, onde está colocado o tradicional cruzeiro das missões e outra pelo lado do fundo da referida matriz, onde pretendem os atuais senhores feudais fazer construir casas e formarem ruas, esquecendo-se que ainda existem no dito lugar, os restos mortais da antiga cerca do cemiterio! Como se observam os preceitos da higiêne por estas alturas!(...) Seria muito mais aproveitável á salubridade publica, se tratassem de cercar esses pátios e logo que os meios pecuniários permitissem, levantassem um edificio para servir de casa de camara e cadeia, visto que a actual é realmente uma gaiola sem segurança. (...) Chamamos ainda a atenção da ilustrissima para olhar com o interesse que lhe deve

merecer o bom arruamento, obrigando aos proprietários a fazerem desde logo cercas e edificarem casas debaixo de algum padrão que a mesma ilustríssima deve adaptar ao contrário, desde que, cada qual continue do modo observado até o presente, teremos para o futuro as irregularidades que se observam na maior parte de nossas villas e cidades: ruas tortas, casinhas de várias alturas, etc., etc.(...) Calculamos que deveria ser proibida a conservação de chiqueiros no centro da povoação, porém, a existência destes prova ainda o pouco caso de parte do Sr. Fiscal! Quando chove, acontece que, por falta de algumas sargetas para o escoamento das águas, tornam-se algumas das ruas transversais completamente intransitáveis para quem anda a pé e nas proximidades da matriz as águas espalham-se, formando uma lagoa!...Será por acaso dispensada a ilustríssima de fazer estes melhoramentos tão necessários para a salubridade pública, porque os terrenos hoje do patrimônio não lhe rendem mais vintém?...²⁹.

A força da argumentação é deveras intensa, de modo a salientar que qualquer medida legislativa seria incapaz de contornar a situação do município.

Partindo da bela planície onde se localiza o edifício da Igreja Matriz, o autor percorre a cidade inteira num único olhar e flagra, com uma sensibilidade irônica, as mazelas daquele ambiente. A cidade que se construiu nos discursos das Sessões da Câmara, até os anos de 1880, fora demolida pela dureza da crítica contra os "ilustríssimos", colocando em questão os verdadeiros interesses dos que estavam na

²⁹ VERITAS, Ribeirão Preto. Entre Rios, Jornal "A Provincia de São Paulo", Seção livre, 23 de novembro de 1880. O nome *Entre Rios* foi adotado através da Lei Provincial n. 34 de 07 de abril de 1879, voltando o Município a se chamar Ribeirão Preto através da Lei Provincial n. 99, de 30 de junho de 1881.

dianteira dos trabalhos de melhoramentos urbanos. A pergunta é perturbadora: "*os terrenos hoje do patrimônio não lhe rendem mais vintém?*".

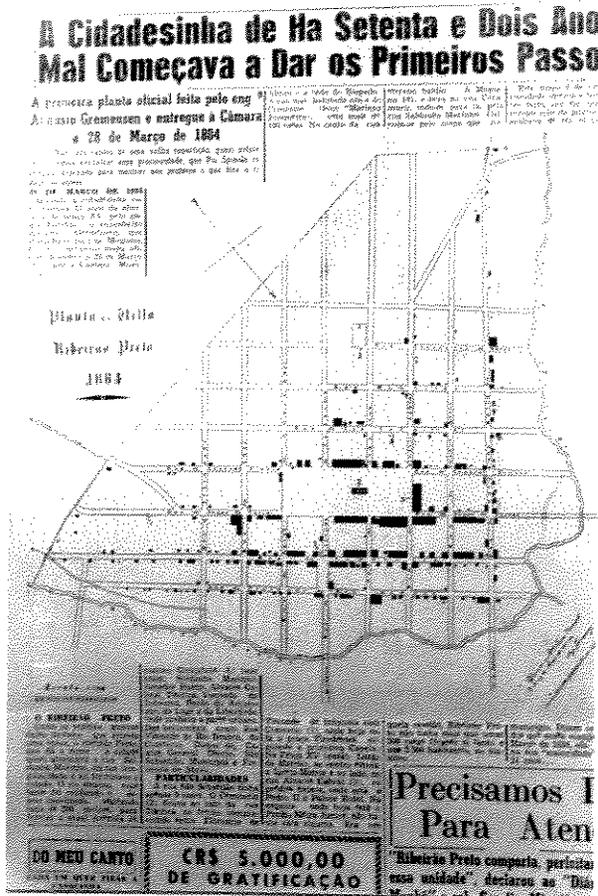
Foram colocadas em dúvida não somente a capacidade dos senhores vereadores municipais, nos seus respectivos ofícios, enquanto agentes do processo de transformação do ambiente rural dominante, mas também sua honestidade.

O relato desfigura a imagem de futuro que Martinho Prado Júnior elaborou no seu artigo no ano de 1877, fazendo uma caracterização pessimista da situação. Um pessimismo que evidencia uma crítica ao espaço urbano das cidades e vilas coloniais brasileiras, com suas ruas tortas e sinuosas, acompanhadas pelos conjuntos arquitetônicos que determinavam o arruamento através da sua implantação alinhada ao passeio. Era o desejo de ruptura do ambiente rural da colônia, para a construção da cidade modernizada através de programas que consubstanciariam uma série de melhoramentos e embelezamentos urbanos, que se efetivariam profundamente na cidade de Ribeirão Preto a partir dos anos de 1895, com a construção do Teatro Carlos Gomes no mesmo Largo da Igreja Matriz.

Do Largo à Estação: expansão da ordem higiênica

Um segundo movimento³⁰ do crescimento da cidade se daria com a instalação da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro, em 1883. A localização dos trilhos da ferrovia às margens do Córrego do Ribeirão Preto estabeleceram uma nova vertente de expansão da cidade. A região, considerada como **fundo** em relação à posição do edifício da

Igreja Matriz –que tinha sua frente voltada para as terras de Cravinhos, no espigão do Cantagalo–, sofreria uma intensa transformação, no que diz respeito ao uso do solo urbano e também de todo o ambiente construído.



Planta da cidade de Ribeirão Preto no ano de 1884, elaborada pelo Engenheiro da Companhia Mogiana a Gremensen. Nessa imagem as dois córregos foram representados pelo desenho ainda na situação natural do seus leitos.. Na horizontal em relação ao desenho do Largo da Matriz _edifício isolado na área central do mapa – está o Córrego Retiro. No vertical em relação ao desenho do Largo, está o Córrego Ribeirão Preto, região da Estação de Trens. Nesse mapa o região mais ocupada da área urbana ainda é a que está em direção ao Retiro. Com a implantação da ferrovia um ano antes, o de 1883, esse movimento vai começar se voltar para a área da Estação.

Nesse desenho o Largo ainda está com sua dimensão original, que seria alterada com a construção do Teatro Carlos Gomes na quadra vazia mais à esquerda, com uma rua dividindo as duas praças.

Fonte: Arquivo Público de Ribeirão Preto – APHRP.

A rua General Osório se configuraria como grande eixo comercial, ligando o centro da Vila, pelo Largo da Matriz, até o edifício definitivo da Estação Mogyana de Estradas de Ferro, às margens do Ribeirão Preto³¹.

³⁰ No texto adotamos esse como segundo, pois o primeiro está definido no presente trabalho como aquele, já abordado, em direção ao Córrego do Retiro, através de uma ocupação através de edificações particulares ou públicas como o Matadouro Municipal.

³¹ O edifício seria definitivamente construído em frente à Rua General Osório, no ano de 1885 (FARIA, 2002).

Se a cidade de São Paulo tinha -ou ainda tem- uma relação fundamental com o triângulo central, formado pelas ruas Direita de Santo Antônio (hoje Direita), do Rosário (depois da Imperatriz e, desde o início da República, 15 de Novembro) e a Direita de São Bento (hoje São Bento)³², pode-se dizer que o desenho da cidade, elaborado pelos fabriqueiros através do modelo tabular, construiu um imenso retângulo linear. Esse desenho orientaria a construção e ocupação da cidade burguesa, moderna e higienizada, que, naquele momento, com um dos símbolos maior do progresso e da modernidade, que havia chegado às terras do Ribeirão Preto – a ferrovia –, ficara definida e também espacialmente delimitada.

A implantação da Ferrovia no Município em 1883, foi definidora não somente de um florescimento econômico da cidade, com a inserção do Ribeirão Preto na rota do café, em direção ao porto, e na rota dos imigrantes, em direção ao interior, mas também como geradora, ou melhor, polarizadora de grande parte das ações do poder público no ambiente urbano. Não a ferrovia em si, mas sua significação enquanto elo que faltava na consolidação do **desejo** da modernidade, responderia então por todos os discursos da elaboração de cada um dos programas de melhoramentos urbanos, que se concentrariam na região central do município.

É nessa região central da cidade, delimitada inicialmente pelo quadrilátero do Largo da Matriz e expandido até o Edifício definitivo da Estação Mogiana, que o projeto de cidade moderna seria detalhadamente elaborado e efetivamente construído. Aquele **desejo** tornar-se-ia um objetivo planejado pelos agentes sociais, todos interessados na ruptura daquele ambiente rural, em favor de um

³² In: TOLEDO, B. L. de. "São Paulo: três cidades em um século". São Paulo: Duas Cidades, 1983.

ambiente urbano caracterizado pelo controle, pela ordem, pela higiene e, mais tarde, pela estética, que planos de governo e códigos de posturas determinaram.

Nesse processo a ferrovia foi o marco inicial de toda essa intencionalidade, definidora do momento cuja ruptura deveria ser iniciada. Sua importância extrapolava os objetivos econômicos que seus promotores e financiadores pretendiam, como transporte eficiente e rápido de toda a produção de café. A ferrovia assumia uma significação fundante dos princípios modernizadores do discurso oficial no imaginário urbano. Ela estabelecia uma analogia imediata com os benefícios do progresso e da técnica moderna para a civilização, representando a inserção da cidade nesse projeto, e dessa forma, a aceitação por parte da população de Ribeirão Preto dos benefícios para a cidade.

Faltava apenas delimitar quais áreas da cidade seriam beneficiadas, para quem a cidade se modernizaria, e para quem o progresso continuaria somente um desejo, materializado somente no olhar bestializado com a divisão daquele ambiente urbano em **duas cidades**: uma intra-rios, moderna, higiênica e embelezada, outra, além-rios, desprovida das melhorias que acompanhavam esse trinômio da cidade burguesa.

E o cenário para recepcionar o trem estava montado. A cidade e toda região aguardariam ansiosamente na estação provisória, no bairro da República. Todos à espera do futuro e do progresso, representado pelo trem que vinha cortando os céus do interior, com sua fumaça expelida pela máquina, em direção ao seu destino. Na narrativa de Plínio Travassos dos Santos seria um dia que ficaria marcado, por um lado, pelo passado e por outro, pelo futuro que se iniciava. Conforme descreveu Santos,

"A VILA amanheceu festiva. Poucas eram as casas para acomodação dos forasteiros. Por toda a parte, nas ruas e praças, erguiam-se barracas. Bandeiras e bandeirolas, em fios, tremulavam, às centenas, à beira dos telhados e das portas, atravessando as ruas. Os amarrotados ternos de sarjão preto, de "carregação", por muito tempo guardados no fundo dos baús, escovados, tiveram o seu dia. As chitas de cores vivas dos vestidos das sinhazinhas e os lenços de alcobaça na cabeça das matronas e no pescoço dos roceiros davam a nota alegre e pitoresca à povoação. Nos quintais e nas portas das "vendas", nos argolões dos esteios, relinchava a cavalaria. Carros-de-bois e trolis descansavam no LARGO DA MATRIZ. Na estação apinhava-se verdadeira multidão. Para não perder o espetáculo muita gente dormira nas imediações, e, alí, conservara-se todo o dia, prevenidos todos com revirados de carne de porco e de galinha, para as exigências do estômago. À hora aprazada chegavam à estação autoridades e outras pessoas de destaque. Fora, de ambos os lados, rodilhados de rojão e bombas, em postes de madeira, enfileiravam-se, com, o fogueteiro ao lado, prontas a estourar ao primeiro sinal..."³³.

A narrativa traz à tona não somente a situação da cidade que se encontrava toda enfeitada. Nela, os pormenores das vestimentas guardadas para uma ocasião especial, entre outros, são abordados de tal modo que seus personagens ou grupos de personagens são, em todo o tempo de espera, o tema central da festa na cidade.

³³ Esse texto é parte do Romance "ELA ESTÁ SEMPRE EM MEU CORAÇÃO", que foi publicado em folhetins nos jornais "A Tarde" e "A Cidade", respectivamente em 1920 e 1928. O mesmo romance foi publicado entre os anos de 1942 e 1943, no jornal "Diário da Manhã", com o título "Ribeirão Preto, Histórico e para História".

Multidão e **espetáculo** são o léxico da grandiosidade que o momento significava para aquele vilarejo, até então perdido no sertão. Uma multidão atônita diante da sua própria condição efêmera de protagonista-coadjuvante da cena urbana preparada para a chegada da ferrovia. Cada um dos atores sociais cumpria seu papel definido pela direção do ato: o trem. Nesse contexto, a cidade seria a personagem mais profundamente marcada pelo fato. Ela não é mero palco de encenação de todo o movimento da narrativa. Naquele dia ela seria efetivamente dividida em duas partes, tratadas de formas distintas, perdendo, assim, senão sua unidade geográfica, sua unidade enquanto ambiente urbano. Ela não interessaria como um todo aos financiadores daquela festa, que só chegariam ao evento na sua hora estabelecida, distantes da agitação e da euforia que tomavam conta da população.

Nos momentos finais da espera, com todos ocupando a estação e arredores, o entusiasmo presente em cada hora do dia 23 de novembro de 1883, transformava-se em apreensão. Na narrativa de Plínio Travassos, a cena é drasticamente interrompida, e por instantes tudo se congela para expressar o sentimento de medo pelo novo que chegava com a ferrovia.

"Silêncio completo dominou tudo. O entusiasmo geral como que se arrefecêra, motivado pelo terror da maioria e pela comoção feliz dos que há muito ansiavam pelo acontecimento. Em poucos momentos muitos curiosos abandonavam a estação, correndo para todos os pontos, esbaforidos, a procura de seguro esconderijo. Duas raparigas, muito espantadas, perdidas dos seus na confusão, não podendo fugir por estarem encantonadas na plataforma, cercadas pelo restante dos curiosos, tremiam de medo e choravam (...) Estrugiram os

*foguetes e as bombas. Gritos por toda a parte, de pavor e alegria...*³⁴.

A sobreposição de sensações opostas, **pavor** e **alegria**, presentes no deslumbramento com o trem, é o registro da estranheza da população diante daquela situação. Fica evidente a condição de medo, caracterizada pelo processo que se inicia com a transformação da cidade através da eliminação dos resquícios da vila rural, e pelo receio diante da nova condição urbana que se formaria então.

O silêncio descrito fica interpolado num vazio entre esses dois tempos distintos, os tempos, respectivamente, da demolição e da construção, da cidade que será apagada e da cidade edificada sobre os escombros do indesejado. Nela a população permanece assombrada, sente-se ameaçada, invadida. E transforma o espetáculo festivo, que representou a espera do trem durante todo o dia, em espetáculo de terror e insegurança com a chegada da composição férrea, que consolidaria, com as ações em andamento no ambiente urbano, a chegada do futuro e, com ele, do progresso.

Ribeirão Preto já não era mais a mesma. Na mudança em processo, serão outros os edifícios, outras as pessoas que chegam, serão novos os serviços oferecidos. Entre o Largo da Matriz e a estação provisória, uma nova dinâmica urbana começou a se estabelecer.

A população que se deslocaria em número cada vez maior para o município foi responsável por uma diversificação não só dos hábitos, uma vez que nesse deslocamento a imigração é fundamental, mas de atividades comerciais e de serviços³⁵ uma vez que não foi todo o contingente populacional deslocado para o trabalho nas fazendas de café, ficando parte considerável na área urbana. Marmoristas, Secos e

³⁴ Ibidem. Loc. cit.

molhados e alfaiates, entre tantas outras atividades, iriam consolidar a área intra-urbana.

Como conseqüência deste movimento, uma necessidade maior de melhorias por parte do poder público municipal, sendo que maior seria a população a cada ano e, portanto, maiores as cobranças e exigências por parte dos munícipes. Não se deve imaginar, porém, que tal transformação se deu imediatamente após a implantação da ferrovia.

A consolidação da monocultura do café na região, o movimento de transporte até o porto para exportação e, conseqüentemente, de atração de migrantes e imigrantes se efetivava gradativamente. As condições urbanas, ainda precárias, tanto de infra-estrutura, como iluminação, água e esgoto, como de arborização urbana, ajardinamento de praças e calçamento, perdurariam na vida daquela população crescente. Nesses anos de 1880, a vida nas fazendas, principalmente dos grandes coronéis, ainda era considerada mais atraente, pelo que oferecia aos seus colonos e proprietários, estes, que só mais tarde iriam iniciar a construção de suas residências urbanas. Segundo Maria Elizia Borges,

"(...) A vida na fazenda, por sua vez, simbolizava poder, riqueza e status. A economia regional existia em função da monocultura cafeeira, responsável pela maior parte da exportação do produto no Brasil. Às vezes, a infra-estrutura rural alcançada surpreendia as expectativas de vida dos homens citadinos. Sabe-se que a luz elétrica chegou primeiro nas fazendas de Henrique Dumont, do Cel. Francisco Schmidt,

³⁵ Para essa abordagem, ver trabalho da Luciano Pinto (PINTO,2000)

*dos irmãos Pereira Barreto e de Dona Iria Junqueira, para em seguida se instalar na cidade, em 1889*³⁶.

Essa disparidade entre as condições de vida nas fazendas em relação à área urbana já demandava uma série de debates na Câmara Municipal, a fim de oferecer melhores condições de vida à população urbana. Mesmo sendo efetivada a iluminação elétrica pública somente em 1899, as primeiras intenções a fim de prover a cidade dessa melhoria ocorreram ainda no ano de 1883, através de propostas de iluminação a querosene, ficando os moradores e proprietários, responsáveis pela colocação dos postes de iluminação.

Tal serviço foi iniciado, ainda em condições adversas, no ano de 1884 ou antes, como consta em indicação para *"que a Camara forneça kerosene aos moradores das ruas do Commercio e Largo da Matris que mandão fazer lampiões"*³⁷. Ficava definida também a região que se tornaria prioridade dos investimentos, públicos e também privados, a fim de dotar a cidade com os melhoramentos urbanos. Conforme indicação da ata da Câmara de 30 de março de 1885,

"seja de preferencia designado o Largo da Matriz e a rua do General Ozorio em toda a extensão que vai do Largo da Matriz até a estação nova da estrada de ferro, e em seguida a esses lugares as ruas do Commercio e Duque de Caxias para serem illuminadas, ordenando-se a Comissão de Obras para acompanhada do fiscal e arruador, fazerem a demarcação dos lampiões em lugares e distancias convenientes a bem servirem ao publico".

³⁶ BORGES, 1991.p.19 M. E. Uma outra data deve ser adotada para a inauguração da iluminação elétrica na cidade. Conforme publicação da Câmara Municipal e do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, a data da inauguração é 26 de julho de 1899. In: "Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Memória: As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004". Ribeirão Preto, AHPRP, CMRP, SMCRP, 2001. p. 25.

Essa intenção de dotar, principalmente a área do Largo da Matriz, com melhorias –no caso iluminação elétrica- evidencia sua importância tanto urbanística, organizadora e definidora do desenho da cidade a partir da Igreja Matriz, quanto **território de sociabilidade**³⁸ para toda a população, seja ela já habitante da área urbana ou da área rural.

Esse território se caracterizava como ambiente³⁹ de interação da população, estabelecido nesse período por festividades religiosas trazidas por mineiros, escravos e demais povoadores da região: são congadas, folias de Reis e devoções a Santos padroeiros, entre outras comemorações lúdico-religiosas que intensificavam a vida social, tornando-se na maioria das vezes única possibilidade de lazer da sociedade. É importante apontar para o fato de que grande parte dessas comemorações também ocorriam nas próprias fazendas⁴⁰, nos terreiros de café e armazéns rurais das fazendas, e aconteciam exclusivamente nos dias livres da população escrava⁴¹, que ainda era um contingente populacional grande.

Ainda nos anos da década de 1880 todo o Largo da Matriz identifica-se profundamente como ambiente sagrado. Sua organização espacial,

³⁷ Ata da Sessão da Câmara Municipal, de 10 de janeiro de 1884.

³⁸ O termo "Território de Sociabilidade" foi utilizado por Júnia Marques Caldeira para o estudo desenvolvido sobre a Praça da Liberdade, na Cidade de Belo Horizonte. "Praça: Território de Sociabilidade. Uma leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte"(CALDEIRA, 1998).

³⁹ Segundo Caldeira, "O espaço-praça que se desenvolveu no território brasileiro, influenciado pela cultura portuguesa, surgiu inicialmente, de forma espontânea, como extensão das edificações religiosas. A sua importância estava mais associada às atividades que iriam se desenvolver nas edificações do seu entorno do que a noção de lugar-símbolo da cidade" (CALDEIRA, op.cit.p.51)

⁴⁰ Como já abordamos, as condições de infra-estrutura eram, na época, melhores que na cidade, favorecendo, portanto, as atividades festivas da comunidade rural.

⁴¹ "Por indicação de Rodrigo Pereira Barreto, no dia 3 de agosto de 1887 foi aprovada por unanimidade a Liberação dos Escravos em Ribeirão Preto, para tanto foi criado o "Livro da Redenção", para ser assinado pelos proprietários que desejassem libertar os seus escravos. in: "Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Memória: As legislaturas Municipais de 1874 a 2004". op.cit.p.21.

com a Igreja Matriz ao centro e o Cruzeiro à sua frente, determinando até uma hierarquia em todo o seu entorno, numa relação de frente e fundo, definia seu papel religioso.



Foto 05

Imagem do Largo da Igreja Matriz, ainda no século XIX. Nessa imagem é possível visualizar a Rua Álvares Cabral logo atrás da Igreja. É nessa quadra da Rua que seria edificado o Teatro Pedro II, que foi inaugurado no ano de 1930. Segundo documentação oficial, o primeiro cemitério estava localizado um pouco atrás da Igreja, pelo lado direito da imagem. Pela campo visual alto da fotografia, o fotógrafo estava na parte superior do Teatro Carlos Gomes. Porém, o jardim do Dr. Loyola ainda não tinha sido elaborado.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP.

Por outro lado, ao mesmo tempo que era local privilegiado da vida religiosa, era também ambiente de atividades comerciais. Como única área livre na cidade propícia à ocupação, as atividades tinham que se interagir, promovendo, de certa forma, uma interação entre as pessoas que ali estavam, seja para cultos, para passeio ou para compras nos armazéns que proliferavam na vila, principalmente depois da implantação de ferrovia, em 1883. É nesse sentido que a área do Largo não deve ser definida por usos do solo distintos e em momentos

distintos, para utilizar a expressão de Murillo Marx, como num momento sendo um **chão sagrado** e só posteriormente **um chão profano**.

Sua utilização como espaço essencialmente, ou melhor, exclusivamente sagrado, pode até ser definido nos primeiros anos após as doações de terras ao patrimônio, mas que rapidamente vai sendo apropriado por outros usos, sobretudo o comercial. Isso é possível verificar através de atas da Câmara Municipal, que debatem a existência de comércios relacionados à venda de gêneros alimentícios, uma vez que não existia ainda um edifício com função de Mercado Municipal.

De acordo com ata de 29 de janeiro de 1876, que apresenta *uma indicação lembrando um lugar do lado esquerdo da cadeia para ali com o tempo oportuno edificar-se uma casa que sirva de mercado*", ou, ainda, conforme ata de 9 de maio 1881, que aponta projeto de lei para construção do Mercado no próprio Largo da Matriz:

"Será designado todos os dias, domingos, para reunião d'aquelles que tiverem suas mercadorias de generos alimenticios para venderem, podendo expor ainda, no Largo da Matriz, lugar que todos possam depositar os generos até que esta Câmara possa fazer um mercado".

Fica claro que o Largo, mesmo com função principal vinculada às atividades religiosas, é ocupado, também, por uma função comercial progressivamente ampliada. Ele assume, ao mesmo tempo, a conotação de espaço da fé nos momentos dedicados à devoção divina, e de espaço mercantil nos momentos dedicados à devoção do consumo, ainda de subsistência, mas que paulatinamente é transformado em centro de consumo de produtos e mercadorias

européias, tão ao gosto da burguesia **belle époque** e da economia capitalista.

Na medida que o processo de urbanização se intensificou em direção à consolidação da cidade modernizada, pronta para o projeto de vida da burguesia cafeeira, que também se urbanizou, as atividades sociais, de lazer e comércio sofreram, igualmente, profundas alterações. Segundo Benedita Luiza da Silva,

"Aos poucos, o lazer e a socialização que ocorriam nos pátios, terreiros e armazéns rurais foram tomando lugar nas ruas, feiras, praças e jardins públicos das áreas urbanas. Cabe ressaltar que este processo de urbanização do lazer, mais do que uma migração, pode ser qualificado como uma diversificação das atividades de entretenimento, pois as tradicionais atividades rurais continuariam a ocorrer no campo, ao mesmo tempo que passaram a dividir o espaço com festas urbanas na cidade"⁴².

A infra-estrutura urbana também contribuiu para a diversidade das atividades, por exemplo, com a iluminação que, mesmo ainda a querosene, favorecia um uso noturno da cidade. Nesse caso, o lazer da população não estaria mais limitado aos cultos e festas religiosas com caráter essencialmente familiar e diurno. Bares como o Salão Barroso, os Cassinos Eldorado e Antártica, Teatros e cinemas como o Carlos Gomes, Paris-Theatre e Polytheama modificariam profundamente as atividades sociais e culturais da cidade já em meados da década de 1890.

⁴² SILVA, B. L. da. "O Rei da Noite na Eldorado Paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880 - 1930). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista. Unesp/Franca, 2000. p. 84.

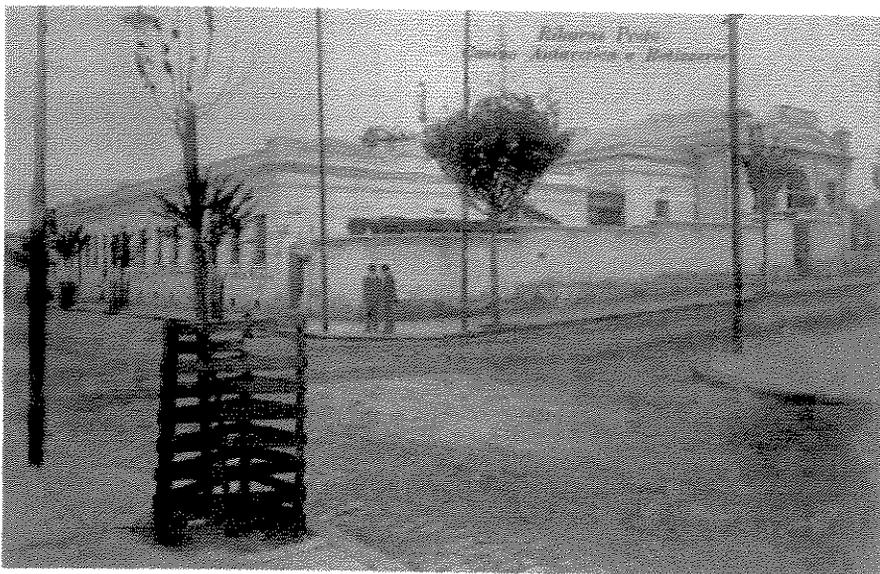


Foto 06

Imagem do Cassino Antártica e Rotisserie Sport Man, na esquina das Ruas Amador Bueno e Américo Brasiliense. A fotografia dos anos de 1920 já evidencia uma cidade com infra-estrutura urbana delimitada: calçamento, postes de iluminação e paisagismo urbano. De propriedade de François Cassoulet, o cassino foi centro da diversão noturna masculina.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Dois fatores foram fundamentais para a consolidação da vida urbana daquela vila que há algumas décadas estava isolada no interior da Província: a imigração e o trabalho livre assalariado. Processos concomitantes que contribuíram decisivamente para a solidificação de uma economia capitalista na cidade. Com os imigrantes, não restritos aos trabalhadores braçais das fazendas, mas artesãos, construtores, empresários, como François Cassoulet e confeitores, entre outros que se estabeleceram na área urbana, uma enormidade de serviços estavam à disposição tanto dos moradores da cidade quanto dos viajantes que aqui chegavam, para ficar ou por temporada. Serviços, mercadorias e diversões que dependiam da circulação do capital para sua existência, viabilizada por uma demanda que aumentava na mesma proporção que a população. Nesse momento composta por trabalhadores livres e com renda mensal, portanto, futuros

consumidores que garantiriam a lucratividade dos estabelecimentos comerciais e de lazer⁴³. Nesse ambiente urbano determinado pela economia capitalista, grupos sociais distintos entrariam necessariamente em contato, todos identificados como iguais diante dos seus deveres perante a Lei. Uma lei elaborada e aplicada pela elite dominante e, portanto, não aplicável a ela mesma.

Para essa estrutura social complexa, a análise de Ana Lúcia Duarte Lanna (LANNA, 1996) sobre a cidade de Santos é primordial, e possível de se identificar não em uma ou outra cidade, mas – respeitando-se suas particularidades – em todo ambiente urbano brasileiro do final do século XIX. Em cidades identificadas pelos programas de modernização implementados de acordo com interesses definidos nos seus mais vastos objetivos: salubridade, controle social, embelezamentos e melhoramentos.

Segundo a autora,

"Para todos os trabalhadores a promessa que a cidade trazia, e dificilmente realizava, era a liberdade e melhoria das condições de vida. Para muitos, isto significava a possibilidade do retorno aos locais de origem. Para outros, especialmente para o contingente de ex-escravos, tratava-se de permanecer, de certo modo e sob certas condições, na chamada terra da liberdade. Para as elites e autoridades, a cidade ideal exigia transformar esta população trabalhadora enquadrando-a nos novos modos de vida que se consolidavam. Tratava-se, ao

⁴³ No que diz respeito, não à quantidade de consumidores, mas à quantidade de dinheiro gasto, os fazendeiros eram os maiores responsáveis. Dinheiro gasto não somente em diversão, mas também em arquitetura, mobiliários, utensílios e também com a própria cidade, uma vez que financiavam sua urbanização e modernização. Como exemplo, o capital investido na construção do Teatro Carlos Gomes.

*mesmo tempo em que se constituía uma nova cidade, de construir seus habitantes*⁴⁴.

São Negros ex-escravos, imigrantes –em sua maioria italianos–, povoadores originários que, na ótica dos promotores da urbanização, eram, na sua condição de trabalhadores pobres, também perigosos. Um perigo aos princípios da civilidade e do ordenamento físico-social da cidade que precisava ser modelada.

Nesse caso, se o objetivo é, por todos os meios possíveis, inclusive, segundo Lanna, os *"enquadramentos da práticas populares no universo da contravenção"*⁴⁵, a construção de um modo de vida burguês, europeizado, crente nas virtudes das técnicas modernas, essa população precisava ser colocada na sua devida posição, no seu devido lugar na cidade. Ainda segundo Lanna, *"tratava-se, ao mesmo tempo em que se constituía uma nova cidade, de construir seus habitantes"*⁴⁶.

E esse lugar não poderia ser a área da cidade onde se implementariam as políticas urbanas orientadoras da materialização da cidade moderna. Região que se ocuparia por residências urbanas, edifícios públicos ecléticos e jardins arborizados, financiados, num primeiro momento, pelo capital resultante da exportação do café. Era fundamental o estabelecimento de um zoneamento social e urbano, que distinguisse os grupos sociais e suas singularidades. Assim como suas localizações nesse território separado por temporalidades antagônicas nas suas representações de progresso e atraso, urbana e rural, civilizada e bárbara. Respectivamente, toda a área central, protegida pelas águas do Retiro e do Ribeirão Preto, e a outra, já

⁴⁴ LANNA, op.cit.p.167

⁴⁵ Ibidem. Loc.cit.

⁴⁶ Ibidem. Loc.cit

periférica e além das margens opostas dos mesmos córregos, ocupada por bairros de trabalhadores, como Barracão e Vila Tibério.

Diante desses objetivos, aquelas políticas urbanas que orientariam as ações municipais na área central necessitavam de uma certa agilidade. O processo de urbanização e melhorias urbanas ainda eram demasiadamente lentos e não acompanhavam os ritmos de crescimento populacional, de expansão da malha urbana e da economia cafeeira exportadora.

O Largo da Igreja Matriz ainda era desprovido de qualquer infraestrutura urbana- assim como a área que se expandia até a Praça da Estação- que pudesse viabilizar o projeto civilizador da elite cafeeira. Na Câmara Municipal os debates indicavam a inexistência dos melhoramentos e as dificuldades de viabilizar os projetos. Temas como auxílio monetário para canalização de água e esgoto e serviços considerados urgentes tramitavam juntamente com discussões sobre a limpeza urbana, através de intimações aos proprietários para os serviços de capinagem do mato nas frentes das residências⁴⁷.

Ao mesmo tempo que existiam essas dificuldades, era corrente um sentimento de urgência das ações que implementassem definitivamente a higiene e a civilidade na cidade. E uma necessidade compartilhada e cobrada veementemente pelos moradores das ruas da área central. Exemplo dessa cobrança pode ser verificado em carta enviada à Intendência Municipal e ao Engenheiro da Câmara, em 11 de dezembro de 1894:

⁴⁷ Segundo ata de 01 de março de 1894, foi apresentada uma indicação à Câmara, "que ordene ao Fiscal para intimar os proprietários a capinarem a frente das suas casas e que o Fiscal mande remover os montes de cisco que se achão depositados em várias ruas desta cidade", ou, ainda, conforme ata de 18 de maio de 1893, indicando a necessidade de "auxilio de 1000:000 para a canalização de água e outros serviços urgentes de Saneamento do Município".

"Nós abaixo assignados, negociantes e particulares, residentes á rua Saldanha Marinho, respeitosamente tomamos a deliberação de dirigirmo-nos a V. Sexma. pedindo providencia quanto ao lamaçal em que fica, quando chove, a sobredista Rua que infelizmente habitamos. Nessa epoca epidemica que actualmente atravessamos como V. Sexma. Muito bem devem saber não podemos, sem pesar, acreditar que essa benemerita corporação consinta que nós continuemos zelosos, vivamos, absorvendo as exalações de cheiros putridos e immundos, como acontece em frente as nossas casas, onde muitas vezes precisamos fazer passadiços para atravessar esses focos de miasmas. Altos e ellevados senhores, a hygiene é a primeira condição necessaria de uma cidade prospera que foros de civilizada, e nós na qualidade de bom cidadãos, desejamos que V. Sexma, nossos legitimos representantes, justifiquem essa verdade. Por isso contamos com prontas providencias mandando abaular a rua, e fazer as sargetas para que os proprietários cumprão com seu dever, levantemos passeios que se tornão necessarios para a limpeza, commodidade e aformozeamento da Cidade. Modestamente lembramos a essa nobre corporação, segundo a nossa longa pratica, o melhor meio de fazer um aterro solido, limpo e barato que nos poderá livrar, por esta forma dessas grosseiras nuvens de poeira podre, que se torna insuportavel a vida. Esse aterro denunciado, consiste em uma parte de areia, expalhada por cima do aterro, em dia que a rua esteja feito lama, que é para formar argamassa que solidificará com o tempo. Queremos ser attendidos, em virtude dos justos fundamentos da boa causa que legitimamente deffendemos".

A cidade não poderia permanecer nessa situação irrefutável de desordem e insalubridade, condições avessas da vida de uma cidade que, segundo os mesmos moradores, tem **foros de civilizada**.

Epidemias, miasmas, cheiros putridos e imundos colocavam em dúvida os programas de melhorias urbanas da edilidade, pois eram não só efeitos de linguagem do discurso cidadão que exigia a reversão do quadro lastimável do ambiente urbano. Nem somente a representação das possibilidades sensitivas, táteis, visuais e olfativas dos moradores urbanos nas suas atividades cotidianas sobre o território fétido; eram, sim, a ânsia daqueles que se designavam como **bom cidadãos** e, por isso, nos seus legítimos direitos de querer cobrar e exigir soluções. Para essa conotação surge também o seu oposto: o "*mau cidadão*", que, por uma ordem biológica e social, não lhe cabiam tais direitos.

Na lógica que orienta o argumento dos moradores, **limpeza, comodidade e aformoseamento da cidade** tinham que extrapolar o campo semântico da linguagem literária e perfazer o discurso das políticas urbanas necessárias à alteração da situação vigente.

Nesse caso, as **estratégias de desodorização**⁴⁸ do ambiente urbano não podiam mais ficar limitadas a uma superficialidade epidérmica. Era necessário estabelecer a ordem na vastidão do subsolo –embebido de todo tipo de excremento que se acumulava nas fossas da cidade–, através do controle dos percursos, tanto da água límpida para abastecimento da população, quanto dos resíduos resultantes das atividades de higiene dos edifícios e áreas públicas.

⁴⁸Termo elaborado por Alain Corbin, in: Saberes e Odores. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Segundo Corbin (1987), "A estratégia sanitária que se modela então não mais se reveste com o caráter episódico daquela que se desenvolvia quando grassavam epidemias; ela pretende chegar à permanência; ela opera uma síntese; ela coordena as decisões de uma forma edilitária". São Paulo: Cia da Letras, 1987:119.

Em Ribeirão Preto, optou-se primeiramente pela transformação da imagem da cidade, pela consolidação do ambiente urbano burguês europeizado. Por outro lado, a emergência dos problemas sanitários levantados pelos moradores, na carta, acaba concorrendo com a intenção do poder público em priorizar as questões de embelezamento, tanto quanto as sanitárias e de infra-estrutura urbana.

Contudo, a pretendida **europização** do ambiente urbano alavancada, sendo a arquitetura seu instrumento, iniciou-se nos debates para a construção do Teatro Carlos Gomes, em dezembro de 1895; teatro que foi edificado no grande Largo da Igreja Matriz- Praça XV de Novembro, mais precisamente à frente da Igreja Matriz.

É a partir dessas ações que a Praça XV de Novembro e todo o seu entorno, que compreende o atualmente chamado quadrilátero central, começava a cumprir seu papel na cidade urbanizada pela e para a burguesia. Uma centralidade em construção, uma vez que pelos senhores do poder, político e econômico, Ribeirão Preto era identificada espacialmente por tal quadrilátero em formação. Uma construção legitimada pelo moderno discurso da higiene, beleza e consciente ação disciplinar social, em relação aos moradores pobres da periferia em expansão.

Melhoramentos Urbanos entre higiene e ordem urbana: a legitimação do processo de modernização

*"Indico que esta Câmara conceda permissão á Companhia ou sociedade que se organizar para a construção de um edificio ou prédio para theatro no quarteirão em frente a Matriz d' esta cidade, Praça 15 de Novembro com o encargo de fazer o fecho do mesmo, ajardinal-o ou arborisal-o como mais o convenha "e sempre de pleno domínio o logradouro público."*¹

Com a aprovação de tal indicação feita pelo Vereador Coronel Francisco Schimidt, estavam consolidadas as bases legais para a implementação daquele que seria, talvez o maior, símbolo do poder econômico local: o Teatro Carlos Gomes. Projetado pelo Escritório Ramos de Azevedo², assumiria até mesmo um caráter ideológico, naquela sociedade que a todo esforço dos seus representantes legislativos, promoveria a **europização** do espaço urbano.

Nesse caráter de instrumento de uma ideologia dominante, a arquitetura estaria materializando não somente seu significado primeiro, intrínseco a qualquer objeto arquitetônico. Aquele de ocupação do espaço urbano, volumetria que impõe um outro olhar, se não a toda a cidade, mas ao seu entorno imediato. Ainda nesse significado, determinante de uma outra postura do cidadão andante nos seus percursos diários.

Ela incorpora, portanto, um segundo significado, num contexto de modernização da cidade, de implementação de medidas ordenadoras e

¹ Ata da Câmara Municipal de Ribeirão Preto de 26 de dezembro de 1895.

² Segundo Marília Elizia Borges, "o prédio foi projetado pela Companhia Ramos de Azevedo, de São Paulo, contando com a custódia de fazendeiros locais. Seu estilo neoclássico sofreu influência italiana" (BORGES, 1983.p.23).

transformadoras pelo viés do controle tanto sanitário quanto social e também estético.

O Teatro Carlos Gomes é, portanto, a imposição ao ambiente urbano dos desejos da elite cafeeira dominante, assim como a representação, através de uma arquitetura monumental, da sua capacidade, falamos da burguesia cafeeira, de viabilização e, mais ainda, de legitimação do seu projeto de cidade moderna. E nessas duas ações, viabilizar e legitimar, a primeira está diretamente relacionada aos poderes políticos e financeiros que ela detém; assim, tornar um projeto viável significa dar andamento a ações que não necessitam de outros personagens, nem mesmo de oposição ao seu projeto.

Na medida em que os representantes do poder são também os representantes do capital, e suas ações são em benefício das suas próprias necessidades e desejos, ela, a burguesia, é, senão personagem único de lugares específicos na cidade, um personagem central. Personagem intocável e incomunicável aos grupos sociais que se limitavam à sua condição inferior, trabalhadores e moradores da cidade que não se modernizava.

Nesse sentido, define-se, aqui, a existência de duas cidades: uma, que é constante nos discursos dos poderes públicos, profundamente abordada pelos Códigos Urbanísticos -no caso de Ribeirão Preto, desde o primeiro Código de Posturas, em 1889-, pelos memorialistas e suas narrativas saudosistas, articulistas da imprensa escrita da época e fotógrafos; outra, que não consegue se fazer perceber, que não encontrou, nos seus moradores e usuários, capacidade de vocalizar as diversas problemáticas relacionadas com as mesmas questões de higiene e salubridade, da cidade burguesa em processo de modernização. Cidade que continuamente é evitada e desnecessária aos planos de embelezamentos que orientam a europeização do

ambiente urbano na cidade burguesa. Talvez essa **outra** cidade estaria, assim como seus moradores, *"abafada sob o pesado manto dos valores burgueses, destinada ao silêncio e a desaparecer pela ação disciplinar da fábrica, da filantropia e da polícia"* (BRESCIANI, 1992.p. 13), sobretudo pela ação da polícia que regula, oprime e pune aqueles que violam os códigos de tais valores burgueses.

No caso do silêncio que se destina a essa cidade, acrescentamos também a ação disciplinar do urbanismo e seus técnicos, por meio do caráter policial dos Códigos de Posturas. Leis que reprimem com punições e multas todas as infrações cometidas contra as regulações urbanísticas criadas, votadas e aprovadas na Câmara Municipal para implementar as melhorias urbanas necessárias à modernização da cidade.

Se **viabilizar** o projeto moderno estava centrada nas decisões e ações específicas da elite, **legitimar** implicava necessariamente a ação de outros agentes e condicionantes. A legitimação tornava o projeto de modernização algo natural, que se deve presenciar, participar e sobretudo não questionar e, como tal, caberia a todos. À burguesia, que era a maior beneficiária de tudo que implicava tal projeto: dos prazeres da boa cozinha, das roupas e costumes do cotidiano importados da Europa; dos deleites das encenações e concertos musicais no Teatro, ao ambiente urbano provido de melhorias na infraestrutura, construção e ajardinamento de praças para seus passeios diários, entre tantos outros. Contudo, aos trabalhadores e moradores daquela **outra** cidade, a participação estava situada numa condição dupla: como espectador daquela cena urbana e, nesse caso, com caráter estático diante das imagens que seus olhos absorviam; por outro lado, como algo que se define como um objetivo, através de sua inserção e aceitação do e no mundo burguês.

Nesse caso sua ação se define como dinâmica, pois lhe impõe uma ordem das coisas que devem ser apropriadas, absorvidas pelo seu olhar vislumbrado, como algo a ser seguido, por ser considerado correto. E tal legitimação estava presente nas mais diversas situações e determinações do cotidiano: eram as leis a serem religiosamente seguidas, sobretudo leis sanitárias, as ordens impostas pelas normas policiais de conduta social, os jornais que aclamavam as melhorias em processo, as imagens fotográficas, em circulação, dos mais nobres lugares e edifícios, que eram também publicadas em países como França e Itália, e a própria arquitetura que, através dos edifícios em construção, com a utilização de materiais importados, estabelecia um padrão de edificação condizente com uma cidade ávida de progresso.

Nessa ordem dos fatos –principalmente o papel da arquitetura de legitimação dos interesses estabelecidos-, o edifício do Teatro Carlos Gomes é que vai assumir, ainda no século XIX, aquele segundo significado apontado no início. Sua construção vai significar, como já foi abordado, a implementação de medidas ordenadoras e transformadoras pelo viés do controle tanto sanitário quanto social e também estético.

Essa implementação não surge apenas com a finalização das obras de construção. Ela é bem anterior, aparecendo no próprio texto da Ata que aprova indicação do Vereador Francisco Schmidt, em 26 de dezembro de 1895, permissão da construção a uma Companhia ou sociedade. Lá já estão presentes as intenções e necessidades quanto à questão sanitária, quando da obrigatoriedade, pelos responsáveis por toda a obra, de fazer também a finalização da quadra de implantação do edifício, ajardinando-a e arborizando-a.

Na questão social, o Teatro, ou melhor, os eventos e espetáculos realizados em seu interior, são, de certa forma, definidores do público

presente. As óperas, concertos de música e espetáculos teatrais definem de imediato, como espectador, aquele que pode adquirir, pela compra, o acesso aos eventos. O Teatro, nesse sentido, se transforma numa extensão da vida burguesa, dos espaços públicos das salas de visitas, no interior das residências, para o interior do *foyer* e sala de espetáculo. Inclui-se, aqui, a Praça XV de Novembro, que seria alguns anos mais tarde toda ajardinada e arborizada, principalmente após a demolição do edifício da Igreja Matriz, em 1905.

Por outro lado, a preocupação estética não fica em segundo plano no projeto e construção do edifício. Sua imponência e nobreza de materiais denotam a força dos promotores da urbanização na cidade, que não limitam recursos, sobretudo particulares, como é o caso do Coronel Francisco Schmidt, para a realização da obra. Conforme o Jornal "Diário da Manhã", em uma edição comemorativa de 1979,

"A construção do edifício, o monumental de então, o maior e melhor teatro do sul do país, de melhor acústica, imponente, em plena Praça XV de Novembro, constitui um plano arrojado. Escadarias de mármore de Carrara, candelabros de bronze alemão, madeira de lei, pinho de Rigas, portas lavradas e material de proscênio e da ribalta importados da Europa, assim como os vitrais Italianos e telhas francesas",

**Foto 07**

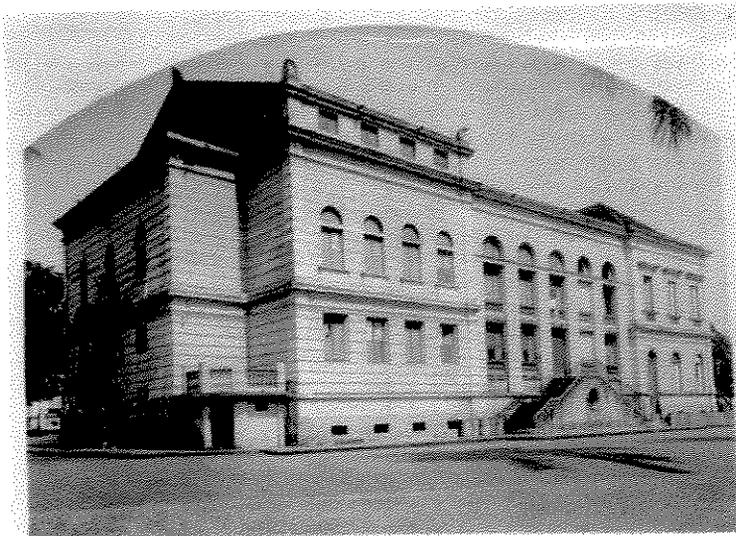
Vista da entrada do Teatro Carlos Gomes. Inaugurado em 1897, ocupava o grande Largo, juntamente com Igreja Matriz. Com a demolição do Igreja, em 1905, o Teatro tornar-se-ia imponente na ocupação da então Praça XV de Novembro.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto -APHRP

representa as riqueza dos que depositaram seus lucros com o café na transformação urbana de uma cidade que necessitava muito mais que belos e grandiosos edifícios, melhoria da infra-estrutura urbana e consolidação de áreas públicas para o convívio social.

Inaugurado em 1897, mais precisamente em 18 de dezembro³, ou seja, dois anos após as primeiras manifestações que indicavam as intenções de construí-lo, o Teatro Carlos Gomes mudaria profundamente a paisagem urbana, até então composta pelo edifício da Igreja Matriz em todo aquele imenso Largo.

³ A data consta do texto de Plínio Travassos dos Santos: Ribeirão Preto, Histórico e para História.

**Foto 08**

Vista da lateral do Teatro Carlos Gomes voltada para a Rua Duque de Caxias. Sua volumetria pesada define externamente seu corpo interno: ao centro, marcado pelas escadas a área de platéia; no fundo, mais elevado, área do palco e à frente com um leve deslocamento a área do foyer do edifício.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Até mesmo a implantação dos dois edifícios no terreno, situados um em frente ao outro, confere a todo o conjunto urbanístico um dado singular e de beleza rara nas cidades em formação na mesma época.

Uma condição que fragmentava aquele imenso Largo entre duas áreas menos nobres nos fundos dos edifícios, e uma terceira que estava justamente entre o Teatro e a Igreja, unindo-os pela sua própria dimensão esvaziada. Situação distinta, contudo, em relação à qualidade arquitetônica de ambos. Caracterizada, de um lado, por uma condição mais singela na utilização de ornamentação e elementos decorativos, no caso da Igreja; por outro, pela abundância de materiais importados, conferindo um requinte expressivo à edificação do Teatro, porém em contraste evidente com todo o entorno, ainda sem melhorias urbanas efetivas, dignas daquela edificação ali construída.



Foto 09

Imagem da Rua Duque de Caxias, marcada pela linha desenhada por palmeiras. No lado direito da foto, a Praça XV de Novembro, ocupada, em meio às árvores, pelo edifício da Igreja e ao fundo, pelo Teatro Carlos Gomes. A precária condição da rua, ainda sem macadam caracteriza aquele ainda ambiente rural. O pequeno espaço do passeio público enfrente aos edifícios é uma característica que perdura ainda hoje no centro da cidade. Fato interessante é o alinhamento rigoroso dos edifícios à rua, caracterizados por repetição de grandes aberturas e utilização de platibanda na cobertura. Foto realizada entre 1897 e 1905.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Sua materialização arquitetônica mudaria não somente a estrutura física e territorial do espaço, mas, também, provocaria uma nova dinâmica social na Praça XV de Novembro. À medida que a cidade vai se urbanizando, que novos serviços são abertos entre o eixo da Praça XV e a Estação Mogiana, toda aquela área -caracterizada nos primórdios da ocupação do Largo, por uso quase estritamente religioso- incorpora tal dinâmica⁴. Não mais limitada enquanto espaço da fé, assume características que a identificam, muito mais até, a partir de 1897, como ambiente de consagração do mundo moderno,

⁴ Para essa dinâmica urbana que se processou entre o Largo da Igreja Matriz e a Estação Mogiana, com a intensa atividade comercial, sobretudo no eixo da Rua General Osório, foram feitas várias propostas de implantação de linhas de bonde. O primeiro pedido foi realizado, segundo a Ata da Câmara de 24 de outubro de 1884, por Vicente de Moraes Salles, "pedindo a esta Câmara para que lhe conceda dez ou doze palmos no centro de certas ruas, para estabelecer uma linha de bondes, para condução de passageiros e cargas desta Villa a Estação da Estrada de Ferro". De acordo com Plínio Travassos dos Santos, no seu "Ribeirão: Histórico e para História", um segundo pedido de instalação de linhas de bonde foi feito por Augusto Gonçalves, sendo que "até trilhos foram colocados em grande trecho da Rua Duque de Caxias". Apesar da instalação de trilhos na cidade, não existe nenhuma indicação de que tal transporte foi efetivamente iniciado.

sendo que ao seu entorno é que fazendeiros iriam construir seus palacetes urbanos, como a Residência Sinhá Junqueira, Residência Camilo de Matos Palacete Innechi, entre outras edificações.

É nesse sentido que a construção do Teatro Carlos Gomes é aqui definida pontualmente como tempo inicial de solidificação dos objetivos da elite dominante na construção da cidade moderna. E todo o início dessa nova dinâmica está justamente situada na última década do século XIX.

Legislar para Ordenar a Modernização

Esse curto tempo de uma década é momento fundamental na efetiva ruptura com a antiga condição rural que caracterizava toda aquela região. Momento de implementação de políticas urbanas que indubitavelmente iriam transformar todo o ambiente, impondo um ordenamento estabelecido em códigos legislativos, leis urbanísticas e projetos de melhoramentos e embelezamentos; esses dois últimos contratados com profissionais engenheiros ou mesmo realizados por funcionários da municipalidade⁵. O primeiro desses grandes

⁵ Tais políticas não estão localizadas exclusivamente no final do século XIX. Elas também se manifestam, até mais efetivamente, no início e metade do século XX, com a atuação de Profissionais Engenheiros, tanto na elaboração e execução de planos de melhoramentos e embelezamentos, quanto em cargos administrativos municipais, como, por exemplo foi o caso de Prestes Maia, em São Paulo. São exemplos de atuação na cidade de Ribeirão Preto, nesse período, o Engenheiro Grimmeisen, responsável pela primeira planta da cidade, em 1884; o Engenheiro Flavio de Mendoncha Uchôa, responsável pela implementação do sistema de Água e Esgotos na cidade e pela criação da "Empresa de Águas e Esgotos de Ribeirão Preto"; o Engenheiro Samuel das Neves, que segundo Relatório de 10 de janeiro de 1903, do Prefeito Municipal Dr. Manoel Aureliano de Gusmão, foi contratado para "*rectificação do Corrego do Ribeirão Preto, em uma extensão de quatro Kilometros*". Esse projeto desenvolvido por Samuel das Neves não consta do importante trabalho sobre Urbanismo no Brasil, coordenado pela Professora Maria Cristina da Silva Leme, na parte dedicada ao Engenheiro; o Engenheiro Francisco Saturnino de Brito, que elaborou um parecer sobre problemas relacionados com a captação de água; Engenheiro José de Oliveira Reis, Diretor de Urbanismo da Capital Federal, que elaborou o Plano Diretor da cidade em 1945 - Tal projeto, assim como o do

instrumentos seria o Código de Posturas da Câmara Municipal do Ribeirão Preto de 1889.⁶ Em tal Código, temas fundamentais para solução de problemas sérios daquela cidade incipiente foram inicialmente, ou alguns superficialmente, abordados: Edificações, alinhamentos, etc; Asseio, segurança e comodidade pública; Hygiene e salubridade publica; Policia preventiva; Commercio e Industria; Da Illuminação, entre outros, compõem a estrutura principal do documento.

Logo no Capítulo I do referido Código, a preocupação com a qualidade construtiva das edificações, das suas relações espaciais com o entorno e adequação urbanística são evidentes. Conforme o Art.4.,

"Nenhum edificio será levantado fóra da linha do arruamento; aquelles que forem construidos dentro de terrenos serão fechados por muros, gradil de ferro ou madeira na linha do arruamento",

ou, ainda, a proibição de construção de novas edificações sem que se *"proceda ao competente alinhamento e nivelamento feito pelo arruador com assistência do fiscal e do secretário"*, de acordo com o Art.19.

Nessas duas legislações de caráter eminentemente urbanístico, adota-se a manutenção do sistema tabular de organização e expansão da malha viária, impondo-se também uma ordenação quanto à implantação no lote, definindo uma ocupação linear do conjunto

Engenheiro Samuel das Neves, não consta na bibliografia presente no referido trabalho "Urbanismo no Brasil:1895-1965"; Engenheiro Prestes Maia, que elaborou, segundo Jornal A Cidade de 11 de agosto de 1955, as *"plantas referentes às construções da passagem inferior na porteira da Mogiana, para a ligação da cidade à Vila Tibério, Estação Rodoviária e Mercado Municipal"*. O material sobre o plano de Oliveira Reis e o parecer de Saturnino de Brito, é parte do acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

arquitetônico em toda as quadras já ocupadas e, principalmente, naquelas em etapa de ocupação.



Foto 10

Edifício comercial "Au Louvre". Na imagem o rigor da organização das aberturas e elementos decorativos na platibanda definem todo o conjunto, caracterizando uma adequação integral das normas do Código de Posturas de 1902. Imagem realizada em 1903 pelo fotógrafo João Passig.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Em relação às normas que determinariam obrigações específicas sobre o edifício, o Código não condiciona nenhum tipo de adequação estética⁷, como se verifica no Art.2., proibindo a Câmara de

"oppor-se á forma e architectura do edifício, uma vez que tenham sido guardadas as proposições geraes do plano, fóra das quaes será permittido edificar mediante planta aprovada".

Esse mesmo artigo aponta, porém, para o que pode ter sido a existência de um departamento ou secretaria responsável pela aprovação de todos os edifícios, tanto as novas construções quanto as reformas. Fica claro que a não interferência em relação aos aspectos estéticos e formais não deve significar a inexistência de critérios que

⁶ O referido Código de Posturas foi publicado na Secretaria do Governo da Provincia de São Paulo, aos tres dias do mez de Agosto de mil oitocentod e oitenta e nove, sendo Secretário da Privincia Luiz Gonzaga de Oliveira Costa

⁷ Essa questão vai ser abordada no Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, de 1921, na SECCÃO VI do Cápítulo IV.

necessariamente precisam ser observados nos projetos e nas obras, uma vez existir a fiscalização na cidade. Contudo, tais critérios se limitavam a questões exclusivamente técnico-construtivas, não existindo no texto do Código, nenhuma indicação quanto às problemáticas sanitárias internas aos edifícios⁸.

A preocupação com higiene e salubridade está mais relacionada com os terrenos, quintais e a ocupação que é dada a tais áreas, como indica o Art.63 do Capítulo III:

"Todos os moradores da cidade, povoações e suburbios, são obrigados a franquear seus quintais, areas e pateos, para serem examinados pelo fiscal o estado de asseio e limpeza em que se acharem",

ou, ainda, o Art.65 do mesmo Capítulo, que afirma ser

"proibido ter em suas casas, quintaes ou dependencias, deposito de lixo, aguas estagnadas ou materias corruptas ou de facil corrupção, capaz de prejudicar a salubridade pública".

Se o Código de Posturas não aborda de maneira decisiva a problemática da higiene das edificações, ou, no caso da inexistência de regulamentação arquitetônica, no que diz respeito a uma adequação estética, de utilização de ornamentação ou qualquer outro recurso decorativo, não significa, porém, um abandono da preocupação com a paisagem urbana. Nesse caso, a legislação pretende estabelecer um padrão de ocupação dos lotes e das quadras. Com isso estabelecer gabaritos para as edificações térreas e sobrados, o que pode resultar

⁸ A existência de Departamento ou Secretaria responsável pela aprovação dos projetos também fica comprovada pela Ata da Câmara de 15 de fevereiro de 1890, que faz a "Indicação de decreto para o Código de Posturas proibindo edificações antes de apresentar a planta do edifício para poderem ser observados as regras de Architectura e Hygiene". Nessa ata já surge a preocupação com os problemas da higiene interna

numa unidade formal do conjunto, na sua relação mais direta com as áreas livres públicas, ou seja, das fachadas dos edifícios. Tal ordenamento pode ser verificado em alguns artigos, como o Art. 6., definindo que

"para a edificação de prédios e modificação dos existentes, com demolição da frente, observar-se-á o seguinte:

§ 1. As casas terreas terão ao menos 4 metros de altura da soleira da porta da frente ao frechal.

§ 2. As casas de sobrado terão o metros de altura.

§ 3. As beiras dos telhados terão nunca mais de 0,55 m de largura com cimalha ou encachorradas e forradas",

estabelecendo uma padronização bastante rigorosa para a toda a área urbana, nesse momento ainda concentrada no entorno mais próximo do grande Largo da Igreja Matriz e da Estação Mogiana.

Mais rigorosa que a lei que define tal padrão é a punição que ela estabelece para o não cumprimento pelos construtores, ou seja, a obrigação de *"demolir á sua custa a parte feita com violação deste artigo"*, o Art. 6., além do pagamento de multa de 30\$000.

Continuando nesse objetivo, com a **qualidade urbanística** que o conjunto arquitetônico pode produzir, respeitando normas, que na maioria das vezes se limitavam, como já abordado, a uma padronização de fachadas, um outro artigo define a necessidade de simetria na organização das portas e janelas. Define também as dimensões de altura e largura, sem apresentar preocupação pela

dos edifícios, inexistente no texto do Código de 1899. Porém, não deixa claro o que pode significar o cumprimento das regras de Arquitetura para as novas construções.

necessidade de ventilação e iluminação com tais dimensões⁹, fatores fundamentais na melhoria da qualidade higiênica no interior de qualquer habitação. Verifica-se, portanto, a não definição de um discurso exclusivo em prol da ornamentação das fachadas, que de certa forma resultou, até demasiadamente, numa quase total inexistência de elementos que iriam se tornar, alguns anos depois, uma obsessão do ecletismo importado. Contudo, não se pode retirar de tais posturas urbanísticas um caráter ordenador, mesmo que minimamente estabelecido, privilegiando o **embelezamento urbano** na área central do Município, sem fazer referência aos mesmos aspectos nas áreas mais afastadas, ou nos **subúrbios**, como o próprio Código definiu, no Art.63.

Inicia-se, assim, já nesse primeiro Código, a criação de um ambiente urbano privilegiado em toda a área urbana central, consolidando, ainda que muito mais intensamente restrito a uma normatização que aos poucos vai sendo implementada¹⁰, uma área do município higiênica e bela.

⁹ "Art. 7. Guardar-se-á toda a regularidade symetrica na collocação das portas e janellas, devendo estas terem 1,75 m de altura e 1 metro de largura" ou uma preocupação interessante com as esquinas, o que definiu em alguns casos um padrão "chanfrado" das edificações nesses lotes situados nas esquinas, como é possível verificar no Art. 10. "Os predios que se edificarem nas esquinas serão de duas frentes, observando-se as disposições dos Arts. 6 e 7", aqui já apresentados.

¹⁰ A preocupação direcionada com a área urbana central pode ser verificada no Art.9 que define também um padrão construtivo para novas edificações, exclusivamente nessa região do Largo e arredores próximos: "Ficam igualmente prohibidas as construções de casa de meia agua nas ruas, praças e travéssas da cidade, e bem assim as cobertas de capin, palha ou sapé, sob pena de multa de 30\$000. As de meia ahua já existentes serão seus donos obrigados a puxal-as para frente no prazo que lhe for marcado pela Câmara; e as cobertas de sapé, etc. substituidas por telhas ou demolidas". Interessante, nesse artigo, é a necessidade que seria determinante nas questões urbanas e arquitetônicas do Poder Público Municipal, qual seja, a de eliminar os resquícios de um ambiente rural, que não mais poderia permanecer. A imposição atua através da necessidade de prosseguimento de um padrão construtivo para os novos edifícios, de uma urgente alteração de alguns em condição de fazê-lo e, para as casas mais simples, a sua demolição ou substituição total por material mais nobre. Por outro lado, não se define nenhuma obrigatoriedade, ou nem mesmo são mencionadas

Nos outros capítulos que compõem o documento integral do Código de Posturas de 1889, as mesmas intenções que priorizam a área central são também mantidas. O indesejado aos olhos dos que legislaram as normas de uso e ocupação do solo urbano era enfaticamente transformado em transgressão e automaticamente circunscrito como algo a ser banido, reprimido e punido. E não existia distinção entre os indesejados, pessoas, animais, ou atividades que poderiam irromper a ordem pretendida.

No caso de pessoas, eram os ciganos os responsáveis pela determinação da lei. Segundo ela, no seu Art.51

"é proibida a permanencia neste município por mais de 24 horas aos ciganos, que não poderão arrancher-se em distancia menor de uma legua da povoação.(...) O fiscal recorrerá á autoridade policial para dar cumprimento á disposição do presente artigo".

Nesses casos em que a transgressão se dava às normas morais e sociais, seus infratores seriam tratados enquanto problema de polícia, e sua permanência restrita temporalmente. Isso, a fim de evitar não só a possibilidade de algum tipo de fixação mais duradoura, com suas ocupações tão características de organização territorial, mas, também, evitar, com o rigor da lei, o possível convívio com os moradores da cidade.

A mesma imposição excludente ou restritiva era definida para alguns tipos de atividades, porém, não tão severas como as impostas aos ciganos. De acordo o Art.94, no seu § 3, do Capítulo VII, sobre o *Commercio e industria*, "No perimetro da cidade é prohibido qualquer genero de commercio ou industria que prejudique as edificações e a

as áreas que estão fora dos "limites" que definem essa centralidade, como é o caso

saude publica”, ou, ainda, a determinação dos horários que os estabelecimentos deveriam permanecer fechados em função, principalmente, das atividades religiosas dos domingos e dias santificados, o que confirma a importância que o Largo assumia nesses dias para a sociedade¹¹.

Como ainda não estava construído o Teatro Carlos Gomes, nesses anos de 1889, a exclusividade do espaço estava toda definida pelo Edifício da Igreja Matriz, estando também as atividades religiosas protegidas da competição com os novos serviços e bares, entre outras, que aos poucos ocupariam também o Largo.

Na medida em que o corpo social, na sua devoção católica coletiva se mantinha unido pela fé e pelos bons costumes, mais fechadas se estabeleceriam as relações sociais, o que, por outro lado, tornava facilmente identificáveis e reprimíveis, aqueles que poderiam representar uma ameaça à ordem em processo de construção, como os ciganos referidos na lei.

Mas a cidade e suas problemáticas não estavam restritas, ou não poderiam ficar, a um conjunto de leis fechadas nas suas definições e invariavelmente imóveis nas suas normatizações. A dinâmica de fatores econômicos, de infra-estrutura e transporte, como foi, por exemplo, a instalação da ferrovia, promoveu no Município uma alteração dos acontecimentos em ritmos que não iriam admitir a condição estática do Código de Posturas. Tais fatores exerciam e impunham uma dinâmica também aos poderes políticos, sobretudo à Câmara Municipal, nas suas ações, sessões e atas, a fim de instaurar

do Núcleo Colonial Antônio Prado e arredores já ocupados com habitações.

¹¹ Conforme o Art. 88 do Capítulo II, "*Nenhuma casa de negocio se conservará aberta nos dias úteis depois do toque de recolher, que será ás 10 horas da noite no verão, e ás 9 horas no inverno. Nos domingos e dias santificados as casas de negocio se fecharão ás 3 horas da tarde*".

na cidade condições favoráveis às mudanças. Por outro lado, isso não significava uma mudança no discurso que orientava ideologicamente a construção da cidade moderna, consolidando-a como ambiente propício às atividades cotidianas de uma burguesia cada vez mais urbanizada e afastada dos centros de produção de riquezas: as fazendas de café.¹²

À proporção essa população se deslocava para a cidade, o que não significava abandonar o campo, pois lá estava ainda aplicado seu maior capital, era preciso dar início a um processo de transformações urbanas em caráter de urgência. As dificuldades da vida urbana no Município de Ribeirão Preto ainda eram maiores que as capacidades de alterá-las, em virtude da falta de recursos financeiros próprios da municipalidade. No caso específico da falta de dinheiro público para solucionar alguns problemas e implementar projetos de melhoramentos urbanos, a saída estava nos pedidos de empréstimos, como atesta a Indicação presente na Ata de 20 de abril de 1893:

¹² O processo de urbanização brasileiro, é caracterizado, até os dias atuais, por um intenso êxodo rural, em função do que as cidades poderiam oferecer de melhoria na qualidade de vida e oportunidade de trabalho e, por esse motivo, na maioria das vezes identificado como um movimento exclusivo da população trabalhadora. Adotamos, aqui, esse mesmo movimento enquanto um "êxodo rural burguês", distinto, portanto, do primeiro, uma vez que seus representantes não estavam à procura de trabalho ou melhoria das condições de vida. Conforme descrito no presente estudo, as condições de vida nas fazendas eram até melhores que na cidade, como é o caso das fazendas dos maiores produtores de café. O que se pretende, então, nesse "êxodo rural burguês", é a consolidação do seu projeto de dominação nas suas mais diversas áreas, tais como a economia, política, serviços, produção e vida social. E, nesse caso, a cidade era o local privilegiado para tal projeto. É na cidade que a técnica e o progresso acompanhados por tudo aquilo que a estética do ecletismo e da urbanização sanitaria que se consolidaria o projeto burguês, que foi um projeto necessariamente urbano. Não seria patrocinada por dinheiros particulares dos fazendeiros a construção de Teatros e Sociedades Recreativas, nas áreas rurais. Na cidade, nas áreas mais nobres, como o caso da Praça XV de Novembro e principais ruas, que seriam construídos palacetes ecléticos, repletos de ornamentação e um programa arquitetônico residencial que romperia inclusive com os limites impostos pelos códigos construtivos de alinhamento das edificações no lote: a implantação da casa no terreno permitiria, então, a interiorização das áreas verdes, em repletos e elegantes jardins no entorno da residência, quase sempre um sobrado imponente.

"Indico à Câmara para contrair empréstimo com o Banco da República. O produto desse empréstimo será aplicado exclusivamente em abastecimento de água e saneamento da cidade".

Ainda assim, os problemas não estavam somente nas dificuldades orçamentárias da Municipalidade para contratação dos serviços de melhoramentos. A questão, surpreendentemente, era deslocada para a inexistência de interessados em elaborar os serviços através das licitações em voga, o que dificultava e atrasava as melhorias necessárias à cidade.¹³ Problemática que também se agravava com a possível existência de profissionais Engenheiros para a realização de tais trabalhos, que demandavam conhecimentos técnicos específicos para a implementação de um plano de água e esgotos¹⁴, talvez a necessidade mais séria na época.

E cada vez mais uma solução para a falta de canalização de água e esgotos tornava-se um incômodo e um perigo à saúde pública pelas possibilidades de transmissão de moléstias que esses meios favorecem. O acúmulo de fossas, estagnação de águas pluviais sem um sistema de escoamento e captação e acúmulos de detritos contribuía seriamente para uma situação desequilibrada no ambiente urbano¹⁵. Cada vez mais e com mais urgência tais melhorias eram

¹³ Tal dificuldade fica clara no seguinte texto: *"Tendo expirado o prazo marcado pelo Conselho da Intendência para apresentação de propostas sobre os diversos serviços de melhoramentos desta cidade, e não aparecendo proponentes, indico que se marque novo prazo de trinta dias"*, conforme Ata da Câmara do dia 02 de maio de 1891.

¹⁴ A rede de esgotos seria inaugurada em 24 de fevereiro de 1900 foi realizada, após transferência de solicitação, pelo Engenheiro Flavio de Mendonça Uchôa.

¹⁵ O Código de Posturas de 1889 também apresentava artigo que tratava dos problemas relacionadas com as águas estagnadas como fator fundamental de proliferação de moléstias. Conforme Art. 55 do Capítulo III sobre Higiene e salubridade pública, *"É proibido conservar-se terrenos paludosos dentro da cidade e arrabaldes, onde possam estagnar as águas pluviais"*.

debatidas e solicitadas à Câmara através de novos empréstimos, como o solicitado em Ata de 18 de maio de 1893 que

"indica á Camara Municipal para auxilio ao Secretario da Intendência auxillio de 100\$000 para a canalização de água e outros serviços urgentes de Saneamento do Município".

Mas os problemas que a inexistência de tais serviços implicava no cotidiano da população, claro que à população habitante da área central da cidade, tornar-se-iam insuportáveis, não significando porém sua solução imediata. Ainda seriam necessários alguns anos para a completa implementação dessas melhorias urbanas, como demonstra, em relatório da Intendência da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, de 28 de novembro de 1895 –dois anos após a indicação de Ata da Câmara de 1893-, o próprio Intendente Sr. Fernando Ferreira Leite, que afirma o seguinte:

"Coube-me a honra vos communicar que esta Camara representada pelos D.D. Vereadores, os cidadãos Arthur de A. Diederichsen e Francisco Schmidt contrataram o Governo do Estado a dar, este, começo no serviço de abastecimento de Água e Rêde de Exgotos e a fazer as respectivas construções sob a condição de concorrer, esta Camara, como de cento e vinte contos de reis(...) Attendendo 'urgencia que havia, d'este Municipio tomar lugar entre os beneficiados pela lei estadual 368 e á boa vontade do governo em contemplal-o n'aquelle logar, e á necessidade que tem esta cidade de tal melhoramento, para o seu completo e absoluto saneamento".

Entre o saber das necessidades mais fundamentais para a população urbana do Município de Ribeirão Preto, da urgência em priorizar os investimentos nas soluções que a Engenharia Sanitária poderia

oferecer, e sua mais objetiva e definitiva realização, podem existir outras intenções que desloquem os rumos definidos como prioridade para toda a cidade. Deve-se lembrar que, com todos esses problemas que a área urbana continuamente enfrentava, ou melhor, não se deve mais falar em enfrentamento, mas um convívio necessário e indesejado, alguns vereadores estavam ainda preocupados com questões, talvez até a esse momento, desnecessárias, como é o caso da construção de um grande Teatro.

A comunicação feita pelo Sr. Intendente Fernando Ferreira Leite, da *"urgência pelo seu completo e absoluto saneamento"*, é contemporânea ao pedido de permissão para a construção do Teatro Carlos Gomes, deslocando os esforços na solução da questão das águas e esgotos para a edificação de um teatro, a fim de satisfazer aqueles já mencionados desejos burgueses pela vida moderna e tudo que ela representava. Da mesma forma, pelo também desejo consumista que as vitrines e seus produtos importados promoviam nessa burguesia cafeeira enriquecida, que transformaria a cidade no cenário ideal para seu devaneio cotidiano.

Diante da inoperância administrativa dos interesses públicos, que as próprias Atas de Câmara atestam, identificada nos longos períodos de discussão sem, no entanto, oferecer soluções a curto prazo, restava à população, se, não integrante do grande poder político dominante que articulava as decisões Municipais, a reivindicação. Em verdade, uma única carta de reclamação de habitantes moradores da área central foi localizada, mas, a contundência das argumentações e os problemas levantados demonstram a indignação com as condições higiênicas da cidade. Na carta, a população está *"pedindo providencia quanto ao lamaçal em que fica, quando chove, a sobredista Rua"*, exigindo também,

"prontas providencias mandando abaular a rua, e fazer as sarjetas para que os proprietários cumprão com o seu dever, levantando passeios que se tornarão necessarios para a limpeza, commodidade e aformozeamento da Cidade".

Essa situação de inoperância administrativa reclamada pelos moradores também deixa evidente que as obrigações para com a municipalidade estavam sempre impondo ordenamentos e sobretudo punições ou multas para seu não cumprimento. Tal reclamação, que data de dezembro de 1894, portanto, um ano anterior da mesma discussões na Câmara¹⁶ sobre urgência daquilo que a população há muito vinha solicitando é, por outro, lado posterior ao que o próprio Código de Posturas de 1889 determinava em relação às obrigações dos munícipes. Em seu Art.13 do Capítulo I,

"Todo proprietário é obrigado a substituir o actual calçamento nas testadas de seus predios, pelo que fica estabelecido, levantando ou abaixando, conforme o nivelamento, á proporção que a Camara fôr mandando nivelar e macadamizar as respectivas ruas; pena de 30\$000 de multa e obrigado a fazer o calçamento".

Diante de tantos problemas, a população ficava entre os deveres impostos pelas Posturas Municipais e a necessidade, para efetuar tais normas urbanísticas estabelecidas para a ocupação dos lotes urbanos, do cumprimento da parte que cabia à própria Municipalidade através da Câmara, ou seja, a de efetuar o nivelamento das ruas e colocação de sarjetas.

¹⁶ Aquela elaborada pelo Sr. Intendente Municipal, Fernando Ferreira Leite de 28 de novembro de 1895.



Foto 11

Imagem realizada a partir da Estação Mogiana, em 1903, com a rua General Osório, definindo o eixo da perspectiva em direção ao centro da cidade. O fundo de vale do córrego Ribeirão Preto, em estado natural, sem nenhuma melhoria, e um ocupação com edifícios caracterizados pela inexistência de ornamentação, marcam a paisagem urbana.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Mas a população não estava sozinha ao apontar quão sérias eram as condições sanitárias e de infra-estrutura na cidade de Ribeirão Preto. A Comissão de Saneamento de Estado de São Paulo, no Relatório que ela denominou **Estudos da Cidade de Ribeirão Preto**, realizado em 1895, confirma o que foi apontado também pelos moradores.

Sem deixar de abordar algumas obras que já estavam em processo de construção, faz uma análise bastante criteriosa da realidade, afirmando que

"é urgente que outros melhoramentos sejam levados a efeito, como calçamento das ruas, sendo desde já construída as respectivas sargetas para darem facil escoamento às águas

pluvias, a limpeza¹⁷ ea drenagem dos terrenos, marginaes de Ribeirão que banhão-nos, organização methodica e bem dirigida dos Serviços de remoção do lixo das ruas e das casas, como também o das aguas servidas, enquanto não seja uma realidade e estabelecimento inadiavel de um regular de canalização de esgotos”.

Enfatiza, também, no seu Relatório, a importância que a cidade vinha assumindo no cenário estadual, sobretudo pela produtividade que suas terras poderiam significar para a produção de café. Assim como Martinho Prado, nas observações que fez durante sua viagem ao Município de Ribeirão Preto, a Comissão chega à seguinte conclusão:

“Sua lavoura nova e bem trabalhada, oferece uma das mais bellas e claras perspectivas de que pode o trabalho intelligente produzir, quando a produzi a uberdade do solo reuna-se a confiança, a certeza de troca vantajoza do prodcto cultivado”.

Não deixa de mencionar a importância que o sistema de transporte, através da estrada de ferro implantada em 1883, representava para a economia urbana, e o que ela significava enquanto possibilidade na troca de produtos e circulação de pessoas:

“A Estrada de Ferro Mogyana atravessa-lhe o município todo, e a sua estação ahí revela logo, pelo numero de seus armazéns espaçosos e elegantes, uma gare movimentada até, a vida animada de cidade bastante florescente e commercial”.

Porém, como a própria Comissão de Saneamento do Estado deixa claro, o florescimento econômico proporcionado pela ferrovia e pelas

¹⁷ Em Ata da Câmara de 01 de abril de 1894, a preocupação com a limpeza urbana também já estava presente nos discursos dos Vereadores. Conforme a Ata, “Indico á Camara que ordene ao Fiscal para intimar os proprietarios a capinarem a frente das

terras propícias ao cultivo do café não deveria significar um fim em si mesmo. Em suas análises sobre as condições urbanas municipais, a demora na conclusão de melhorias necessárias e indispensáveis à cidade constitui motivos de crítica e indicação para mais rápida solução, uma vez que,

"infelizmente, porém, só agora, ou datando de poucos annos a esta parte, cogitão os poderes competentes de dotarem-na dos melhoramentos indispensáveis a um núcleo urbano cujo progresso, dia a dia, accentua-se de forma a collocar-a em época pouco remota, em paralelo igual a uma Cidade de primeira ordem."

Essa indicação acontece no caso específico de um projeto de canalização e abastecimento de água. Pela conclusão da Comissão,

"o abastecimento de água é o problema que prezenemente chama a atenção, quer da Municipalidade, quer dos que se interessão realmente pelo seu desenvolvimento. É sobre elle que nós apresentamos estudos completos, orçamentando as despesas necessárias para seo estabelecimento",

Da mesma forma, uma proposta de implantação do sistema de águas que faria uso das terras do Coronel Francisco Schmidt, para captação e deslocamento até o reservatório da cidade.

O projeto chega à definição de ruas que receberiam a tubulação, bem como suas respectivas dimensões, tal como segue:

"O encanamento mestre, de V. 5 de diametro, da rêde de distribuição partirá do reservatório percorrendo a Rua Ruy Barbosa até o seu cruzamento com a Saldanha Marinho, onde

suas casas e que o fiscal mande remover os montes de cisco que se achão depositados em várias ruas da cidade".

ficarão assentados tubos de 0,12 até a Rua do Commercio. Esta Rua terá também para seu abastecimento, encanamento de 0,12 até a Rua 7 de Setembro, bem como esta rua e a do Barão do Amazonas no terço compreendido entre as Ruy Barboza e Commercio. A Rua Americo Brasiliense será servida por canalização de 0,10 desde a Rua 7 de Setembro até a E.F. Mogyana. Nas Ruas Lfayete e General Ozorio serão estabelecidos tubos de 0,76."

No traçado estabelecido pelo projeto da Comissão de Saneamento, é quase definida um grande área central da Cidade, como se no plano estivessem sendo traçados os limites considerados urbanos, ou o perímetro urbano da cidade. Para além dele, os mesmos problemas de falta de infra-estrutura não foram considerados, e a população moradora dessas localidades permaneceriam, portanto, sem as mesmas melhorias da área central.

Diante das constatações realizadas pela Comissão, fica mais que caracterizada a situação municipal, o que continuamente exigiria dos Intendentes Municipais a obrigatoriedade de reversão desse quadro lastimável. É nessa tarefa, que requer não só interesse político, mas principalmente recursos financeiros, que a orientação dos trabalhos estava voltada, como no texto do Relatório do Major Dr. Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, para

"o saneamento e Higiene desta cidade, serviços uns bem começados, outros em vespas de conclusão e outros com esperança de serem executados".

Porém, nesse objetivo higienista tão nobre do Intendente Municipal, aquela **outra** cidade, situada além dos limites estabelecidos pelos Córregos –que, aliás, coincidem quase inteiramente com o traçado do

plano de águas da Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo-, permaneceria ausente do discurso daqueles que tinham interesse político e recursos financeiros para construir a cidade moderna, livre das mazelas que ainda restavam do núcleo urbano do período imperial. Com a República, cada vez mais a urbanização da sociedade era não somente um desejo, mas também uma necessidade na consolidação dos poderes políticos, econômicos e culturais da burguesia. E esteve sempre fiel, nesse projeto, o Urbanismo, que também define a cidade como objeto privilegiado de sua ação. Uma ação que se processa, através de Planos de Melhoramentos e Embelezamentos no século XIX e início do XX, e, os próprios Códigos de Posturas Municipais ou Atas da Câmara a partir de 1874 –no caso de Ribeirão Preto-, ou, ainda, já em meados do século XX, com Planos Viários, Planos Diretores e Plano Nacional de Desenvolvimento Urbano, entre outros. Dessa forma, entre a higiene e a ordem urbana, estaria se legitimando o processo de modernização da cidade de Ribeirão Preto.

CAPÍTULO TRÊS
RIBEIRÃO PRETO, UMA MODERNIDADE *ENTRE RIOS*

Consolidação da modernidade: higiene, beleza e progresso na cidade disciplinada pelo urbanismo

"Em 1899 existia um "Horto Municipal", pomposo apenas no nome, situado no canto da Rua Visconde de Inhauma com a Avenida do Retiro, franqueado aos domingos e feriados. Foi o primeiro jardim público de Ribeirão Preto. Em 1901, as ruas ainda eram intransitáveis. Raras as beneficiadas com simples abaulamento. Passaios feitos sem observância de regras, destacados, em frente de uma ou outra casa apenas, ora largos, ora muito estreitos, em diversas alturas, de tijolos, de grandes lages de pedra e, raros, de cimento. Nos dias de chuva a cidade transformava-se em imenso lamaçal, obrigando os transeuntes ao uso de botas de cano alto. Nos dias de sol, a terra das ruas tornava-se em poeira finíssima, em camadas formidáveis, e ao menor pé-de-vento ou a passagem de pesados carros-de-bois ou de simples carros-de-praça, levantava-se em nuvens pavorosas, pavorosamente vermelhas...A Praça 15 de Novembro – o coração da cidade – era desoladora. No centro erguiam-se a Velha Matriz, em ruínas, já sem as torres, e o Teatro Carlos Gomes, o belo edifício de Ramos de Azevedo, inadvertidamente demolido recentemente, quando preferível era fosse conservado, pois representava uma das mais belas tradições da cidade(...) Ao lado, casas antigas, velhos e inestéticos pardieiros."

Até a conclusão e inauguração do primeiro ajardinamento da Praça XV de Novembro, no início de 1902, a situação de todo o Largo está bem representada no relato de Plínio Travassos dos Santos. O texto traz também uma consideração importante, sobre a existência de um

primeiro jardim público, o Horto Municipal e, ao mesmo tempo, como todo o Largo não se caracterizava ainda como área pública viável ao lazer¹. Tal condição de lazer, segundo Plínio Travassos, cabia ao Horto, mesmo sem poder servir efetivamente A essa finalidade coletiva, pela sua proximidade com o Córrego do Retiro, ainda não canalizado em toda sua extensão e, conseqüentemente, propício à insalubridade provocada pelas águas e áreas paludosas da região².

A inauguração representava, portanto, não só a concretização de uma área dedicada às horas de lazer da sociedade mas, a partir dessa realização, consolidar-se-ia como o grande símbolo da modernização em processo.

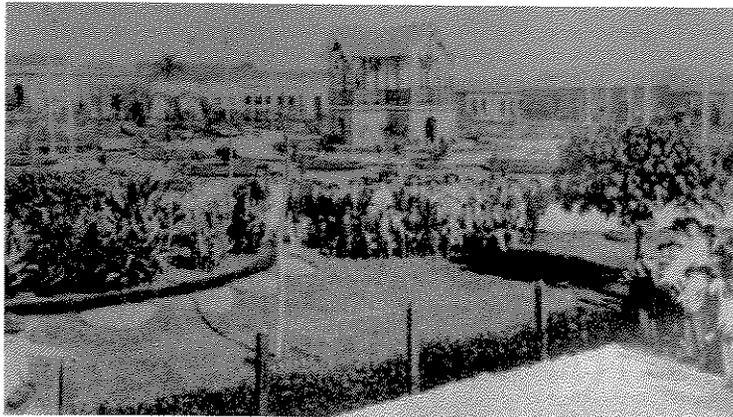


Foto 12

Imagem da inauguração do jardim público, em 1902, construído pelo advogado Ribeiro Loyola. Localizado entre as ruas Tibiriçá e Álvares Cabral, define uma primeira área de lazer, juntamente com o coreto ao centro para as bandas musicais. Foto de João Passig, em 1902.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Isso, contudo, não significa que a região da Praça XV de Novembro possa ser pensada isoladamente no contexto dos projetos de

¹ Nesse momento o Largo não está caracterizado ainda como área de lazer, no sentido de ser ainda um imenso "platô" de terra batida, desprovido de qualquer mobiliário.

² A situação do Horto Municipal deveria ser realmente ruim, uma vez que no Relatório do Intendente Municipal, Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira, apresentado à Câmara no dia 07 de janeiro de 1902, não existe menção à existência do Horto ou qualquer outro jardim público. Tal relato diz respeito ao projeto de ajardinamento da Praça XV de Novembro pelo Advogado Dr. Loyola: "*O Jardim Público acarretou uma verba de 20 contos no orçamento municipal, mas a Câmara entendeu de affrontar-a para criar o aprasível logradouro público(...)desafogo n´um ambiente mais puro, sendo de facto o jardim alem de bello ponto de passeio e para refregenio, um magnífico reservatório de ar oxigenado e vivificante melhoramento urbano de que carecíamos; pois a Cidade de Ribeirão Preto ainda não contava um só ponto hygienico para recreio público quer dentro do perimetro urbano quer nos arredores*".

melhoramentos. Ela assume, sim, uma condição de centralidade em relação a toda a área urbana do Município, por meio de investimentos que seriam designados para suas devidas melhorias. Em seu entorno seriam construídos os melhores edifícios, tanto os já citados palacetes residenciais quanto edifícios de entidades sociais e culturais, como a Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto, inaugurada em 1908.

Outro elemento importante na consolidação dessas melhorias, a legislação urbanística em vigor, também contribuiria decisivamente para o continuado processo de ordenamento e crescimento urbano. Pelo Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto do ano de 1902, a definição do desenho da cidade, das suas ruas e praças determinou, muito mais que no Código de Posturas de 1889, o traçado em tabuleiro³. Pelo seu Art. 1º da SECÇÃO I - TITULO I: Dos arruamentos e Das Edificações,

"todas as ruas que forem abertas na cidade ou na povoação do município, serão rectas e terão, no máximo 16 metros de largura. As Ruas actuaes conservarão em seus prolongamentos, a mesma largura que tem. As praças e largos deverão ser, sempre que o terreno permitir, quadrados, rectangulos perfeitos, ou outras figuras regulares e symetricas".

E foi nas adjacências do entorno da grande praça central retangular, como definia o código, que outros importantes espaços públicos complementariam o projeto urbano de modernização da cidade⁴.

³ As determinações do Código de Posturas de 1889 estariam restritas ao alinhamento e nivelamento das ruas.

⁴ Estes outros espaços públicos são: Praça Treze de Maio, Praça da Estação e Praça Schmidt e Praça Aureliano de Gusmão, esta última como um grande bosque arborizado.

O conjunto de toda essa área urbana central, com a Praça XV de Novembro como eixo orientador da modernização, é que deve ser considerado espacialmente como a cidade presente nos discursos da Câmara e Prefeitura Municipal. A cidade que interessava aos poderes estabelecidos edificar ao seu modo, às suas intenções e ambições. Tal projeto se tornaria efetivo, a principiar pela primeira grande transformação da cidade empoeirada e suja, através do seu segundo símbolo -considerando como primeiro símbolo o Teatro Carlos Gomes- maior: a Praça XV de Novembro, espaço de origem da Vila do São Sebastião do Ribeirão Preto, nos anos de 1856, e referência urbana europeizada no imaginário social burguês no século XX.

Valendo-se do trabalho do Advogado Augusto Ribeiro de Loyola⁵, que elabora todo o plano e executa o ajardinamento, aquele aspecto decadente e empoeirado apontado pelo texto de Plínio Travassos começaria, enfim, a mudar. Porém, apenas uma parte da grande área, já ocupada com os edifícios da Igreja e Teatro receberia os melhoramentos previstos no projeto do Advogado. Localizado inicialmente entre as ruas General Osório, Tibiriçá, Duque de Caxias e Alvares Cabral, ficou conhecido como "O Jardim do Dr. Loyola", e sua expansão para todo o Largo seria realizada em etapas posteriores.

⁵ Pela Ata da Câmara de 15 de agosto de 1900, é debatido o pedido de responsabilidade de execução do jardim pelo advogado: "Tendo o illustre Advogado desta Cidade o SR. Augusto Ribeiro de Loyola se offerecido a ajardinar o quadro do Largo 15 de Novembro entre a Praça GENERAL OZORIO, TIBIRIÇA, DUQUE DE CAXIAS E ALVARES CABRAL(...) peço á Camara, autorizar o deicho da mesma quadra."

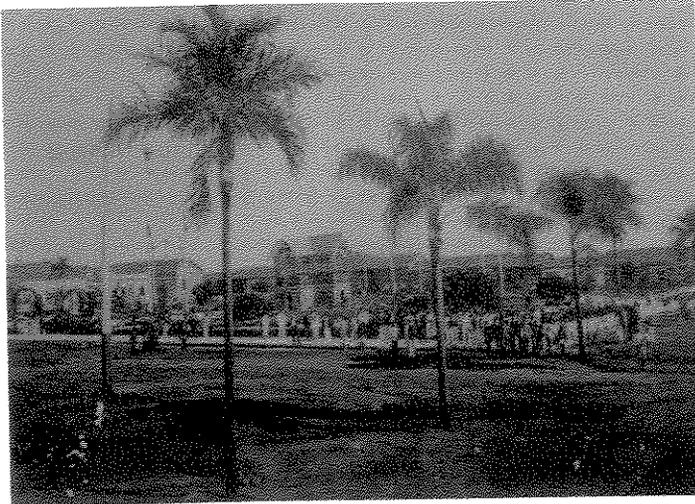
**Foto 13**

Imagem da parte ajardinada da Praça XV de Novembro, que ficou conhecida como Jardim do Dr. Loyola. A metade anterior da foto continuaria ainda por um tempo sem proposta de ocupação com circulação e jardins definidos. Uma imagem do que era aquele "platô" de terra batida, propícia ao pó e á lama.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Uma primeira grande reforma da sua área ocorreria somente nos anos de 1920, na administração do Prefeito João Rodrigues Guião⁶, a essa época já constituído como um belo jardim europeu, ou, como diria Assis Chateaubriand, em visita à cidade, no ano 1922, "*um padrão de cultura*"⁷. Por outro lado, naqueles anos iniciais do século XX, a outra parte do Largo permaneceria nas mesmas condições que a maioria da cidade, e como numa contradição, pois era a área mais nobre, entre o Teatro e Igreja.

Em vistas dessa situação ainda precária da cidade, restava aos intendentess, principalmente os que administraram a cidade na década final do século XIX, mais precisamente a partir de 1896, iniciar a reversão desse quadro. Nessa lógica, a ação de arborizar e embelezar

⁶ Pelos Relatórios da Câmara Municipal e Prefeitura, João Rodrigues Guião foi Prefeito entre fins do ano de 1923 e 16 de janeiro de 1926, quando apresentou o Relatório da sua administração à Câmara Municipal.

⁷ O jornalista Assis Chateaubriand elaborou a seguinte crônica sobre a Praça XV de Novembro, em sua visita à cidade: "*...da janella lanço um golpe de vista sobre a linda praça, que fica diante da nossa hospedaria. Esta praça tem um bom gosto raro: dir-se-ia, pela gramma tenra, bem cuidada (...) Comove-me o imprevisto desse encontro, que meu olhar se mostra imediatamente sensível. A harmonia, a doçura, a suavidade daquelle jardim (...) Ribeirão Preto pode gabar-se de ter, na sua praça principal, um padrão de cultura "*

a grande praça ficaria adiada até a ação desenvolvida e coordenada pelo do Dr. Loyola.

Aos Intendentes recaíram as obrigações mais intensamente dispendiosas, e nem por isso belas, para os cofres Municipais, Obras que visavam exclusivamente, estabelecer uma infra-estrutura urbana ainda inexistente como iluminação, rede de água e esgoto e canalização de Córregos, entre outras. Conforme o Relatório do Intendente Municipal Major Dr. Joaquim Estanislau da Silva Gusmão de 07 de janeiro de 1897⁸, nos seus próprios dizeres

"conclui, embora imperfeitamente a canalisação do Retiro, auxiliado muito eficazmente pelo zeloso administrador de obras(...) Estabeleci o Serviço de Hygiene e Desinfeção Municipal, anexando-lhe a de Limpeza Pública(...) Como vêdes duas cousas principalmente occuparam sempre meu espírito: O Saneamento e a Hygiene desta Cidade, serviços uns bem começados, outros em vespuras de conclusão e outros com esperanças de serem executados,"

Como o próprio Relatório apresenta, várias medidas urgentes não foram passíveis de conclusão, o que dificultava a consolidação da melhoria das condições ambientais na cidade, como as que foram reclamadas pela população e apontadas pela Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, ambas no ano de 1895.

Para dificultar a situação, em vista da necessidade de geração de recursos financeiros para esses melhoramentos em higiene e saneamento, as dificuldades administrativas ficariam ainda maiores,

⁸ A sessão de leitura do Relatório dos Intendentes e Prefeitos Municipais ocorria sempre no ano início do ano posterior ao seu mandato. Nesse caso, o relatório é sobre o exercício de 1896.

pois surgem os primeiros indícios da possível existência de uma epidemia de febre amarela na cidade de Ribeirão Preto.

Com isso, dificuldades seriam impostas pela necessidade de redirecionar as prioridades de investimentos, estabelecidos anteriormente pelo Orçamento Municipal, para a saúde pública. Segundo Relatório do Director da Secretaria da Camara⁹ Municipal, em 31 de dezembro de 1896,

"devido à anormalidade que infelizmente se deu na vida sanitária deste município, tornando-se urgente necessidade o desequilíbrio das verbas rubricadas no orçamento vigente, como bem reconheceu esta Camara Municipal votando as resoluções, armando essa intendência de meios de acção para poder cercar a população deste município de verdadeiras garantias sanitárias contra a invasão da febre amarella que então ameaçou esta cidade."

A necessidade de desequilíbrio das verbas públicas significava, portanto, se, não a interrupção daquelas obras de melhoramentos, a dificuldade de conclusão das mesmas. E tudo isso num momento que obrigaria a municipalidade não abandonar nenhum dos lados: seja o do combate à epidemia, pelo lado da saúde pública, seja a consolidação da infra-estrutura urbana, pelo lado da modernização.

Foi o que de fato aconteceu, visto que o mesmo Relatório aponta, com mais detalhes, o importante melhoramento urbano iniciado anos anteriores, e continuado no exercício de 1896, que foi o início da retificação dos córregos que fazem margem ao que era considerado o perímetro urbano da cidade. Pelo Relatório,

⁹ No ano de 1896, a Diretoria da Câmara Municipal de Ribeirão Preto estava a cargo do Tenente Francisco do Sacramento.

"no cargo de Intendente Municipal, continuastes as obras de saneamento dos Corregos, rasgando, retificando e alargando os seus leitos, aterrando suas margens e saneando os extensos pantanos que circundam esta cidade, por meio de valetas e drenos que caminham para os referidos corregos as aguas estagnadas".

Por outro lado, a imagem que o mesmo texto cria na sua construção é justamente a da mais séria degradação ambiental, Situação provocada pela condição pantanosa das áreas às margens dos Córregos do Retiro e Ribeirão Preto, fatores favoráveis à proliferação de várias outras doenças. Para piorar a condição, equipamentos urbanos importantes do município estão localizados nessas margens, como o Matadouro Municipal¹⁰ e O Horto Municipal, ambos no Retiro, e Estação Mogiana Estrada de Ferro, no Ribeirão Preto. Áreas com atividades públicas do cotidiano urbano que se encontravam, pela situação ambiental, propícias a proliferação de males à saúde pública, como a febre amarela.

Entre essas atividades, o caso do Matadouro é o mais interessante no aspecto higiênico da urbanização da cidade, já que, devido aos problemas decorrentes das suas funções, tal serviço urbano tornou-se indesejável na cidade burguesa, que a todo custo, social e econômico, tinha que se livrar desse tipo de atividade, ou melhor, localizá-lo o

¹⁰ Em relação ao Matadouro Municipal, alguns aspectos já foram trabalhados no primeiro capítulo. Interessa, neste momento, indicar o início dos debates para a construção de outro edifício em outra localidade. E tal debate iniciou-se na Câmara no final do ano de 1890, conforme Ata de 04 de novembro de 1890: "indico que se publique a chamada de concorrentes para a construção e custeio do matadouro nesta cidade, nas seguintes condições: 1º - os edificios serão construídos de conformidade com a planta que se acha em poder do Secretário da Intendencia, nos terrenos cedidos gratuitamente no lugar situado perto da Serraria do Barracão dos Imigrantes..." O Barracão citado na Ata é o ponto de parada de trens com os imigrantes, localizado bem distante da área central, hoje conhecido como Bairro Ipiranga.

mais distante possível. De certa forma se estabelece um controle de uso e ocupação do solo, deslocando –no caso do Matadouro Municipal– e estabelecendo locais afastados da área central para a construção de outros serviços municipais, que poderiam significar um estorvo no objetivo de construção da cidade bela e higiênica.

Esse mesmo rigor quanto à localização de outros equipamentos urbanos seria adotado para a construção do Hospital do Isolamento, que, segundo o Relatório do Diretor da Câmara, em 1986,

"foi ainda sob essa gerencia que se iniciou a construção do Hospital, estando ella que se em meio a pelo já citado Dr. Lisboa reconhecido como sendo prehenchendo todas as exigencias de Hygiene e de melhor tipo que o adotado pelo Governo do Estado".

Define-se, portanto, uma política urbana que, na consciência das suas intenções claramente delimitadoras de uma cidade salubre, interna ao perímetro dos córregos, transfere para as áreas periféricas todo o ônus que essa urbanização sanitária produz. Nos mais afastados locais do Município, próximo ao Barracão dos Imigrantes e outras áreas, como aquelas delimitadas pelo Núcleo Colonial Antônio Prado, estariam sendo edificados equipamentos que não correspondiam aos desejos da burguesia cafeeira, responsável pela modernização da cidade.

Representação do indesejável, tais construções e serviços urbanos deveriam localizar-se próximo àqueles cujo convívio social também era indesejável, e, mais que isso, um perigo. Assim, aos imigrantes e trabalhadores, pobres em geral, matadouros, hospitais e cemitérios. Ao nobre burguês urbanizado, teatros, palacetes, praças e vitrines.

Somente o interesse em preservar a saúde pública, evitando que essa população pobre, ou melhor, pobre e perigosa, na sua natural condição

não higiênica, pudesse representar a possibilidade de transmissão de doenças, é que faz o discurso oficial pensar em escala municipal. Como o Tenente Francisco do Sacramento afirmou, a

"Camara reconheceu, armando essa intendencia de meios de acção para poder cercar a população deste município de verdadeiras garantias sanitárias contra a invasão da febre amarella."¹¹.

Na medida em que os interesses no combate aos problemas urbanos, como canalização de córregos, arruamento e ajardinamento de praças estavam centrados somente na área central, toda a região periférica complementar a escala municipal, ou entraria na ordem do discurso oficial, quando pensada como localização das grandes fazendas de café. Nesse caso, os bairros que já se formavam em toda a extensão dos dois córregos, assim como toda a sua população, não estavam nas prioridades da edilidade.

Ainda assim, mesmo as necessidades de melhorias continuavam das mais sérias na área urbana, sendo que as mais urgentes seriam finalizadas somente nos últimos anos do século XIX, na administração do Intendente Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira¹², o que não significa dizer que a implementação desses melhoramentos acontecessem de forma mais eficiente.

No caso específico da canalização de águas, as primeiras reuniões para discutir os problemas relacionados à sua falta na cidade datam do

¹¹ O Código de Posturas de 1889 já falava da obrigatoriedade da vacinação para toda a população, impondo também multas aos que não obedecerem tal norma. Pelo Art.56 do Capítulo Hygiene e salubridade publica, *"as pessoas não vacinadas, residentes no municipio, são obrigadas precedendo aviso, a comparecerem no dia, hora e logar designados para serem vacinadas, sob pena de multa de 5\$000 por pessoa.*

¹² O Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira foi Intendente Municipal de Ribeirão Preto de 1897 a 1901, e seu relatório foi apresentado em Sessão da Câmara Municipal de 07 de janeiro de 1902.

início do ano de 1884¹³. Porém, tornar-se-ia mais evidente sua implementação a partir do ano de 1893, como consta da Ata de 13 de abril:

"Indico que esta Camara providencie no sentido de ser canalizada e distribuida pela cidade em chafarizes a agua que nasce a margem esquerda do corrego do retiro perto da Santa Cruz do José Jacques¹⁴",

ou, ainda, em uma segunda sessão da Câmara no mesmo ano, que volta a fazer uso de empréstimos para a *"canalização da agua e outros serviços urgentes de saneamento do município."*¹⁵ Apesar da demora dos vereadores na implementação da canalização, ela é finalmente inaugurada no final do de 1898, após a Secretaria de Agricultura *"ter autorizado a repartição Thechinica de Aguas e Exgottos do Estado, a entrega do abstecimento d'agua d'esta cidade a esta Camara."*¹⁶

Terminada a instalação da canalização de água na cidade, a Câmara imediatamente inicia os trabalhos para a instalação da rede de esgotos, ainda inexistente. Isso ocorre através de transferência do contrato de concessão que havia sido estabelecido com o Sr. Manoel Tapajós, no mesmo de 1898, para o Engenheiro Civil Flávio de Mendonça Uchôa, que logo em seguida inicia os trabalhos, inaugurando-a em 24 de fevereiro de 1900. A rapidez com que se

¹³ Pela Ata da Câmara Municipal de 12 de fevereiro de 1884, "do vereador Junqueira indicando que esta Camara represente ao Governo pedindo concessão de quatro contos de reis para abastecimento d'agua potavel e chafarizes nesta Villa."

¹⁴ Essa proposta não vai ser a mesma apresentada pela Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, no Relatório "Estudos da Cidade de Ribeirão Preto de 1895". Tal Comissão indica a Fazenda do Coronel Francisco Schmidt como local de captação de água para a cidade, numa localização oposta ao apresentado pela Câmara.

¹⁵ Um outro empréstimo foi solicitado pela Câmara Municipal, pela Ata de 29 de maio de 1895, através de um representante perante o congresso, "pedindo autorização para contrahir um emprestimo externo de L.50.000 esterlinas, que será applicada em canalisação de agua e exgotos".

¹⁶ Essa autorização foi conferida pelo officio do dia 20 de outubro de 1898. O serviço de água na cidade seria inaugurado em 12 de novembro de 1898.

realizou a instalação da rede de esgoto na cidade estava na necessidade da Câmara, segundo o Intendente Siqueira, de

"conjurar por todos os meios ao seu alcance o perigo amarelo e custasse o que custasse, manada o interesse superior da salvação pública, não protelar a execução d'um melhoramento sanitário, destinado a substituir as antigas latrinas fossas que, num sub-solo poroso de extrema permeabilidade como é de nossa cidade seriam excellentes aliadas da febre amarela, na faina devastadora de cidades, quando por nossa desventura, houvessemos tido a visita do terrível mal."

Os indícios da possibilidade de uma epidemia acabaram exercendo, de certa forma, uma pressão sobre a Câmara que, rapidamente autorizou a Intendência executar tal serviço. Em verdade, o que representava a possibilidade da confirmação da existência do **perigo amarelo**, no imaginário social urbano, determinou, através das medidas necessárias, a implementação da rede.

Percebe-se, pelo discurso da Intendência, que não seria admissível para uma localidade em franco progresso material, ser solapada por esse mal, apesar de ser Ribeirão Preto, nessa época, pelas suas condições sanitárias, propícia à existência da doença. E a ameaça parecia até premeditada pelo Intendente Siqueira,

"em vista da densidade da população e do perigo da invasão de epidemias mortíferas de febre amarela que por de uma vez assolaram localidades próximas e outras mais remotas, mas em franca comunicação com a nossa cidade, pela ferrovia Mogyana".

Diante do medo e do assombro que a doença criava na população, a própria Ferrovia passou a significar uma porta de entrada, na cidade, para os males destrutivos da doença, e uma entrada desprovida de mecanismos apropriados que pudessem inibir sua proliferação. E, de fato, a doença conseguiria entrar por esta porta possível, a mesma que trazia o progresso e a riqueza: a febre amarela assolaria a cidade em 1903.

Porém, até o final do mandato do Intendente Joaquim Siqueira, com a instalação de água e a rede de esgoto finalizadas, a crença nas possibilidades técnicas da Engenharia estariam asseguradas. Dela e de todo o seu desenvolvimento tecnológico seriam dependentes as cidades e suas respectivas populações. E tanto na transformação do ambiente urbano, através dos mais diversos melhoramentos, quanto, e, principalmente, na questão sanitária, que mais imperativamente poderia representar a decadência econômica da municipalidade. O que se daria, dependendo da intensidade da epidemia, através da interrupção do transporte de mercadorias e da circulação de pessoas, que, amedrontadas, não mais se deslocariam para a cidade. Contudo, contra essas nefastas possibilidades que a da febre amarela contribuiria significativamente para instaurar, ficou Ribeirão Preto

"dotada com excelente melhoramento em suas condições Hygienicas, es como soe ser a de exgottos que possui e cujo plano foi concebido e a risca executado de accordo com os severos preceitos de Engenharia Sanitária Moderna, constituindo um meio de defesa urbana contra qualquer morbus epidêmico d'um valor patente e inestimavel por quanto, nada foi olvidado no sentido do aperfeiçoamento d'este municipio urbano, que possui bom numero de respiradores, com tubos de ventilação, estabelecido de modo a

*não permitir a mínima exalação deleterea em qualquer ponto da Cidade.*¹⁷

Era necessário combater os perigos representados por esse inimigo epidêmico, que nesse momento ameaçava entrar na cidade e nela instaurar o medo e a mortalidade.

Opondo-se a esse inimigo silencioso, como forma de **defesa urbana**, estariam as mais recentes técnicas modernas da Engenharia Sanitária, e com elas a noção do plano de ordenamento racionalizado e concebido por técnicos, profissionais da Engenharia, Medicina e Urbanismo, entre outros¹⁸.

Por outro lado, ameaçando essa lógica da **defesa urbana**, como que numa contradição, as ações que a Municipalidade definiu, na sua tarefa de dotar a cidade com as devidas melhorias, poderiam ser descaracterizadas pela própria população. A mesma população que reivindicou uma ação mais eficiente do Poder Público Municipal não contribuía, no que determinava o plano da rede de esgoto, com o progresso da cidade que já contava com outros dois importantes serviços urbanos: a

¹⁷ Relatório do Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira, Intendente Municipal. Sessão da Câmara do dia 07 de janeiro de 1902.

¹⁸ Essa noção de Plano, ordenamento racionalizado, não estava de fato caracterizada em Ribeirão Preto. O termo está vinculado a ações isoladas: Plano de Esgotos, Plano de Calçamento. Não se configura um Plano Urbano Integral para toda a cidade, sendo sim, ações pontuais. Uma concepção diferente à de Saturnino de Brito em sua atividade profissional, contemporânea às problemáticas urbanas da cidade de Ribeirão Preto. Segundo Carlos Roberto Monteiro de Andrade, "é ainda no *Noter sur le tracé sanitaire des villes* que Brito explicita com toda a clareza o porquê da necessidade dos planos de conjunto (...) Para Brito, trata-se de intervir no processo de urbanização, prevendo e ordenando o crescimento do organismo urbano. O acaso, os interesses fundiários dos proprietários e os interesses locais eram apontados como males que os planos gerais deveriam eliminar(...) Dessa maneira, Brito se aproxima, se não se adianta, às mudanças ocorridas na Europa dos anos 1910, em que o objeto das intervenções urbanísticas passou a ser a cidade em sua totalidade e sobretudo sua extensão. (ANDRADE, 1992.p.212-213)

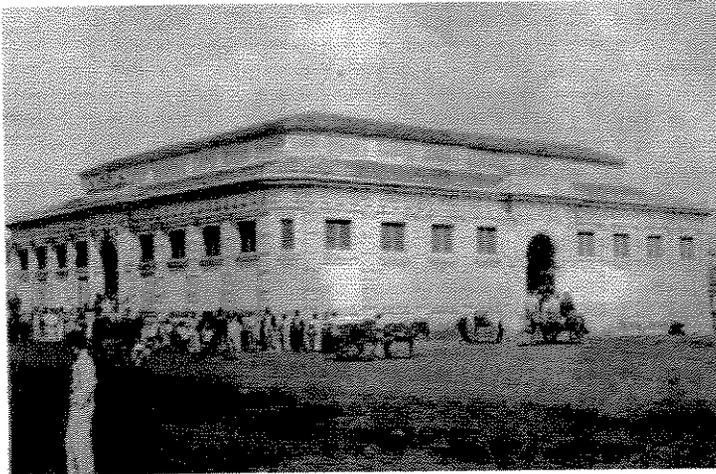
**Foto 14**

Imagem do Primeiro Mercado Municipal na região do córrego Ribeirão Preto, na Rua José Bonifácio esquina com São Sebastião, inaugurado em 1900. Danificado com a enchente de 1927, o Mercado é totalmente destruído em 1942 devido a um incêndio. Fotografia de João Passig em 1905, aproximadamente.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Iluminação Elétrica, inaugurada em 1899, e o Mercado Municipal, em 1900.

Contudo, assim como a população se dirigiu ao poder público, o Intendente também o fez aos munícipes, apontando quão necessária era a instalação de ramais coletores nos edifícios particulares. Segundo Joaquim Siqueira,

"há 22 mezes que funciona a rede de exgottos e só tem havido algumas construcções nos ramaes dos prédios, o que é natural, a vista da negligencia ou imprudencia dos moradores da cidade, que aqui como em toda parte onde se nota o inconveniente apontado, não tem o necessário escrupulo da servidão doméstica, de forma que dentro em pouco se constitui invensível embolo no interior do encanamento, interceptando o livre curso dos materiais para colleta geral."

Em relação ao Mercado Municipal, as discussões na Câmara para sua construção são bem anteriores às da rede de esgoto. Uma primeira intenção surge em Ata do dia 07 de abril de 1881, indicando a construção do Edifício no Largo da Igreja Matriz. Ainda no final dos

anos de 1880, uma outra indicação já apontava a possibilidade de edificação nas proximidades do local onde foi efetivamente construído e inaugurado, em 1900. De fato, a obra tornou-se viável pela Ata de 03 de setembro de 1899, resolvendo que

"o local do mercado seja o terreno compreendido entre as Ruas - S. Sebastião - José Bonifácio - Américo Brasiliense e Jeronymo Gonçalves(...) declarado de utilidade publica, e que se proceda a desapropriação, caso não chegue a um accordo com o proprietário".

Segundo o Relatório do Intendente Joaquim Siqueira, o Mercado foi inaugurado em agosto de 1900, sob a concessão da Empresa FOLEMA & CIA.¹⁹

Esse evento de negociação do Mercado aponta também para a incorporação e utilização de um importante instrumento da Legislação Urbanística, que é a desapropriação. Utilizado no caso do terreno para construção do Mercado, seria de uso recorrente pelo Poder Público Municipal, e aplicado a uma edificação de madeira na Praça da Estação. Segundo o Relatório da Administração Joaquim Siqueira,

"a casa de madeira, sita a praça da Estação Mogyana, actualmente denominada Francisco Shmidt foi condenada pela Delegacia de Hygiene e devia ser reformada(...) Sendo de grande utilidade urbana o alargamento d'aquella praça, entendeu a Camara ser mais accertado adquirir os terrenos para isso necessários, antes de reformadas as casas, pois que esse facto, augmentaria o valor dos prédios, tornando mais oneroso para a Camara a realização de importante melhoramento".

¹⁹ O Edifício do Mercado foi destruído por um incêndio, no dia 07 de outubro de 1942.

Entraves da Modernização Urbana

Com essa decisiva atuação do Poder Público Municipal, Ribeirão Preto entraria no século XX com os principais serviços urbanos instalados e em funcionamento, propiciando, aos moradores e usuários eventuais da cidade, as condições necessárias aos seus respectivos cotidianos.

Não obstante, um dos resultados mais imediatos dessas políticas urbanas municipais, aliás, em desenvolvimento desde os anos de 1856, quando ainda uma pequena vila rural, até o final de século XIX²⁰, foi o endividamento municipal. Situação provocada pelos gastos com as importantes obras, incluindo as de canalização de córregos, as desapropriações e a série de empréstimos que foram sendo feitos pela Câmara, a fim de gerar recursos financeiros para prover a cidade com toda a infra-estrutura urbana solicitada.

Diante desse quadro que vai se estabelecendo em cada gestão municipal, pelos gastos que estão estabelecidos em orçamento anual, ou aqueles que surgem devido a alguma anormalidade, como a febre amarela, as críticas começam a aparecer. Se não críticas negativas, uma análise dura das dificuldades que aquele endividamento municipal provocaria nas administrações posteriores. O que acarretaria um início de atividade administrativa com verbas públicas reduzidas, implicando novos empréstimos e mais endividamento.

Essa situação tornar-se-ia o início de um círculo vicioso que permanece nas atuais administrações municipais, capaz de criar uma disparidade

²⁰ Como já foi indicado, em termos populacionais, no final do século XIX, mais precisamente em 1900, Ribeirão Preto contava com 59.195 habitantes, o que demonstra um aumento considerável se comparado ao ano de 1874, com 5.552 habitantes, o que faz supor que os problemas urbanos também cresçam igualmente, assim como os custos dessa urbanização, cada vez mais expandida para além dos limites do Largo da Igreja Matriz.

entre a enorme demanda por ações governamentais e a pequena oferta de recursos financeiros públicos para tal.²¹

É evidente ser objetivo, dos Intendentes e Prefeitos, conseguir realizar o máximo possível de obras, marcando assim seu período na direção dos negócios públicos. Porém, na medida que determinadas ações de seu antecessor imediato, ou que foram acumulando-se ao longo do tempo, com empréstimos ou outros meios, aumentavam a dívida do Município com seus credores, esse objetivo estaria prejudicado.

Ainda assim, o primeiro a fazer essas considerações em seu relatório final foi o Prefeito Dr. Manoel Aureliano de Gusmão, em Sessão do dia 10 de janeiro de 1903, o que não deixaria de significar uma atuação também intensa na execução de grandes obras públicas e de outras menores. Exemplos disso são a reconstrução de grande parte do muro do cemitério, reformas no Matadouro, concertos no Hospital de Isolamento e arborização das principais praças públicas, como XV de Novembro, Treze de Maio e Barão do Rio Branco. Dessas obras **menores** as mais importantes foram, juntamente com as de arborização de praças, os alargamentos dos

"passeios da Rua General Osório, cujo calçamento, á paralelepipedos, deverá ser feito no correr deste anno, bem como reformados os passeios exteriores das quatros faces do Jardim da Praça Quinze de Novembro".

²¹ Nessa lógica, o discurso urbanístico contemporâneo vai incorporar de modo irrestrito a iniciativa privada na gestão urbana municipal. Incorporada como mercadoria, a cidade passa a ser mercantilizada, e tudo se resume numa espetacularização mercadológica do espaço urbano, cenário para os turistas dos novos museus que afloram por todos os lados. O resultado, ainda em processo de avaliação, está na ordem policial contra os mesmos pobres do século XIX, agora indesejáveis nas cidades-mercadorias da economia globalizada.

Se acarretando ou não dificuldades financeiras ao município, o que se efetivara, portanto, era a importância, entre outras áreas, do eixo entre o grande Largo e a Estação Mogiana, conectados, ambos os espaços, pela Rua General Osório, que a essa época, segundo o recenseamento predial realizado, já contava com 219 edifícios.



Foto 15

Imagem da Rua General Osório em direção à Praça XV de Novembro. Fotografia realizada por Flosculo de Magalhães, nos anos de 1910, demonstra uma ocupação comercial considerável nessa que era a principal via urbana na época. Com exceção do comércio da esquina as outras edificações seguem uma ritmo ordenado na ocupação do lote e ornamentação das fachadas.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Nessa linha contínua que faz a junção do grande espaço livre da vida social e cultural da cidade, a Praça XV de Novembro, até seu outro extremo, espaço da vida econômica e do progresso, a Praça da Estação, estaria representada toda a dinâmica urbana daquela que já era considerado pelos seus promotores a **Capital D´Oeste**. Uma dinâmica definida territorialmente pela importante rua ladeada por edificações residenciais e de serviços profissionais, secos e molhados, hotéis, farmácias e alfaiatarias, entre vários outros. Da mesma forma, pelas pessoas que transitavam de um lado ao outro, entre os negócios e passeios ao léu da burguesia cafeeira.

Uma situação que se acentuaria ano após ano, podendo ser observada no relato de um repórter da capital do Estado, no Jornal "Diário da Manhã", em abril de 1907:

"A primeira impressão que se tem ao enfrentar a rumorosa General Osório, sempre movimentada, vista da parte da Estação da Mogyana, é de se Ter diante dos olhos um trecho da paulicéia. Mas se se acentúa esse juízo depois que se percorre algumas ruas da cidade, nas quaes se encontra uma admirável semelhança com outros identicos pontos da capital."

A imagem que o relato do repórter desenha, pela memória das suas andanças pela área urbana do município, comparando-a com localidades da cidade de São Paulo, corresponderia com os anseios do poder público em deixá-la como tal. Sobretudo nesses anos iniciais do século XX, na área da Estação, início do deslumbramento com as imagens captadas pelo olhar estrangeiro daquela paisagem urbana continuamente em transformação. Nesse sentido, era necessária a permanência do ritmo dos trabalhos municipais na obtenção dos melhores resultados, como continuaria relatando o Prefeito Manoel Aureliano de Gusmão:

"Foi construído o resto do caes no Corrego do Ribeirão Preto no trecho fronteiro ao atêrro e mandados effectuar pela Companhia Mgyana, na Praça Francisco Schmidt. Aquella Companhia, dando fiel execução ao convenio que celebrara com a Camara em 1901, não só já fez todo o aterro da alludida Praça e o competente caes à margem do Corrego do Ribeirão Preto, como já tem quasi concluído o aterro de toda área da margem esquerda do mesmo córrego, que lhe fora cedida pela Camara, em troca do aterro da Praça Francisco Schmidt. Com a conclusão do importantíssimo serviço de aterro e caes mandados executar pela Companhia Mogyana, desde que, por sua vez a Camara mande fazer o mesmo na margem direita do corrego a par do immenso beneficio do completo saneamento

dos terrenos alagados alli existentes, virá a ser aquelle um dos pontos mais bellos e mais apraziveis da Cidade."

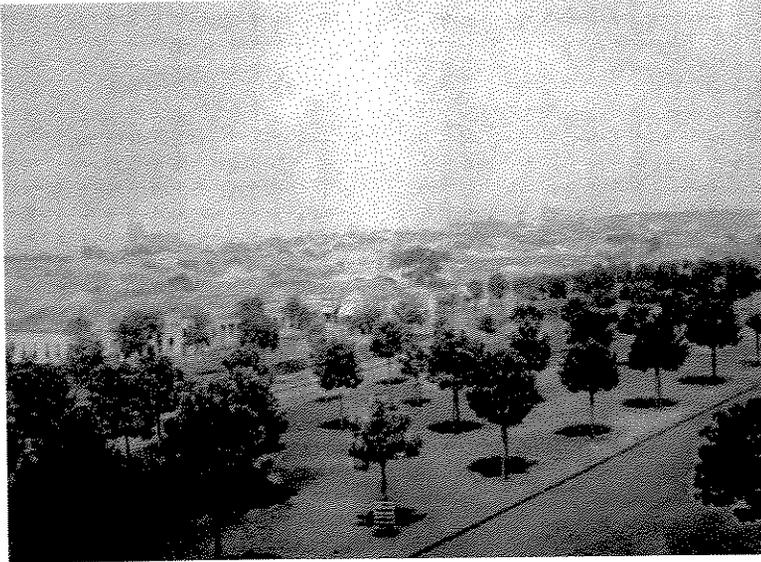


Foto 16

Vista da cidade a partir da Praça/jardim da Estação, com toda a área do córrego já urbanizada e ocupada pelo paisagismo urbano. A transformação dessa área é fundamental par as atividades ali realizadas, através dos Galpões da Mogiana. Uma única alteração no gabarito da cidade está definido pela construção da nova catedral na Praça 13 de Maio. Imagem de Flosculo de Magalhães nos anos de 1910.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

E o objetivo para a consolidação dessa cidade, bela e moderna, passava também pela contratação de profissionais de importante atuação na cidade de São Paulo, como foi o caso do Engenheiro Samuel das Neves²². Segundo o relatório do Prefeito Gusmão,

²² O Engenheiro Agrônomo Samuel das Neves exerceu uma atividade de construção civil importante na cidade de São Paulo, como projetos de residências, escolas, fábricas, escritórios, hospitais e penitenciárias. Atuou de forma decisiva "na autoria e coordenação do terceiro Plano de Melhoramentos de São Paulo, iniciativa da Secretaria da Agricultura, a partir de 1911, que previa o alargamento das Ruas Dr. Falcão e Líbero Badaró, com aproveitamento da encosta e ajardinamento do vale do Anhangabaú e antigo Largo da Memória, demolindo todos os prédios que lá se encontravam". in: *Urbanismo no Brasil: 1895-1965*. Maria Cristina da Silva Leme (coord). São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999. pp. 455-456.

"contractei com o Engenheiro Samuel das Neves a, rectificação do Corrego do Ribeirão Preto, em uma extensão de quatro kilometros a partir da Usina da Empresa de Força e Luz para baixo, melhorando esse que não podia por mais tempo ser protraído e para o qual foi votada a necessaria verba no orçamento que tem de vigorar no corrente anno".

Nesse caso, aquela problemática do comprometimento do orçamento municipal, que foi alvo de críticas pelo próprio Prefeito Aureliano de Gusmão, não significou impedimento para a realização do contrato com o Engenheiro, transferindo para o ano corrente, que seria o de 1903, o ano de vigor da verba votada na Câmara.

Por uma terrível coincidência, a necessidade dessa verba entraria em vigor justamente no ano em que uma intensa epidemia de febre amarela assolou a cidade. E como da primeira vez, o combate à epidemia exigiu recursos orçamentários adicionais da Câmara, deixando a ordem econômica municipal, em decorrência desse episódio, seriamente abalada.

Se, porém, em 1896, como no Relatório do Diretor da Secretaria da Câmara, Tenente Francisco do Sacramento, a febre amarela apenas ameaçou a cidade, a mesma sorte não ocorreu desta vez, e o primeiro indício da epidemia já havia sido constatado no ano anterior. Segundo Ata da Câmara de 22 de novembro de 1902,

"officio do Sr. Dr. Delegado de Hygiene Municipal comunicando que tendo o Sr. Dr. Leal da Cunha tido em sua clinica um caso que suspeitou ser febre amarella e avisando-lhe, afim de evitar a propagação desta molestia, diz que convocou algumas conferencias para as quaes convidou os Snrs, Dr. Floriano Leite Ribeiro, Macedo Bittencourt e Augusto Cesar que prestaram

com dedicação firmando-se então o diagnóstico de typho malaria e que o doente já estava em período de convalescência.”

A situação do município tornar-se-ia lastimável no ano seguinte, enquanto a febre perpetuava seus malefícios por toda a população. De acordo com Plínio Travassos dos Santos, que afirma em seu trabalho ter presenciado tal acontecimento, quando

*“declarado, afinal, oficialmente, o surto da “febre”, foram tomadas as mais rigorosas providências. A população, em grande parte, retirou-se para os municípios vizinhos. Os homens obrigados a permanecer na cidade devido aos seus afazeres, passavam as noites nas cidades próximas”.*²³

Até mesmo as atividades noturnas representadas pelos famosos empreendimentos do **Rei da Noite**, François Cassoulet²⁴, da cidade que era considerada também o **Eldorado Paulista**, tiveram que amargar meses de inatividade.²⁵

²³ Ibidem.p.98

²⁴ No seu trabalho sobre François Cassoulet, Benedita Luiza da Silva afirma que “a construção do chamado *império do mundanismo* de F. Cassoulet (...) como um processo dinâmico marcado por uma sucessão de abertura de estabelecimentos, na verdade, levou mais de uma década e esteve ligado a uma série de fatores que extrapolavam as qualidades de *Rei da Noite* do francês. O auge de seus negócios, no período em que controlava cerca de 90% das casas de entretenimento em Ribeirão Preto, foi alcançado em função de: o refinamento de exploração dos jogos e da prostituição; diversificação de suas atividades em restaurantes, cinemas, teatros e outros estabelecimentos ligados à diversão e cultura; a parceria com capitais de grandes empresas e/ou grandes produtores de café. Estes três fatores estão presentes na inauguração do Cassino Antártica, em 1914, no qual Cassoulet aumentou seus lucros, passando a explorar uma luxúria mais requintada, regada com champanha e jovens francesas, disponibilizadas aos seletos frequentadores a preço de ouro” (DA SILVA, 2000. pp.64-65) Cassoulet foi proprietário do Cassino Eldorado, esse ainda no final do século XIX, Rotisserie Sportman, Bijou Theatre, Cassino Antártica, além de Ter arrendado o Teatro Carlos Gomes.

²⁵ Infelizmente não encontramos nenhum exemplar de Jornal para uma abordagem mais detalhada das problemáticas municipais decorrentes da epidemia de febre amarela. O exemplar mais antigo de jornal é do dia 02 de maio de 1905, do “Diário da Manhã”. Atualmente a diretoria do jornal “A Cidade” não permite nenhuma pessoa ter acesso aos seus arquivos para pesquisa nas suas primeiras edições.

Por outro lado, como bem afirmou Plínio Travassos, os que necessitavam continuar na cidade, em função das suas atividades, mantiveram, mesmo que minimamente e correndo riscos de contaminação, as funções urbanas. Nesse caso se incluem as pessoas ligadas ao poder público, assim como todos os serviços de higiene para o trabalho de erradicação da epidemia, representados tanto pela Diretoria de Higiene Municipal quanto pela Diretoria do Serviço Sanitário do Estado. Esses serviços conseguiram declarar oficialmente extinta a epidemia em Sessão da Câmara de 17 de julho de 1903.

Dos primeiros indícios até sua completa extinção, foram nove meses assombrosos para uma municipalidade que vinha trabalhando em ritmo intenso, na consolidação do seu projeto de construção da **Capital D´Oeste**. Assolada pela epidemia e, como conseqüência, com a evasão intensa da sua população, o total abandono da cidade poderia significar a falência do sistema econômico, já que nesse momento estava intensamente vinculado com a escala internacional, através da exportação de café pelo porto de Santos. O que significava, também, uma dependência do sistema de transporte ferroviário para o deslocamento da produção.

Entretanto, mais que as problemáticas econômicas que tal situação poderia acarretar, abandonar por completo a cidade significaria também o desmantelamento do discurso que fundamentava a construção da cidade moderna e progressista.

E o que se verifica ao se analisar o Relatório do Prefeito Dr. Floriano Leite Ribeiro, na Sessão de 07 de janeiro de 1905, é justamente o inverso, ou seja, tornar-se-ia mais forte o léxico da grandiosidade daquela municipalidade. Conforme o relatório,

"a epidemia veio pôr em evidência o acerto das medidas adoptadas pela Directoria do Serviço Sanitário do Estado de accordo com a doutrina Finlay, sobre transmissão da Febre Amarella pelo stegomya fasciata, patenteando ao mesmo tempo os recursos, a jujança e a vitalidade do nosso município."

Não caberia, portanto, àquele que nesse momento era o representante legal do município, diante da enorme dificuldade que todos enfrentaram, adotar o discurso da derrota.

Deve-se lembrar que na condição de Prefeito e, como acima foi apontado, representante legal do município, significava ser principalmente representante da burguesia cafeeira detentora do poder político e econômico. Aquela que, em vários momentos, financiou importantes obras de melhoramentos e embelezamento na cidade -como a construção de edifícios públicos- que ela queria saneada, bela e moderna.

O Progresso a qualquer custo, econômico ou social

Diante dessa ordem dos fatos, o que determina o discurso impresso no Relatório do Prefeito Floriano Leite Ribeiro não é apenas um recurso de linguagem para a reabilitação do corpo social, fragmentado e esvanecido pelo mal do vômito negro. **Pujança** e **Vitalidade** são o léxico imperativo da determinação que deveria continuar orientando a consolidação da cidade desejada. Essa determinação passa, também, pelo contínuo reconhecimento do muito que ainda se faz necessário, apontando para as conquistas já implementadas, por ele mesmo e seus antecessores. De acordo com o Relatório do Prefeito Floriano Leite em, 1905,

"apesar do muito que já fiseram as passadas administrações no sentido de melhorar as condições de salubridade e commodidade da nossa cidade tão justamente reputada a "Capital do Oeste", todavia nella muito há que fazer ainda. Cidade nova, nascida como por encanto(...) a nossa cidade não offerece ainda aos seus habitantes as desejáveis condições de asseio e embellezamento a que tem direito, como grande centro commercial e agricola. Saneal-a corrigindo os defeitos do seu solo e embellesal-a por meio de obras de reconhecida commodidade publica deve ser d'ora avante o escopo de uma bem intencionada administração municipal, já que temos a ventura de possuir funcionando com regularidade um bom serviço de illuminação e de abastecimento de aguas e exgottos."²⁶

A quantidade das obras indicadas e detalhadas no Relatório Final da gestão, que perdurou por dois anos, evidencia a intenção em continuar o trabalho de saneamento e embelezamento através dos mais diversos projetos. Uma das principais obras continuaria a promover a completa estruturação da Praça XV de Novembro, com calçamento e novos jardins. O objetivo foi traçado por um

"plano de macadamização da Praça 15 de Novembro, ampliando-se ao actual jardim por toda elle e bem assim a

²⁶ Em relação aos serviços de água e esgotos, os serviços foram unificados e criou-se um empresa única. Pelo relatório do Prefeito, "o abastecimento de agua e a rede de exgottos desta cidade, como sabeis foram por escritura de 5 de Dezembro de 1903, arrendados pelo espaço de 35 annos ao Dr. Flavio de Mendonça Uchôa, recebendo a municipalidade o preço de 300:000\$000 em dinehri, e obrigando-se o arrendatário a concluir e completar as obras concernentes a esse importantíssimo ramo do serviço publico. No intento de melhor explorar o arrendamento que lhe fôra feito, o Dr. Flavio Uchôa, organizou uma sociedade anonyma - a Empresa de Aguas e Exgottos de Ribeirão Preto, com capital de 1:000:000\$000."

parte mais povoada da cidade, entre o Corrego do Retiro e a Rua Lafayette e Corrego do Ribeirão Preto e Rua São José".²⁷

Nesse trabalho foi novamente utilizado o instrumento da desapropriação, no caso do edifício da Igreja Matriz, para que as obras pudessem ser concluídas.

"Tornou-se necessário decretar a demolição do velho templo, e para isso desapropriar-o(...)tendo a municipalidade que pagar pela velha matriz o preço de cinquenta contos de reis, em prestações de dois cada uma"²⁸,

contribuindo, assim, cada vez mais, para o endividamento da municipalidade através de gastos consideráveis do dinheiro público. Gastos que não ficariam sem as críticas severas dos que não concordavam com as várias obras que foram desenvolvidas no seu mandato, ou, ainda, com a forma de gerenciamento das mesmas.

Em um artigo na imprensa local²⁹, com o título *Prefeitura de 1904*, um cidadão apresenta seu descontentamento:

"como administrador, resolvi fazer passar pelo "crivo da analyse a serie fecunda de melhoramentos locais executados ou iniciados durante o anno findo (1904), sem que todavia soffresse a nossa situação financeira" (palavras do relatório) a fim de verificar a exactidão e justiça de taes conceitos consequentemente o merecimento real do Ex-Prefeito Dr. Floreiano Leite. Infelizmente o estudo atento e minucioso dos melhoramentos locais e actos outros praticados pelo Dr. Floriano Leite são de tal ordem que só servem para garantir-lhe o título de "Prefeito - Modelo"...de desastres. S. Excia., em

²⁷ Floriano Leite; Relatório de 07 de janeiro de 1905.

²⁸ Idem, Ibidem.

1904 dirigiu os negocios d´este Municipio a seu belpraser, sem respeito a lei; anarchisou o estado financeiro, executando obras a seu capricho, sem orçamento, nem concorrência publica, gastando os dinheiros publicos em adiantamento a particulares, desobedecendo as ordens que a Camara lhe dava.²⁹

Se outras denúncias dessa natureza surgiram, não somente após a apresentação do Relatório em Sessão Oficial da Câmara, mas, durante o mandato, não serviram para impedir ou diminuir as obras de melhoramentos que se espalhavam pela área urbana. Obras que complementariam a ocupação da Praça Schmidt, realizadas pela Companhia Mogiana em troca de terrenos contíguos aos seus armazéns; calçamento da Rua General Osório, aquela que faz a ligação entre a Praça XV de Novembro e a Praça da Estação, utilizando paralelepípedo e granito; obras para implementação de um acesso aos bairros periféricos ao centro da cidade, como, Barracão, Dr. Olímpio e Morro do Cipó. Acesso que seria realizado com material que sobrou da demolição da ponte de madeira sobre o Córrego do Ribeirão Preto, ligando a Rua General Osório à Estação. Mais uma vez as prioridades dos investimentos municipais ficam evidentes, nesse caso, pois,

²⁹ In: Jornal "A Cidade", 02 de maio de 1905.

³⁰ Ainda no artigo do jornal o autor apresenta o que para ele foi a punição impetrada ao Prefeito: "(...) já tendo S. Excia recebido o merecido castigo da irregularidade de seus actos como Prefeito, a mais dura decepção que pode soffrer o chefe de uma Repartição Publica, tal é o parecer da Comissão de Finanças lido na Sessão de 3 de fevereiro d´este anno e publicado n´A Cidade de 4 do mesmo mez e anno e que transcrevo: "A Comissão de Finanças estudando os balancetes aprsentados de Abril até Dezembro de 1904, considerando que, além de outros factos, entre elles não há uniformidade quanto ao passivo da Camara, por exemplo: na lista de devedores a cifra do passivo é de 115.190\$517. No quadro demonstrativo é de credores é de 139.398\$567, foi de parecer que voltasses á Prefeitura para que esta tomasse as providencias em questão de tamanha importancia."

"calçada porem a parallelepipedo a Rua General Osorio, não podia continuar a subsistir a antiga ponte de madeira alli existente sobre o Ribeirão Preto, não só por não estar em harmonia com o novo estado da nossa principal via urbana, como também por não oferecer a solidez necessária para supportar o peso do calçamento."

As preocupações com a **harmonia** do espaço e qualidade da obra não seriam incluídas na execução da ponte que dá acesso aos citados bairros. Mesmo assim, deve-se considerar como fato isolado a indicação de algum tipo de melhoramento em benefício das áreas periféricas. No caso uma preocupação considerável com a questão da acessibilidade, mesmo que por uma única passagem pela Rua Amador Bueno até essas localidades. Esperar, porém, uma preocupação estética, seria demasiada ingenuidade por parte dessa população acostumada a nada.

A julgar pelas nobres famílias civilizadas e educadas que freqüentavam o centro, e mais especificamente, a Praça XV de Novembro, nos seus domingos de lazer, somente esse único acesso já poderia significar a possibilidade do convívio público atormentado pelos moradores daquelas pobres periferias da cidade. E essas famílias, ao seu porta voz perante a municipalidade e autoridades policiais se fizeram ouvir, exigindo, se, não polícia, proibição do direito de ir e vir no território:

"O espetáculo a que assistimos revoltados no Domingo á noite, quando tocava no jardim publico a Banda Filhos de Euterpe, não pode e não deve repetir-se. Ribeirão Preto(...) não pode estar dominado por este elemento pernicioso que attenta publica e audaciosamente contra os mais comesinhos deveres sociais, e que vae além, muito além, chegando a desrespeitar as familias, fazendo-as retrahirem-se, fugirem daquelle logar

aprazível e único que possuímos. "As horisontaes", uma cafila de negras desoccupadas e attrevidas e uma molecada insolene que está pedindo colonia correccional(...) A liberdade, já tivemos occasião de dizer referindo-nos a abuzos naquelle logar, não pode ser esta criminosa. Desatenção que individuos mal educados querem praticar com similhante de desenvoltura – o jardim é de todos, mas todos os educados. Á Prefeitura e á autoridades policiaes endereçamos estas linhas como uma reclamação que nos fizeram muitas familias. Esperamos o correctivo energico da parte das autoridades, mesmo que setorne precisa uma postura municipal prohibindo alli a entrada dessa gente mal educada.³¹

O discurso é muito esclarecedor da exclusão sócio-espacial que deveria ser imposta aos pobres incivilizados, evitando os desagradados que essa população mal educada poderia promover. Nessa intenção, tratando-os como caso policial, e exigindo uma necessária imposição legislativa através, por exemplo, de postura municipal, sua indesejada circulação pela Praça XV de Novembro seria impedida. Com isso, impondo-lhes uma barreira jurídica respaldada pela lei e/ou uma barreira do medo, estruturada na ordem policial.

Isso implica a delimitação de lugares ao convívio social propícios àqueles que, na sua formação burguesa, estabelecida por um padrão de conduta moral, tornar-se-iam dignos de inserção na vida pública³². Um conduta que não perfazia, segundo critérios do mundo burguês civilizado, e sua cidade saneada e embelezada, as ações dessa população incivilizada e sua cidade pobre e suja. Portanto, inaptas a

³¹ Artigo publicado no Jornal "A Cidade", 02 de maio de 1905.

³² O termo **vida pública** não está aqui relacionado com o exercício de qualquer atividade profissional, como Prefeito e Vereador, entre outros. Está relacionado com a vida em público, coletiva, que se dá nos espaços públicos.

esses lugares concebidos como espaço de convívio da mais alta sociedade, provocando inclusive reações na própria imprensa, indignada com a diversidade social na Praça. O que se pode verificar nas palavras dessa imprensa local, é o seguinte,

"misturas de todas as classes": Procura-se a Sociedade na Igreja e o que se vê é uma mistura de todas classes. No jardim público, onde aos domingos reúnem-se as famílias não há seleção, a confusão ainda é notável: pretos, brancos e mulatos. Gente limpa e gente das baixas camadas se acotovelam nas abas do elegante parque."³³

A situação ganha um caráter divisor ainda maior entre esses dois mundos, ou entre essas duas cidades, uma delas aqui já denominada de **outra** cidade, quando não existe, pelas argumentações apresentadas, nem mesmo a possibilidade transformadora desse ambiente urbano saneado a essa população. Seja através de uma adequação ao modelo social constituído na cidade em modernização, que se daria até muito mais por uma repetição de gestos e costumes, seja por uma tentativa de inserção dessa população nesse mundo, a ela constituído por materialidades irreconhecíveis.

Em verdade, essa última tentativa, a da inserção, não seria em momento nenhum tanto admitida quanto de interesse, de modo a consolidar cada vez mais as diferenças entre pessoas, cidades, costumes e, sobretudo, direitos constituídos. Essa, talvez, a mais penosa das condições que sempre estiveram impostas a qualquer grupo social. Sendo-os incapaz de chamar atenção, por qualquer meio, das suas fragilidades, necessidades e, assim como os moradores da cidade moderna, dos seus desejos.

³³ Artigo publicado no jornal "A Cidade", 10 de abril de 1907

Desejos que são construídos inconscientemente, pela aceitação do que lhes foi designado pelo mundo civilizado como inexistente, ou seja, a consciência. Dessa forma atribuindo-lhes a pecha de seres degradados, degradantes da ordem social e sanitária daquela cidade, que, de todas as formas, tentava implementar as mais higiênicas das condições.

Orientados por um caminho em sentido único, o da modernização, sanitária, estética e material, continuariam, os Prefeitos que se sucederiam no cargo, a promover as melhorias que já vinham sendo elaboradas; em alguns casos, iniciando outras que por uma questão de tempo ou dinheiro foram adiadas. E esse caminho é o exemplo da permanência de um discurso único, fechado em ideais e partilhados por todos. Um exemplo do que a continuidade política e administrativa conseguiu realizar, com seu discurso da modernidade na construção da metrópole do interior paulista: a **Capital do Oeste**, como também a chamou o Prefeito Floriano Leite Ribeiro.

Por outro lado, essa continuidade não deve significar que forças políticas distintas não estavam presentes no processo, e muitas vezes em oposição. Existiam, mas, muito mais por uma ordem pessoal, da sua força representativa na esfera política e econômica da região. No entanto, sem inviabilizar ou desviar a orientação do léxico da modernidade que perfazia inclusive o pensamento desses grupos distintos de poder.

Essas diferenças políticas também não inviabilizariam a continuidade das obras, que desde antanho permaneciam, algumas não iniciadas, ainda representando problemas para a realização de serviços públicos fundamentais a ela vinculadas. Era esse fundamentalmente o caso da Câmara Municipal, que permanecia sem as devidas instalações para o exercício da legislação municipal e demais funções a ela atribuídas

nessa época. De acordo com o Relatório apresentado pelo Prefeito Municipal J. P. da Veiga Miranda, em 07 de janeiro de 1909³⁴,

"era excessivamente penosa e desagradável a contingência em que se via a Camara Municipal, de installar-se em casas de aluguel, acanhadas e improprias, para os serviços das suas diferentes secções, por mais que se dispendessem em obras de adaptação e concertos. Cuidei, para isso, logo que assumi a Prefeitura, de obter um prédio espaçoso, bem situado e de apparencia condigna ao decoro de uma repartição official. O Edifício da antiga Cadeia, á Praça Barão do Rio Branco³⁵, affigurou-se-me capar de prestar-se a tal objetivo. Abandonado há muitos annos, trasformado em "cloaca máxima" da

³⁴ No período entre o Relatório de 07 de janeiro de 1905, apresentado pelo Prefeito Floriano Leite Ribeiro, e esse de 07 de janeiro de 1909, ocuparam o cargo de Prefeito de Ribeirão Preto as seguintes pessoas: Coronel Joaquim Vieira de Souza, Prefeito Interino em 1905 e Prefeito de 1906 a 1908; Major Ricardo José Gomes Guimarães, Prefeito em 1905 e Prefeito em 1906; Augusto de Ribeiro Loyola, Prefeito Interino em 1906; Renato Jardim, Prefeito Interino em 1907; José Pedro da Veiga Miranda, Prefeito em 1908 e 1909.

³⁵ A Praça Barão do Rio Branco em verdade era a continuação do Largo da Igreja Matriz, na extensão delimitada entre as Ruas Álvares Cabral e Cerqueira César. Em sessão do dia 08 de abril de 1889, foi aprovada a seguinte indicação: "Sendo o Largo da Matriz excessivamente grande indico que seja o mesmo cortado, ficando compreendido entre as Ruas Visconde de Inhaúmas, Álvares Cabral, Duque de Caxias e General Ozorio, entregando-se á fabrica o restante para ser aforado e edificado". Por esta indicação a área que seria edificado o Teatro Carlos Gomes em 1897 também estaria deixada para o livre interesse para sua edificação. A reação por tal retaliação da grande área livre foi logo exercida pelo Padre Bonifácio d'Alessandro, pelo Engenheiro Alexandre Brodowski e pelo vereador Joaquim Estanislau da Silva Gusmão. Esse último mandaria retirar seu voto em favor da diminuição do Largo. A participação da população também foi decisiva na ocasião. Pelo Relato de Plínio Travassos dos Santos no seu trabalho RIBEIRÃO PRETO: Histórico e para a História, "tendo certo dia, amanhecido o LARGO DA MTRIZ cercado de arame desde a RUA VISCONDE DE INHAÚMA até a CERQUEIRA CESAR, o que denunciava o propósito de se tornar efetiva a amputação deliberada, o povo, num movimento de legítima revolta, arrancou a cerca...Quem isso chefou foi o ENGENHEIRO ALEXANDRE BRODOSWIKI(...) Contudo o LARGO DA MATRIZ não voltou a ser o que era de fato. Em vez de terminar na RUA CERQUEIRZ CESAR. Morreu na BARÃO DO RIO BRANCO. Aliás este erro o limite natural fixado em Ata de 22-10-1880." Ficaria então a área dividida em duas: uma a Praça XV de Novembro e outra a Praça Barão do Rio Branco. Entre elas uma metade de quadra foi edificada e permanece atualmente.

população hediondo pelo descalabro do aspecto, era uma deformidade repelente que enfeiava a cidade.”

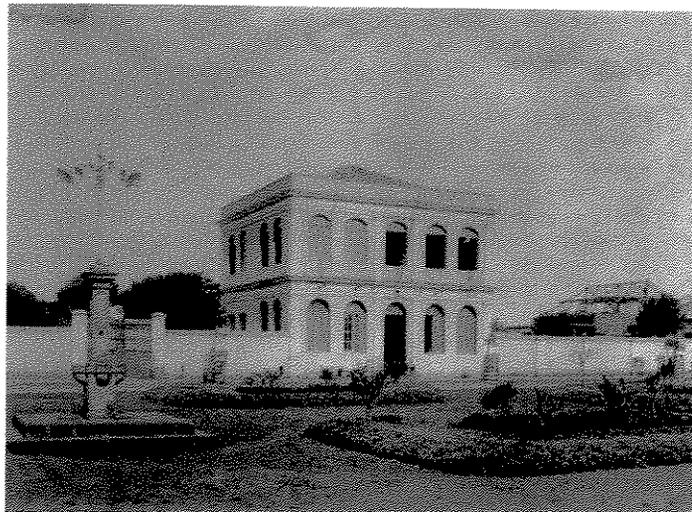


Foto 17

O edifício da Casa de Câmara e Cadeia ultrapassou os limites do tempo e das transformações à ele impostas pelas diversas necessidades municipais, até os dias atuais, já no século XXI. O edifício foi Tombado como Patrimônio Arquitetônico Municipal em abril de 2003, através de solicitação do Conselho de Patrimônio Artístico e Cultural de Ribeirão Preto.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Contribuiriam também com algumas dificuldades nas obras apresentadas no Relatório, alguns problemas que estariam relacionados com a tecnologia empregada na execução de determinado melhoramento urbano, como foi,

"o tamanho desmesurado das pedras empregadas na camada superior do mac-adam, pedras essas que, segundo disposição explícita do contracto, deveriam, ser de dimensões taes que passassem em uma argola de 6 cm de diametro,"

ou, ainda, o que algumas obras em execução causariam àquelas já terminadas em outras administrações, como foram os pontos de calçamento, sarjetas e calçadas danificados pela Empresa de Água e Esgoto de Ribeirão Preto.

Pensando-se numa estrutura administrativa pública que constantemente vai adquirindo dívidas provocadas por empréstimos ou

aprovações de verbas extras para alguma emergência, os prejuízos com materiais descartados com quebras provocadas por outras obras poderiam também comprometer o orçamento municipal. Nesse caso de Ribeirão Preto, a inexistência de algum tipo de coordenação das obras, das suas prioridades, recursos e operações na cidade contribuía para a intensa lentidão no processo de modernização do ambiente urbano.

Da mesma forma, as melhorias surgiam na cidade um tanto quanto desvinculadas das devidas condicionantes de operacionalização e interferência no cotidiano, provocando alguns distúrbios na infraestrutura já implementada. Contribuía com essa situação a mencionada inexistência de órgão responsável pela coordenação das obras. Nesse sentido, a fiscalização estava centrada na fase de aprovação dos projetos pelo Engenheiro da Seção de Obras³⁶, ou seja, quanto ao cumprimento das posturas técnicas e construtivas.

Na atuação desse profissional e desse departamento municipal, a cidade estava sendo pensada apenas como artefato técnico passível de intervenção urbanística e arquitetônica. Ocorria, com isso, uma incapacidade de concepção dessas intervenções numa escala ampliada, do município como um todo, de modo a definir um programa coordenado de melhoramentos a serem executados,³⁷ acarretando, na

³⁶ O Cargo de Engenheiro Municipal parece ter sido extinto em determinados momentos, pela Prefeitura. Esses períodos não ficam definidos nos Relatórios, como vai indicar no Relatório de 15 de janeiro de 1920, o Prefeito Joaquim Macedo: "Fora, anos antes, suprimido o cargo de Engenheiro Municipal."

³⁷ Como já apontamos, não existia na cidade nenhuma indicação da concepção de Planos Urbanos Municipais. A primeira indicação da existência de uma ação planejada ocorre no segundo Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, de 1902, já na sua Seção I – TÍTULO I: Dos Arruamentos e das Edificações. Pelo seu Art. 2º, "não será permitida a divisão de terrenos em praças, ruas ou avenidas, em que, previamente, sejam apresentados á Intendência Municipal a planta em duplicata e os perfis longitudinal e transversal, requisitada a licença, que será recusada, si as ruas, avenidas e praças apresentarem ângulos inconvenientes em seus alinhamentos, não estiverem nas condições, ou se appuzerem ao Plano de Arruamento organizado pela Municipalidade." Não se pode considerar esse Arruamento como um Plano Urbano de conjunto, e a cidade como objeto de intervenção. Nesse caso, o limite da sua

realização de cada melhoramento, somente uma resposta técnica e imediata que, sobretudo, a infra-estrutura urbana submersa ou aérea, deveria oferecer.³⁸ Contudo, tais questões, e principalmente aquelas relacionadas com a destruição da infra-estrutura existente, pareciam não provocar nenhuma reação naqueles que não viviam o cotidiano na cidade.

Essas problemáticas, aos olhos dos viajantes que se dirigiam ao município, principalmente à área urbana, pareciam não interferir nas suas mais devotadas observações e conclusões sobre Ribeirão Preto.

"...É preciso que vos diga alguma coisa a respeito dos progressos reaes e notáveis feitos pela cidade nestes ultimos tempos. Todos os trabalhos decretados para saneamento da cidade estão já concluídos e os que foram autorizados por ultimo, isto é calçamento e arborização das ruas, estão quasi completamente acabados. De modo que, quem deixou por algum tempo a cidade e conserva ainda a ingrata recordação da terrível terra roxa, fica hoje agradavelmente impressionado, voltando para aqui, e achando o largo da Estação optimamente aterrado e arborizado; o corrego do Ribeirão Preto, canalizado

atuação estava centrado na problemática viária e parcelamento do solo. Para a cidade de Ribeirão Preto, definimos o Plano Urbano de 1945, do Engenheiro José de Oliveira Reis, como o primeiro a pensar a cidade em sua totalidade e nas mais diversas problemáticas

³⁸ A Legislação também contribuía para essa resposta técnica que estaria sendo imposta pelos artigos do Código de Posturas de 1902. Em seu Art. 16, "Todo o proprietário de prédios, entro do perímetro urbano, é obrigado a collocar nos telhados calhas de cobre ou de ferro zincado, que recebam as águas pluviaes e as conduzam ás sargetas ou para fôra das guias, por meio de canos embutidos nas parades e por baixo dos passeios". A ligação dessa tubulação interna dos edificios seria alinhavado à tubulação externa prevista pelo Art. 12: " As ruas, avenidas e praças, serão providas de sargetas lateraes para facilitar o escoamento das aguas e a parte superior da guia ou meio fio distará quinza centímetros , pelo menos do fundo das sargetas.". Nessa ordem das determinações complementar-se-iam as conexões de circulação do sistema de águas entre as áreas livres da cidade e suas áreas edificadas, evitando, então, problemas de saúde pública desencadeados pela falta de melhorias na rede de águas do município.

*e flanqueado por caes de pedra que margeam as ruas estendendo-se amplas, direitas e calçadas, o jardim público ampliado e magnificamente arborizado depois da demolição da velha Matriz que tanto o enfeiava, e toda a cidade com um aspecto novo e festivo. Mas o progresso da cidade não se manifesta somente por estes signaes exteriores, entre os quaes impressiona logo o numero de casas novas que tem sido construidas nestes ultimos dois annos, mas também pelo incremento continuo do commercio, em grande parte italiano, e o apparecimento das industrias que por muitos meios e em pouco tempo se têm já affirmado victoriosamente.*³⁹

O espasmo do seu olhar sobre aquela municipalidade em ritmo intenso de **progresso real** não se restringiria ao percurso desenvolvido no andar pelas ruas e praças. O tempo foi um elemento fundamental na construção da narrativa, permitindo estabelecer a relação entre o que se viu e aquilo que pode ser visto no seu presente. Cuidadosamente, o autor, um repórter do **FANFULLA**, interpola o que para ele era a representação da decadência e da feiura, entre o progresso material, resultante das transformações urbanas, e o progresso econômico pelo comércio e indústria.

Na interpolação, a resignação através da crítica ao que significava decadência e feiura daquela cidade ainda tomada pela terra roxa: a mesma terra tão desejada por outros viajantes e ocupada no seu mais nobre lugar público pela velha Matriz, edifício cuja arquitetura nada representaria para o embelezamento da municipalidade.

³⁹ Artigo publicado no Jornal "A Cidade", 26 de janeiro de 1908, com o seguinte título: Ribeirão Preto visto pelo FANFULLA (apontamentos de viagem)

Em tais reminiscências, sua memória o transporta àquele passado indesejado, que rapidamente é excluído da narrativa para evidenciar, através das palavras, o presente de uma cidade que é a própria representação do futuro. Num futuro já pronunciado pelo calçamento, pelo *"jardim público ampliado e magnificamente arborizado"*, assim como pelo largo da Estação e a canalização do Córrego do Ribeirão Preto, exemplos de saneamento e beleza reafirmados pela narrativa.

No mesmo texto, o repórter também faz referência ao desenvolvimento comercial e industrial, ocultando qualquer menção à produção de café⁴⁰. Enfatiza, ainda, a importância da imigração italiana na estrutura social e econômica, espantando-se da mesma forma com o número de casas que foram construídas desde sua última visita.

Não somente com o número de casas em construção, mas com a arquitetura, ficaria impressionado outro repórter viajante nas suas andanças pelo Brasil, mais especificamente pelo Estado de São Paulo:

⁴⁰ Em alguns artigos de jornal uma crise do café se anuncia, eliminando inclusive a concepção de que foi somente em 1929 que o produto provocou um grande desastre econômico nas principais regiões produtoras e em toda a complexa estrutura envolvida na economia cafeeira: cidades produtoras, ferrovias, casas de exportação e porto de exportação, entre outras. Conforme artigo de 09 de abril de 1907, no Diário da Manhã: "O progresso aqui penetrou pela mão poderosa del-rey café, espelhou e distribuiu suas riquezas, trouxe uma faustosa prosperidade á povoação; mas destronado o café, desacreditado, desvalorizado, desprestigiado o seu protegido, perdeu os brilhos dos bons tempos." Fatores naturais também contribuiriam com importantes prejuízos à lavoura cafeeira do Município. Entre eles, uma intensa chuva de granizo no dia 24 de março de 1909, e uma forte geada, nos dias finais de junho de 1918, provocaria importante danificação das lavouras. Fatores que não significaram uma derrocada completa da produção estadual de café, pois, no início do século XX existia uma grande quantidade do produto devido as safras abundantes. O que pode significar que aqueles fatores ocorridos em Ribeirão Preto promoveram problemas muito mais da ordem da diminuição dos lucros dos fazendeiros que decadência da produção agrícola. Lucratividade que foi mantida pelo Estado de São Paulo, segundo Boris Fausto, através de "vários planos de intervenção governamental no mercado cafeeiro", entre eles Planos de Valorização. Ainda conforme Fausto, isso se dava através da "intervenção do Estado no mercado por meio da compra do produto por um preço conveniente À cafeicultura; criação de um mecanismo destinado a estabilizar o câmbio, impedindo a valorização da moeda brasileira. O governo deveria comprar com os recursos externos as safras abundantes, fazendo estoques da mercadoria para

"Le Modern-Style jette dans les constructions une note de jeunesse et de gaieté dans toutes les maisons entourées pour la plupart d'un jardinet, on devine la joie de vivre et l'on reste en contemplation."⁴¹

Essas duas narrativas sobre Ribeirão Preto, ambas elaboradas por repórteres estrangeiros, são reveladoras da incorporação definitiva de uma nova preocupação sobre a cidade, que o discurso oficial estaria implementando: a **estética da cidade**.⁴² Em verdade, essa questão já está presente no discurso modernizador do poder público municipal desde 1895, quando da aprovação, pela Câmara, do pedido de construção do Teatro Carlos Gomes. Porém, surge muito mais como necessidade secundária em relação aos melhoramentos urbanos de

vendê-la no mercado internacional no momento oportuno", reduzindo, com isso a oferta de café e aumentando os preços do produto. (FAUSTO, 2001)

⁴¹ Artigo publicado no Jornal A Cidade, 05 de março de 1908, pelo viajante francês René R. Toché com o título "Mês Impression" sobre sua visita a Ribeirão Preto

⁴² Com a incorporação efetiva das ações, na cidade, da noção de beleza, estaria a discussão urbanística na cidade de Ribeirão Preto centrada também na paridade técnica e estética. A questão da técnica, porém, já estava sendo trabalhada desde as primeiras intervenções na infra-estrutura urbana, nos anos de 1874. Por outro lado, essa intenção estética assumiria de início um segundo plano. E, nesse momento, entre o final do século XIX e início do século XX, a atuação do Engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito deve ser considerada como referência para as intervenções nas cidades. Mesmo que não diretamente realizada por um projeto ou plano urbano, mas, como foi o caso de uma parecer elaborado por Brito, para um problema de captação e canalização de águas na cidade de Ribeirão Preto em 1912, sua influência é inegável. Nesse sentido, a preocupação da Municipalidade em atuar primeiramente na solução dos problemas sanitários e de infra-estrutura urbana é coerente com a concepção urbanística de Saturnino de Brito, que enfatiza a visão sanitária com prioridade anterior a outras ações na cidade (ANDRADE, 1992.p.210), como aquelas relacionadas com a estética urbana; esse resultado do relacionamento de Brito com os **urbanistes** da Société Française des Urbanistes e com o trabalho de Camillo Sitte (ANDRADE, op.cit.p.208). Valendo-se portanto dessa influência de Saturnino de Brito, mediante sua atuação profissional, tanto na produção de artigos como o Notes sur le tracé sanitaire des villes de 1916, como na elaboração de planos como em Santos, é que define-se o que denominamos de Estética da Cidade, como objetivo das ações da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Em verdade, a utilização da palavra **estética** está sendo empregada por nós mediante o estudo da documentação organizada. É possível verificar na nota de rodapé nº 45, que, pela documentação, **estética** e **embelezamento** estão incorporadas pela municipalidade de modo distinto. Nesse sentido, utilizamos aqui o termo **estética da cidade**.

água, esgoto e iluminação, estas sim, as mais urgentes melhorias reclamadas por moradores, viajantes e políticos para a cidade. Não obstante, até o início do século XX, dotar a cidade de completa infraestrutura urbana seria o principal objetivo municipal, intencionalidade apoiada inclusive pelos Códigos de Posturas de 1889 e 1902, enquanto que as preocupações com a **estética urbana** começariam a permear o discurso da construção da cidade moderna durante os anos 10 e 20 do século XX.⁴³

Contudo, essa nova objetividade não deve significar o abandono dos programas de melhoramentos urbanos, como calçamentos, pontes e sistema viário, entre outros, visto que continuariam a determinar as principais ações públicas. O que se define, nesse momento, são ações conjuntas, que necessariamente deveriam priorizar tanto as melhorias em infra-estrutura urbana, quanto os embelezamentos, de toda a ordem e custo possível.

Embelezamentos urbanos: consolidação estética da modernidade

Nessa orientação dos programas municipais, na medida em que surgem no discurso da construção da **metrópole do interior**, os embelezamentos urbanos são não somente incorporados pela população em geral, mas, também, cobrados como de responsabilidade muito mais da própria sociedade que dos poderes públicos⁴⁴. Uma vez que a parte da responsabilidade da municipalidade

⁴³ O Código de Posturas de 1902 já faz uma referência direta à questão dos embelezamentos urbanos. Em seu Art. 30, no Capítulo II: Das licenças para as edificações e construções, "A Câmara Municipal, pelos seus agentes, fiscalizará toda a obra, construção ou edificação que for dentro do perímetro da cidade, tendo em vista velar pela fiel observância de quanto respeitar a hygiene e segurança das obras ou edificações e ao embelezamento da cidade.

⁴⁴ Maria Stella Bresciani, em estudo relativo aos melhoramentos em São Paulo, fala da existência de três registros de linguagem: especializada, culta e vernacular. Na documentação trabalhada no presente estudo sobre a cidade de Ribeirão Preto, a

estava sendo implementada através do ajardinamento de praças, edifícios públicos já construídos e aqueles que seriam edificados, como o Palácio Rio Branco, em 1917. Na outra ponta das responsabilidades, dos munícipes, recaíam as obrigações com as edificações particulares, residenciais ou comerciais.

A preocupação com a qualidade, técnica e estética, dessas edificações –as já existentes e as novas edificações–, seria motivo de argumentação severa em relação aos problemas que essas construções representavam para a cidade. Em artigo sobre “Prédios Velhos”, publicado na imprensa local, essa crítica fica evidente:

“Por entre as belas que já se destacam do conjunto imponente que apresenta o aspecto geral da cidade, notam-se às vezes, aqui e alí, como manchas encardidas de cousas velhas e archaicas, algumas casinholas a enfeiaem o bello panorama. Não se poderia desmanchar essas velharias sujas para limpar a cidade, ao menos nas ruas centrais? As vezes entre cosas de bonita architectura, pintadas de novo, numa limpeza de encantar, o olhar do curioso sente-se de repente ferido pela ruína nauseante de um casebre sujo, sem colição pelas paredes, sem tinta pelas portaladas denotando na geringonça desarticulada de suas juntas um espécie de

maior parte da documentação é de caráter oficial, ou seja, aquela produzida pelo poder público municipal, ou produzida na imprensa escrita em geral. Nesse sentido, estariam caracterizados os dois primeiros registros lingüísticos: **“a fala dos especialistas”** e a **“linguagem culta”**. No estudo sobre São Paulo, para Stella Bresciani a fala dos especialistas “pauta-se por um vocabulário técnico, se expressa no presente para corrigir problemas específicos, modificar traçados e dispositivos legais sobre edificações; desloca-se para prever a expansão ordenada da cidade, discute alternativas entre opções técnicas. A linguagem culta constitui outro registro de linguagem que se aproxima da fala dos especialistas sem com se confundir: cronistas, militantes políticos, pessoas com bom nível de instrução, expressam suas avaliações críticas, propõem diretrizes para as reformas e expansões ordenadas da cidade” (BRESCIANI, 2001).

*andaime perigoso amarrado aos flancos dos bons prédios. É preciso uma reforma nesse sentido, reforma que renderá não só benefícios da estética, mas também da Hygiene.*⁴⁵

A reclamação é, portanto, taxativa: "*Não se poderia desmanchar essas velharias sujas para limpar a cidade, ao menos nas ruas centrais?*"

Nessa argumentação está a concepção de um projeto urbano definido por políticas públicas delimitadas nos campos da higienização, da ordenação e do embelezamento, as duas primeiras presentes no discurso de construção da cidade moderna, desde a primeira sessão da Câmara Municipal. Perpassa, ainda, na narrativa do repórter, não só a delimitação do campo teórico das ações, através das significações que cada uma das medidas de higiene, ordem e beleza podem estabelecer, mas, também, a delimitação espacial necessária e, acima de tudo, desejada, dos programas municipais e das ações particulares.

Nas suas argumentações surgem também relações de indignação, como cidadão daquela municipalidade, estruturadas no campo biológico, fato que ocorre no seu percurso e apreensão curiosa da materialidade urbana construída: suja e desarticulada, fere os olhos, e sente-se náusea diante de algumas edificações indecorosas, que perduram na cidade em ritmo intenso de modernização urbanística e arquitetônica.

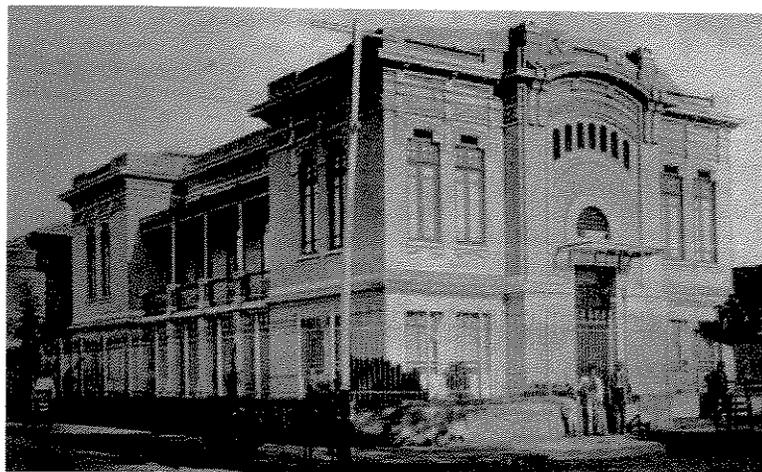
Nos objetivos que orientaram as críticas, sua narrativa impõe uma relação corpórea com a cidade através de palavras cortantes e indigestas do discurso. Resultando, assim, numa posição favorável à eliminação daquilo que representava a desordem e a inexistência de beleza: as ruínas edificadas em meio à boa arquitetura, essa última já

⁴⁵ Artigo publicado no Jornal Diário da Manhã - Quinta-feira . 06/06/1907

orientada pelas influências européias e presentes nos exemplos mais nobres⁴⁶.

Nessa ordem das ações, o poder público municipal também consolidaria políticas determinantes do controle das novas edificações, assim como, de eliminação das velhas e precárias construções,

⁴⁶ Entre os edifícios construídos na cidade no início do século XX, e representativo de toda a força política e social no município, esta a Sede da Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto, uma das mais requintadas e sofisticadas entre as várias Sociedades existentes. Sua sede foi construída em frente da Praça XV de Novembro, voltada para dos fundos do Teatro Carlos Gomes. Todo o requinte do edifício e seus associados estão caracterizados na crônica do Jornal "A Cidade", de 03 de janeiro de 1908, sobre o dia da sua inauguração: "Nas chronicas da nossa vida elegante, das manifestações encantadoras, do nosso espírito civilizado, a festa inaugural da Sociedade Recreativa, em noite de 31 de dezembro, se eternizará como uma página das mais coloridas, firmes do grau de adiantamento social da nossa terra. (...) Os nossos filhos, a que dizemos hoje, que houve um grupo de cavalheiros infatigáveis de denodados pioneiros da Recreativa, que souberam realizar uma das nossas mais palpitantes necessidades – um centro familiar rodeado das elegâncias da civilização e do carinho e dos affetos da sociabilidade (...) e que esses esforçados trabalhadores souberam plenamente corresponder á confiança dos seus consocios inaugurando com a festa de 31, o belíssimo palacete social da Praça 15 de Novembro." As atividades sociais após a inauguração da sede continuariam intensas: "Alguns sócios desta Sociedade promoveram para hoje á noite, no palacete, uma soirré dansante" e "Conforme noticiamos, realizou-se no Domingo nos salões do palacete da Sociedade Recreativa, a soirré extraordinária promovida por alguns sócios". As notícias publicadas no Jornal "A Cidade", respectivamente nos dias 05 e 07 de janeiro de 1908. Outras sociedades seriam também constituídas em Ribeirão Preto. Conforme anúncio no Jornal A Cidade de 29 de abril de 1924, "Com grande animação realizou-se sábado ultimo, em sua sede, nos altos do Theatro Carlos Gomes, mais um sarau dançante, que a Sociedade Princesa D'Oeste, offereceu aos seus sócios"; "Constituiu uma nota brilhante, graças ao excepcional encanto de que revestiu o magnífico baile promovido pela distinta sociedade Clube dos Democrat, e que se realizou sábado ultimo no salão do Cinema Bilac"; "Conforme noticiamos sabbado em homenagem a fundação da Sociedade Flor da Mocidade, no salão do Centro Espanhol, desta cidade, um pomposo baile, que aquella sociedade offereceu aos seus sócios."

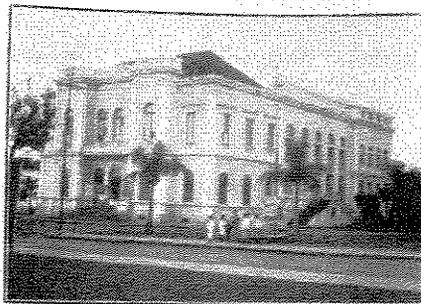
**Foto 18**

Vista do edifício sede da mais rica e elitista organização social da cidade: a Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto. Inaugurado em 1908. Exemplo dos imponentes edifícios construídos no início do século XX. já foi sede da Câmara Municipal e atualmente é o Museu de Arte de Ribeirão Preto - MARP

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Situação que perduraria –tais edificações precárias- também pela falta de recursos financeiros dos moradores, que habitavam edifícios irregulares perante as normas higiênicas, técnicas ou estéticas.

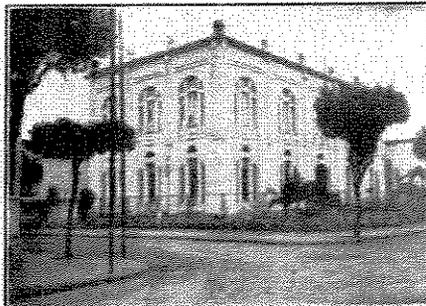
No Relatório da Intendência Municipal apresentado pelo Prefeito Joaquim Macedo Bittencourt, em 15 de janeiro de 1920, essas problemáticas das edificações na cidade surgem não somente por falta de critério ou recursos dos proprietários e construtores. Sua argumentação principia pela avaliação da falta de um Engenheiro Municipal, que se responsabilizará por todo tipo de construção. Dessa forma, deslocando a discussão para um campo mais amplo, ou seja, da inexistência do controle e, mais fundamentalmente ainda, da inexistência de projetos e planos que orientassem as obras. Nesse sentido, o Relatório está apontando contradições da própria estrutura administrativa e legislativa do Município.



Ribeirão Preto - Teatro Carlos Gomes



Ribeirão Preto - Sociedade Recreativa



Ribeirão Preto - Legião Brasileira



Ribeirão Preto - Escola do 2º Grupo Escolar

Foto 19

Os mais importantes e nobres edifícios da cidade são repetidamente publicados em almanaques no exterior. São os símbolos da modernidade urbana nos anos de 1910. Na parte superior, à esquerda o Teatro Carlos Gomes e à direita a Sociedade Recreativa. Na parte inferior, à esquerda Legião Brasileira e à direita o 2º Grupo Escolar.

Fonte: Il Brasile e Gli Italiani. Publicação de Fanfulla (foto impressa), Localizada na Biblioteca Altino Arantes de Ribeirão Preto

No que diz respeito ao cargo de Engenheiro Municipal, sua falta é de início, um não cumprimento do que determina o Código de Posturas de 1902, definidor da necessidade de consulta ao profissional, por parte da Intendência, para a definição, aprovação e execução das obras conforme seu Art.54, do Capítulo II

*"para as construcções especiais (artigo 103) ou para as obras não comprehendidas neste código, o Intendente Municipal, ouvido o engenheiro, determinará quaes os documentos e esclarecimentos que devem ser apresentados pela parte."*⁴⁷

⁴⁷ A necessidade do profissional Engenheiro também ocorria para questões mais simples, como as apresentadas no Art. 7º. § 1º. "Na cidade, o alinhamento e

Ainda na argumentação do Prefeito Macedo Bittencourt, as conseqüências decorrentes da falta de um Engenheiro Municipal foram determinantes na proliferação de edificações e obras públicas, sem observância de regras mínimas estabelecidas pela legislação urbanística. Pelo relatório do Prefeito,

"coincidiu esta falta na administração publica com o grande desenvolvimento que tiveram os bairros da Villa Tibério e do Barracão, preferidos para residências dos operários e das classes menos favorecidas da sorte, onde foram construídas muitas casa, que alli ainda se encontram, fora de alinhamento das ruas, baixas sem ventilação e sem luz(...) No centro da cidade, embora não fosse tão grande o abuso, edificaram-se também prédios em más condições de hygiene, com material de péssima qualidade e sem architettura."

Porém, como se verifica no texto, os problemas ocorridos nas áreas periféricas, *"residência dos operários e das classes menos favorecidas"*, estão exclusivamente situados no campo conceitual da higiene e da técnica, não perfazendo o discurso do Prefeito nenhuma preocupação em relação à qualidade arquitetônica das edificações. Essas normas, específicas para o interior das edificações, estão presentes no Capítulo IV: *Das edificações em particular* – SECCÃO I: *das habitações*, do Código de Posturas de 1902.

Suas aplicações, das mais diversas abrangências na construção dos edifícios, definem dimensões internas, tipo de material, localização de equipamento e necessidade de áreas livres internas, entre várias outras. Como em seu Art. 99 do Capítulo IV,

nivelamento serão requisitados ao Intendente Municipal, que mandará dal-os pelo Engenheiro Municipal, si conceder licença para a respectiva construcção ou reconstrucção."

"em todos os prédios que forem construídos ou reconstruídos, destinados a habitação, serão observadas rigorosamente as prescrições higiênicas e, além das regras geraes relativa ás edificações, guardar-se-ão as disposições seguintes: I) Todos os compartimentos ou commodos receberão as, luz directamente, sendo para esse fim estabelecidas aberturas para o exterior e áreas descobertas no centro, em torno e nos fundos; II) As áreas, pateos, jardins e quintaes, destinados a fornecer ar e luz directamente aos aposentos occuparão um terço da área total do terreno, de modo que a construcção occupe, no máximo dois terços do terreno; III) Os pateos e areas destinadas a dar luz e ar aos quartos de habitação terão em cada face, no mínimo, dois metros; VI) Todas as areas e pateos mencionados, terão calçamento impermeável de ladrilho ou cimento, disposto de modo a permitir o completo escoamento das águas; XI) As janellas terão caixilhos e bandeiras moveis ou serão providas de venesianas. Todos os dormitórios terão venesianas; XII) Os forros das salas e dormitórios deverão permitir a renovação do r, por meio de aeríferos de três a cinco centímetros; XIII) As cozinhas serão affastadas dos aposentos e estabelecidas, de preferênci a um anexo ou puchado.

Esse mesmo Código de Posturas não entraria nas problemáticas situadas fora das necessidades higiênicas e técnicas das edificações, uma vez que, pelo seu Art. 47.º Único, *"a municipalidade não poderá oppor-se a forma ou architectura do edifício, uma vez que tenham sido observadas as disposições deste artigo"*.

Dessa forma, qualquer possibilidade de discussão sobre a questão estética seria abordada e cobrada pela municipalidade nas áreas em

processo de modernização, aquelas situadas dentro dos limites circunscritos pelos córregos. Essa ação ocorreria através da criação da Repartição de Obras, em 1912, *"que tem o cargo não só elaborar os projetos e plantas e dirigir as obras municipais, como também fiscalizar as obras particulares"*, estabelecendo um controle da arquitetura já na etapa de aprovação de projeto pela referida repartição.

Nesse objetivo maior dos poderes públicos pelo embelezamento da cidade, a fim não só do controle por meio de aprovações, mas, também, pela fiscalização na execução das obras, a Prefeitura chegaria até mesmo a desprezar a legislação do Código de Posturas, tendo em vista que, segundo o Relatório do Prefeito,

"as posturas municipais só estabelecem regras para a disposição interna dos prédios, deixando ao critério e gosto dos proprietários a sua arquitetura externa, de modo que, só desprezando a lei, poderia a Prefeitura deixar de aprovar, por não atenderem à estética, algumas plantas que lhes eram apresentadas."

Ela assim o fez, e os resultados do controle estabelecido por uma estrutura administrativa que se consolidava, nessas duas primeiras décadas do século XX, por meio da criação de órgãos técnicos e incorporação de profissionais –ainda restrito aos Engenheiros– foram alcançados. Resultado de uma imposição reguladora, também nas questões não abordadas pelas Posturas Municipais de 1902. Como o próprio Relatório da Prefeitura, em 1920,

"é patente a modificação que tiveram então para as construções urbanas; o exame de todos os projetos, que só eram postos em execução depois de aprovados, a exigência

de materiais de boa qualidade, a severa fiscalização para que as plantas não fossem alteradas(...) fizeram com que as novas habitações de Ribeirão Preto ofereçam agora muito melhores condições de solidez, hygiene e de conforto.”

Incorporado definitivamente ao discurso da construção da **metrópole do interior** pelos poderes públicos, os embelezamentos determinaram várias das atividades municipais até os anos de 1920⁴⁸. Eles orientaram a maior parte das obras em execução na cidade, ou aquelas em etapa de projeto, definindo um momento de inflexão no movimento que vinha se estabelecendo, em todas as administrações anteriores, pela modernização da cidade.

Nessa administração, especificamente, findada no dia 15 de janeiro de 1920, durando, segundo o Presidente da Câmara, João Meira Junior, nove anos, o tempo foi fundamental para que todas as obras de embelezamentos, senão concluídas, estivessem em processo de execução, pois, a dimensão das obras impunha uma necessária condição de continuidade das ações, definidas por programas de melhoramentos e embelezamentos, o que em verdade ocorreu.

Por esse período, construiu-se o *“Sumptuoso Paço Municipal, em substituição ao velho pardieiro que até 1917 funcionou Câmara Municipal”*⁴⁹, incorporando a Praça Barão do Rio Branco ao conjunto

⁴⁸ Nessa incorporação, pela primeira vez, desde o Código de 1889, seria transformado em norma legislativa com Sessão e artigo específico no conjunto das leis urbanísticas municipais do Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, publicado em 22 de abril de 1921, e definido na SECCÃO VI: *Da estética e estylos dos edificios e regras para as construções*. Nesse caso, a norma ainda estaria restrita ao conjunto edificado, não fazendo nenhuma abordagem específica dos embelezamentos de caráter urbanístico, seja pelas praças ajardinadas ou outras possibilidades situadas nas áreas livres públicas. Seria possível, não é o caso do presente trabalho, um estudo direcionado à compreensão dos significados, das suas incorporações e aplicações quando se fala em **estética**, muito mais relacionada ao conjunto arquitetônico e **embelezamento**, incorporada às questões urbanísticas.

⁴⁹ Relatório do Prefeito Joaquim Macedo Bittencourt e do Presidente da Câmara João Meira Júnior, publicado em 15 de janeiro de 1920.

das mais importantes áreas livres da cidade. Definiu-se a construção de outro importante "jardim de stylo moderno, de magnifico aspecto",⁵⁰ na Praça 13 de Maio, assim como, na mesma área, a execução da "grandiosa Cathedral aque alli se está edificando."⁵¹ Realizou-se a completa reforma do calçamento, "melhoramento imprescindível á belleza da cidade, á commodidade, conforto e hygiene dos seus habitantes"⁵². Adotou-se, portanto, uma posição crítica da Prefeitura diante do "grande erro das administrações passadas o emprego do mac-adam na pavimentação das ruas"⁵³, tendo em vista que essa tecnologia

*"não satisfaz a nenhum dos fins que se procura com o calçamento de uma cidade: não evita o pó, nem a lama; não facilita, antes prejudica a limpeza publica; reclama constante e dispendiosa conservação."*⁵⁴

⁵⁰ Idem, Ibidem.

⁵¹ Idem, Ibidem.

⁵² Idem, Ibidem.

⁵³ Idem, Ibidem.

⁵⁴ Segundo o Prefeito Joaquim Macedo, "a macadamização foi o processo adoptado pelas administrações passadas para a pavimentação da cidade. Com excepção de um trecho da Rua General Ozório, calçado a paralelepipedos, todas as outras ruas ou tinham macadam, ou não tinham calçamento algum. Estas eram e são ainda, em grande numero, porque, depois do contrato assignado pela Câmara para a pavimentação do perímetro central da cidade, muitos annos se passaram sem que se tratasse de prolongar esse melhoramento, apesar de ter a cidade augmentado muito e multiplicado as suas construcções. Quando tomamos posse dos nossos cargos havia muitas ruas já inteiramente edificadas cujos moradores reclamavam insistentemente um calçamento que os levasse do pó e da lama que nellas se formavam, e para attendel-os, foram algumas delas, em pequeno numero, macadamizadas, porque só havendo pedra-ferro no município, não se encontrava quem com ella quizesse fazer paralelepipedos e o elevado frete da estrada de ferro impedia que se mandasse buscar em outras localidades." Tal situação das ruas da cidade ainda impregnadas pelo pó e pela lama foi motivo de crítica por parte da imprensa -nas poucas vezes que os jornais a isso se propunham- devido aos vários pedidos da população: "é um verdadeiro flagelo a poeira que, pelas ruas da cidade se levantam em verdadeiras nuvens invadindo habitações, cobrindo móveis mercadorias atacando-nos as vias respiratórias na parte mais central da cidade onde o forte do commercio tem suas melhores casas, nas Ruas General Osório, Saldanha Marinho, Duque de Caxias, Amador Bueno, etc. a passar um carro, grossa nuvem de pó faz nos lembrar os velhos tempos do Ribeirão Preto sem "macadam". São muitas as reclamações que nos tem trasido moradores

Tudo isso, é claro, com um custo aos cofres públicos, e, embora elevando ao dobro a dívida fundada da Municipalidade⁵⁵, terá a Administração "a *immarredoira gratidão dos munícipes*", por ter realizado, além dos anteriormente descritos, os "*melhoramentos ora indicados – o calçamento da cidade, a construção do matadouro "modelo" e a rectificação do córrego.*"⁵⁶ Da mesma forma, ter iniciado os debates com a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, para a construção do novo edifício da Estação em Ribeirão Preto, projetado pelo escritório Ramos de Azevedo.

Na mesma ordem das grandes obras que começaram a transformar o espaço visual da cidade, iniciadas pontualmente com a construção do Teatro Carlos Gomes, passando pelo edifício da Sociedade Recreativa, por essas obras implementadas nos anos de 1910, estariam direcionadas as atenções da municipalidade e sociedade, até o início da

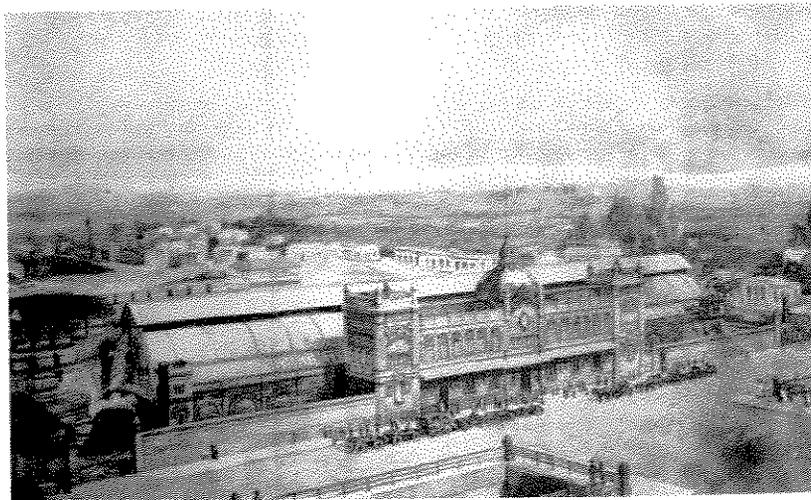


Foto 20

Foto impressa do projeto da Estação Mogiana de Ribeirão Preto, realizada pelo escritório Ramos de Azevedo. O imponente edifício não foi construído no local e só anos mais tarde, por um projeto de Oswaldo Bratke foi edificado

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

dessas ultimas ruas, especialmente negociantes de moda e armarinhos, pedindo-nos que enderecemos um pedido á Prefeitura no sentido de restabelecer-se a pratica das irrigações das ruas mais movimentadas onde o commercio é estabelecido, por que é este effectivamente o mais prejudicado." In: Jornal "A Cidade", 02 de julho de 1908: "Contra o Pó".

⁵⁵ A indicação da elevação da dívida ao dobro do seu valor foi apresentada pelo Presidente da Câmara João A. Meira Junior em Sessão do dia 15 de janeiro de 1920.

⁵⁶Relatório de João Meira Júnior, Presidente da Câmara Municipal, em 15/01/1920.

década de 1930, para a construção do **Quarteirão Paulista**⁵⁷. Um importante empreendimento que, assim como no caso do Teatro Carlos Gomes, foi implementado com os recursos financeiros da iniciativa privada, no caso, não mais restritos ao capital agrário proveniente da produção de café, mas, também, do capital urbano das atividades comerciais e fundamentalmente industriais⁵⁸, como a Cervejaria Paulista e Companhia Antártica, respectivamente, inauguradas em 1914 e 1911.⁵⁹

Nesse sentido, numa apreensão em perspectiva da cidade, suas construções, praças e pessoas, através das palavras impressas nos relatórios e jornais, é possível compreender tal processo de transformação, pelo projeto de cidade moderna que se implementava

⁵⁷ As primeiras indicações da construção do conjunto arquitetônico denominado Quarteirão Paulista surgiram ainda na primeira metade dos anos de 1920. Conforme artigo publicado no Jornal "Diário da Manhã" em 20 de agosto de 1924, intitulado *As grandes construções - um importante prédio de três andares para o grande hotel*, "acaba de ser fechado o contracto para a construção de um vasto edifício destinado ao Grande Hotel, na Praça XV de Novembro, e cujas obras tiveram início hontem mesmo. De há muito que o progresso de Ribeirão Preto, manifestado pelos vários empreendimentos de elevada importância e pela febre de ricas construções que vêm de certo tempo embellezando, reclamara um hotel digno da grandeza de seu nome de cidade intensamente social e commercial.(...) edifício que será erguido desde o ponto que se acha actualmente o Hotel Central até a esquina da Rua Duque de Caxias e descendo até próximo á pharmácia Andrade. Terá 145 quartos. Ainda pela planta vê-se que o andar térreo, para com a face da Praça 15 de Novembro. Constará de armazém, barbeiro e bar." De acordo com Renata Alves Sunega, o "Quarteirão Paulista seria composto pelos dois novos edifícios (Theatro Pedro II e Edifício Meira Júnior) e pelo Hotel Central, construção já existente que após a reforma seria chamado de Palace Hotel, localizado nas esquinas das ruas Duque de Caxias e Álvares Cabral." Ainda segundo Sunega, "para que os três edifícios formassem um conjunto com a mesma linguagem arquitetônica o arquiteto propôs algumas modificações no Hotel Central" (SUNEGA, 2003.p.101). Dos três edifícios, o Teatro Pedro II já foi restaurado, o Hotel, denominado Palace Hotel, está em processo de restauro, e, por fim, o Edifício de Escritórios na esquina oposta do Hotel, é ocupado por um importante estabelecimento comercial, também já recuperado.

⁵⁸ Segundo Registros da própria Câmara Municipal, uma das primeiras cervejarias instaladas em Ribeirão Preto foi a Cervejaria Livi & Bertoldi. Consta em recente publicação da Câmara Municipal de Ribeirão (2001), uma fotografia do ano de 1901.

⁵⁹ Segundo Renata Sunega, "o projeto do Quarteirão Paulista surgiu da vontade da Companhia Cervejaria Paulista de construir, na área mais nobre da cidade, no entorno da Praça XV de Novembro dois edifícios, um Theatro de Ópera e uma edifício que comportaria uma confeitaria e escritórios" (SUNEGA, 2003.p.99).

diariamente, um projeto, como já foi afirmado, caracterizado pelo discurso da higiene, beleza e disciplina.

Num olhar que sobrevoa essa cidade por meio dessas mesmas palavras, pode-se absorver cada uma das suas sobreposições, cada lugar apropriado, destituído e (re)apropriado, que a modernização impôs ao ambiente urbano. Tais possibilidades de compreensão, por intermédio do discurso ideologicamente definidor da cidade moderna burguesa, a **Capital D´Oeste, Metrópole do Interior, Metrópole Comercial e Agrícola** dos anos de 1920, são também favorecidas pela incorporação de uma concepção de **progresso**, de cidade progressista, presente nos relatórios e também nos jornais. Conforme Relatório da Prefeitura, em Sessão da Câmara de 26 de abril de 1924,

"estando a cidade de Ribeirão Preto envolta no mesmo ambiente de progresso, que se vem estendendo por todas as zonas do Estado, não podia a Câmara Municipal deixar de apresentar as forças economicas do Município na cooperação desse patriótico trabalho pelo progresso do Estado. Ao lado da acção dos poderes municipais, a iniciativa particular também vem applicando seus capitães na construcção de prédios de residência, na fundação de bons edificios destinados á sede de associações importantes, de caráter comercial ou industrial, e em auxílios efficientes de assistência.⁶⁰(...) Não é fhenomeno

⁶⁰ Em relação aos edificios construídos pela iniciativa privada ou instituições financeiras, o relatório faz as seguintes observações: "Um dos factos demonstrativos desse progresso verificou-se no crescente numero de prédios novos e novos edificios de architectura moderna, que tem sido construído na zona urbana", assim como, "é digno de registro o exemplo dado pelos Bancos da Capital, que dotaram suas agencias locaes de confortáveis e elegantes edificios, que honram a cidade. Ao lado do bello sobrado, anteriormente construído pelo Banco Francez e Italiano pela América do Sul, onde funciona sua agencia, foi inaugurado em princípios de novembro o lindo edificio da agencia do Banco do Commercio e Industria de São Paulo. Igualmente o Banco do Brasil e o Banco de São Paulo estão a concluir as construcções destinadas as suas respectivas agencias, concorrendo desta forma para dotarem a cidade de importantes

transitório que se observa, mas a evolução natural da vida progressiva e intensa de uma rica região, onde a iniciativa particular encontra elementos de sobra para prosperar, maximé quando conjugada com a acção efficiente dos poderes públicos, pois tudo vem indicando que essa evolução econômica tende a acompanhar o impulso do progresso, incrementando-se e antecipando-se ao futuro grandioso que está reservado a esta importante metropole agricola, commercial e industrial do Estado de São Paulo⁶¹.

Nas suas argumentações pela grandiosidade do progresso municipal, o Prefeito⁶² também definiu um caráter territorial, um caráter temporal, e outro social desse progresso -este último, o social, representado pelos agentes que impulsionavam, ou significavam o "impulso do progresso". Eram, respectivamente: o território estadual, em todas as suas zonas; a perenidade do processo progressista que não apresentava uma condição transitória; e, por final, os coronéis do café e empresários do comércio e da indústria, estas duas atividades econômicas -comércio e indústria- totalmente urbanizadas.

edifícios no incremento progressivo deste rico município." Relatório da Prefeitura apresentado à Câmara Municipal de Ribeirão Preto, no dia 26 de abril de 1924.

⁶¹ Essa identificação da cidade, como não somente uma metrópole comercial e agrária, mas também industrial, ocorre principalmente pela criação da Indústria Metalúrgica de Ribeirão Preto, criada pelo Engenheiro Flávio de Mendonça Uchoa. A importância dessa atividade pode ser evidenciada pela visita de estudantes de Engenharia da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, que vieram fazer uma viagem de estudos na cidade. Impressões dessa visita foram publicadas no Jornal "Diário da Manhã" de 26 de maio de 1923: "Recebidos pelo dr. Flávio Uchoa, diretor-gerente da Companhia, que nos acompanhou durante toda a visita, com mais alguns engenheiros entre os quaes um distincto ex-alumno da Escola de Minas, percorremos detalhadamente todos os compartimentos e installações da Metallurgica.(...) Ao voltarmos para a cidade depois d'essa aducativa jornada, imaginamos o futuro extraordinário necessariamente aguarda, a Metallurgica de Ribeirão Preto; víamos nossas lucubrações a Metallurgica como um espécie de Ezina Krupp, mas de engenhos de paz e de trabalho, produzindo milhares de toneladas de ferro e aço para as nossas machinas agrícolas, industriaes e de transportes." Como já foi afirmado, as Companhias Cervejarias Paulista e Antártica também foram fundamentais no desenvolvimento da atividade industrial na cidade.

⁶² O Prefeito Municipal nessa época é João Rodrigues Guião.

Entre as representações do progresso, as duas últimas, a da perenidade do progresso no município e o poder político e sobretudo econômico de fazendeiros e empresários em geral são de fundamental importância para a consolidação da cidade moderna. Já que deve existir uma interação mútua de uma condição em relação à outra, uma vez que a perenidade do progresso que caracteriza a cidade, segundo seus promotores, depende da manutenção dos agentes políticos e financeiros.

No caso do poder econômico municipal, seus mais importantes representantes eram os fazendeiros, embora, naqueles anos de 1920, Ribeirão Preto já contasse com uma diversidade de serviços urbanos, indústrias e comércios em geral⁶³. Dessa forma, quanto mais perene a força econômica local, menores as possibilidades de entraves no processo de modernização da cidade. Assim, maiores as condições de implementação das melhorias urbanas e de todos os trabalhos de embelezamentos, que, na concepção dos poderes públicos, eram algumas das mais importantes representações do continuado progresso municipal.

O território *Entre Rios* da modernidade

Diante dessa ordem instituída, da nova urbanidade desenhada pelo processo de modernização, a crença nesse contínuo progresso e nas forças políticas que sustentavam suas bases no município era quase inabalável, não impedindo o desenvolvimento dos trabalhos em

⁶³ Nesse período já não se pode pensar na existência de uma elite econômica exclusivamente vinculada à produção agrícola, ou uma "burguesia agrária", que aos poucos tornava-se urbana, mas, também, de forças econômicas que estão relacionadas com as atividades comerciais, industriais e serviços, assim como profissionais liberais que adquiriram força política no município. Nesse sentido pode-se pensar numa "burguesia urbana", que se estabeleceu diretamente na cidade.

andamento, mesmo em tempos de dificuldades. Conforme o próprio Prefeito João Guião,

*"apesar dos tristes sucessos ocorridos na capital durante o mez de julho e que affectaram todo o interior do Estado, Ribeirão Preto pode manter-se numa attitude relativamente calma graças as providencias que a criteriosa direcção política local e os poderes publicos municipais souberam determinar.(...) De dia para dia ella vai se estabelecendo e augmentando as suas construcções, alargando o seu perímetro.(...) São as exigências do progresso que reclamam calçamentos novos, mais lâmpadas de iluminação, maior alargamento da rede de canalização de águas e exgottos, maior âmbito para os serviços de limpeza pública.(...) Nestas condições iniciou-se o novo exercício com melhores auspícios, sendo de se esperar que o notável progresso da cidade, continuando a se expandir, venha trazer maiores recursos á administração municipal."*⁶⁴

Todo esse conjunto de obras que desde antanho estavam presentes nos programas municipais, e que agora davam suporte material ao progresso municipal, representavam, segundo a própria prefeitura, duas ações sobre o território: *limpeza e embelezamento da cidade*.⁶⁵ E nesses anos de 1920 os trabalhos de embelezamento estavam direcionados para as principais praças públicas da cidade, que já em fins do século XIX não mais se caracterizavam como vazios, mas, passavam por um processo de ajardinamento decorativo em todas as

⁶⁴ Relatório da Prefeitura correspondente ao exercício de 1924, apresentado à Câmara Municipal, em Sessão de 15 de abril de 1925, pelo Prefeito Municipal João Rodrigues Guião.

⁶⁵ Pelo Relatório do exercício de 1925, apresentado em sessão da Câmara Municipal, em 15 de janeiro de 1926, pelo Prefeito João Rodrigues Guião, "o programa administrativo que tinhamos em vista realizar no desempenho de nossos deveres de representantes do povo de Ribeirão Preto(...) nos seus pontos fundamentaes, podia ser symbolizado em duas expressões: limpeza e embelezamento da cidade".

suas dimensões. Um processo que aos poucos vai recebendo importância nos programas municipais, uma vez que

"além dos jardins comuns, raros e criados apenas nas cidades principais, a imagem urbana desconhecia árvores e canteiros nas vias e nos largos" (MARX, 1980.p.67),

como era o caso do Largo da Igreja Matriz. Ainda segundo Murillo Marx, somente

"bem depois da criação dos primeiros jardins públicos, e coincidindo com a difusão pelas povoações de porte menor e interioranas, começaram os cuidados em arborizar e em ajardinar os logradouros existente ou os que iam surgindo. As ruas mais importantes e, especialmente, as praças foram enfeitadas com árvores e canteiros de plantas ornamentais. E o sucesso dessa transformação foi tal, que logo se perdeu a noção das peculiaridades diferentes de uma praça e de um jardim(...) Basta ver imagens, conhecer depoimentos e ou consultar os projetos dos setores, objeto de reforma urbanística no início do século, para saber da importância atribuída à vegetação na composição urbana".⁶⁶

Na cidade Ribeirão Preto eram quatro as principais praças, ou melhor, os jardins públicos, todos localizados na região central. A mais importante e caracteristicamente burguesa delas era a Praça XV de Novembro.

⁶⁶ Segundo Júnia Marques Caldeira, "no Brasil, por muito tempo, os espaços de praças ajardinadas foram marca registrada de quase todas as cidades de pequeno e médio porte. Com o processo de crescimento urbano e metropolização, o retorno às praças, sem nenhum *decor*, foi sendo uma constante." A autora ainda afirma que "a estética do movimento moderno, com seus grandes espaços monumentais, foi uma grande difusora deste tipo de praça", sem o referido *decor*." (CALDEIRA, 1998.p.54)

Da sua origem como Largo da Igreja Matriz, daquela cidade ainda empoeirada que era São Sebastião do Ribeirão Preto, ela vai sofrendo uma série de pequenas intervenções, como a realizada pelo advogado Augusto Loyola, em apenas uma parte de toda sua extensão.

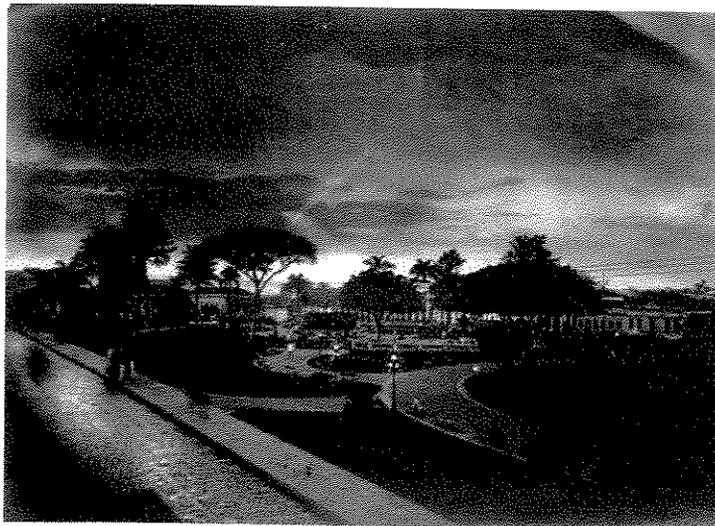


Foto 21

Praça XV de Novembro já totalmente urbanizada, ajardinada, definida por sinuosos caminhos entre rasteiras vegetações. A imagem foi realizada no início dos anos de 1920, pois não aparece ainda o segundo grande Teatro: o Pedro II. O ambiente quase noturno, com poucos raios de sol ao céu, faz da imagem um contraste de tonalidades raras nas imagens de Ribeirão Preto.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Sua importância no contexto urbano de Ribeirão Preto está também revelada no discurso visual de um conjunto de fotografias, impressas ou não, que evidenciam, pelo olhar do fotógrafo, a própria modernidade urbana⁶⁷, que se implementava diariamente por meio dos melhoramentos e embelezamentos definidos no jogo das forças políticas e econômicas da cidade. Essas imagens, aliás tendem a se legitimar como verdade absoluta.

É em sua espacialidade –a Praça XV de Novembro– que a cidade mais se sobrepõe em camadas de resíduos materiais, num tempo contínuo de intervenções urbanísticas e arquitetônicas, apropriada e transformada também por uma rede de sociabilidade diversa,

⁶⁷ Ver, no Anexo, a **Série Praças**. O conjunto de fotografias registra o importante movimento de transformação de toda a sua área. Do chão de terra aos caminhos ajardinados, torna-se centralidade privilegiada das intervenções urbanísticas na cidade

implementada em sua integridade na administração do Prefeito João Rodrigues Guião, pelas suas próprias palavras impressas no Relatório de 15 de janeiro de 1926:

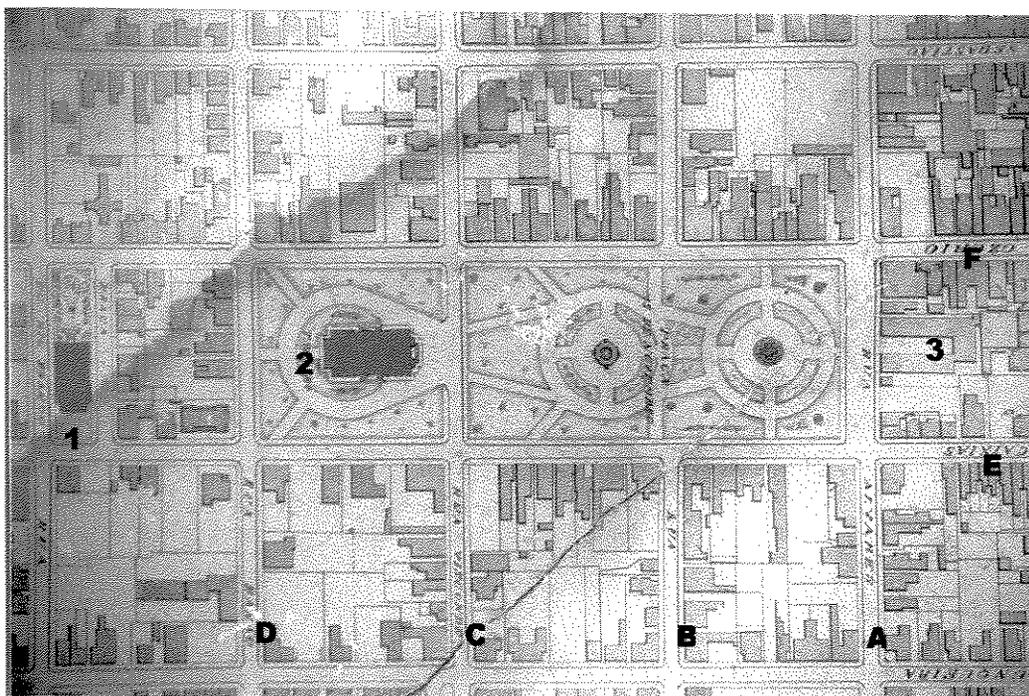


Foto 22
Praça XV de Novembro, na mesma época da anterior. Em destaque, os fotografos com suas máquinas. Essa produção de imagens tornar-se-ia material de publicidade impressa em revistas nacionais e estrangeiras
Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

"esse jardim, com sua profusa, bem distribuída e artística iluminação, as linhas irreprehensíveis de suas ruas, o verde maravilhoso de seu grammado, é sem contestação o orgulho da cidade e uma das mais bellas praças do Estado de São Paulo".

Nessa lógica **artística** e **irreprehensível**, a Praça XV de Novembro é a representação definidora do discurso da higiene que sua arborização estabelecia; a representação do discurso da beleza que seus jardins e edifícios do entorno promoviam; a representação da disciplina exigida nos padrões sociais burgueses. Seus espaços, definidos pelo arruamento que desenha em seu interior os acessos conscientemente organizados, pela ordem e pelo controle, impunham aquela disciplina caracteristicamente repressiva. Espaço qualificado pela segregação

social, que estabelecia lugares apropriados em função do grupo social a que se pertencia, era o cenário ideal e idealizado pela burguesia para sua atuação cotidiana, estritamente associada ao progresso municipal como representação da sua própria ação.



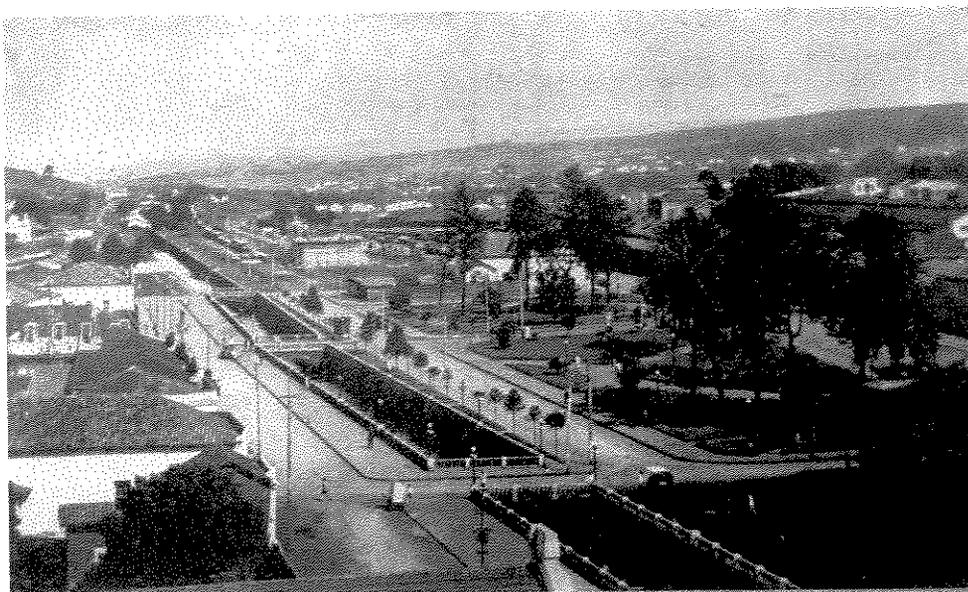
Nesse mapa da cidade, o projeto da Praça XV de Novembro está definido. Nessa época, posterior ao ano de 1917, em função da existência do Paço Municipal – edifício vermelho à esquerda – na Praça Rio Branco, o Teatro Carlos Gomes domina toda a paisagem. No desenho, o edifício da Igreja Matriz já não está mais presente, e todo o espaço já está ajardinado. Porém, o conjunto de edifícios que formam o Quarteirão Paulista, não estão construídos. A quadra à direita da praça, ainda está representado, neste mapa de ocupação do solo, pelo hotel central, com seu jardim interno entre os blocos que formavam o estabelecimento. **1** - Palácio Rio Branco e Praça Rio Branco; **2** -Teatro Carlos Gomes; **3** -Hotel Central; **A** -Rua Álvares Cabral; **B** -Rua Tibiriça; **C** -Rua Visconde de Inhaúma; **D** -Rua Barão do Amazonas; **E** -Rua Duque de Caxias; **F** -Rua General Osório. **Fonte:** Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Outra praça importante no projeto de cidade que os poderes públicos definiram como objetivo, a Praça da Estação,

"que era a vergonha da cidade transformou-se num parque encantador com seu soberbo grammado e esplendidos passeios de mosaicos de côr, as artísticas balaustradas de cimento que

*margeiam o Rio no extremo da praça sobre ao quaes, em esbeltos suportes de ferro, se ostentam belos globos de luz electrica.*¹

Em toda sua grande área banhada pelas águas do córrego Ribeirão Preto, numa região da cidade ocupada por galpões comerciais, por indústrias como as Companhias Cervejarias Antártica e Paulista, a Praça da Estação era significação máxima da modernidade: a circulação.



RIBEIRÃO PRETO — PRAÇA FRANCISCO SCHMIDT

Foto 23

Vista da área do Córrego Ribeirão Preto, totalmente canalizado na área urbana do município. Ao fundo, imagem de parte do bairro Vila Tibério e da Vila Virgínia. A região também já tinha suas praças ajardinadas, transformando substancialmente uma região que foi bastante problemática do ponto de vista da salubridade pública.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto- APHRP

Dava-se a circulação de trens que partiam para a capital do estado e porto de Santos, com a produção agrícola; de pessoas em trânsito até as Minas Gerais; de imigrantes e aventureiros que ao Ribeirão Preto

¹ Relatório do Prefeito João Rodrigues Guião, apresentado em 15 de janeiro de 1926.

aportavam na crença da sua inserção naquele contínuo progresso propagado pela elite dominante; de produtos importados da Europa *belle époque* para satisfazer os desejos dessa mesma elite agrária, e, nesses anos finais da década de 1920, também comercial e industrial.

Enfim, sobre sua área, desenhada pela irregularidade da natureza através do Córrego, e alinhada pela ordem cartesiana da técnica -da Engenharia e do Urbanismo-, com os trilhos da ferrovia e canalização do córrego, a Praça da Estação era o limite territorial, simbólico e ideológico da cidade burguesa. Nela, se construído o imponente edifício projetado por Ramos de Azevedo, com a mesma força espacial da estação na capital, arquitetura e urbanismo, respectivamente ecletismo e sanitarismo, realizariam seus papéis. O primeiro não se materializou, no caso o edifício da estação, ficando a Companhia Mogiana instalada no mesmo edifício. Porém, a questão sanitária continuaria definindo ações e orientando a implementação de uma nova cidade.

As duas outras praças, situadas fora do grande eixo alinhado entre a Praça XV de Novembro e a Praça da Estação, assumiriam um caráter mais higienizador do ambiente, com áreas ocupadas por vegetação de grande porte plantada pela municipalidade. Seriam, elas, a Praça 13 de Maio, que definiu todo o entorno do edifício da Catedral, na mesma localização do segundo cemitério, e a Praça Aureliano de Gusmão,

"que já se acha cercada de muro com tela de arame e preparada para receber as plantações que devem transformar aquella praça num bello logradouro ajardinado e arborizado",

e está localizada na mesma região do terceiro cemitério municipal. Uma região ainda considerada afastada do centro da cidade, considerando-se que toda a estrutura de serviços, comércio e

transportes estava localizada na direção oposta à sua implantação, mas que, aos poucos, consolidava-se também como uma importante área de expansão urbana, visto que,

*"nos ultimos annos foram construidas casas de excellente aspecto na Praça e suas imediações, pelo que não era possível protelar a Prefeitura o seu ajardinamento, reclamado desde muito pelos moradores, e porque se empunha como complemento do plano de ajardinamento da cidade."*²

O tom otimista do discurso oficial, no seu papel executivo e coordenador de cada uma dessas intervenções realizadas na cidade, perduraria nesses últimos anos da década de 1920, até a construção do mais imponente conjunto arquitetônico da cidade. Um conjunto formado pelo Teatro Pedro II, com sua implantação central na quadra frontal à Praça XV de Novembro, e os dois outros, o Edifício Meira Júnior e o Palace Hotel, ambos constituindo-se como uma moldura ao

² Essa constatação foi descrita no Relatório apresentado pelo Prefeito Municipal José Martimiano da Silva, no dia 15 de janeiro de 1927, referente ao exercício de 1926. No mesmo documento o Prefeito indica a inauguração, no dia 20 de dezembro de 1926, do Parque Aureliano de Gusmão, antigo Largo 7 de Setembro. "Os serviços foram iniciados em 1925, na administração anterior. Foi feito o calçamento de todos os quarteirões que circundam o parque e está quasi concluido o calçamento dos respectivos passeios. Esse melhoramento muito contribue para o embelezamento e Hygiene da cidade, valorizando ao mesmo tempo uma de suas vastas e prosperas zonas". No texto fica claro que a Praça Aureliano de Gusmão tem muito mais um caráter de bosque, ou parque, como foi mencionado. Outro fato importante é a indicação da existência de um plano ordenador, no caso, um plano de ajardinamento. Essa concepção de plano também foi abordada na administração do Prefeito João Rodrigues Guião, no exercício de 1924, para o calçamento da cidade. Como indica o Relatório do ano de 1924 a prefeitura promoveu a CRIAÇÃO DE UM FUNDO DE CALÇAMENTO: Lei 275, de 18 de maio de 1923, que "criou o Fundo Especial de 200 contos durante o prazo de 5 annos para prover ás despesas do calçamento a parralelepipedos." No ano de 1926, o Prefeito José Martimiano da Silva elabora uma alteração do Fundo, pela Lei 318, de 28 de outubro de 1926, criando também o Fundo Especial de Calçamento, mas de 300.000\$000. Sua justificativa para tal ampliação das verbas do referido fundo ocorre, uma vez que "a cidade, pelo seu adiantamento material, pelas innumeradas construcções modernas que dia a dia avultam, pelo seu grau de civilisação, reclamava e reclama um perfeito serviço de calçamento das vias públicas." Entretanto a noção de plano não trabalha na escala da cidade ou município, ficando restrito a algum tipo de ação pontual, como calçamento ou ajardinamento.

grandioso teatro eclético de planta oval, projetado pelo arquiteto Hippolyto Pujol.³

Foto 24

Fotografia do Teatro Pedro II e Edifício de Escritórios Meira Júnior. Nessa fotografia o conjunto arquitetônico **Quarteirão Paulista** já está concluído. O edifício de escritório está ao lado do Teatro. Nessa época, a Praça XV de Novembro organiza o espaço entre os dois Teatros - Carlos Gomes e Pedro II . Aquele imenso Largo de Chão batido dos anos de 1850, dá lugar a essa época, ao grande jardim público pontuado pelos dois imponentes edifícios e o conjunto de residências que contornam todo o perímetro da grande Praça burguesa. **Fonte:** Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto



Com sua inauguração, em 8 de outubro de 1930, o cenário estaria finalmente completo⁴. A grande Praça XV de Novembro, local das

³ O conjunto arquitetônico denominado "Quarteirão Paulista" não foi construído de forma conjunta, ou seja, ele não surge de um projeto único. O edifício do Hotel, anteriormente denominado Central Hotel, é anterior aos outros dois, do início dos anos de 1920. O Teatro e o Edifício de Escritórios são pensados como um conjunto único. Implantados em terreno contíguo ao hotel, comprado pela Cia. Cervejaria Paulista, constituiriam, com o já edificado Hotel, o referido "Quarteirão Paulista". Projetado pelo

apresentações das bandas de música da cidade, dos passeios dominicais das famílias civilizadas em seus jardins ornamentados, transformar-se-ia nesse momento num imenso átrio. Situação estabelecida no sentido de grande sala central, de distribuição da circulação; porém, não mais em um só edifício, mas em duas monumentais arquiteturas implantadas diametralmente opostas, ou seja, Teatro Carlos Gomes e Theatro Pedro II.

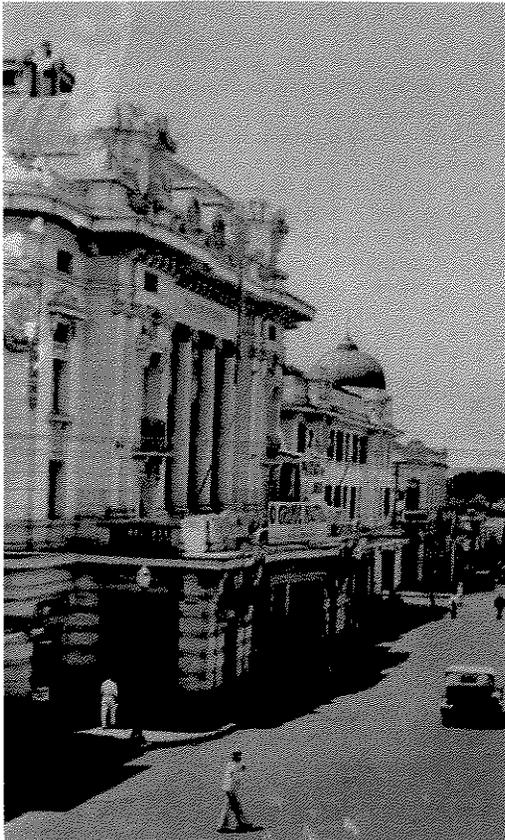


Foto 25

Imagem do "Quarteirão Paulista" em frente à Praça XV de Novembro. No centro da imagem o Teatro Pedro II, e, ao lado o Palace Hotel. Destruído por um incêndio, o Teatro foi restaurado na década de 1990, retomando suas atividades de teatro de ópera. O Palace Hotel passa atualmente por uma recuperação para utilização de atividades culturais. Segundo grande símbolo do poder econômico municipal -já não mais composta exclusivamente por coronéis do café, e a essa época muito mais relacionada a comerciantes e industriais- a construção do Theatro Pedro II terminou em meio à maior crise do setor cafeeiro em 1929.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Contornando essa rara conformação arquitetônico-urbanística organizada pelo trinômio teatro-praça-teatro, estavam os palacetes

arquiteto Hippolyto Gustavo Pujo Junior, o edifício recebeu projeto estrutural da empresa alemã Kemnitz, dirigida por Fritz Hans Urlass

⁴ Segundo Renata Sunega, "a inauguração do Theatro Pedro II ocorre com o filme "Alvorada do Amor", com Maurice Chevalier e Jeannete Mac Donald. O Dr. Meira Júnior, em breve discurso, diz que "o Pedro II representava a expressão máxima da cultura e que entregava o edifício ao povo de Ribeirão Preto" (SUNEGA, 2003.p.110).

daqueles que, ao se locupletar com lucros provenientes de tudo que envolvia a atividade agrária cafeeira e comercial desde finais do século XIX, não mais poderiam perder o espetáculo urbano do progresso e da modernidade.⁵

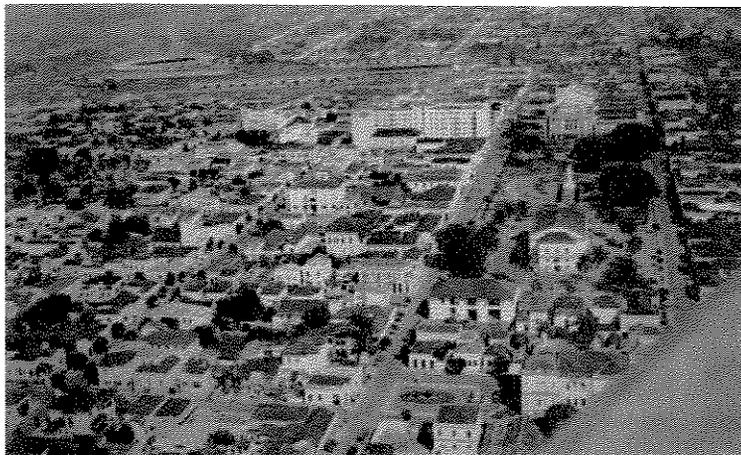


Foto 26

Imagem aérea do centro da cidade com a Praça XV de Novembro ordenando o espaço entre os dois teatros, e a Praça Rio Branco com a antiga Casa de Câmara e Cadeia e o Palácio Rio Branco. Marcando um eixo da imagem, a rua General Osorio, pelo lado esquerdo da Praça XV.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Uma situação também evidente, anos antes da inauguração do Teatro Pedro II, no discurso do Presidente da Câmara, Dr. Joaquim Camillo de Moraes Mattos, em 15 de janeiro de 1928:

"(...) o Município de Ribeirão Preto é incontestavelmente dos mais importantes do prospero Estado de São Paulo. Ribeirão Preto é hoje um Município florescente, prospero e adeantado sob todos os pontos de vista. As lavouras cafeerias que

⁵ Sobre essa relação entre os teatros e a Praça XV de Novembro, Renata Sunega faz uma leitura interessante da paisagem urbana: "De 1930, data da inauguração do Teatro, a 1944, data da demolição do Teatro Carlos Gomes, esses dois edifícios coexistiram um fronteiro ao outro, criando um cenário interessante onde cada teatro se apresenta de uma forma na estrutura urbana. Enquanto o Teatro Carlos Gomes se encontrava implantado isoladamente no lado esquerdo da Praça XV, cercado por passeios e vegetação, o Teatro Pedro II se localizava do lado oposto, com fachada voltada para a praça e para o Teatro Carlos Gomes e ladeado por outros dois edifícios que reforçavam a sua monumentalidade". Reforçamos, aqui, o significado do Teatro Carlos Gomes, também pela sua monumentalidade, mas pelo que significou de profunda transformação da estrutura fundiária urbana. Numa época em que as construções ainda estavam alinhadas ao lote e arruamento, ele foi implantado da mesma forma que a edificação religiosa à sua frente, ou seja, na mesma situação isolada na grande área da Praça XV de Novembro.

florescem em milhões de árvores no nosso solo uberrimo constituem a maior riqueza do Brasil. Todos os visitantes illustres que chegam ao Brasil se dirigem imediatamente ao Estado de São Paulo, em visita ás cidade de maior vulto, e é o caso de dizer que Ribeirão Preto é uma das primeiras cidades visitadas. O desenvolvimento do seu commercio, a harmonia, a paz e a ordem reinantes em todas as classes sociais, tornam a cidade de Ribeirão Preto um dos centros mais civilizados do Estado de São Paulo. Razões outras existem e que se tornam desnecessárias enummarar, contribuindo para a importancia e sempre proclamada da Cidade de Ribeirão Preto.

Essa fúria otimista e construtiva assumida pelos poderes públicos municipais apresenta-se inadvertidamente despreocupada com as crises que a atividade cafeeira constantemente vinha sofrendo, e o que isso poderia acarretar para a economia urbana. Não que os recursos econômicos da municipalidade eram provenientes exclusivamente da atividade agrária, mas, muito ao contrário, a maior parte dos recursos advindos, por exemplo de impostos, eram das atividades comerciais e de serviços sediados na cidade. Obviamente, serviços que ainda giravam em torno do que a produção agrícola municipal e também regional representavam. Como exemplo, pode-se destacar a circulação de pessoas e produtos, entre outros, que tinham no município de Ribeirão Preto um caráter centralizador e articulador, numa escala até mesmo interestadual, e a ferrovia como instrumento dessa articulação, fundamental na consolidação da importância do município para toda a região.

Diante dessa situação, os abalos que a atividade agrícola cafeeira sofria poderiam significar uma diminuição da circulação de capital em outras atividades em desenvolvimento na cidade: hotéis, bares,

cabarés, teatros, cinemas e restaurantes. Isso para se pensar somente nas atividades de turismo e diversão, que poderiam envolver a circulação de pessoas, não só da cidade, mas, também, de outras regiões que faziam uso dessas atividades.

Reafirma-se, portanto, que os estudos sobre a cidade de Ribeirão Preto não podem mais se amarrar à justificativa do desenvolvimento urbano local por meio exclusivo da atividade agrária. Essa opção teórica determina de imediato um erro de interpretação dos fatos e, mais ainda, de incapacidade de compreender a cidade, para além da mesma visão dos seus promotores, sejam os coronéis, ricos empresários e políticos; e cada um desses com seus discursos eloqüentes em defesa do progresso material, da pujança comercial e social generalizados.

No processo de urbanização municipal, muito bem definido para áreas que interessavam a esses promotores, outros agentes também tiveram papel fundamental no projeto de modernização. Estavam, é claro, muito bem alinhados ao discurso oficial, não oferecendo nenhuma oposição ao processo de construção da cidade moderna. Nem mesmo os problemas enfrentados pela cidade no ano de 1927, como a primeira grande enchente, ocorrida na madrugada do dia 07 de março, diminuiriam o ritmo das ações municipais. Esse provocou prejuízos a comerciantes, destruiu obras realizadas pela prefeitura, assim como bairros populares, entre eles o Bairro República, que, segundo o Prefeito Martimiano da Silva,

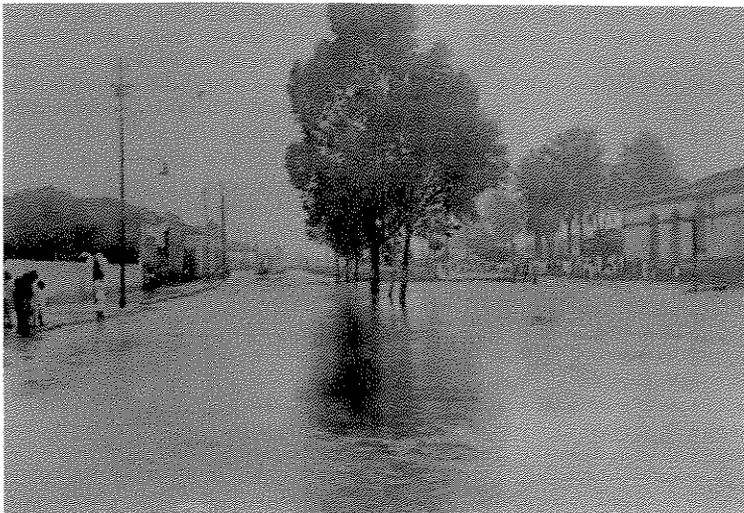
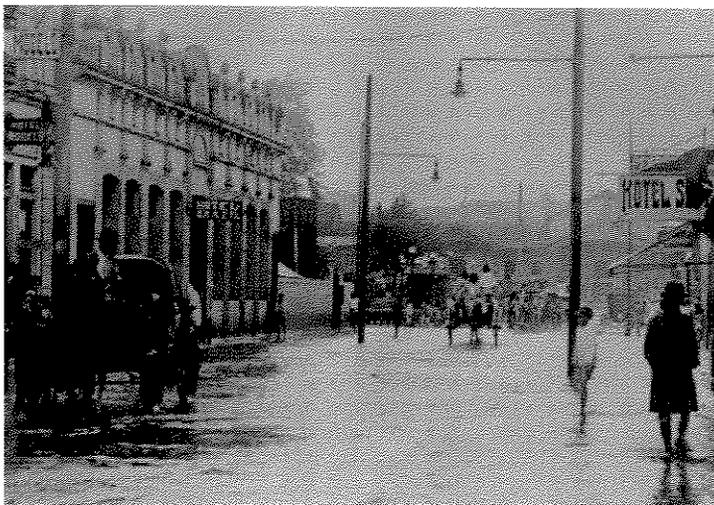
**Foto 27**

Imagem da grande enchente de 1927, que assolou a região do córrego Ribeirão Preto, invadindo casas, comércios e o próprio Mercado Municipal. Na imagem a calha do córrego não aparece mais, pois está coberto pelas águas.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

foi o mais castigado. Os seus habitantes, na maioria pobres e operarios, tiveram os seus lares invadidos pela agua e viram destruidos quasi todos os seus móveis. A parte urbana, entre as ruas José Bonifácio e Jeronymo Gonçalves, também fou enormemente prejudicada. O commercio daquela parte da cidade soffreu sérios e avultados prejuízos. O Mercado Municipal, invadido pelas aguas, também soffreu grandemente, e seus inquilinos se viram rudemente prejudicados.”⁶

⁶ Apresentado pelo Prefeito José Martimiano da Silva no Relatório da Prefeitura referente ao exercício de 1927, no dia 15 de janeiro de 1928. As enchentes, ainda no século XXI, ocorrem na cidade de Ribeirão Preto, promovendo enormes prejuízos e grande contingente de desabrigados, como a ocorrida em 2001. E, mais contundente ainda, é a atualidade das observações feitas no Relatório da Prefeitura, em 15 de janeiro de 1930, pelo Prefeito Joaquim Camillo de Moraes Mattos, sobre a enchente de 1927: “Um dos problemas serios que preocupava todas as administrações do municipio eram as constantes enchentes do corrego Ribeirão Preto, ocasionando a inundação do bairro da República, da rua Guataparé e da parte baixa da cidade até a Rua José Bonifácio(...) Em 1927 foi tão grande a enchente que as aguas do Ribeirão Preto penetraram em habitações e armazéns, ocasionando seriso prejuizos ao commercio estabelecido na avenida Jeronymo Gonçalves, rua José Bonifácio e nas ruas transversaes.” Uma análise tão verídica quanto a falta de políticas urbanas nesse início de século XXI, capazes de solucionar problemas de falta de infra-estrutura urbana para as áreas mais pobres da cidade.

**Foto 28**

A enchente do Ribeirão Preto devastando a Rua General Osorio. Na imagem, ao fim da perspectiva da rua, o edifício da Estação de trens.

Uma situação que é recorrente ainda no início do século XXI, não sendo tomada nenhuma medida eficaz pelo poder público. A última enchente ocorreu no mês de janeiro de 2003.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

**Foto 29**

Imagem da Rua General Osorio na enchente de 1927, vista da estação de trens. Ao fundo, a parte alta do centro, não atingida pelas águas do córrego Ribeirão Preto.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP

Nessa ordem dos fatores, acima de qualquer possível interferência no processo em curso desde os anos de 1874, continuar-se-iam as grandes obras na cidade. Entre elas, uma que envolvia não somente enormes quantidades de recursos, mas, também, de operários e profunda alteração na estrutura física da cidade, era a Avenida do

Café. Ocupando toda a extensão do Córrego do Retiro na área urbana do Município, cabia à Prefeitura fazer o aterro dos brejos que margeiam o córrego do Retiro, assim como o calçamento e a arborização.⁷

A compreensão da importância dessa obra surge no discurso oficial, repleta de imagens positivas, sugerindo exclusivamente o acerto da sua realização, tanto do ponto de vista técnico quanto estético. Pelo Relatório do exercício de 1929, apresentado pelo Prefeito Municipal Joaquim Camillo de Moraes Mattos,

"a Avenida do Café, que será em breve uma das mais bellas do Estado de São Paulo, já está com os aterros das ruas quasi concluidos. As pontes sobre o corrego do Retiro estão igualmente quasi todas concluidas. As balaustradas adeantadissimas. Os canaes dos dois corregos, completamente ultimados, já recebem as aguas. Diversas construcções estão iniciadas na Avenida do Café. A iniciativa particular em Ribeirão Preto caminha pari-passu com o poder publico. Breve novas construcções virão concorrer para o embelezamento da nossa cidade.

⁷ De acordo com o Prefeito Camilo de Matos, em seu Relatório, "entre as outras várias realizações da administração do ano de 1928 está a construção do jardim público da Vila Tibério, na Praça Coração de Maria." Foi a primeira menção a uma obra pública que envolvia a realização de praça pública para além do limite central da cidade, e dessa forma poderia significar a extensão dos programas de melhoramentos para as áreas periféricas da cidade, principalmente a Vila Tibério, já intensamente povoada nesses anos finais da década de 1920.



Foto 30
Imagem da
Avenida do Café,
no leito do córrego
do Retiro,
totalmente
arborizada e
canalizada

Fonte: Arquivo
Público e Histórico
de Ribeirão Preto -
APHRP

Em oposição a esse espasmo de otimismo que dominava o cenário municipal, uma primeira avaliação sobre a crise vigente começaria a mudar esse discurso otimista na cidade progressista somente no início do ano de 1930. Isso ocorreria mediante o Relatório da Prefeitura no exercício anual de 1929, sobre a mais séria crise do café e queda das bolsas de valores, em especial a de New York. Esse fato contribui, inclusive, para uma abordagem equivocada dos estudos urbanos sobre Ribeirão Preto, realizados em sua maioria na década de 1990.

Em tais estudos existe uma definição generalista e absorvida como verdade, que determina uma crise geral e arrebatadora da economia urbana municipal, a partir da crise de 1929. Ela surge, como um ponto de inflexão definidor de novos rumos na economia e na vida urbana, que vinham se estabelecendo na cidade, não sendo, portanto, um fato isolado. Tal condição é, em verdade, ápice de uma séria crise da atividade agrícola cafeeira desde o início das décadas de 1910 e 1920.

Contudo, surge no próprio discurso oficial como a grande, e até mesmo única responsável pela alteração nos rumos do progresso municipal, não se fazendo nenhuma menção, nos relatórios de

prefeitos, sobre as dificuldades do setor agrário nas anos anteriores. Credita-se a esse evento, em específico, todos os problemas de ordem social, econômica e material que assolariam a municipalidade dos anos de 1930 em diante. Conforme o Relatório do Prefeito Joaquim Camillo de Matos, apresentado em 15 de janeiro de 1930,

"Ribeirão Preto, que é icontestavelmente, uma das mais bella e ricas cidades do Estado de São Paulo, não poude escapar aos efeitos da grande crise que perpassa por todos os paizes e principalmente pelos Estados em que maior é a actividade humana e mais elevada a riqueza particular. O organismo social, da mesma forma que o organismo humano, soffre desiquilibrios e crises, acarretando momentos de paralyzação e de inercia, mesmo nas actividades, quando não acarreta males mais graves e de mais difficil remedio. Ribeirão Preto, centro de grandes negocios, a capital do café, deveria soffrer como soffre, alterações na sua vida economica, alterações estas que acarretarm a paralyzação do seu vertiginoso progresso, diminuiram os serviços de embelezamento e se reflectiram, principalmente, nas finanças municipaes, na perte relativa á arrecadação."

Apesar da constatação das enormes dificuldades que a municipalidade enfrentava, no mesmo documento apresentado pelo prefeito, continuariam a execução das obras em andamento e a elaboração de novos melhoramentos na cidade de Ribeirão Preto. Segundo o Prefeito,

"a grandeza, o progresso e o desenvolvimento de Ribeirão Preto, não cesso de proclamar, são o resultado de administrações que, sem solução de continuidade, realisam o mesmo plano administrativo."

Nessa certeza, quantias que ultrapassavam os 700:000\$000 em obras consideradas de "*absoluta necessidade*" continuariam sendo aplicadas



Foto 31

Imagem da Rua General Osório no início dos anos de 1930. Nessa época os programas de melhorias urbanas está consolidado na área central da cidade. Caracteristicamente comercial e residencial, a Rua General Osório é o mais importante eixo viário da cidade, e nesse ponto, com Praça XV de Novembro à frente das edificações, sua parte mais nobre. **Fonte:** Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP . Fotografia Foto Sport.

pelo poder público nos programas de melhorias urbanas, sendo que, nesses anos de 1920, "*o mais importante delles era sem dúvida o do embelezamento da cidade*", como já tinha afirmado João Rodrigues Guião, em 1926. O próprio João Rodrigues Guião apresentaria a mais bem definida das metas que orientaram todas as administrações municipais na cidade de Ribeirão Preto:

"era mister preparar o soberbo cenário dentro do qual as forças progressistas e latentes de Ribeirão Preto pudessem operar a maravilhosa transformação da antiga, desgraciosa e empoeirada povoação que surgira nos sertões do Oeste

cafeeiro, na esplendida, confortável e grande cidade que é hoje Ribeirão Preto”.



Foto 32

Vista da Rua General Osório, em direção à Estação de Trens. Na esquina da Praça XV de Novembro, à direita, o Edifício Meira Júnior. Nessa época – início dos anos de 1930-, o arruamento é todo à paralelepípedo, o que favorece o trânsito dos automóveis na cidade. A característica comercial da rua está evidente nas edificações à esquerda da foto. **Fonte:** Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP . Fotografia Foto Sport

Essa cidade foi efetivamente construída, conscientemente articulada pela elite econômica e política, segundo o discurso do progresso e da modernidade. Foram definidos programas que higienizariam os corpos doentes e os espaços degradados, embelezariam aquele conjunto edificado rudimentar e rural, e suas áreas livres de chão batido. Da mesma forma, disciplinariam pela ordem, tanto técnica quanto social, a barbárie humana que habitava aqueles empoeirados rincões, assim como os trabalhadores rurais que migraram para a cidade, assumindo

uma nova condição, a de operários, vendedores, ambulantes e trabalhadores braçais em geral.

Pessoas que para a cidade se transferiram, induzidas pelas oportunidades de trabalho que surgiam, e pelas imagens do progresso da metrópole do interior, construídas textualmente e iconograficamente pela imprensa e poderes públicos. No caso da imprensa, por meio de jornais locais, assim como, revistas e almanaques publicados no Brasil e também na Europa.

Numa ação claramente propagandística do progresso municipal, tais publicações⁸ articulavam -nas suas edições dedicadas à cidade de Ribeirão Preto- textos e imagens, tornando-as instrumento de legitimação das ações da municipalidade e, portanto, das melhorias implementadas, assim como do desenvolvimento econômico da cidade. Uma intenção definida e muito objetiva de construir e propagar uma imagem de cidade moderna, nas principais concepções que essa modernidade urbana deveria representar: higiene, beleza e disciplina; intenção que, na prática do Planejamento Estratégico Urbano, desde o fim do século XX, definiu-se como **marketing urbano**.

E essa intenção propagandística já se anunciava na capa de uma dessas publicações. Numa edição exclusiva sobre a cidade, a Revista "BRAZIL MAGAZINE", publicada em português e francês, evidencia seu objetivo por meio do título da edição: **Ribeirão Preto – Le Pays du Café**.⁹

⁸ No caso dessas publicações, estamos fazendo referência às Revistas e Almanques.

⁹ BRAZIL MAGAZINE. Revista Periódica e Ilustrada d'Arte e Actualidades, Paris: Graphica de Luxo Cussac e Chaponet, 1911. O editorial da Revista é esclarecedor das suas intenções: "Apresentando esta edição do Brazil Magazine, que traduz mais um grande esforço d'esta publicação pela propaganda do paiz, nós a consagramos toda inteira, ao bello município de Ribeirão Preto, esta inegalavel perola da corôa agricola paulista (...) grande terra do trabalho, o mais bello e glorioso exemplo, da prosperidade brasileira."

Publicada em Paris no ano de 1911, portanto, na transição da gestão do Prefeito Veiga Miranda para os longos nove anos do Prefeito Macedo Bittencourt, a revista procura construir uma imagem de cidade que não apresenta nenhum problema urbano:

"Cortada de bellas ruas, e largas avenidas, calçadas e betumadas, bordadas de construcções particulares e estabelecimentos de commercio, fortemente illuminada a electricidade e com abundante serviço de agua potavel, Ribeirão - Preto é um grande centro urbano, beneficiando de todo o confortavel material da vida e de todos os praseres da civilisação moderna (...) D'entre as construcções officiaes se destacam a Camara Municipal, o mercado público, a bibliotheca, o admiravel grupo escolar que se impoem pela sua belleza architectural e o moderno hospital de isolamento que com outros postos do serviço de hygiene attestam as previdentes disposições officiaes pela salubridade publica."¹⁰

Esse mesmo discurso circunscrito nas *benesses* do progresso que caracterizava a cidade, também surge em outras publicações, como no "Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto", na sua edição de 1913.¹¹ Numa abordagem mais específica sobre algumas edificações públicas construídas na cidade, o "Almanach Ilustrado" enfatiza suas características arquitetônicas:

"O Theatro Carlos Gomes é um dos mais primorosos do Estado de São Paulo. Segundo se affirma, esse theatro era o primeiro do Estado antes da inauguração do Municipal, da Paulicéia (...) Dentre as construcções de mais valor são dignas de nota: A

¹⁰ BRAZIL MAGAZINE, op.cit.pp.30-31.

¹¹ Almanacha Ilustrado de Ribeirão Preto. Sá, Manaia & Cia. Editores. Ribeirão Preto: Typ, do Almanach, 1913.

*colossal cathedral, que representa um titulo de gloria para Ribeirão Preto; Egreja São José, cujas pinturas do tecto são bellissimas; Mercado Municipal, que é um dos melhores do Estado; Fabrica da Companhia Antartica Paulista, que é incontestavelmente um edificio de aprimorada arte.*¹²

Da mesma forma que as anteriores, a publicação "O Municipio e a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independencia Nacional (1822-1922)" define seu discurso da grandiosidade, apontando para os melhoramentos urbanos implementados, principalmente na gestão do Prefeito João Rodrigues Guião, organizador da publicação. Segundo Guião, numa citação que fez de Julio Brandão Sobrinho, Ribeirão Preto

*"é o municipio colosso, na linguagem de todos, é o rendez-vous dos estrangeiros porquanto, quem vem a S. Paulo e não vem a Ribeirão Preto, é como quem fosse a Roma e não visse o papa."*¹³

E continua o próprio Prefeito a afirmar que,

*"se na epoca a que se refere o observador Ribeirão Preto já merecia tão lisongeiros apreciações, hoje, devido aos melhoramentos da cidade, como sejam as installações da agua e exgottos, de luz electrica, o calçamento das ruas a parallelepipedos, o maior numero de predios elegantes e confortáveis, com os serviços publicos mais desenvolvidos e cuidados, adquiriu a cidade fóros de capital."*¹⁴

¹² Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, op.cit.p.20

¹³ Segundo Rodrigues Guião, essa observação foi publicada no "relatório sobre a situação agricola, industrial e commercial do 3º Districto agronomico do Estado de S. Paulo, com séde em Ribeirão Preto, referindo-se ao movimento commercial desta cidade em 1892." (GUIÃO, 1923.p.17-20)

¹⁴ Guião, op.cit.p.20

No caso da edição "Brazil Magazine" de 1911, não somente aqueles aspectos urbanísticos e arquitetônicos –este segundo aspecto também surgiu no Almanach Illustrado- da cidade de Ribeirão Preto são apresentados. Questões relacionadas com o desenvolvimento da economia urbana, também em processo de transformação, ou melhor, de passagem de uma economia estruturada nas atividades agrárias para atividades urbanas, comerciais e industriais, são levantados. Segundo a reportagem,

"O commercio tem um desenvolvimento completo e supre a vida social em todas as exigencias do viver moderno. Estabelecimentos bancarios importantes, fazem quotidianamente grandes movimentos de dinheiro(...) Ao lado da cidade e junto da estação da estrada de ferro, um bello e novo edifício chama a atenção dos viajantes. É a fábrica de cerveja da Anctartica Paulista, a poderosa brasseria de São-Paulo que não satisfeita com os dous estabelecimentos modelos que possui na capital, acaba de abrir esta importante succursal em Ribeirão-Preto."

Condições evidentes do contínuo processo de diversificação das forças econômicas da cidade desde o início do século XX, sobretudo com a ajuda a esse processo, que as sucessivas dificuldades do setor agrícola, durante os anos de 1910 e 1920, iriam estabelecer para o surgimento de novos modos de produção na economia capitalista municipal.¹⁵ Problemas relacionados com a produção agrícola cafeeira que, segundo Rodrigues Guião, promoveu a

¹⁵ Ainda sobre o desenvolvimento da atividade industrial em Ribeirão Preto, a publicação anual "Almanach Illustrado de Ribeirão Preto", na sua edição de 1913, faz a seguinte observação: "A indústria local está assumindo vastas proporções. São estas as principais fabricas- Fumo(fabricas e casas atacadistas)3; Perfumarias 2; Especialidades pharmaceuticas 3; Massas alimentares 3; Cerveja 3; Couro 1; Sabão 2

*"baixa do café, que determinou um momento de vacillação. Afigurou-se a todos que a florescente e encantadora cidade ia ser vítima dos seus terríveis efeitos, pois quanto maior a nau, maior a tormenta; o mar de café que circundava ameaçava tragal-a num desastroso naufrágio."*¹⁶

Acompanhando aquela diversificação, ocorreu um movimento de migração de trabalhadores de outras cidades e das fazendas da região para Ribeirão Preto, fato que iria contribuir para a dinâmica econômica que essa migração de trabalhadores, associada às novas atividades produtivas, estabeleceria. Uma dinâmica social diversificada também se processava, podendo definir novas relações trabalhistas por meio de uma mão-de-obra assalariada e novas relações de convívio social nos espaços públicos em formação. Dessa forma, e principalmente na questão econômica, a circulação de capital não estaria mais restrita aos coronéis do café, que se encontrariam circundados por empresários, comerciantes, industriais e trabalhadores livres.

Em oposição à incorporação de todos esses novos protagonistas que o jogo econômico capitalista propiciou, o mesmo trecho da reportagem define espacialmente o limite urbanizado da cidade: a fábrica de cerveja encontrava-se ao *"lado da cidade"*. Entre a fábrica e a cidade,

(...) Em projeto estão as seguintes: - uma de pregos, cujo predio já está concluído; uma de tecidos; tendo os organizadores requeridos favores á Camara; uma de papel."
¹⁶ João Rodrigues Guião não deixa claro a que período se refere essa crise, mas, pela data da publicação, isto é, 1923, confirma-se a hipótese de uma dificuldade permanente da produção cafeeira, de modo que a importante crise de 1929 configura-se como a gota d'água crucial para a derrocada do café na região, e não como um evento exclusivo e isolado. Contudo, o próprio Guião não perde a oportunidade de enaltecer a grandiosidade da cidade que mais uma vez iria superar as dificuldades por ele levantadas. Segundo o próprio Prefeito, aquele desastroso naufrágio, "porém, não aconteceu; a cidade resistiu admiravelmente aos embates penosos desse terrível período de sacrificio. É que o capital basico da sua vida econômica é a boa terra, que não soffre crises por estar sempre aparelhada para alimentar a humanidade. Falhando os lucros do café o fazendeiro recorreu a outras culturas - ao algodão, á canna de assucar, aos cereaes e á industria pastoril, que lhe acudiram ao apello com compensadoras produções." (GUIÃO, op.cit.p.34)

o limite da natureza definido pelo córrego Ribeirão Preto e o limite da técnica determinado pela estrada de ferro. Limites que definiam uma incompatibilidade física e social entre a cidade rica, bela e salubre da cidade pobre, feia e suja, esta segunda cidade, moradia de grande parte da massa de trabalhadores, em sua maioria também pobres, outros, em situação pior ainda, pois, pobres e doentes.

Tal incompatibilidade entre essas duas cidades deixava claro que aquelas novas relações sociais, possibilitadas pelo convívio coletivo nos espaços públicos da cidade, ou seja, nas praças e bosques, não iriam incorporar os trabalhadores, uma vez que, no imaginário burguês eram a própria representação da doença e da sujeira. Aspectos permanentemente combatidos em todos os discursos oficiais, em prol da modernização higiênica da cidade.

A própria fábrica de cerveja em construção –conforme a revista– implantou-se numa situação externa à cidade, como fica claro nas imagens da construção da cervejaria na **Série Arquitetura**, no volume anexo das imagens (fotos 13;14;15). No mesmo lado da fábrica e da estação, porém, no fundo delas, naquela cidade insalubre e pobre, um conjunto em ampliação de bairros populares destituídos de infra-estrutura urbana, como o Bairro República, que seria assolado na enchente de 1927; aglomerações residenciais que não poderiam fazer parte da *"cidade do Ribeirão Preto que é hoje um moderníssimo e populoso centro urbano do interior do Estado de São-Paulo."*¹⁷

Alinhado a esse discurso desenvolvimentista e progressista sobre Ribeirão Preto, impresso textualmente nessas revistas e almanaques, a imagem da cidade moderna estava literalmente representada por um conjunto de fotografias também impressas. Uma seleção impecável de

¹⁷ Revista BRAZIL MAGAZINE, op. cit.p.18.

imagens que caracterizavam, de um lado, a grandeza da produção rural por meio de visuais panorâmicas das fazendas de café¹⁸; e, por outro, a grandeza do processo de urbanização com imagens, em sua maioria, focalizando determinados aspectos dos melhoramentos e embelezamentos urbanos.

Na medida em que são dotadas de uma capacidade de circulação, uma vez impressas nas revistas e, portanto, de divulgação da opulência econômica e social da cidade -como pretendiam seus promotores-, tornar-se-iam instrumento ideológico e propagandístico eficaz do discurso modernizador.

Como é possível verificar, através da confrontação, entre o acervo aqui compilado no volume II pelas Séries temáticas -que o conjunto das fotografias possibilitaram construir-, com as imagens impressas nas várias publicações, o recorte das fotografias que interessavam publicar, legitimavam essa ideologia da cidade moderna. É interessante, também, perceber que a circulação das imagens ocorria entre as próprias revistas e almanaques, ou seja, as imagens publicadas eram, senão as mesmas com alguma interferência textual, os mesmos temas e campo visual.¹⁹ Nesse sentido, é possível identificar um padrão visual definido, conscientemente articulado ao discurso do poder político e econômico local. Tal estratégia de publicação, presente nas mais diversas revistas, produziu uma circulação restritiva da produção fotográfica em Ribeirão Preto,

¹⁸ Nas ficha fotográficas em Anexo, as imagens de fazendas e plantações de café não foram trabalhadas. Interessaram somente as imagens da cidade de Ribeirão Preto.

¹⁹ Um exemplo interessante, tanto da interferência textual, quanto da construção do campo visual da imagem, é o edifício da Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto (fotografia 22/23 da **Série Arquitetura** - Anexo). A fotografia do edifício foi publicada em algumas revistas e almanaques, tais como: Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, em 1913. Álbum Comemorativo do Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, em 1956. Na publicação do "Almanach Ilustrado", a imagem é acompanhada do seguinte texto: "Como vêm os leitores, este prédio é um verdadeiro mimo da moderna architectura, O seu conjunto e os seus menores detalhes isso atestam".

viabilizando a circularidade de imagens que interessavam à construção da metrópole do interior, moderna, higiênica e bela.

Uma metrópole moderna e progressista, restrita, porém, à burguesia local, que em toda a história municipal manipulou os programas econômicos e urbanos em benefício particular; construíram, como ainda fazem, uma cidade para poucos. Como se pronuncia no léxico urbanístico contemporâneo, uma cidade dos incluídos nas possibilidades advindas com a modernidade.

Com isso, restringiram para os excluídos, social e espacialmente da cidade, as mesmas submoradias, a mesma falta de infra-estrutura urbana -como ocorre nesse início do século XIX-, inviabilizando o convívio social no espaço público, pela inexistência de lugares propícios a essa prática, como as praças ajardinadas da área central da cidade.

Tinham, como continuam tendo, enquanto aliado na manutenção dessa lógica, o urbanismo. Disciplina que orientou suas teorias a partir do século XIX, com a atuação dos profissionais urbanistas em suas ações definidas pela lógica da técnica, da ciência e da disciplina. Nessa ação, segundo Robert Pechman, *"o urbanismo se legitimou como saber sobre a cidade, como saber técnico-científico, independentemente de fazer vir à tona a questão da cidadania e do direito a cidade."*²⁰ Nesse sentido, ainda segundo Pechman, formou-se no Brasil *"um urbanismo disciplinador, normatizador, regulamentador, que faz cidades, mas não faz cidadãos."*²¹

Entre a disciplina, a norma e o regulamento, a primeira, a ação disciplinar, surge como a questão fundamental na perenidade da ordem urbana burguesa. Ela definiu a forma como os programas de

²⁰ PECHMAN, Robert. "Cidades estritamente vigiadas: o detetive e o urbanista". Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p.408.

²¹ PECHMAN, Robert. op. cit. p. 409.

melhoramentos urbanos deveriam intervir na cidade brasileira para consolidar essa ordem, que se caracteriza também pela higiene e pela estética. Com esta mesma intenção, o poder político local definiu sua ação sobre todo o corpo social da cidade de Ribeirão Preto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a *permanência* do discurso e a *ruptura* dos estudos

Entre aquele estranhamento inicial, e a necessidade de olhar, de traçar considerações sobre as problematizações levantadas e discutidas, durante todo tempo de trabalho na História, obriga-nos a reflexões impossíveis de considerá-las finais. E a primeira delas está relacionada ao reconhecimento da necessidade de uma (re)aproximação entre História, Arquitetura e Urbanismo.

Nessa possibilidade necessariamente desejável, muito mais que assumirmos a História como nomenclatura de um conjunto de disciplinas dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, precisamos compreender seus significados e práticas como disciplina autônoma. Essa é, portanto, um consideração não só inicial, mas, acima de tudo primária e fundante desta (re)aproximação, que não cabe a um único trabalho. Nesse caso, a responsabilidade está centrada nas ações dos representantes de ambas as disciplinas: Arquitetos-Urbanistas e Historiadores. Isso para restringir, ao âmbito do presente trabalho, a intencionalidade primeira do nosso deslocamento para a ambiência da História e seus profissionais Historiadores. Entendemos também, fundamental o sentido inverso, ou seja, o deslocamento dos historiadores; uma vez que, esse deve ser o caminho obstinado por todos que acreditam na consolidação da História Urbana como área de conhecimento.

Definindo esses contatos-contágios, e assim consolidando a História Urbana, não pretendemos, ou não deveremos pressupor a eliminação das diferenças que caracterizam cada saber, e suas especificidades. Da mesma forma, as diferenças de formação não devem ser apagadas, pois, são registros que determinam um olhar específico no estudo das cidades. Por outro lado, se assumirmos as diferenças como sinônimo

de impossibilidades de efetivação de trocas entre os profissionais, teremos que assumir os riscos e as responsabilidades por ações que definitivamente decretariam a compartimentação, e a fragmentação do objeto cidade.¹ Fato que contribuiria para um isolamento entre os saberes, construído pelas muralhas turvas e intransponíveis dos nossos gabinetes disciplinares. Desta forma, o caminho no sentido da **interdisciplinaridade**, principalmente aquela caracterizada por uma série de **empréstimos controlados**, como quer Lepetit (2001), pode significar a reversão da desarticulação entre os saberes, em específico os saberes sobre a cidade.

Uma condição que, deve pressupor, também, o desejo de receber, como um **recebimento controlado** mediante a interação entre as disciplinas e seus representantes. Só a aceitação desse binômio emprestar-receber, por ambas as partes, pode, de fato, corroborar com a estruturação da História Urbana. Nesse sentido, aceitando essa relação, não criar-se-á a possibilidade da sobreposição de uma disciplina sobre a outra, apagando o que a uma delas considera-se divergente, uma vez que, segundo Lepetit,

uma disciplina que morre é uma língua que desaparece. Imaginar seu desaparecimento por anulação das diferenças é acreditar que a compreensão das sociedades progride com a redução do número e da complexidade dos comentários feitos sobre elas. (LEPETIT, 2001.p.38)

Considerando assim, a possibilidade de construção de um campo de conhecimento, que não subverta as diferenças em benefício de uma estrutura teórica e metodológica unitária, estaremos verdadeiramente viabilizando a relação emprestar-receber. Da mesma forma, não

¹ Dois textos são referências importantes nesse debate que abordamos mais detalhadamente no Capítulo I: (BRESCIANI,2002) e (LEPETIT,2001).

estaremos delimitando a História Urbana no interior de uma única disciplina, mas criando as possibilidades dos diversos saberes sobre a cidade construir um estatuto dos estudos urbanos no interior das suas estruturas conceituais.

No caso do presente trabalho, se o resultado da experiência do deslocamento, ainda está aquém das possibilidades em diversos aspectos, a experiência em si, terá um papel definidor na problematização de outros estudos, ou da forma como determinado objeto será problematizado.

Em relação ao resultado dessa experiência, mediante uma mudança da perspectiva de apreensão do objeto cidade de Ribeirão Preto, procurou-se um ponto de fuga deslocado do discurso que corrobora com a ideologia do progresso. Cidade rica, moderna, progressista, higiênica, bela, entre outros adjetivos, que ainda hoje, tendem a permear os trabalhos sobre Ribeirão Preto, foram transferidos para um campo de abordagem cujo eixo de reflexão, está compreensão crítica do discurso de construção da cidade moderna.

Os mesmos adjetivos continuam a aparecer, porém, compreendidos como instrumentos de dominação ideológica de uma burguesia agrária-comercial-industrial, assim como, instrumento de legitimação da cidade – aquela interna aos córregos- construída diariamente nos debates da Câmara Municipal, e outros órgãos públicos, como o Poder Executivo.

Entre as duas cidades, fisicamente separadas pelos leitos dos córregos, optou-se pelo estudo daquela intra-rios, também um dia chamada de Entre Rios. Uma intenção que não deve significar o desinteresse pela outra cidade, se é que de cidade pode ser chamada. Pobre, suja, insalubre e feia, seus adjetivos caracterizam o desinteresse, mas,

daqueles que eram os promotores da modernidade **Entre Rios**. Da mesma forma, o medo desses promotores, diante dos perigos representados pela população de trabalhadores braçais, moradores na periferia destituída dos melhoramentos que eram implantados na área central da cidade.

O interesse no caso, é de compreender como a modernidade, sanitária, estética e disciplinar, foi sendo estruturada por meio de programas de melhoramentos e embelezamentos. Um conjunto de intervenções pontuais que tinham também o respaldo legislativo, por meio de Posturas Municipais, que desde o final do século XIX, constituem parte fundamental entre os instrumentos de legitimação da cidade burguesa.

Como centralidade nessa modernização em voga, a Praça XV de Novembro situa-se como abíscua privilegiada das ações implementadas, que paulatinamente se expandiram em direção à Praça da Estação pelo eixo viário que as unia: a Rua General Osório. Uma expansão que mais tarde foi orientada na direção do terceiro Cemitério Municipal.

Independentemente dos custos que esse processo demandava, as respectivas administrações que se sucederam -no tempo do presente estudo (1895-1930)-, não mediam suas forças na transformação da cidade. Ainda que, em determinados momentos algumas dificuldades, sejam elas de ordem financeira, saúde pública ou outra qualquer, pudessem impedir, ou dificultar o desejo da modernidade, mais forte ainda o léxico do progresso municipal retomava seu papel. Mais intensamente divergentes ficavam as **duas cidades**, com os programas de melhorias urbanas orientados por esse léxico.

É nessa lógica essencialmente excludente, que o crescimento e desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto, vai se estruturando em benefício da elite econômica e política. Na constituição da imagem dessa cidade moderna, registrada pela imprensa escrita e pelos fotógrafos, esse desenvolvimento estava livre das mazelas sociais dos bairros populares periféricos. Os registros priorizavam a cena urbana burguesa, que os jardins da Praça XV de Novembro e seus Teatros, puderam oferecer ao enquadramento visual das suas máquinas. Assim, a contundência do discurso impresso nos Relatórios da Prefeitura e Posturas Municipais, vai sendo retratado, legitimado e propagado pelo discurso visual. Tudo isso, enquanto a cidade que contornava os leitos dos córregos pelo lado de fora, encontrava-se, e continua ainda hoje, incapaz de se fazer ouvir, no seu apelo pelas mínimas melhorias necessárias à vida humana.

Essas diferenças e contradições ficaram evidentes em cada arquitetura, e o uso a ela atribuída. Uma distinção, lógica, do ponto de vista da burguesia local: aos trabalhadores pobres, nada mais que hospitais, cemitérios e matadouros, enquanto que à burguesia urbana, teatros, palacetes e vitrines. Não estariam então, os fotógrafos e suas máquinas, certos em relação à cidade que escolheram para registrar os significados da modernidade desejada e realizada da elite local?

É por isso que, as contradições e incoerências das cidades brasileiras, e sua face mais dolorida, a pobreza urbana, parecem inalteráveis. Nesse início de século XXI, as imagens da cidade de Ribeirão Preto, captadas por outros fotógrafos, mas, com suas mesmas maquinarias do instantâneo urbano, denunciam a permanência daquelas **duas cidades**. Um triste alerta, da manutenção e indiferença, de um discurso centrado na lógica da exclusão social e espacial. É como resultado dessa lógica, que, aquela Ribeirão Preto da *fecundidade do*

seu solo, da sua pujança, do esplendor, como narrou João Martinho, ainda não ultrapassou as fronteiras Entre Rios.

FONTES DE PESQUISA

1 . Documentação Impressa

1.1 Relatórios de Intendentes e Prefeitos Municipais

Relatorio do Major Dr. Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, Intendente Municipal, apresentado a Camara Municipal do Ribeirão Preto, em sessão de 07 de janeiro de 1897, Relativo ao exercicio de 1896 e do Tenente Francisco do Sacramento, Diretor da Secretaria da Camara Municipal do Ribeirão Preto apresentado ao Major Dr. Intendente Municipal em 7 de dezembro de 1896.

São Paulo: Typographia da Industria de São Paulo, 1897.

Relatorio do Tenente Francisco do Sacramento, Director da Secretaria da Camara Municipal do Ribeirão Preto, apresentado ao Major Dr. Intendente Municipal em 31 de dezembro de 1896 relativo ao exercicio de 1896

Relatório do Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira, Intendente Municipal, Apresentado em Sessão da Camara no dia 07 de Janeiro de 1902.
Typographia Diário da Manhã - Ribeirão Preto

Relatório de 1902 Apresentado à Camara Municipal do Ribeirão Preto pelo Prefeito Dr. Manoel Aureliano de Gusmão na Sessão de 10/01/1903

Typographia Duprat e Companhia, 1903, São Paulo

Relatório de 1904 Apresentado á Camara Municipal de Ribeirão Preto pelo Prefeito Dr. Floriano Leite Ribeiro na Sessão de 7 de janeiro de 1905

Relatório apresentado à Camara Municipal de Ribeirão Preto a 7 de Janeiro de 1909 pelo Prefeito Municipal J.P. da Veiga Miranda. São Paulo, Typographia de Vanorden & Co., Rua do Rosário 7,9 e 11.- 1909

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatório lido em Sessão de 15 de Janeiro de 1920 pelo Presidente João A Meira Junior. Typographia da Casa Selles, Ribeirão Preto.

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatório apresentado em sessão de 15 de janeiro de 1920 pelo Dr. Joaquim Macedo Bittencourt, Prefeito Municipal

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatório da Prefeitura, correspondente ao exercício de 1923 apresentado à Camara Municipal em sessão de 26 de abril de 1924. Typografia Livro Verde - Ribeirão Preto

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatório da Prefeitura correspondente ao Exercício de 1924, apresentado à Camara Municipal em Sessão de 15 de abril de 1925 pelo Prefeito Municipal João Rodrigues Guião

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatorios correspondentes ao exercício de 1925 apresentado á Camara Municipal em sessão de 15 janeiro de 1926, pelo Presidente Dr. Fabio de Sá Barreto e pelo Prefeito Municipal Dr. João Rodrigues Guião. Casa Beschiazza - Ribeirão Preto.

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO - Relatorio correspondente ao exercício de 1926 apresentado à Camara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1927 pelo Prefeito Municipal José Martimiano da Silva. Typographia Guimarães - Ribeirão Preto

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatorio correspondente ao exercício de 1927, apresentado á Camara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1928 pelo Prefeito Municipal José Martimiano da Silva e pelo Presidente da Camara, Dr. Joaquim Camillo de Moraes Mattos. Typographia Guimarães - Ribeirão Preto

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatorios correspondentes ao exercício de 1928, apresentado á Camara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1929, pelo Presidente Dr. Joaquim Camillo de Moraes Mattos e pelo Prefeito Municipal José Martimiano da Silva

CAMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO

Relatorio correspondente ao exercício de 1929, apresentado á Camara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1930, pelo Prefeito Municipal Dr. Joaquim Camillo de Mattos

Relatorio da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto apresentados:
Ao Exmo. Snr.

Coronel João Alberto Lins de Barros, Interventor Federal no Estado de São Paulo
 Ao Exmo. Snr
 Dr. Arthur Neiva - Secretario do Interior dos Negocios do Estado
 em 15 de janeiro de 1931,

1.2 Códigos de Posturas

Código de Posturas da Câmara Municipal de Ribeirão Preto. 1921, TYP.
 Livro Verde – Ribeirão Preto

Câmara Municipal do Ribeirão Preto. Código de Posturas. 1902, TYP. A
 VAPOR DO "DIÁRIO DA MANHÃ" – Ribeirão Preto

Código de Posturas da Câmara Municipal do Ribeirão Preto, 1889,
 Secretaria do Governo da Provincia de São Paulo, São Paulo.

1.3 Artigos de Jornal

Jornal: Diário da Manhã . Quarta-Feira, 03/04/1907

Jornal: Diário da Manhã . Domingo, 07/04/1907
 " Ribeirão Preto - impressões de um excursionista"

Jornal: Diário da Manhã . Terça-feira, 09/04/1907

Jornal: Diário da Manhã . 10/04/1907

Jornal: Diário da Manhã - Quinta-feira . 06/06/1907
 " Prédios Velhos"

Jornal: Diário da Manhã . 19/06/1909
 " Notas e Fatos: O Bar do Jardim"

DIARIO DA MANHÃ
 Sexta-feira, 23 de setembro de 1910

DIARIO DA MANHÃ
 Quarta-feira, 15 de dezembro de 1910
 Secção Livre
 A' administração publica

DIARIO DA MANHÃ
Sexta-feira, 23 de dezembro de 1910
Avviso ao Publico

DIARIO DA MANHÃ
Sabbado, 24 de dezembro de 1910
Aviso ao Publico

DIARIO DA MANHÃ
Sabbado 10 de março de 1923
Avenida Independencia

DIARIO DA MANHÃ
Quinta-feira 15 de março de 1923
Expediente da Prefeitura

DIARIO DA MANHÃ
Domingo 18 de março de 1923
Publicações

DIARIO DA MANHÃ
Sexta-feira 30 de março de 1923
Ribeirão Preto e o centenario

DIARIO DA MANHÃ
Terça-feira 22 de maio de 1923
CHRONICA SOCIAL
O MOMENTO

DIARIO DA MANHÃ
Sabbado 26 de maio de 1923
Os estudantes de engenharia do Rio de Janeiro
Impressões de viagem – O que dizem da visita a Ribeirão

DIARIO DA MANHÃ
Terça-feira 26 de junho de 1923

Jornal: Diário da Manhã. 13 de janeiro de 1924
" Cartas Paulistanas"

DIARIO DA MANHÃ
Domingo 06 de janeiro de 1924
Aspectos de Ribeirão Preto
A intensidade da sua vida

DIARIO DA MANHÃ
 Domingo 13 de janeiro de 1924
 Circulez!

DIARIO DA MANHÃ
 Quinta-feira, 17 de janeiro de 1924
 Pela esthetica da cidade

Jornal: Diário da Manhã . 14 de fevereiro de 1924
 " Musica no Jardim"

Jornal: Diário da Manhã . 19 de março de 1924
 "Ribeirão Preto progride"

Jornal: Diário da Manhã . 20 de março de 1924
 "Embelezamento da Cidade"

Jornal: Diário da Manhã . 29 de abril de 1924
 "Sociedade - Princesa D´Oeste"
 "Clube dos Democratas"
 "Flor da Mocidade"

Jornal: Diário da Manhã . 20 de maio de 1924
 "Morreu o Rei do Café"

Jornal: Diário da Manhã . 20 de agosto de 1924
 "As grandes construcções" - um importante prédio de trez andares
 para o Grande Hotel.

Jornal: Diário da Manhã . 22 de outubro de 1924
 "As Villas Operárias"

DIARIO DA MANHÃ
 7 de outubro de 1931
 O Theatro Carlos Gomes

DIARIO DA MANHÃ
 8 de outubro de 1931

DIARIO DA MANHÃ
 10 de outubro de 1931

DIARIO DA MANHÃ

Quarta-feira, 1 de dezembro de 1931

DIARIO DA MANHÃ

Sabbado, 5 de dezembro de 1931

Ribeirão Preto, visto do Rio

DIARIO DA MANHÃ

Domingo, 21 de fevereiro de 1932

Ribeirão Preto

(Impressões «a vol d'oiseau...»)

DIARIO DA MANHÃ

Sabbado, 7 de maio de 1932

Locaes

Com o Serviço Sanitário

Jornal: A Cidade . 3 de janeiro de 1908

"Vida Social: Sociedade Recreativa"

Jornal: A Cidade . 3 de janeiro de 1908

"Theatro e....."

Jornal: A Cidade . 5 de janeiro de 1908

"Sociedade Recreativa"

Jornal: A Cidade . 7 de janeiro de 1908

"Vida Social"

Jornal: A Cidade . 26 de janeiro de 1908

"Ribeirão Preto visto pelo FANFULLA" (apontamento de viagens)

Jornal: A Cidade . 26 de fevereiro de 1908

"Matriz Nova"

Jornal: A Cidade . 05 de março de 1908

"Mês Impression"

Jornal: A Cidade . 12 de abril de 1908

"Pela Cidade (com ares de Chronicas)"

Jornal: A Cidade . 2 de julho de 1908

"Contra o Pó"

Jornal: A Cidade . 2 de maio de 1905

"O Jardim e as Famílias"

Jornal: A Cidade . 2 de maio de 1905
"Prefeitura de 1904"

Jornal: A Província de São Paulo, 23 de novembro
VERITAS, Ribeirão Preto. Entre Rios. Seção livre

Jornal Diário da Manhã.
em uma edição comemorativa de 1979,

1.4 Revistas e Almanques

Ribeirão Preto Ilustrado: Ciências, letras, sports, teatro, elegancias.
Anno I, Número I, 29 de agosto de 1915

Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto: estatístico, histórico, comercial, agrícola, literário, informações e variedades. Sé, Mania & Cia. Editores, 1913. Typ, do Almanach, Ribeirão Preto

O Município e a cidade de Ribeirão Preto na comemoração do 1º Centenário da Independência Nacional: 1822-1922. João Rodrigues Guião. Lei n. 270 de 1922- Câmara Municipal de Ribeirão Preto, 1923

BRAZIL MAGAZINE. Revista Periodica e Illustrada d'Arte e Actualidades. Publicação de Propaganda Brasileira no Estrangeiro: Ribeirão Preto, Le Pays du Café. Anno V, Rio de Janeiro, número 57, 1911. Officinas Graphicas de luxo de Cussac e Chaponet em Paris.

O Mundo Elegante: Ilustração Universal. Anno XII, Agosto de 1909, número 11, Paris. Imprensa E. Rubat du Mérac, Lons-le Saunier

O Mundo Elegante: Ilustração Universal. Anno XI, Julho de 1909, número 10, Paris. Imprensa E. Rubat du Mérac, Lons-le Saunier.

Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1956.

1.5 Livros

JARDIM, Renato. *Reminiscências*. São Paulo: José Olympio Editora. 1946.

EMBOABA, Osmani. História da Fundação de Ribeirão Preto.

GUIÃO, João Rodrigues *O Município de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência: 1822-1922*. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 1923.

SANTOS, Plínio Travassos. *O Ribeirão Preto - Histórico e para história*. Ribeirão Preto, 1948.

2 . Documentação Manuscrita

2.1 Atas, Leis, Indicações e Processos da Câmara Municipal e Prefeitura de Ribeirão Preto

Ata da Câmara de 15 de julho de 1874. Sobre a inexistência dos edifícios e as condições de trabalho dos vereadores e casa de cadeia.

Ata da Câmara do dia 16 de julho de 1874. Sobre a indicação de local para edificação do Matadouro.

Ata da Câmara do dia 20 de janeiro de 1875. Sobre a necessidade de melhorias no edifício do Matadouro Municipal.

Ata da Câmara do dia 15 de novembro de 1875. Sobre a indicação de construção de um cemitério para os falecidos da varíola.

Ata da Câmara de 29 de janeiro de 1876. Sobre a construção de casa que sirva de mercado.

Ata da Câmara do dia 19 de dezembro de 1876. Sobre os problemas decorrentes das atividades do Matadouro.

Ata da Câmara do dia 27 de fevereiro de 1878. Sobre a nomeação de diretoria para construção de cemitério na Vila.

Ata da Câmara do dia 26 de dezembro de 1878. Sobre a limpeza das ruas delimitadas pela área comercial.

Ata da Câmara do dia 26 de dezembro de 1878. Indicação para proibir a construção de casas de meia água.

Ata da Câmara de 9 de maio 1881. Sobre construção de área comercial no Largo da Matriz.

Ata de Câmara do dia 26 de novembro de 1881. Sobre a mudança do local do cemitério.

Ata da Câmara do dia 8 de janeiro de 1883. Sobre as condições de higiene e salubridade do cemitério.

Ata da Câmara Municipal, de 10 de janeiro de 1884. Sobre a indicação de fornecimento de *Kerosena* para os lampiões.

Ata da Câmara Municipal de 12 de fevereiro de 1884. Sobre concessão de 4 contos para abastecimento de água e chafariz na cidade.

Ata da Câmara de 24 de outubro de 1884. Sobre a construção de linhas de bonde.

Ata da Câmara de 30 de março de 1885. Sobre a indicação das áreas da cidade que seriam iluminadas.

Ata da Câmara de 3 de agosto de 1887. Sobre a aprovação da Libertação dos Escravos em Ribeirão Preto.

Ata da Câmara Municipal do dia 08 de abril de 1889. Sobre a diminuição do Largo da Matriz.

Ata da Câmara de 15 de fevereiro de 1890. Sobre a indicação de decreto do Código de Posturas proibindo edificações antes de apresentar a planta do edifício.

Ata da Câmara Municipal de 04 de novembro de 1890. Sobre a indicação de concorrência para a construção do novo edifício do Matadouro na cidade.

Ata da Câmara Municipal de Ribeirão Preto de 26 de dezembro de 1895. Sobre a indicação para construção do Teatro Carlos Gomes.

Ata da Câmara do dia 02 de maio de 1891. Sobre a solicitação de um novo prazo para proposta de melhoramentos municipais.

Ata da Câmara, de 19 de janeiro de 1893. Sobre a compra de terreno no Núcleo Colonial Antonio Prado para construção de cemitério.

Ata da Câmara de 20 de abril de 1893. Sobre o pedido de empréstimos no Banco da República, para o saneamento.

Ata da Câmara de 18 de maio de 1893. Sobre a solicitação de novos empréstimos ao Secretário da Intendência para canalização de água.

Ata da Câmara de 01 de abril de 1894. Sobre a limpeza urbana das ruas da cidade.

Carta da população da cidade, de 11 de dezembro de 1894. Solicitando urgentes melhorias urbanas.

Ata da Câmara Municipal de 29 de maio de 1895. Sobre solicitação de empréstimo externo para canalização de água e esgoto.

Estudos da Cidade de Ribeirão Preto, realizado em 1895. Relatório da Comissão de Saneamento de Estado de São Paulo.

Ata da Câmara Municipal de Ribeirão Preto de 26 de dezembro de 1895. Sobre a indicação de construção do Teatro Carlos Gomes.

Ata da Câmara Municipal de 03 de setembro de 1899. Sobre a definição do local para construção do Mercado Municipal.

Ata da Câmara de 15 de agosto de 1900. Sobre o pedido de execução do jardim público.

Ata da Câmara de 22 de novembro de 1902. Sobre ofício do Delegado da Higiene em relação à existência de caso suspeito de febre amarela.

BIBLIOGRAFIA

AGUADO, Juventino de Castro. O ocaso da utopia e o despertar do carisma. Vivências na Igreja Católica em Ribeirão Preto (1967-1988). Tese do Doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. São Paulo, 1997.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de Andrade. De Viena a Santos: Camillo Sitte e Saturnino de Brito. In: SITTE, Camillo. A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos. São Paulo: Editora Ática, 1992.p.206-234.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. "A Peste e o Plano: O Urbanismo Sanitarista do Engenheiro Saturnino de Brito". Dissertação de Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU-USP, volumes I e II, 1992.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis, orgs. "Na Estrada do Anhangüera: uma visão regional da história paulista". São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

BORGES, Maria Elisa "A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República". Dissertação de Mestrado. São Paulo, Escola de Pós-Graduação de Ciências Sociais. Fundação Escola de Sociologia e Política, 1983.

BORGES, Maria Elisa. "Arte Tumular: A produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República". Tese de Doutorado em Artes Plásticas. Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo, 1991.

BOTOSSO, Marcelo. " GUERRILHA Ribeirãopretana : a história de uma organização armada revolucionária. Dissertação de Mestrado em História apresentado à FHDSS/UNESP. Franca, 2001.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca "A Cidade Inventada: A Paulicéia Construída nos Relatos Memorialistas (1871-1920). Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH/Unicamp, 1993.

BRESCIANI, Maria Stella Martins " As sete portas da cidade". in Espaço & Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XI, nº 34, NERU, São Paulo, 1991.

BRESCIANI, Maria Stella Martins "Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania". In Encontros com a História: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo. FERREIRA, A. C.; DE LUCA, T. R.; IOKOI, Z. G. (orgs) São Paulo: Editora UNESP, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950)", in: Palavras da Cidade. Maria Stella Bresciani (org). Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001, pp. 348-349.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Cidade & História - Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX*. SALVADOR: UFBA, ANPUR, 1992.

CALDEIRA, Júnia Marques. "Praça: Território de Sociabilidade. Uma Leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte". Campinas: Mestrado em História, IFCH/Unicamp. 1998.

Câmara Municipal de Ribeirão Preto. Memória: As Legislaturas Municipais de 1874 a 2004". Ribeirão Preto, APHRP, CMRP, SMCRP, 2001. p. 25.

CHALHOUB, Sidney " Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial". São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CIONE, Rubem. "História de Ribeirão Preto". Ribeirão Preto: IMAG/LEGIS Summa, 1985 / 1987 / 1992 / 1995

CORBIN, Allan "Saberes e Odores. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX". São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

DA SILVA, Benedita Luiza. "O Rei da Noite no Eldorado Paulista: Cassoulet e os entreterimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880 - 1930)". Dissertação de Mestrado em História apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp-Franca, 2000.

DA SILVA, Eder Donizete. "A História contada através da Arquitetura de uma Rua". Dissertação de Mestrado em História apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp-Franca, 1998.

DA SILVA, Luís Octávio. "História Urbana: Breve Histórico da Constituição de Uma Área de Conhecimento". Anais do 6º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Recife: UFRN, outubro de 2000.

DE DECCA, Edgard " O estatuto da História". in Espaço & Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XI, nº 34, NERU, São Paulo, 1991.

DE GODOY, José Henrique Artigas. Corolenismo em Ribeirão Preto, de 1889 a 1937. Dissertação de Mestrado apresentado Departamento de Ciência política – FFLCH/USP. São PAULO, 2000.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Souza Andrade. "O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da Belle Époque". In: Imagens Urbanas - os diversos olhares na formação do imaginário urbano. org: Célia Ferraz e Sandra J. Pesavento. Porto Alegre: EdUFRS, 1997.

FARDIN, Sônia. "Revelações do imaginário urbano: iconografia campineira no final do século XIX." Dissertação de Mestrado em

História. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

FARIA, Kelly Cristina Magalhães. "A Cidade e a Máquina: a inserção da cidade de Ribeirão Preto na Malha Ferroviária Paulista. Relatório de Qualificação ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana apresentado ao Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos, 2000.

FARIA, Kelly Cristina Magalhães. "Cidade, terra e máquina: a inserção da cidade de Ribeirão Preto no eixo ferroviário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro". Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana apresentado ao Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos, 2002.

FELDMAN, Sarah " Avanços e limites na historiografia da legislação urbanística no Brasil". In VIII Encontro Nacional da ANPUR, Porto Alegre, PROPUR/UFRGS, 1999.

FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de F." A Pesquisa recente em história urbana no Brasil: percursos e questões". In Cidade e Urbanismo: História, teorias e práticas. PADILHA, N. (org). Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, 1998.

FREITAS, Daici Ceribeli Antunes de. *Os Signos da Modernidade nos Cafezaes*. Tese de Doutorado em Artes Plásticas apresentado à Escola de Comunicações e Artes, USP-São Paulo, 1994.

GAETA, Maria Aparcecida Jaunqueira da Veiga. Caminhando, cantando e agradecendo: o culto ao Bom Jesus da Lapa como uma experiência do sagrado - um estudo sobre formas de religiosidade "popular" no nordeste paulista (1909-1996). Livre-Docência apresentada à FHDSS/UNESP. Franca, 1997.

Geraldo, Sebastião. Comunicação oral: resgate da memória proletária em Ribeirão Preto. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação na ECA/USP. São Paulo, 1990.

GUINZBURG, Carlo. *Provas e Possibilidades à margem de "Il ritorno de Martin Guerre"* de Natalie Zemon Davis". A Micro- História e outros ensaios. (trad.) SP, Difel/Bertrand, 1989.

GUMIEIRO, Elaine Maria. Ribeirão Preto e o desenvolvimento do seu comércio (1890-1937). Dissertação de Mestrado em História apresentado à FHDSS/UNESP. Franca, 2000.

Júnior, Milton Carneiro. *Sociedade e Política em Ribeirão Preto: estratégias de dominação (1960-1964)*. Dissertação de Mestrado em História apresentado à FHDSC/UNESP. Franca, 2002.

LAGES, José Antonio Corrêi. *O povoamento da Mesopotâmia Pardo-Mogiguaçu por correntes migratórias mineiras: o caso de Ribeirão Preto (1834-1883)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à FHDSS/UNESP. Franca, 1995.

LANNA, Ana Lúcia Duarte "Uma cidade na Transição. Santos: 1870-1913". São Paulo-Santos: HUCITEC-PMS, 1996.

LE GOFF, J. *Documentos / Monumentos*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Casa da Moeda-Imprensa Nacional, 1985.

LEPETIT, Bernard "Por uma nova história urbana". SALGUEIRO, H. A.(org). São Paulo: EDUSP, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de. " São Paulo na Virada do Século: as imagens da razão urbana - a cidade nos álbuns fotográficos de 1887 a 1919." Dissertação de Mestrado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 1995.

- MARTINS, Ana Luiza. "A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos: História e Memória da cidade Paulista". In: *Imagens da Cidade – Séculos XIX e XX*. Maria Stella Bresciani (org.). São Paulo: ANPUH-MARCO ZERO-FAPESP, 1994.
- MARX, Murillo. "Cidade Brasileira". São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1980
- MELLO, Zélia Cardoso de & SAES, F. A. M. "Características dos núcleos urbanos em São Paulo". *Revista de Estudos Econômicos* 15(2), maio/agosto de 1985. São Paulo, IPE.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Cultura e Cidades*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, 8/9, 1992.
- PECHMAN, Robert Moses. "Cidades estritamente vigiadas: O detetive e o urbanista". Campinas: Tese de Doutorado em História, IFCH/Unicamp, 1999.
- PECHMAN, Robert Moses. "Cidades Estreitamente Vigiadas: O Detetive e o Urbanista". Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PECHMAN, Robert Moses. "Cidades Estreitamente Vigiadas: O Detetive e o Urbanista". Tese de Doutorado em História Social do Trabalho apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH/Unicamp, 1999.
- PECHMAN, Robert Moses. "O urbano: invenção ou descoberta? Para pensar uma história urbana". In *Cidade e Urbanismo: História, teorias e práticas*. PADILHA, N. (org). Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, 1998.
- PINTO, Luciana Suarez Galvão. "A Dinâmica da Economia Cafeeira de 1870 a 1930". Dissertação de Mestrado em História Econômica apresentada ao Departamento de Economia, Unesp-Araraquara, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart " Sobre a história da urbanização - história urbana". in Espaço & Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XI, nº 34, NERU, São Paulo, 1991.

REIS, Marcio Andreza dos. "Do Eldorado do Café à Modernidade de Ribeirão Preto (1890 - 1910)." Trabalho de Conclusão de Curso de História apresentada à FHDSS/UNESP. Franca, 1998.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. Comunistas em Ribeirão Preto (1922-1947). Dissertação de Mestrado em História apresentado à FHDSS-UNESP. Franca, 1997.

SANTOS, Milton. Entrevista ao Caderno Le Monde Diplomatique: "Um outro mundo urbano é possível". Organização Instituto Polis, 2001.

SILVA, Benedita Luiza da. "O Rei da Noite na Eldorado Paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880- 1930). Dissertação de Mestrado em História apresentada à FHDSS/Unesp. Franca, 2000.

SOUZA, Ana Maria Mauad de. "História, iconografia e memória". In: Os desafios Contemporâneos da História Oral. SIMSON, O. R. de M. (org). Campinas, CMU/Unicamp, 1997.

SOUZA, Ana Maria Mauad de. "Sob o Signo da Imagem: A Produção da fotografia e o controle dos Códigos de Representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX". Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1990.

SUNEGA, Renata Alves. "Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais". Dissertação de Mestrado em História da Arte e da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

- TICLI, Kátia Kiss. As instituições totais e a cidade do século XX: uma análise da Arquitetura disciplinar na cidade de Ribeirão Preto. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da
- TOLEDO, Benedito Lima de. "São Paulo: três cidades em um século". São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- TONETTO, Sandra Márcia. A política econômica de Getúlio Vargas e a crise do café em Ribeirão Preto (1930-1945). Dissertação de Mestrado em História apresentado à FHDSS/UNESP. Franca, 1997.
- TOPALOV, Cristian. " Os saberes sobre a cidade: tempos de crise?". in Espaço & Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XI, nº 34, NERU, São Paulo, 1991.
- TRONCA, Italo A. "As máscaras do medo: lepra e aids". Campinas: EDUunicamp, 2000.
- TUON, Liamar Izilda. "O Cotidiano Cultural em Ribeirão Preto (1880 - 1920)". Dissertação de Mestrado em História apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp-Franca, 1997.
- VALADÃO, Valéria. "Memória Arquitetônica em Ribeirão Preto: Planejamento Urbano e política de preservação". Franca, Dissertação de Mestrado em História, FHDSS/UNESP, 1997.
- VEYNE, Paul. "Como se escreve a História". Lisboa: Edições 70, 1983.
- WALKER, Thomas, BARBOSA, Agnaldo de Souza. " Dos Coronéis à Metrópole. Fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no Século XX". Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.
- ZAMBONE, Ernesta. " Processo de Formação e organização da rede fundiária da área de Ribeirão Preto. 91874 "a 1900) uma contribuição

ao estudo de estrutura agrária". São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, FFLCH/USP, 1978.

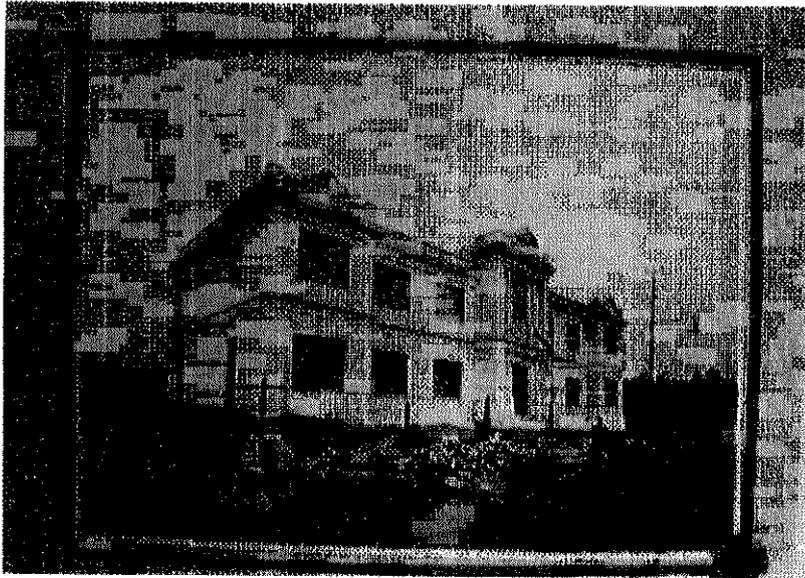
ANEXO – CATALOGAÇÃO FOTOGRÁFICA

SÉRIE ARQUITETURA ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA. MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta & Raniero Maggiori PHOTOGRAFHOS SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1924 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 010 / 011/ 012 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Na imagem o edifício do Grupo Escolar já se apresenta mais inserido na área urbana do município em processo de urbanização. O arruamento na frente do edifício com o conjunto de pedras ao longo de toda a imagem, sugere um trabalho de melhoria da via de circulação. Por outro lado, considerando a data da imagem, é considerável a pouca infra-estrutura urbana desta área da cidade, em relação à área central nesse mesmo período.
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input checked="" type="checkbox"/> QUADRADA <input type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 23.5 (cm) ALTURA : 17.5(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: bairro-periferia

MORFOLOGIA URBANA: rua de terra

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: construção

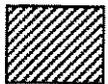
(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / cerca

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

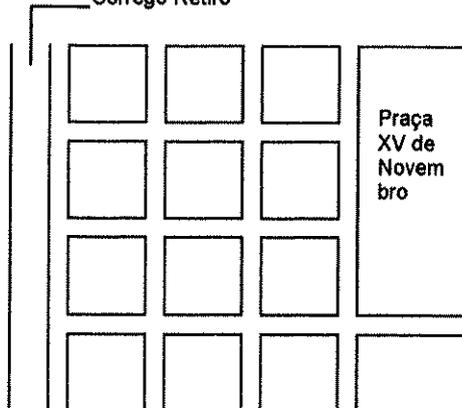
ATIVIDADE URBANA: Educativa

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



Córrego Retiro

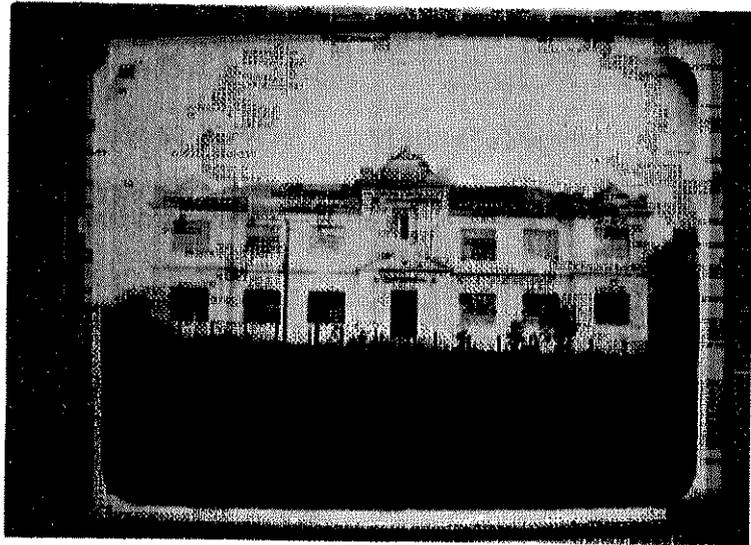


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta & Raniero Maggiori PHOTOGRAFHOS SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1924? LABORATÓRIO
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 010 . 011 0.12 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO:			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa primeira imagem centralizada na Escola José Martimiano da Silva, tal aspecto do enquadramento não esconde o caráter ainda rural desprovido de infraestrutura urbana no que seria anos mais tarde o Bairro Campos Elíseos. Com data incerta nos anos de 1924, demonstra a disparidade de investimentos do poder público municipal em relação a área urbana da cidade, que nessa época contava com toda infraestrutura necessária, com calçamento, ajardinamento entre outras melhorias. Única distinção no caso da imagem é a localização de poste de iluminação, fator necessário ao funcionamento das atividades educacionais
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input checked="" type="checkbox"/> QUADRADA <input type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 23.5 (cm) ALTURA : 17.5(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: bairro-periferia

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: construção

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: cerca / poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: Educativa

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

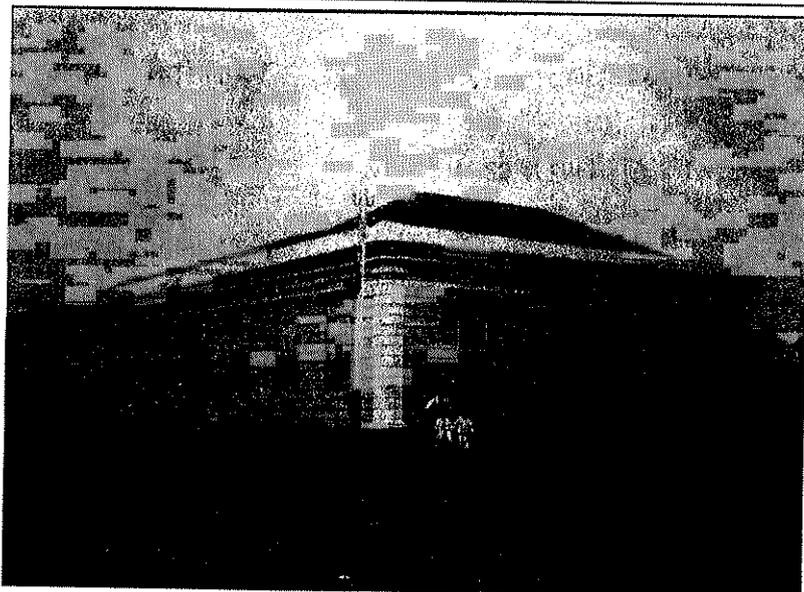
Obs: o mesma planta da Foto 01 (Série Arquitetura)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: J. S. MATTOS
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___/___/1910 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 149 . caixa 03 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem focaliza a 1º loja do Banco Construtor. A conjunto de pessoas, homens, crianças, trabalhadores, já não mais se mostram assombrados" com a presença do fotógrafo, que registra a imagem. Pela imagem, observa-se a existência de um ordenamento espacial, através de passeio público, iluminação e arruamento, caracterizando assim as melhorias urbanas do ambiente urbano. A imagem, no seu enquadramento deixa mais evidente ainda a composição arquitetônica: seu ornato, aberturas em quantidade e sobriedade do conjunto representam a importância da atividade que se exerce no seu interior.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input checked="" type="checkbox"/> QUADRADA <input type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 29.2 (cm) ALTURA : 23.4(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

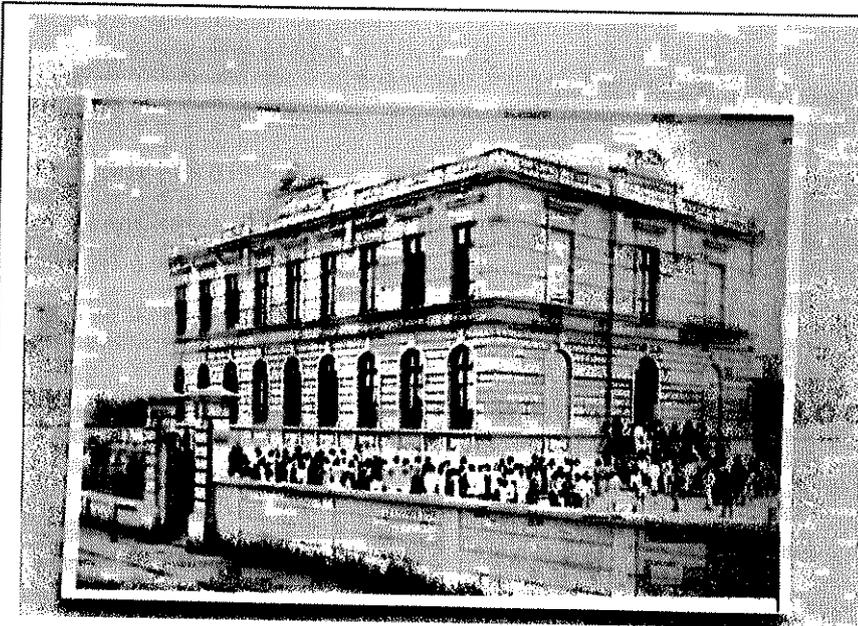
Localização indefinida.

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___ / ___ / 1902 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: Uma imagem contemporânea a essa, foi publicada no <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto</i> , no ano de 1913. Acompanha a publicação o seguinte texto: "Uma festa do Grupo escolar de Ribeirão Preto realizada a muitos anos".p.15			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 52 . caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input checked="" type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>A imagem focalizada no edifício do Grupo Escolar (atual Guimarães Júnior), sugere uma atividade de recreio dos alunos, com todas as crianças tomadas pela atenção ao fotógrafo. A imagem não permite uma visualidade do entorno do edifício, surgindo muito pouco do sistema viário e passeio público. Interessante observar o controle que se estabelece nas atividades recreativas das crianças, todas inseridas no interior do colégio, delimitado por muro e um portão de ferro. O mesmo portão é divisor entre o limite da escola pelo muro de alvenaria e a grade de ferro.</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

TIPOLOGIA DO ESPAÇO: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

TIPOLOGIA URBANA: lote / quadra

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

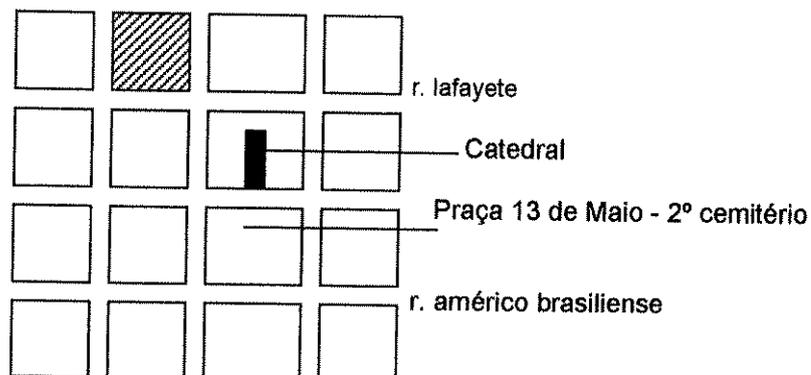
FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher / crianças

ATIVIDADE URBANA: educativa

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

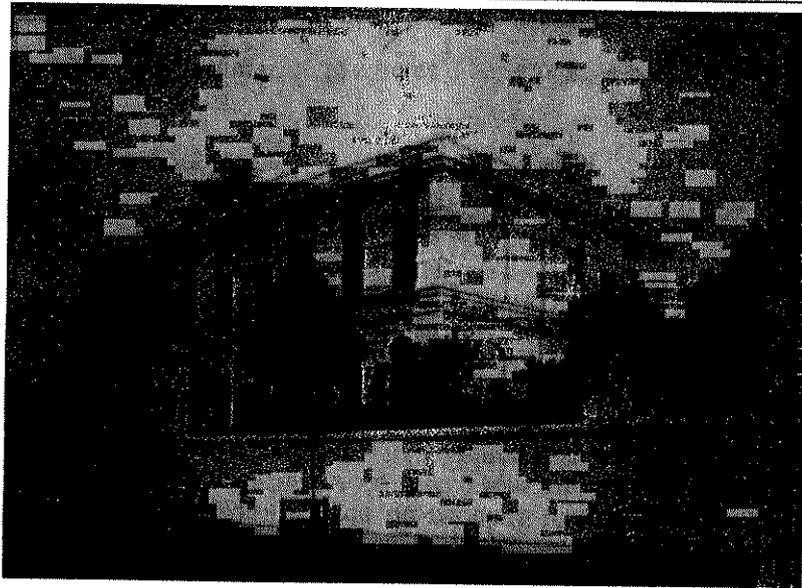


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 05	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Flósculo de Magalhães
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 141 . caixa 02 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: A imagem foi publicada posteriormente no Jornal <i>O Estado de São Paulo</i> , no ano de 1915. Uma imagem contemporânea a essa também foi publicada na Revista <i>Brazil Magazine</i> de 1911: Ribeirão Preto, Le Pays du Café . Outra imagem da mesma época foi publicada no <i>Almanach Illustrado de Ribeirão Preto</i> , de 1913, acompanhada do seguinte texto: "O magnífico edifício onde está instalado o Grupo Escolar(...) o prédio tem em sua frente um encantador jardim e está situado à rua Lafayette. Na foto 04, não existia o jardim aqui mencionado.p.77			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Uma imagem que confere uma certa monumentalidade ao edifício do Grupo Escolar, evidenciando também possíveis reformas, como por exemplo no muro, que na fotografia-04 estava construído com um bossagens lineares em toda a sua extensão. Surge também no interior do edifício um conjunto paisagístico de porte considerável pelo espaço intermo disponível, assim como, no passeio público que corta a imagem numa perspectiva ascencional, o mobiliário urbano de suporte da vegetação impõe uma ordem à ocupação verde do espaço público.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 22.5 (cm) ALTURA : 17.0(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: lote / quadra

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / sobrado

ATIVIDADE URBANA: educacional

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

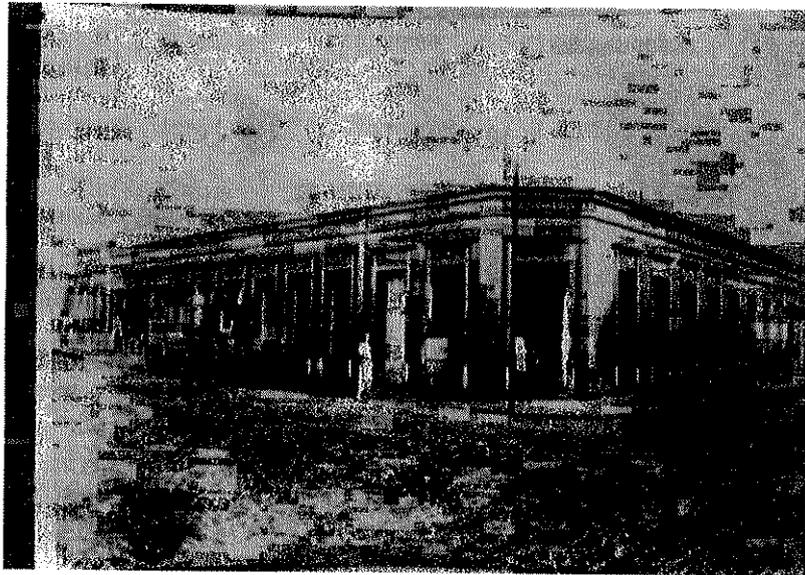
Obs: o mesma planta da Foto 04 (Série Arquitetura)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 06	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1903? LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 56 . caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input checked="" type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem focalizada no edifício das Lojas "Au Louvre", demonstra mais uma vez, a importância da estrutura arquitetônica em relação ao entorno. Centrada em direção à entrada principal que marca a esquina das ruas a foto consegue prolongar as dimensões do edifício que acompanha o alinhamento da quadra estabelecido pelo passeio público e arruamento. A imagem também evidencia um fato comum na cidade: a ausência de arborização nas calçadas e também a condição precária do arruamento, mesma já estando nivelado em toda dimensão da imagem
			DATA DO FICHAMENTO: 17/04/2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / esquina-lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

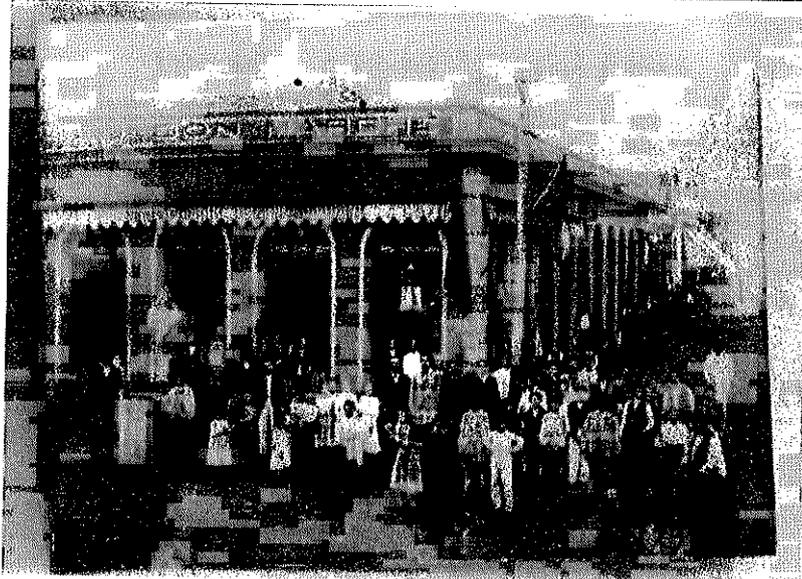
Obs: não identificada

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 07	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: 14 / 07 / 1901 ou 1903 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 22 . caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input checked="" type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>O motivo arquitetônico da imagem, no caso a casa comercial Æu Bom Marche, ainda imponente e ordenador da imagem, é acompanhado da população, em sua totalidade masculina, com exceção das crianças – meninos e meninas – que direcionam toda a sua atenção para o fotógrafo. O ordenamento urbano é uma constante, através do passeio e arruamento, porém não existe ocupação paisagística nas ruas da cidade. Percebe-se somente uma infra-estrutura a partir do poste de iluminação na esquina.</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 07 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / placas publicidade

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / mulheres / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: carrinho de criança

ATIVIDADE URBANA: comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: não identificado

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 08	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 ou 20 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO:			LABORATÓRIO
			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 57 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA:			DESCRIÇÃO DA IMAGEM
Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA			A imagem ordenada em um enquadramento diagonal possibilita a visualidade do conjunto que se alinha ao longo da rua . No enquadramento do edifício da loja "Au Bom Marche" no canto superior direito, o fotógrafo valoriza a multidão que se concentra à frente do comércio. Novamente a ausência da figura feminina adulta é fato mercante da vida pública que as imagens revelaram. Os tipos sociais também se mostram distintos sobretudo pelos seus trajes, uns de terno, gravata e chapéu, outros com vestuário que caracteriza um possível trabalhador. A figura do fotógrafo e seu equipamento de trabalho, ele é um dos trabalhadores não presenciais na imagem, é o centro da atenção naquele momento de toda as pessoas que ocupavam o local, ou ainda, que para lá possivelmente se dirigiram em função do interesse com a novidade. A perspectiva possibilita, identificar o aumento do gabarito das edificações ao longo da rua, com a presença de outro sobrado, todos ordenados pelo alinhamento estabelecido pelo passeio e arruamento.
Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm)			
Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista			
Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada			
<input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação sobrado

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: não identificado

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 09	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não consta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: Publicada na Revista <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto</i> , no ano de 1913. Acompanha a fotografia impressa um texto identificando o edifício: "Grande Bazar Andrade, Batista & Cia." p.06.			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revistas FUNDO / COLEÇÃO: não consta
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 16.00 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Com caráter declaradamente comercial a imagem da casa comercial GRANDE BAZAR ANDRADE, BAPTISTA & Cia, focaliza a atenção não só no edifício, que surge, num enquadramento diagonal esquerdo, mas também nos outros elementos presentes na imagem: trabalhadores, transeuntes que definem a imagem fotográfica alinhados ao longo do edifício nas suas várias aberturas em arco para a rua, situados abaixo dos letreiros da loja. Somente a mulher, ficaria novamente deixada de fora da imagem, aliás, sempre ausente da vida urbana que o olhar do fotógrafo definiu
			DATA DO FICHAMENTO: 31 / 10 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: bicicleta

ATIVIDADE URBANA: comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

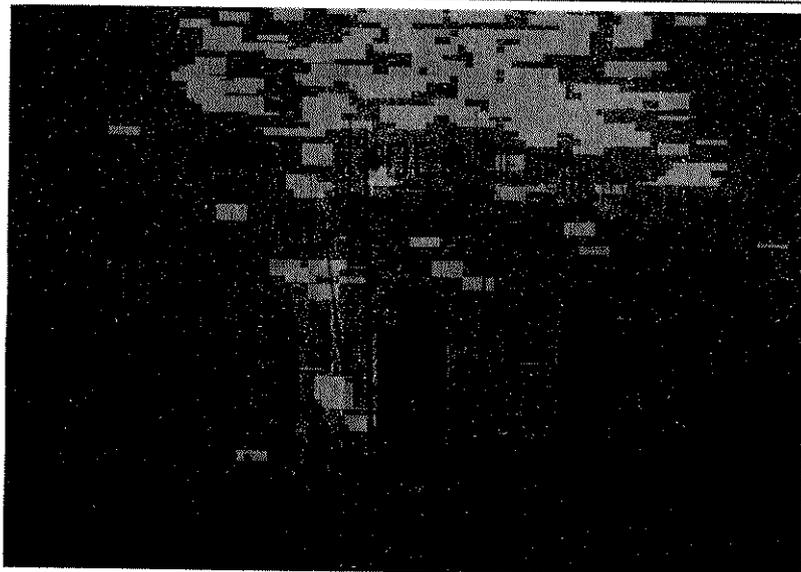
Obs: não identificado

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 10	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: J. S. Mattos
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___/___/ 1910 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 148 . caixa 03 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 29.2 (cm) ALTURA : 23.4 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>A imagem da Loja do Banco Constructor de Diederichsen & Hibbeln deixa bem evidente o processo de ordenamento do ambiente urbano. Já está bem definida a área de arruamento, o passeio público e um incipiente projeto paisagístico ao longo de toda a calçada que a imagem possibilita visualizar. Na imagem, cada um dos personagens parece se preparar para o registro, parando suas atividades diante da máquina fotográfica, que os mantém fixos em seus lugares. Cada um dos elementos que compõe a imagem surge como um dado preliminarmente preparado para cena: maquinários, equipamentos de trabalho, tornando assim a fotografia mais "completa" na sua composição</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES ICÔNICOS DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA URBANA: rua / esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA :comercial / serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

Planta de Situação – sem escala

Obs: não identificado

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 11	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Mota
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 114 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input checked="" type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 24.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input checked="" type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Pela imagem, o edifício do Banco Construtor já sofreu um acréscimo das suas instalações, anteriormente restrito ao edifício localizado na esquina. Outro dado interessante que a imagem possibilita visualizar, é o crescimento da vegetação, eliminando uma situação de aridez ao ambiente urbano que a primeira fotografia do banco sugere. A localização do Banco Construtor na mesma área do primeiro Mercado Municipal sugere uma característica comercial a todo o entorno, até pelo movimento de transporte animal e trabalhadores que se localizam nas proximidades dos edifícios. Na imagem, no canto direito inferior, está colado um selo de identificação do Fotógrafo.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / esquina / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana / jardim público

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

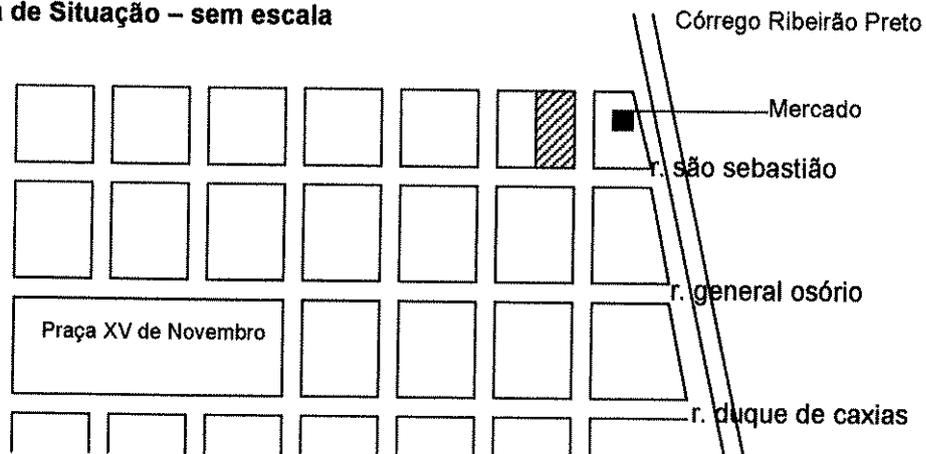
(EM) TRANSPORTE: transporte animal - carroça

ATIVIDADE URBANA: serviços / comércio

PERÍODO FOTO GRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

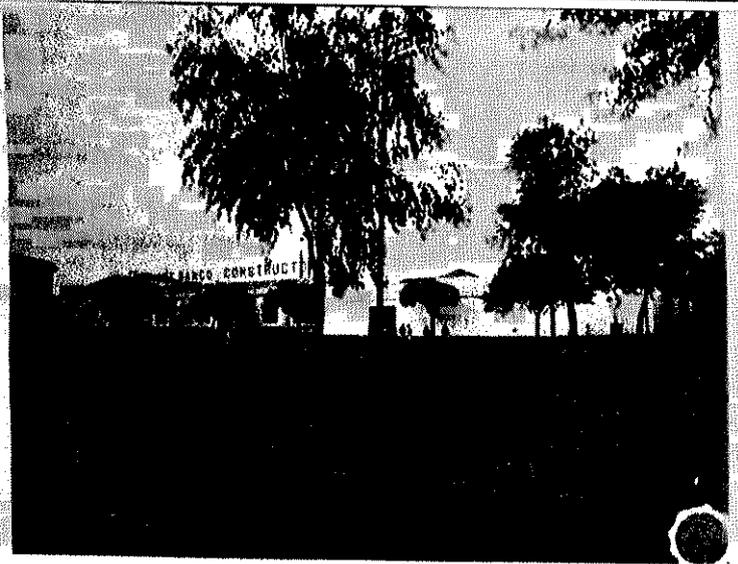
Planta de Situação – sem escala



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 - levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 12	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Mota
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 114 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 24.0 (cm) ALTURA : 18.3 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input checked="" type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem apresenta indicativos que de ter sido feita na mesma data, talvez até para algum fim comercial do próprio Antigo Banco Constructor. Nessa imagem, fica mais evidente uma concentração de cavalos e carroças, exercendo alguma tipo de transporte – produtos e pessoas. Na imagem uma pequena parte do Mercado Municipal aparece centralizado na parte esquerda da imagem. Confirma-se, portanto, uma concentração de atividades comerciais nas proximidades do Córrego Ribeirão Preto, localização da Estação de Trens. Na imagem, no canto direito inferior, está colado um selo de identificação do Fotógrafo.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma planta da Foto 11 (Série Arquitetura)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação e energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana / jardim público

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinida

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / carroças

ATIVIDADE URBANA: serviços / comércio

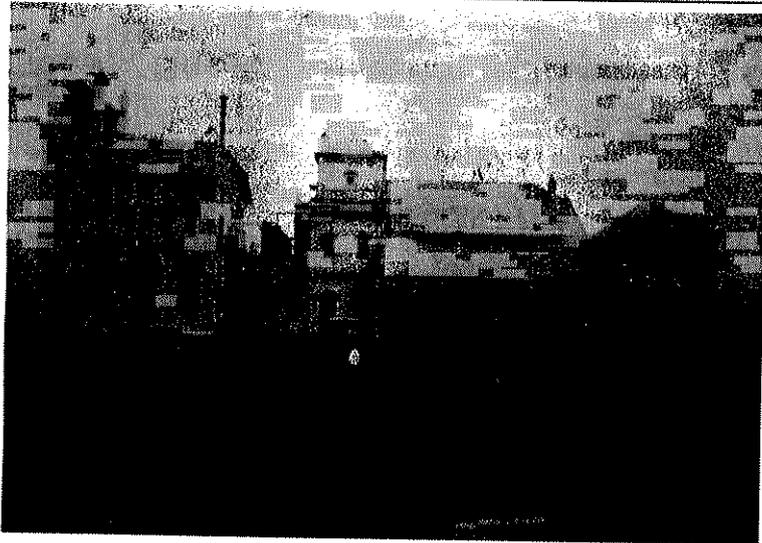
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 13	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Ernesto Kühn – Fotografia Moderna
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: 11 / 08 / 1911 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 174 . caixa 04 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: Uma fotografia diferente das fotos 13, 14 e 15 foi publicada na Revista <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto</i> , no ano de 1913. Acompanha a imagem o seguinte texto: "Companhia Antártica Paulista. O edifício onde estão instalados a fábrica e escritório e as varias dependencias dessa filial, honra sobremaneira á Capital d'Oeste. É incontestavelmente um predio do mais aprimorado gosto estético." p.50 Na fotografia publicada, o edifício já está concluído e todo murado; Álbum <i>O Município e a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração da 1º Centenário da Independência Nacional (1822-1922)</i> ; Na Revista <i>Ribeirão Preto Ilustrado</i> , 1915.			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Essa primeira imagem da Construção e/ou início das atividades produtivas da Cia. Antártica, é também um bom exemplo das atividades de reforma urbana. No caso, nas proximidades da estação Mogiana, ao longo do Córrego do Ribeirão Preto. Projetos de infraestrutura em andamento, como observa-se na tubulação à frente da imagem, e o conjunto empilhado de tubos de água/esgoto, que denota um processo intenso de urbanização, que nessa área integra toda a canalização do referido Córrego, e seus arredores afim de eliminar as mazelas de um ambiente caracterizado pela inexistência, ainda, de arborização, passeio público, entre outras. Num plano centralizado da imagem, o grande edifício industrial, que ainda hoje, é uma referência na paisagem urbana. Assim como a Estação de trens, a fábrica definia o limite da área urbana, estando ambas na margem "externa" em relação ao centro da cidade.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 28.0 (cm) ALTURA : 22.2 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 25 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: limite urbano – fundo de vale

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: construção / aterro / obras em geral

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / energia

(IE) PAISAGISMO: vegetação ciliar descaracterizada

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem

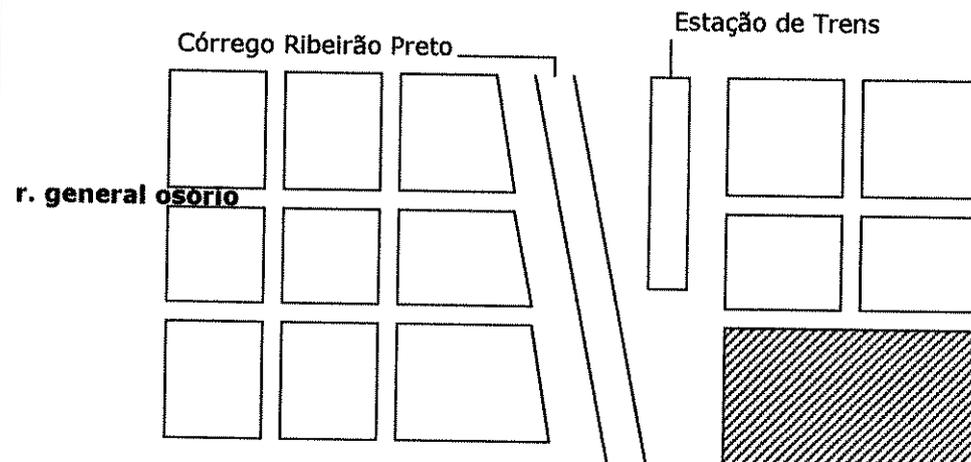
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte

(EM) TRANSPORTE: transporte ferroviário

ATIVIDADE URBANA: industrial / comercial

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 12 / 11 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 14	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Ernesto Kühn
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___/___/1911
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 28.3 (cm) ALTURA : 22.2 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 175 . caixa 04 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa segunda fotografia realizada por Ernesto Kühn, fica clara a intenção em tentar registrar todo o edifício e seu entorno mais próximo. O fotógrafo procura registrar todo o processo em andamento de construção da fábrica e das melhorias que surgiam concomitante à construção de prédio: arruamento, ainda que insipiente, iluminação elétrica, e toda a agitação do canteiro de obras com os trabalhadores nas suas respectivas funções, transporte animal para distribuição de cargas, e todo tipo de material, tais como, areia, pedras de revestimento, terra para aterro. Tal atividade, pela sua rudeza, deixa claro também que era um local exclusivo para atividade masculina, pela necessidade da força física para lidar com tal situação. Na imagem, o grande edifício industrial ganha foros de monumentalidade pelo próprio enquadramento perspectivado e ascensional em relação ao quadro visual da imagem.
			DATA DO FICHAMENTO: 25 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação 6 pavimentos

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem

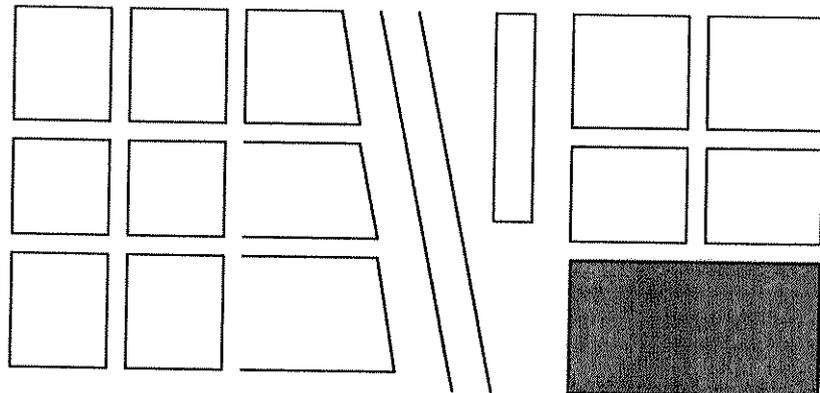
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / carroça

ATIVIDADE URBANA: industrial / comercial

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

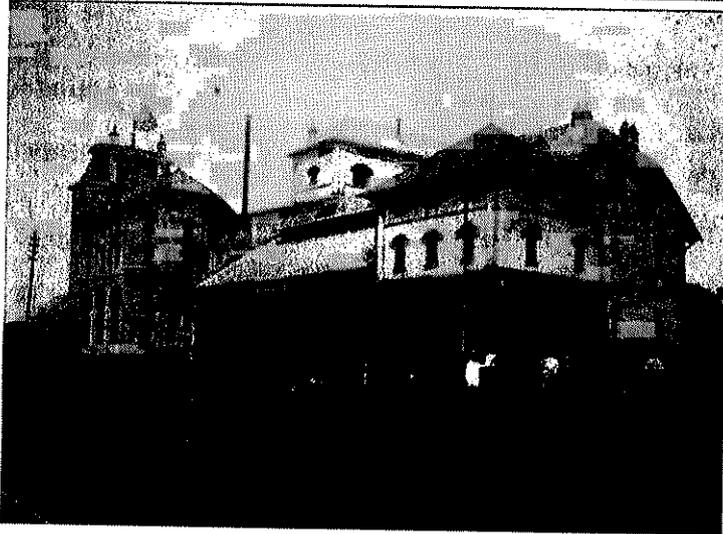


DATA DA CATALOGAÇÃO: 13 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Inventário Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 15	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Nernesto Kühn
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: 11 / 08 / 1911
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 173 . caixa 04 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 27.6 (cm) ALTURA : 22.5 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Completando o conjunto de imagens da construção da Cia. Cervejaria Antarctica-Paulista, o fotógrafo seleciona para seu registro o trabalho em conjunto dos operários da construção civil num esforço conjunto para a fabricação de argamassa . O esforço é realmente concentrado, talvez pela necessidade da realização rápida de alguma parte da obra. Isso pois, não existem trabalhadores em outra área da foto, e segundo, um trabalhador com carruola para transporte de massa parece esperar o momento de encher o carrinho, e levar a massa ao ponto não representado na imagem. O edifício, na medida que vai sendo cercado, vai tornando-se, cada vez mais propriedade particular, restringindo portanto o acesso em seu interior.
			DATA DO FICHAMENTO: 25 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: construção / iluminação / obras em geral

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / energia

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação 6 pavimentos

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem

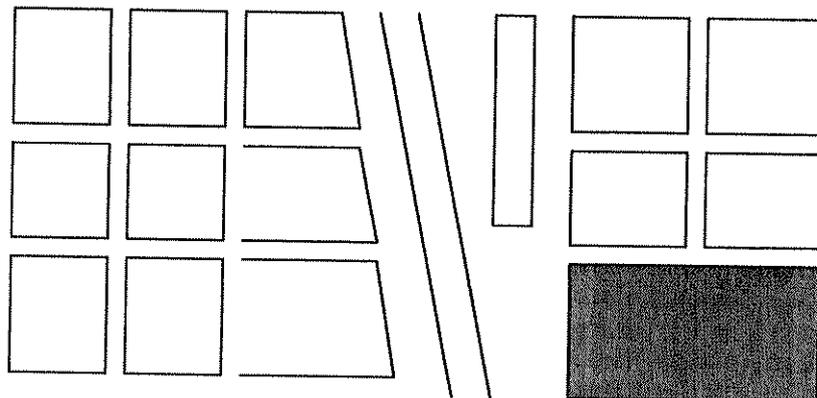
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte

(EM) TRANSPORTE: transporte ferroviário (conto inferior esquerdo)

ATIVIDADE URBANA: industrial / comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 13 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 16	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Flósculo de Magalhães
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: Por uma outra perspectiva, foi publicada no <i>Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto</i> , no ano de 1956; também, mediante outra fotografia, publicado no <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto</i> , no ano de 1913. A foto trabalhada aqui, foi publicada com um recorte de editoração, na <i>Revista Brazil Magazine</i> . Ribeirão Preto, Le Pays du Café, no ano de 1911.			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 139 . caixa 02 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 22.5 (cm) ALTURA : 17.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Na imagem fotografada, a inexistência de qualquer pessoa sugere uma intencionalidade por parte do registro. Uma intenção que se evidencia pelas próprias características da imagem, qual seja, de representação pura do processo de urbanização. A praça Rio Branco ajardinada e ao fundo o principal edifício público da época: A casa de Câmara e Cadeia. A importância desse edifício, quanto à sua necessidade surge nos debates existentes nas atas da Câmara municipal, em favor da urgência da sua construção. A imagem se estrutura na ausência populacional, interessando à ela, mais que o próprio homem, a sua capacidade transformadora, dominadora do ambiente natural, deixando-o e condições salubres e higiênicas para as atividades cotidianas. A ausência do agente que opera a transformação é preenchida pelos motivos que a imagem seleciona através do olhar do agente fotográfico.
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: construção / iluminação

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: suporte de vegetação / poste de iluminação / bebedouro

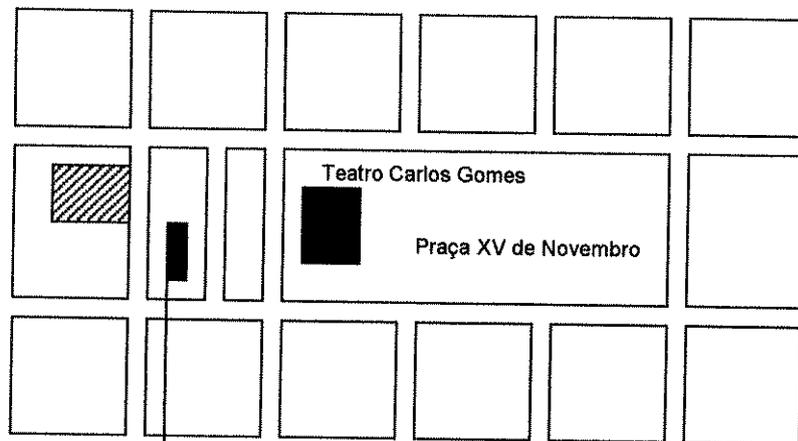
(IE) PAISAGISMO: arborização urbana / jardim público

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: política / segurança / lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



Palácio Rio Branco / Praça Rio Branco

DATA DA CATALOGAÇÃO: 12 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 17	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1905 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 54 . caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input checked="" type="checkbox"/> outra imagem (II) Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, no ano de 1913, com o texto: "o edifício acima é o nosso mercado, considerado como um dos melhores do estado". p.68 (II); Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, no ano de 1956, com o texto: "mercado municipal, na grande enchente de 1927."p.121 (II); Revista Brazil Magazine . Ribeirão Preto, Le Pays du Café, no ano de 1911 (II). Álbum O Município a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência Nacional (1822-1922), (II).			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem consegue estabelecer um enquadramento de todo o grande conjunto do edifício do Antigo Mercado, com seu entorno totalmente desprovido de qualquer tipo de melhoria. Sua ornamentação, das fachadas e aberturas, que molduram todo o conjunto, e definem, uma representação de pórtico de entrada, presente nas duas vistas captadas pela imagem. Sem qualquer tipo de mobiliário, e iluminação, somente o arruamento faz sugestão de existir, por uma leve inclinação da cota do edifício. Por outro lado, mesmo destituído de tais melhorias, a movimentação do local, tanto por pedestres quanto por carroças e demais atividades que utilizam o Mercado e todo o entorno comercial, parece ter sido intensa desde o início da sua construção em 1897 e inauguração em 1900. Esse primeiro Mercado Municipal seria destruído por um incêndio no ano de 1942.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça / rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher / criança

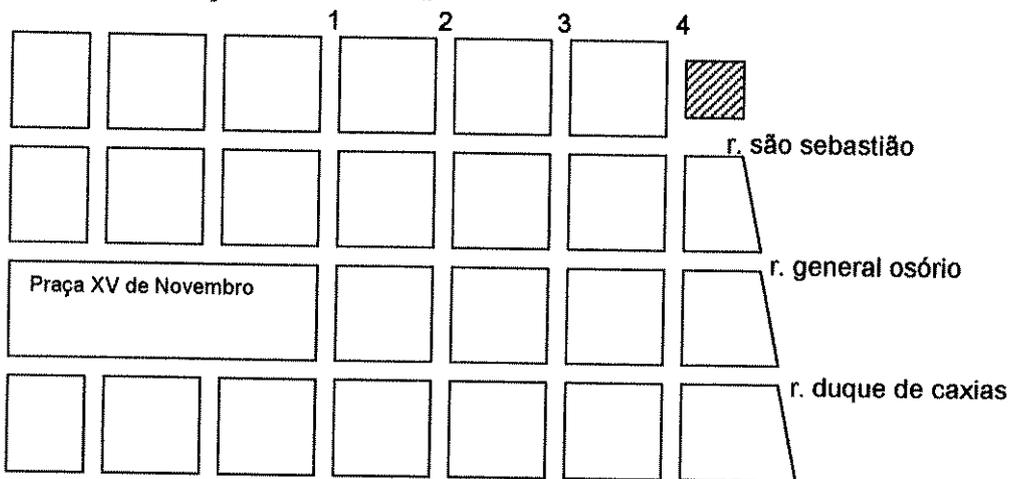
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: serviços / comércio

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



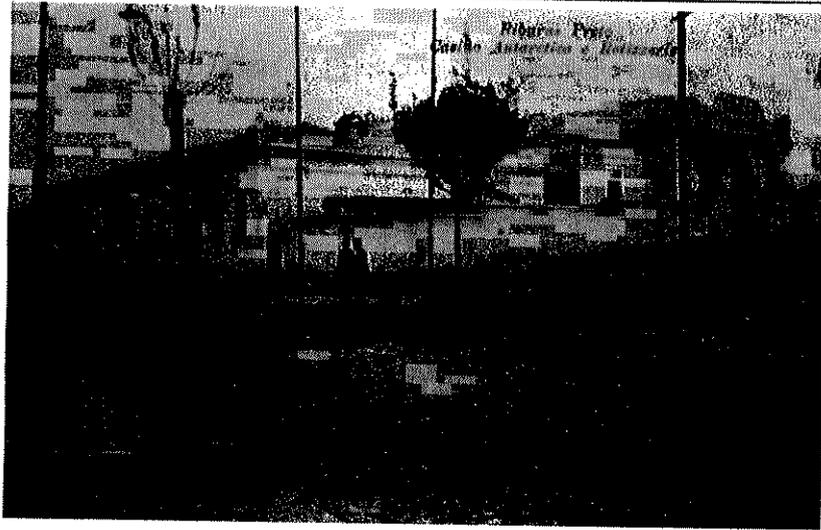
1- r álvares cabral 2 – r amador bueno 3 - r saldanha marinho 4 - r insé honifácio

DATA DA CATALOGAÇÃO: 13 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 18	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1920 ? LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 101 . caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO:
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 13.2 (cm) ALTURA : 8.80 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A complexidade visual que a imagem estabeleceu com articulação dos planos das vias se cruzam oferecem uma dinâmica intensa ao aspecto vazio da cena, rompido apenas pelos homens que definem uma centralidade na imagem pela sua localização diante do edifício do Cassino Antarctica. O local das grandes noites repletas de dançarinas, bebidas e dinheiro dos coronéis. Outro aspecto também deflagrado pela imagem está centrado na infraestrutura urbana já bastante consolidada, e na respectiva composta pelo calçamento público, sistema de iluminação, controle da vegetação urbana que também cresce seguindo uma ordem, tanto de localização quanto de plantio. A temporalidade da imagem, diurna, não permite compreender as mudanças que a noite promove não só no interior do edifício, mas também em todo o seu entorno, com a movimentação masculina em busca dos prazeres da noite. No cartão, existe um texto identificando a edificação: "Riburas Preto. Cassino Antarctica e Rotizzerie"
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: Não identificado

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação - energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: lazer / alimentação

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 12 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 - levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 19	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___/___/1912
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input checked="" type="checkbox"/> outra imagem (II) Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913 (II). Acompanha a imagem o seguinte texto: "O magnífico edifício em que se acha instalada com todo o conforto, a Empresa Força, Luz, Água e Exgottos." Nesse Almanach, a fotografia foi realizada do lado oposto que a que está catalogada.			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Álbum da Empresa de Força e Luz FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 29.0 (cm) ALTURA: 21.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input checked="" type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Projetado pelo escritório Victor Dubugras, o primeiro módulo de todo o conjunto representado na foto, é do ano de 1902, e nele estava concentrado os escritórios. Esse módulo está localizada no canto esquerdo inferior da foto. O segundo módulo, por volta do ano de 1905, já era de fato a parte mecânica da Empresa de Força e Luz. Essa diferença entre os "dois" blocos é identificada pela alteração das aberturas e pela linha da cobertura, que no segundo, está mais acima. A imagem do edifício e do seu entorno imediato, localizado na Rua Mariana Junqueira – uma quadra abaixo da Praça XV de Novembro -, já apresenta uma condição bem mais aprimorada dos elementos da estrutura urbana, entre elas, o passeio público, sistema de fiação de energia e iluminação.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 10 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação-energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação 3 pavimentos

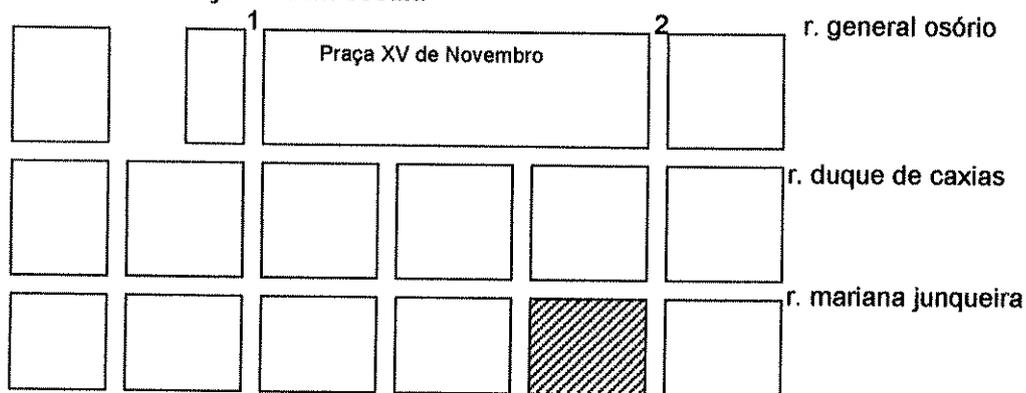
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem

(EM) PERSONAGENS: trabalhador

ATIVIDADE URBANA: serviços públicos – energia urbana

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



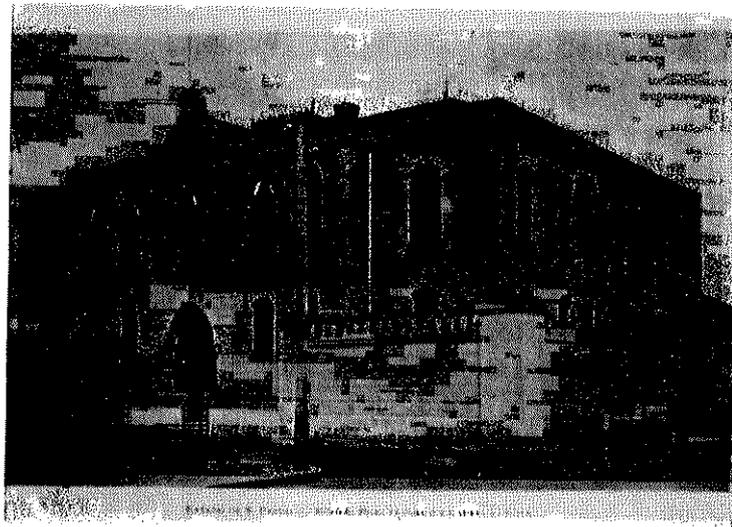
1- r. barão do amazonas; 2- r. álvares cabral

DATA DA CATALOGAÇÃO: 13 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: DÉCADA: DATA: (?). LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input checked="" type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Publicada na Revista <i>O Mundo Elegante – Ilustração Universal</i> , Anno XII, nº 10, 1909. O texto que acompanha a imagem é somente de identificação: "Estado de S. Paulo – Ribeirão Preto. O Forum e a Cadeia Publica."; <i>Revista Brazil Magazine. Ribeirão Preto, Le Pays du Café</i> , no ano de 1913. Nesse caso a imagem é a mesma da revista anterior, com alteração apenas no texto: "Palais de Justice et Prison publique".			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM No caso dessa fotografia, a própria abrangência pontual do campo de visão, não permite uma observação, também, menos pontual. Fica claro pela imagem, que a cidade de Ribeirão Preto já apresenta uma infra-estrutura urbana consolidada, com passeio público, sistema de energia elétrica e luz, um ordenamento na ocupação do passeio com arborização – em crescimento. O objetivo primeiro da imagem é mesmo a caracterização da edificação, centralizada e monumentalizada pelo campo visual ascendente.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

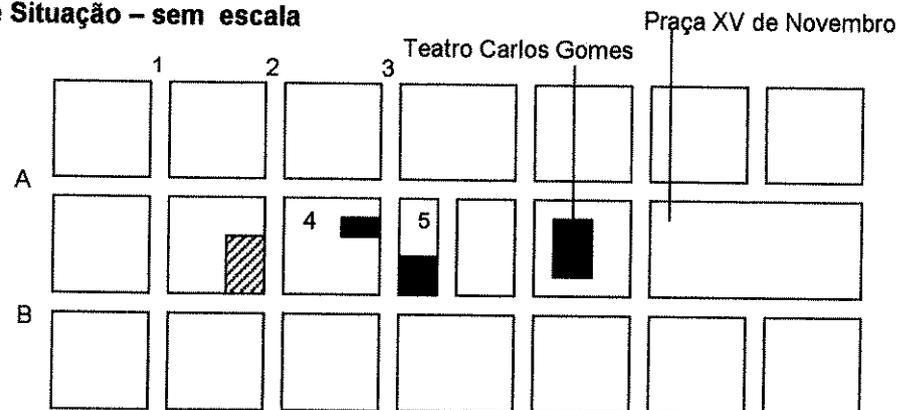
(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação 2 pavimentos

ATIVIDADE URBANA: jurídica / segurança pública

PERÍODO FOTográfico: diurna

Planta de Situação – sem escala



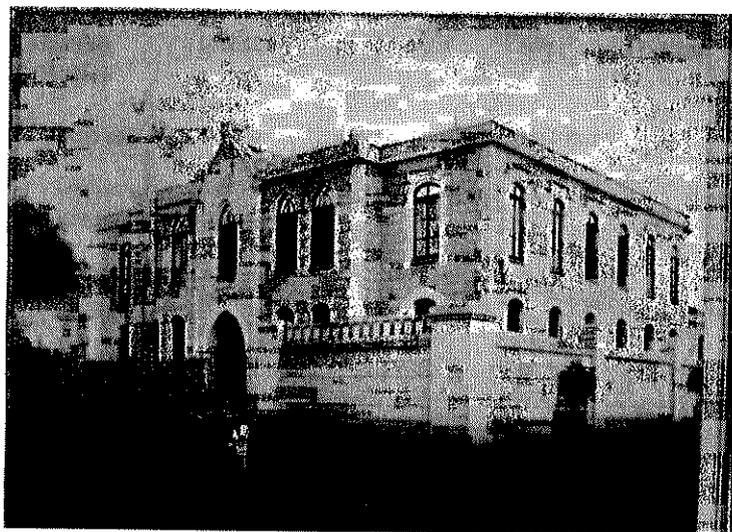
A- r. general osório; B- r. duque de caxias; 1- r. são José; 2- r. marcondes salgado
 3- r. cerqueira César; 4- Câmara Municipal; 5 –Palácio e Praça Rio Branco.

DATA DA CATALOGAÇÃO: 13 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 21	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Flósculo de Magalhães
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 140 . caixa 02 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 22.5 (cm) ALTURA : 17.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Em comparação com a Fotografia 20, a distância no tempo entre ambas as imagens pode ser percebida pela vegetação que cresceu. Porém, o conjunto da imagem não evidencia nenhum tipo de transformação em relação a imagem anterior. Nesse caso, é possível perceber uma movimentação, possivelmente de guardas no portão de saída. Nessa imagem, também centralizada no edifício, o campo visual ascendente da fotografia, denota uma certa monumentalidade ao conjunto arquitetônico.
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: a mesma da foto 20 (Série Arquitetura)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação 2 pavimentos

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte

ATIVIDADE URBANA: judiciário / segurança pública

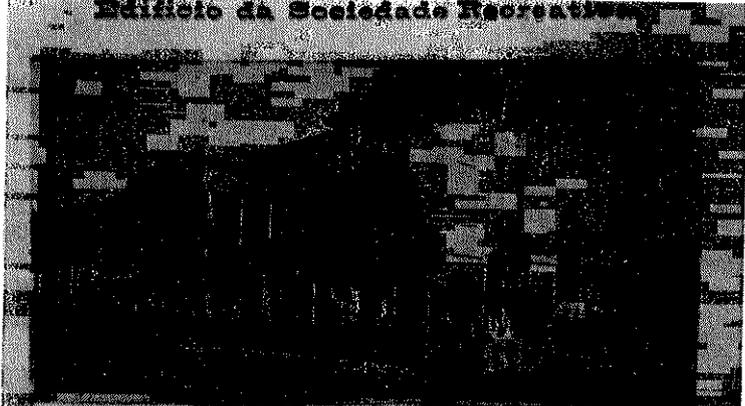
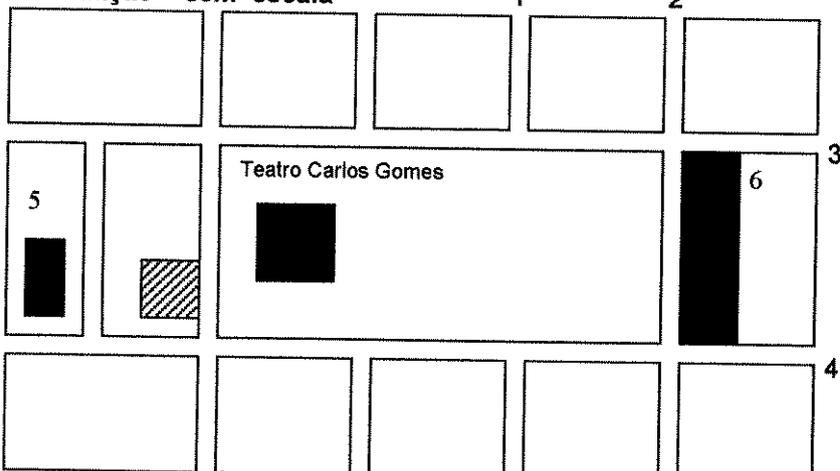
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 11 / 2002

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 22	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input checked="" type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input checked="" type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913 (I). Segue na edição o seguinte texto: "Como vêm os leitores, este prédio é um verdadeiro mimo da moderna arquitetura. O seu conjunto e seus menores detalhes isso atestam".p.68; Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, 1956 (II). Segue na edição o seguinte texto: "Nêste edifício, antiga sede da Sociedade Recreativa está funcionando o Legislativo da Cidade."p.59; O Município e a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência Nacional (1822-1922) (II).</i>			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 15.0 (cm) ALTURA : 08.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Seguindo a mesma visualidade que define a Série, nessa fotografia o edifício ocupa todo o campo visual, numa perspectiva também ascensional. Construído de frente à entrada de fundo do Teatro Carlos Gomes, na Praça XV de Novembro, a Sede da mais elitista das Sociedades Recreativas da cidade – atual Museu de Arte de Ribeirão Preto -, corroborava na delimitação do entorno da Praça, em conjunto com outros importantes edifícios. Pelo Texto que acompanha a edição do Almanach Ilustrado de 1913, sua inauguração representou uma alteração na ordem arquitetônica no início do século XX, até mesmo, pela dupla composição volumétrica articulada, na vista da Rua Duque de Caxias, por um recuo central, que possibilitou a construção de varanda no andar superior e jardim no térreo. A construção desse edifício é contemporâneo ao primeiro grande projeto de embelezamento da Praça, realizado pelo Advogado Augusto Ribeiro de Loyola. A imagem já deixa bem evidente todas melhorias urbanas, com a arborização adulta ordenadamente plantada no passeio público. Da mesma forma o arruamento bem definido para a circulação dos meios de transportes disponíveis na época.
			DATA DO FICHAMENTO: 15 / 02 / 2003

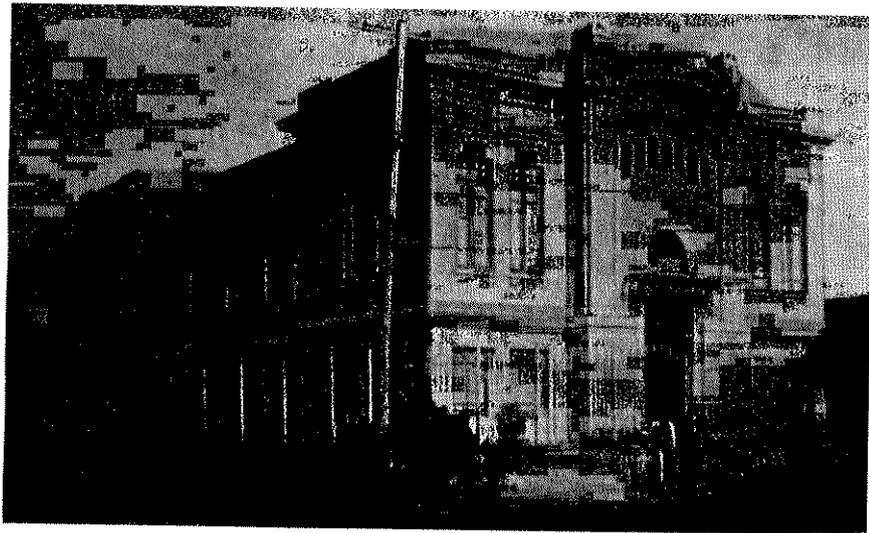
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

 <p>Edifício da Sociedade Recreativa</p> <p>Como vêm os leitores, este prédio é um verdadeiro exemplo da moderna arquitetura. O seu conjunto e os seus menores detalhes isso atestam.</p>	<p>DESCRITORES DA IMAGEM</p> <p>AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana</p> <p>LOCALIZAÇÃO: centro</p> <p>MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / lote</p> <p>ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual</p> <p>(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação</p> <p>(IE) PAISAGISMO: arborização urbana</p> <p>FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea</p> <p>(EM) GÊNERO –ETÁRIO: criança</p> <p>(EM) PERSONAGENS: transeunte</p> <p>ATIVIDADE URBANA: cultural</p> <p>PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna</p>
<p>Planta de Situação – sem escala</p>  <p>1- r. tibição; 2- r. alvares cabral; 3- r. general osório; 4- r. duque de caxias 5- Palácio Rio Branco / Praça Rio Branco; 6- Quarteirão Paulista</p>	<p>DATA DA CATALOGAÇÃO: 15 / 02 / 2003</p>

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 23	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Em relação a fotografia anterior, essa que oferece indícios de ser mais antiga, não apresenta, por exemplo, a mesma arborização no passeio público.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 23.5 (cm) ALTURA : 17.5(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma planta da foto 22 (Série Arquitetura)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / lote

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação sobrado

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: cultural

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 12 / 06 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

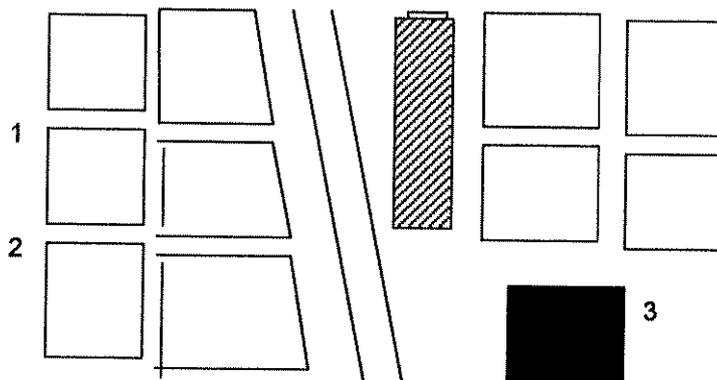
FOTO Nº 24	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: sem referência FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>A imagem do projeto da nova estação mogiana, em verdade é uma fotografia de um desenho elaborado pelo escritório Ramos de Azevedo. A imagem oferece a possibilidade de apreensão da ocupação ainda insipiente nos fundos da Estação. Um conjunto de edificações implantada num território desprovido de infra-estrutura e caracteristicamente periférica nessa época, ou seja, já nos limites externos do que se definia como área urbana na cidade. O edifício em si, na sua imponência monumental definiria como um "muro" entre a cidade civilizada e urbana e a cidade rural e incivilizada.</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Projeto do escritório de engenharia Ramos de Azevedo para construção da estação ferroviária de Ribeirão Preto 1910.

Planta de Situação – sem escala



1- r. general osório; 2- r. duque de caxiais; 3- Cia. Antarctica

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: avenida / fundo de vale

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: balaustrada

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinido

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte ferroviário / automóvel / charrete

ATIVIDADE URBANA: serviços / transporte

PERÍODO FOTOGRÁFICO: indefinida

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 25	SÉRIE Arquitetura	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>O Município e a Cidade de Ribeirão Preto na Comemoração do 1º Centenário da Independência Nacional, 1923 (II). Na imagem o texto apenas identifica o edifício: "Paço Municipal."p.8; GLI ITALIANI NEL BRASILE, Publicação do "FANFULLA" (II). Da mesma forma, texto de identificação: "Palazzo del Município – Ribeirão Preto."p.41; Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, 1956, com o seguinte texto: "Dado o grande progresso da cidade, na administração do Dr. Macedo Bitencourt, foi construído o Palácio Rio Branco, para Sede do Executivo e Legislativo. À frente está herma do Barão do Rio Branco."p23 (II).</i>			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APhRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 17.0 (cm) ALTURA: 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A fotografia do edifício Palácio Rio Branco, sede da Prefeitura Municipal, é bastante esclarecedora das melhorias executadas no centro da cidade. O entorno possível de visualização, já todo definido com passeio público para pedestres e sistema viário a paralelepípedo organizam a circulação em todo centro. A Praça Rio Branco à frente do Palácio, já toda ajardinada, com iluminação elétrica e mobiliários urbanos como bancos, define espacialmente o Paço municipal. Edificação e espaço Público organizam o "território político" da cidade, isso pois, nessa mesma praça está o Edifício da Câmara Municipal, antiga Casa de Câmara e Cadeia. É possível também visualizar a organização dos diversos elementos que compõem o ambiente urbano, sobretudo o paisagismo e mobiliário urbano localizados no passeio público, definidos por uma ordem absoluta que hierarquiza as formas de circulação dos pedestres.
			DATA DO FICHAMENTO: 12/11/2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: banco / poste de iluminação-energia /

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

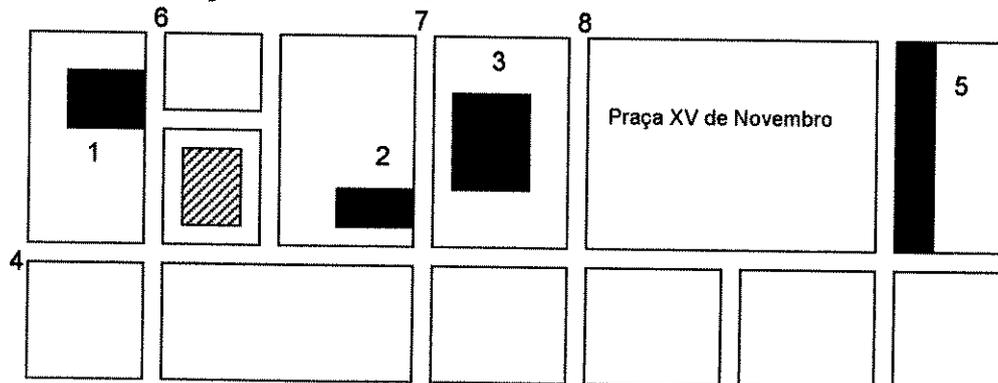
(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher

(EM) PERSONAGENS: transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: político

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



1- Câmara Municipal; 2- Sociedade Recreativa; 3- Teatro Carlos Gomes; 4 – r .duque de caxias; 6- r. cerqueira César; 7- r. barão do Amazonas; 8 r. visconde de inhauma
 5- Quarteirão Paulista: Edifício Meira Júnior, Teatro Pedro II, Palace Hotel

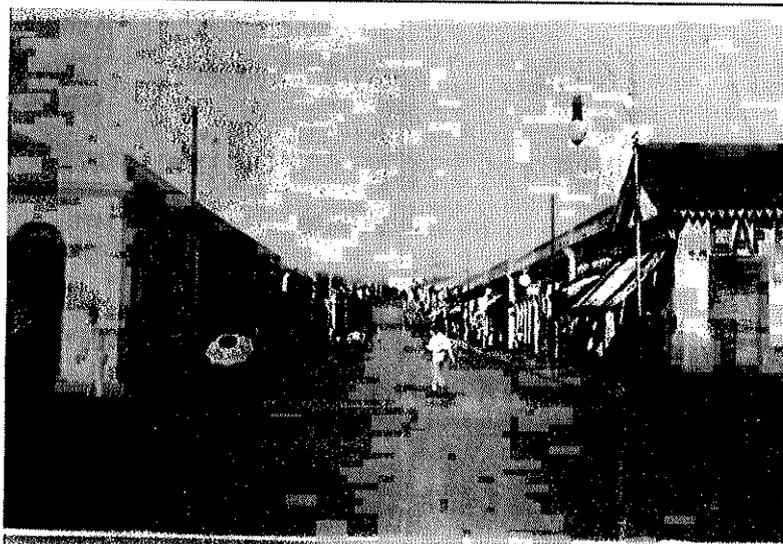
DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

SÉRIE RUAS ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Mota
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1900
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>O Mundo Ellegante – Ilustração Universal</i> . Anno XII, 1909 (); <i>Revista Brazil Magazine – Ribeirão Preto, Les Pays du Café</i> , 1911 (I). Na edição aparece a identificação do edifício: "La rue du Général-Osorio".p.25.			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 115 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 16.8 (cm) ALTURA : 10.4 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input checked="" type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Essa primeira imagem da Rua General Osório, nas proximidades do córrego Ribeirão Preto repetir-se-á em uma segunda pouco posterior. Nessa, já estão definidos todo sistema viário, calçamento para pedestre e poste de iluminação. Nessa imagem com foco praticamente centralizado no eixo da imagem torna interessante e enfatiza a linearidade da maior parte das edificações, sobretudo pela linha definida pelas platibandas. É possível a identificação de uma característica dos passeios públicos na cidade até os dias atuais, que é a sua diminuta dimensão em relação ao tamanho do leito viário para a época. Já ocupada em sua extensão por atividades comerciais e serviços, como o "Grande Hotel" na esquina à esquerda da fotografia, é o principal local de encontro de trabalhadores urbanos e consumidores da cidade.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: usos diversos

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher / criança

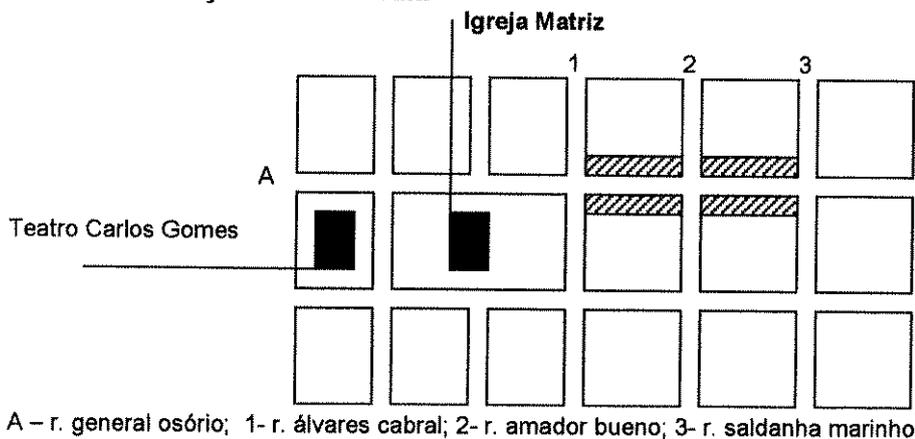
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Flosculo de Magalhães
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 138 caixa 02 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Como lugar já fotografado, segue as referências da Fotografia 01. São, porém, fotografias realizadas em períodos distintos.			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem da Rua General Osório, na sua parte mais baixa, nas proximidades do córrego Ribeirão Preto. O conjunto edificado presente na imagem, em sua maioria de uso comercial e serviços, define esse eixo viário que liga a Praça XV de Novembro e Estação Mogiana. O sistema viário e passeio público organizam os diferentes níveis de circulação, de pedestres que ocupam as calçadas, e automóveis. O conjunto arquitetônico, harmonioso em sua grande singularidade, interrompida pelo sobrado que aponta no fim da rua, e a confeitaria na esquina que delimita o início do enquadramento, representam o cumprimento das normas de edificação e implantação no lote estabelecidas no Código de Posturas Municipal. Em relação à fotografia 01, as mudanças parecem acontecer mais em relação ao uso dos edifícios, que à estrutura urbana e mobiliário, entre outros. Tal mudança pode ser verificada nas edificações das esquinas. Do lado direito, o que era um café passou para confeitaria. Do lado esquerdo, um comércio foi transformado no Grande Hotel!
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 22.5 (cm) ALTURA : 17. (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: usos diversos

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal – carroça

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Ruas)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1926
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: sem referência FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input checked="" type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A mesma rua General Osório nos anos de 1926 na sua parte mais nobre, enfrente à Praça XV de Novembro, com todo o seu jardim terminado. Os automóveis a tração animal dão lugar para veículos motorizados que percorrem as ruas centrais da cidade. Na imagem, a antiga linearidade das edificações ainda em sua maioria térreas, é substituída por sobrados comerciais e residenciais. Na foto aparece a seguinte informação escrita: "Rua General Osório em 1926. Em frente a Praça." XV
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / bomba gasolina / poste energia / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulheres

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

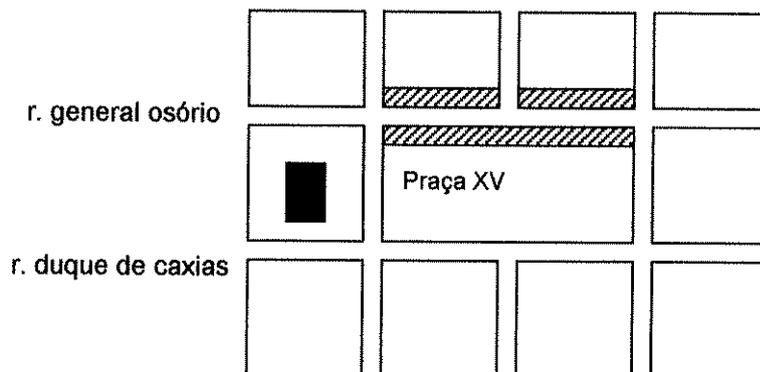
(EM) TRANSPORTE: automóvel

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

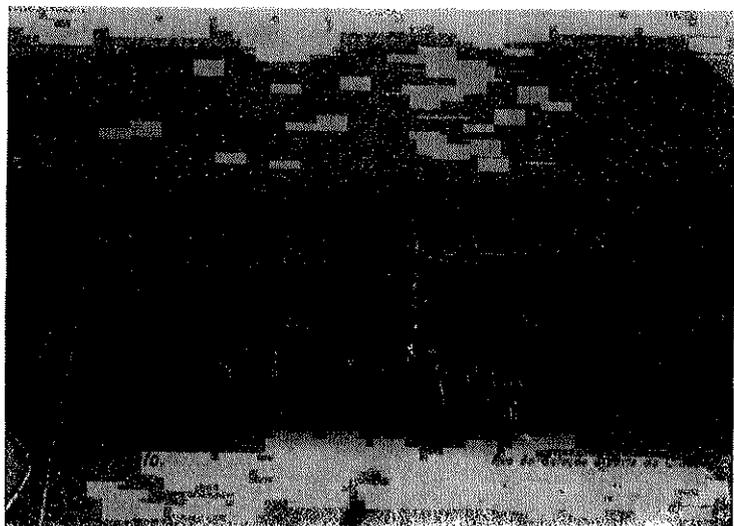
DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

Planta de Situação – sem escala



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: DÉCADA: DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, 1956, (I). Na edição da publicação, que não apresenta sinais de rasgada, apresenta o seguinte texto: "Ribeirão Preto. Rua da Estação e parte da cidade."p.92.			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO:
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 18.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input checked="" type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>A imagem da Rua General Osório tirada provavelmente do edifício da Estação, pela própria angulação descendente em relação ao plano inicial da foto e horizontal ao plano final da imagem, caracteriza bem a região do córrego Ribeirão Preto. Todo o seu leito sem nenhuma melhoria, porém já sem vegetação ciliar estava propício aos problemas de insalubridade que tanto fazia parte dos debates da Câmara. O período da imagem pode ser deduzido pela cobertura do Teatro Carlos Gomes e do sobrado na parte final da rua da estação (que seria a General Osório) que aparece em outras imagens mais recentes. Um condição ainda indefinida dos limites urbanos que se sobrepõe com essa condição ainda rural das margens do córrego. Aparece o seguinte texto: Ribeirão Preto. Rua da Estação e parte da cidade."</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: fundo de vale / rua / rio

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / várzea / mata ciliar (degradada)

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: chão batido / aterro

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

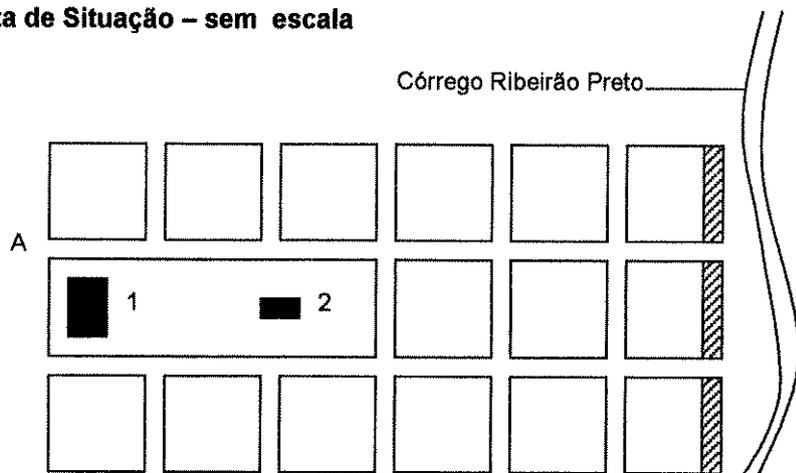
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal - carroça

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



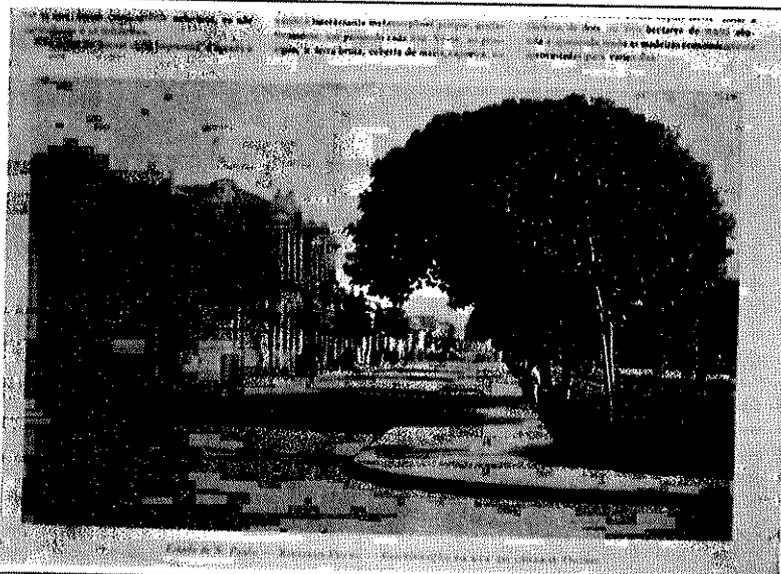
A- r. general osório; 1- Teatro Carlos Gomes; 2- Igreja Matriz

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 05	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) "O Mundo Elegante- Ilustração Universal", 1909 () ; Revista Brazil Magazine, RIBEIRÃO PRETO – Le Pays du Café, 1911(II). Na edição impressa está o seguinte texto: "Ribeirão Preto. Rue et place du Général – Osório." p.25.			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 23.5 (cm) ALTURA : 17.5(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem da Rua General Osório nesses anos da década de 1910 possibilita a compreensão do processo de ordenação urbana da cidade de Ribeirão Preto. Paisagismo, passeio público, arruamento, arquitetura e jardim público são as faces que todos os programas de melhoramentos buscavam estabelecer: a ordem e a disciplina. A própria situação da imagem esvaziada da dinâmica urbana parecem contribuir para tal condição, num silêncio que ecoa na perspectiva da Rua em direção à Estação Mogiana.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina/ praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

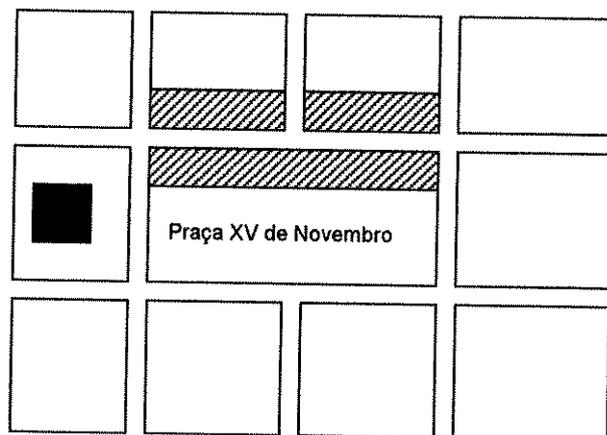
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 06	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Sociedade Legião Brasileira FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 16.0 (cm) ALTURA : 10.5 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>A repetição de imagens cujo foco principal é a Rua General Osório deixa claro sua importância para a cidade, como eixo comercial mais próximo à região da Estação de trens e residências nas proximidades da Praça XV de Novembro. Nesta, as edificações recebem um tratamento arquitetônico mais elaborado, com desenhos de platibandas ornados com balaustradas, em alguns casos presentes na imagem, os sobrados com suas sacadas impõem uma nova escala visual ao entorno também com importante trabalho de elementos decorativos nas fachadas. A permanência do alinhamento rigoroso estabelecido pelo Código de Posturas é o que dá a uma harmonia espacial ao conjunto que define a quadra frente à praça pela rua General Osório. Como na imagem anterior interessou apresentar uma cidade intocada, destituída da dinâmica que caracteriza essa região. Os personagens são quase deslocados do contexto da cidade pela fotografia preocupada com o registro material, ou seja, aquilo que arquitetura e urbanismo consolidaram através dos profissionais que atuaram no ordenamento do ambiente urbano.</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher

(EM) PERSONAGENS: transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 05 (Série Ruas)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 17 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 07 SÉRIE Ruas NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS	SÉCULO: XIX ou XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO:
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913 (I). Na edição da revista segue o seguinte texto: "Rua Duque de Caxias e Praça 15 de Novembro há annos atraz, onde se vê a Igreja velha. Hoje ahi está o Jardim Público."p.17.	ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante	DESCRIÇÃO DA IMAGEM Um das poucas imagens que mostram o lado "de baixo" da Praça XV de Novembro, pela rua Duque de Caxias. Situação que perdura atualmente numa dinâmica distinta entre os lados da Praça pela Duque de Caxias e General Osório. Esta última muito mais intensamente utilizada. No caso da imagem, ainda no início do século XX, pois é possível verificar a coexistência do Teatro Carlos Gomes e a Igreja Matriz, ambos encobertos pela vegetação. A situação do sistema viário ainda precário, sem inclusive macadam, o calçamento restrito à uma faixa bem pequena caracterizam uma cidade que enfrentava graves problemas urbanos no início dos anos de 1900. A única situação mais ordenada captada pela imagem é a do paisagismo urbano, pelas palmeiras que definem um linha contínua entre a Igreja e o Teatro. Na imagem fica também clara a situação inusitada do fotógrafo diante da cena, pelos transeuntes que focalizam a ação do profissional da imagem.
	DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

capital agrícola de São Paulo, cuja importância cresce dia a dia, empurra colossal da Lavoura, do Comércio, da Indústria, e ao mesmo tempo, o intelectual, científico e artístico, que lhe dão a belíssima avenida, ostentando uma seção de copada, praças, jardins extraordinária, que está em honra de milhares de indivíduos...



Rua de São Carlos e 15 de Novembro na antiga cidade, onde se vê a Igreja Velha. Hoje ali está o Jardim Público.

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

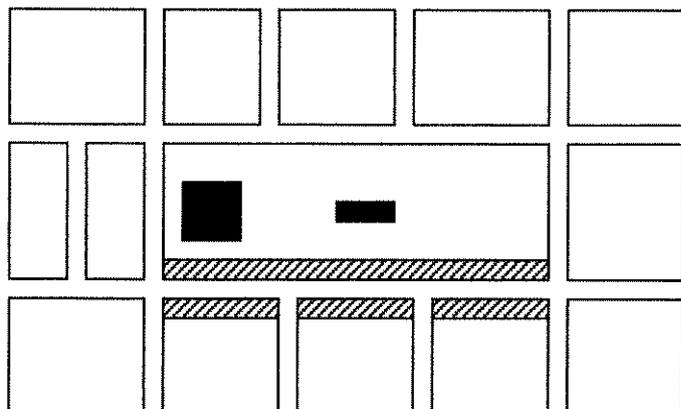
(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

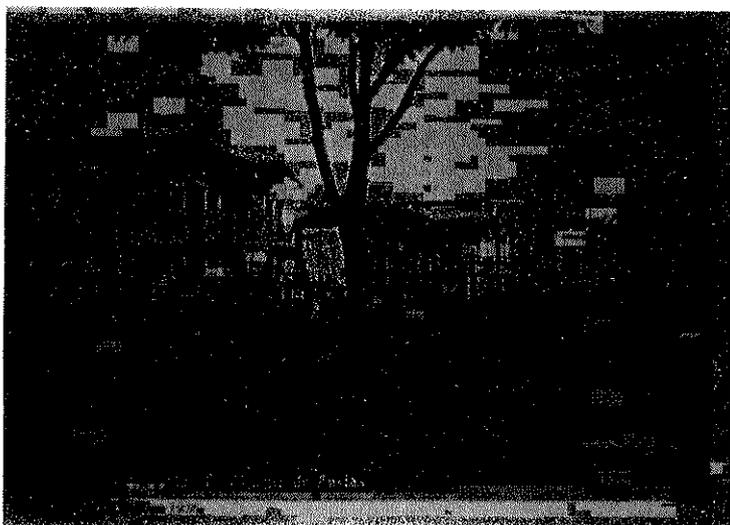
Planta de Situação – sem escala



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 08	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1926
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizada			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input checked="" type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Essa imagem da Rua Duque de Caxias já se mostra totalmente distinta da anterior, do início do século XX. Aqui, já nos anos de 1926, no auge dos programas de melhoramento e embelezamento da Câmara Municipal e Prefeitura, não só os palacetes configuram uma nova paisagem urbana, mas também, a Praça XV de Novembro, que na fotografia está em plano anterior ao da rua. O requinte da ornamentação das edificações e um caso de rompimento, ainda que discreto, com o alinhamento do conjunto edificado pelo sobrado do Prefeito Camillo de Matos, são a imagem daquela cidade que se transforma diariamente. Essa liberação da edificação dos limites do lote urbano pode ser observada também no palacete que não aparece na foto – existente até hoje, assim como a casa de Camillo de Matos – projetada pelo escritório Ramos de Azevedo, da família Junqueira, hoje, biblioteca Altino Arantes.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / luminária / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinido

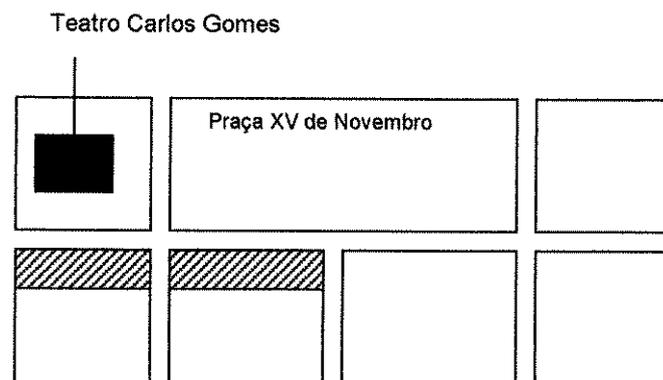
(EM) PERSONAGENS: transeunte

ATIVIDADE URBANA: residencial

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

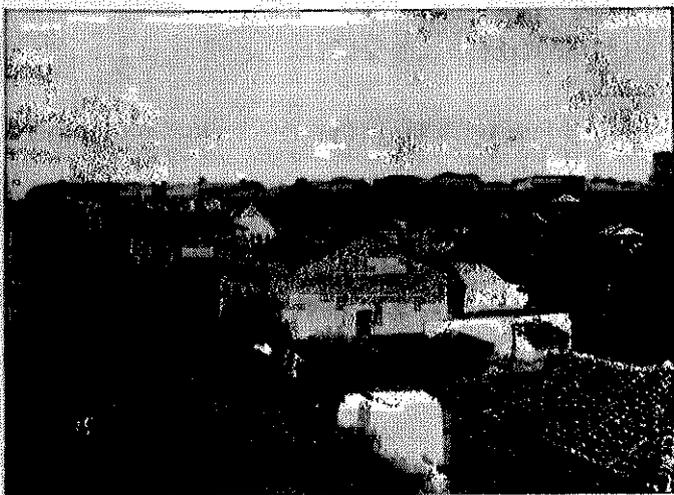
Planta de Situação – sem escala



INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 09	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>Revista Brazil Magazine</i> , Ribeirão Preto, Le Pays du Café, 1911 (I). Na edição existe o seguinte texto: "Ribeirão Preto. Le chef-lieu du grand municípe caféier."p.23.			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : (cm) ALTURA : (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A imagem, pela sua situação de panorâmica parcial acima das edificações, perde um pouco da capacidade de identificação. Pelo grande conjunto edificado, a ordenação da via de circulação e implantação do paisagismo urbano, deixa claro ser uma imagem da região central. A Rua que corta a imagem numa diagonal ascendente evidencia a localização do fotógrafo nas proximidades do córrego Ribeirão Preto. O ritmo mais intenso no caso é dado pela alternância dos telhados em uma ou duas águas. Em todo o arruamento está também preservada a linearidade da implantação no lote dos edifícios.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



RIBEIRÃO PRETO

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) PERSONAGENS: transeunte

ATIVIDADE URBANA: misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

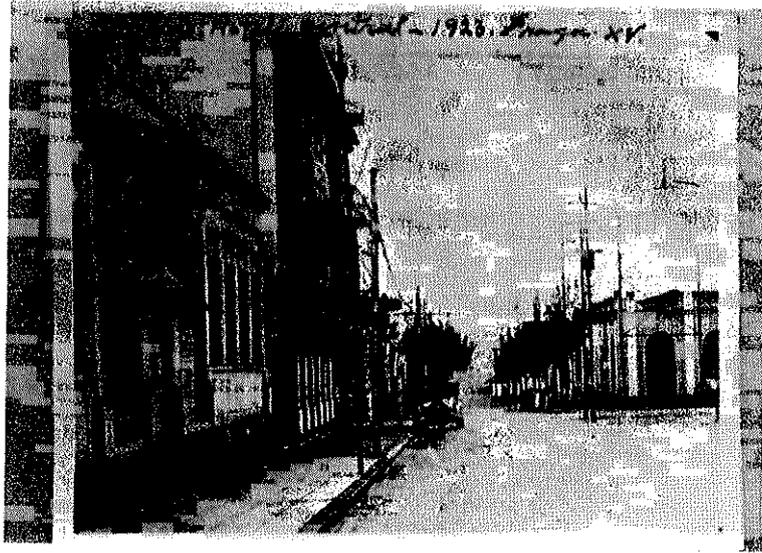
Obs: não identificado.

DATA DA CATALOGAÇÃO: 12 / 11 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 10	SÉRIE Rua	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1923 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM <p>Essa imagem da Rua Álvares Cabral enquadra em quase sua totalidade, o que seria o "Quarteirão Paulista" enfrente a Praça XV de Novembro. Na imagem do início dos anos de 1920, já está edificado na esquina o edifício do Palace Hotel, um dos que compõe o conjunto. Ao centro imagem da Hotel Central, que ocupava terreno onde localiza-se o Teatro Pedro II. Nesse momento a cidade de Ribeirão Preto, na sua região central, já com toda infra-estrutura urbana, inclusive o paralelepípedo no lugar do macadam das ruas, o calçamento com guias e uma intensa rede de energia elétrica cortando as ruas pelos postes. A presença de um automóvel, como em outras imagens, começa a caracterizar o ambiente urbana, até então tomado pelos veículos de tração animal, mais propícios ao chão batido que paralelepípedos.</p> <p>Sobre a fotografia, escrito com caneta, existe o seguinte texto: "antigo hotel central – 1923. Praça XV".</p>
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: indefinido

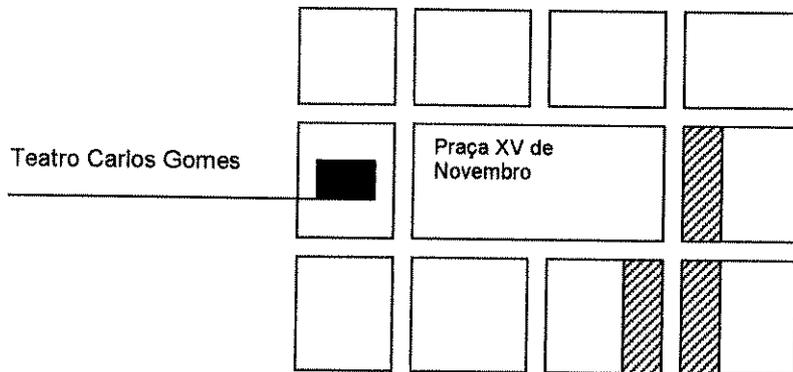
(EM) PERSONAGENS: transeunte

(EM) TRANSPORTE: automóvel

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 18 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 11	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Photo Sport
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 30 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: Paulo Achê
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 19.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Já nos anos de 1930, a imagem da cidade de Ribeirão Preto, em nada lembrava aquela cidade do final do século XIX. O movimento da Rua General Osório, porém, continua o mesmo, com as várias lojas em toda sua extensão. Os automóveis também estabelecem uma nova ordem no sistema viário da cidade, já não mais realizado somente por carroças e bicicletas. Essa mesma descrição será identificada para as outras fotografias PhotoSport, que também concentra o foco de interesse na região da Rua General Osório, frontal com a Praça XV de Novembro, que nesses anos, tinha, de um lado o Teatro Carlos Gomes e do outro, o Teatro Pedro II, com o conjunto arquitetônico Quarteirão Paulista.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



13-Rua General Gaspar-Ribeirão Preto-Fotografia

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança / mulher

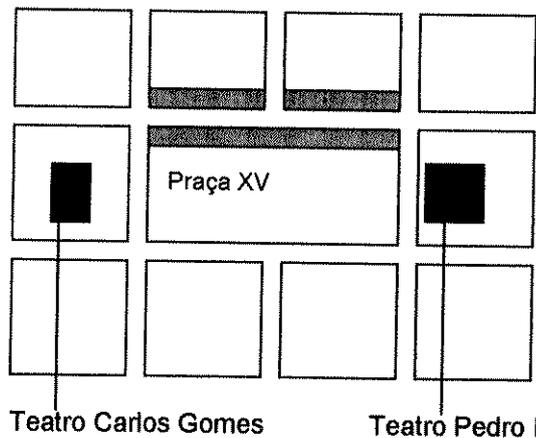
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: automóvel

ATIVIDADE URBANA: serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

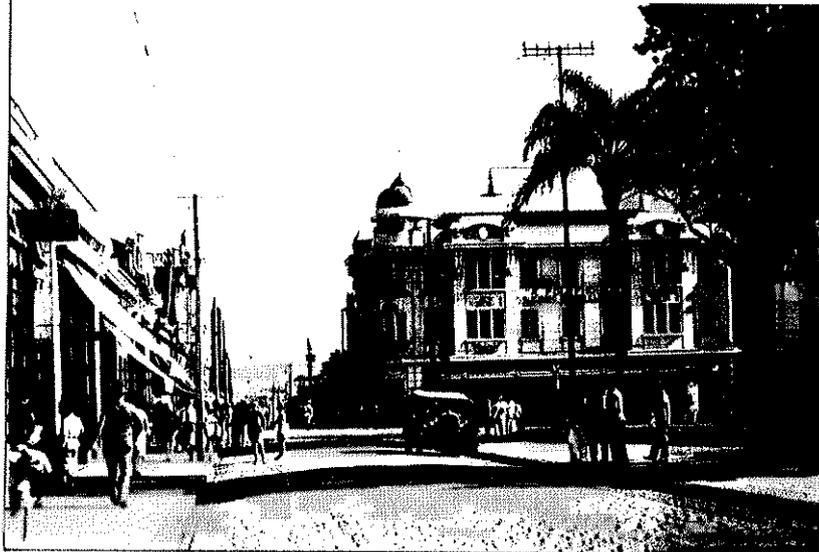


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 06 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 12	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Foto Sport
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 30 DATA (?) LABORATÓRIO: Revelação Foto Sport
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: Paulo Achê
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 19.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A análise desta imagem pode ser identificada com a que foi realizada na foto 11. Nesse caso, o olhar está direcionado para o Edifício Meira Júnior de Escritórios, que faz parte do conjunto arquitetônico Quarteirão Paulista.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-esquina

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / edificação térrea

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

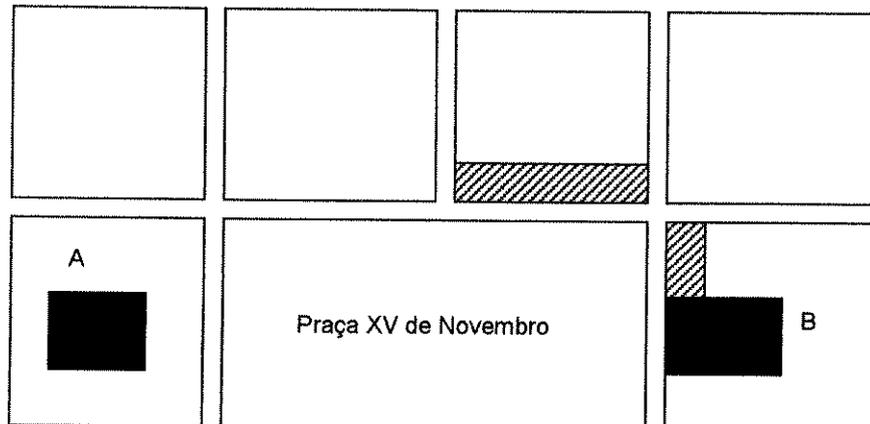
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



A – Teatro Carlos Gomes; B – Teatro Pedro II

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 13	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Foto Sport
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 30 DATA: (?) LABORATÓRIO: Revelação Foto Sport
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: Paulo Achê
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 19.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa imagem, o olhar enfatiza os edifícios do Teatro Pedro II E Meira Júnior, focando em perspectiva, a esquina entre as Ruas Álvares Cabral e General Osório. Como nas outras imagens, o automóvel, ganha destaque na fotografia
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

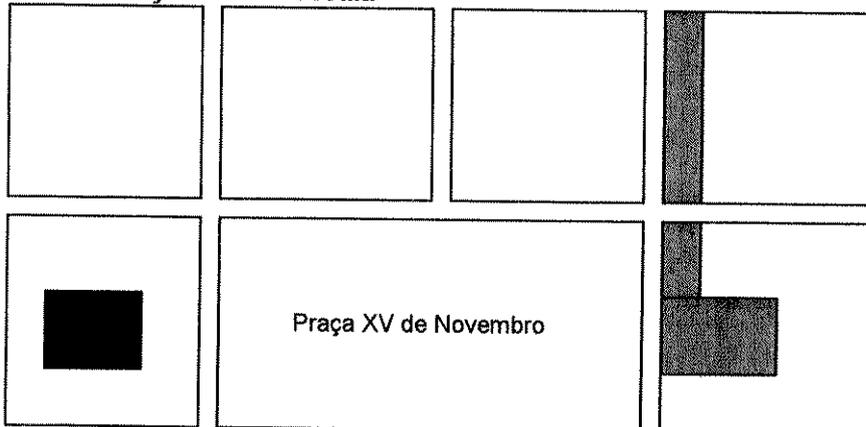
FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício particular / público

(EM) TRANSPORTE: automóvel

ATIVIDADE URBANA: serviços / cultural / lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

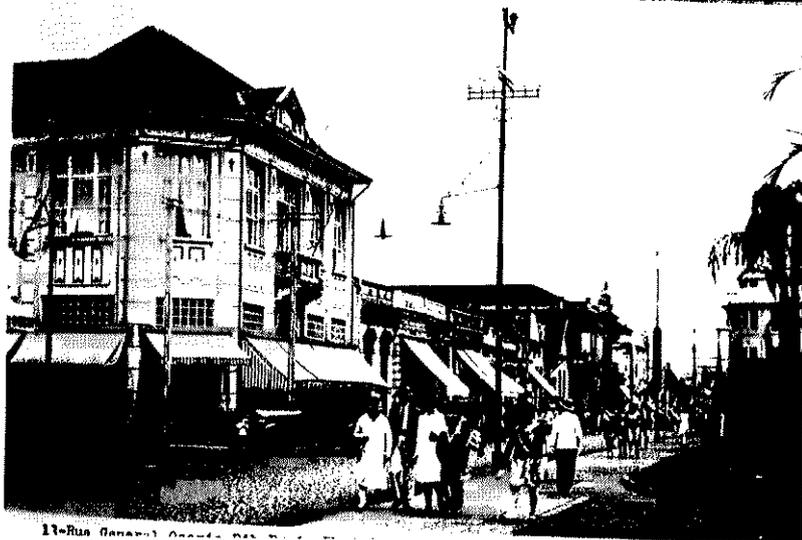


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

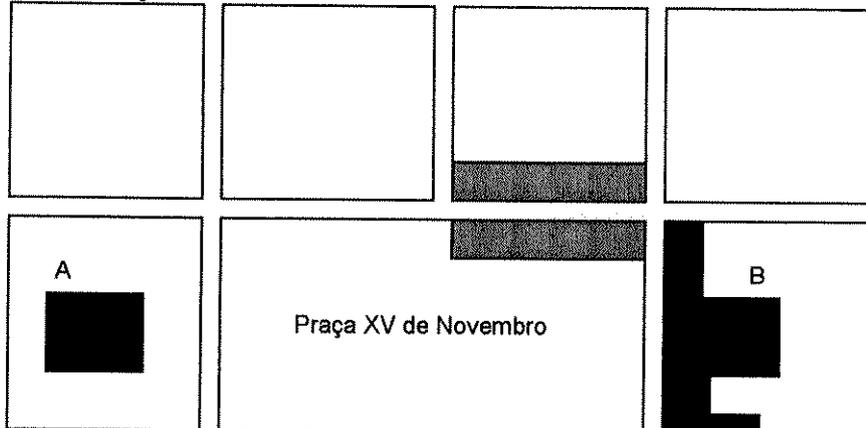
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 14	SÉRIE Ruas	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Foto Sport
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 30 DATA: (?) LABORATÓRIO: Revelação Foto Sport
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: Paulo Achê
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 23.5 (cm) ALTURA : 17.5(cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa fotografia, todo o centro de atenção é a esquina da Rua Tibiriça com a Rua General Osório, com a população andando de um lado a outra do importante eixo comercial da cidade.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala



A- Teatro Carlos Gomes; B – Quarteirão Paulista

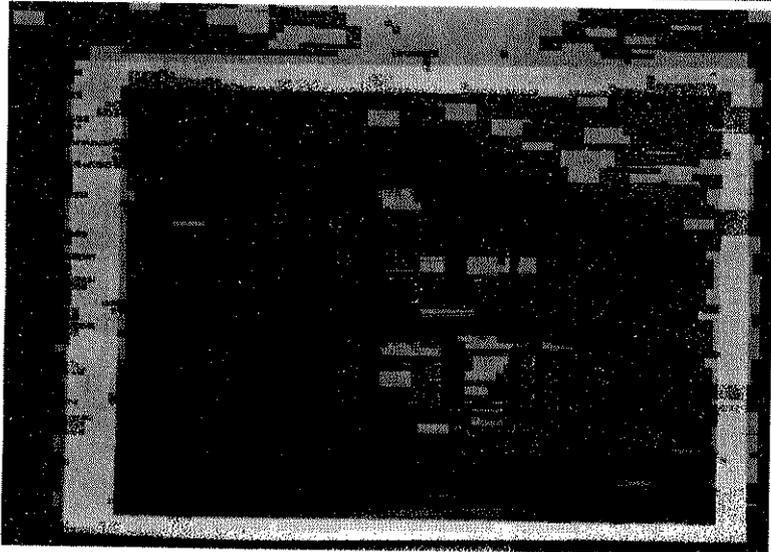
DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 06 / 2003

SÉRIE CARLOS GOMES ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1904 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizada			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 15 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 12.0 (cm) ALTURA: 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input checked="" type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A fotografia adota como motivo principal do campo visual, o edifício do Teatro Carlos Gomes. Nessa época, as melhorais no principal jardim público da cidade - a Praça XV de Novembro-, não tinham chegada até o Teatro, e seu entorno ainda era de chão batido. Momento importante na transformação urbana daquela antiga Vila e suas ruas de terra, no século XIX, para o começo de um conjunto de melhorias, ainda nessa época, enfaticamente direcionado para a criação de infra-estrutura urbana. Acompanhando esse processo, e viabilizado pelo dinheiro de fazendeiros, o Teatro Carlos Gomes é o primeiro grande símbolo do desejo da modernização da cidade, e o que isso representava, do ponto de vista do embelezamento urbano.
			DATA DO FICHAMENTO: 07 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

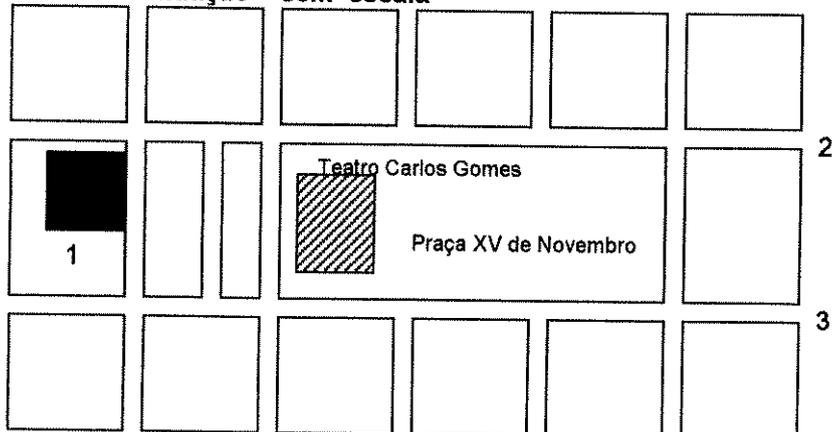
(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultural

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

Planta de Situação – sem escala

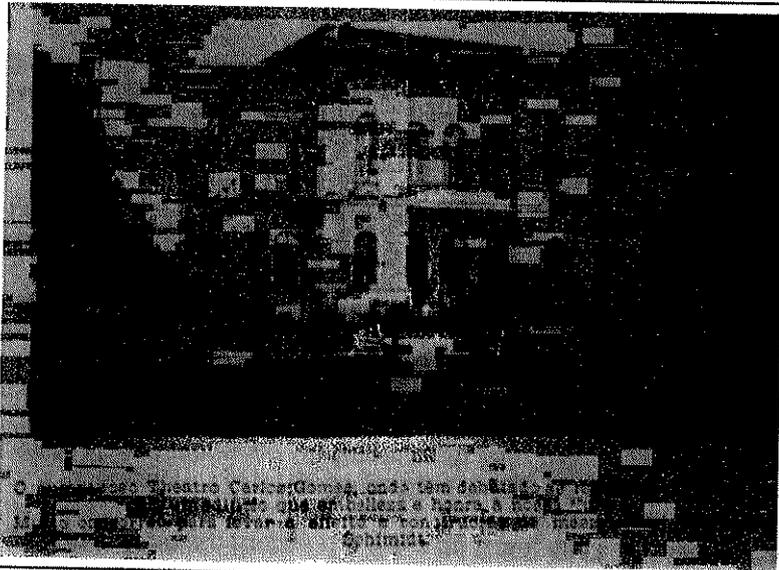


1- Câmara Municipal; 2- r. general osório; 3- r. duque de caxias

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto</i> , 1913 (I). Segue o seguinte texto na edição: "O sumptuoso Theatro Carlos Gomes, onde têm debutado as melhores companhias. É um edifício que embelleza e honra a nossa "urbs". Muito concorreu para levar a efeito a construção do mesmo o cel. Francisco Schimidt."p.67; Revista Brazil Magazine, Ribeirão Preto - Le Pays du Café, 1911 (II); Album Commemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, 1956 (II). Segue o seguinte texto na edição: " TEATRO CARLOS GOMES - Foi mandado demolir pelo prefeito do Estado Novo anterior ao Dr. Sampaio."p.35.			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 13.0 (cm) ALTURA : 08.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa fotografia, todo o entorno próximo ao Teatro já está todo estruturado. O arruamento, os jardins que se estenderam até a Rua Barão do Amazonas, entre outros melhoramentos consolidam a Praça XV de Novembro como espaço centralizador do processo de urbanização, acompanhado por programas higienizadores e ordenadores do ambiente urbano.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício pública / edificação sobrado

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultural

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL:			AUTOR: não identificado
<input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) O Mundo Elegante: Ilustração Universal, 1909 (I). Segue o seguinte texto na edição: "Estado de S. Paulo. Ribeirão Preto – Teatro Carlos Gomes."			LABORATÓRIO
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA:			LOCALIZAÇÃO:
Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA			ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP
Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL			REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista
LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 12.0(cm)			FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista			DESCRIÇÃO DA IMAGEM
Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada			Nessa imagem, o fotógrafo delimitou o campo visual da foto com o Teatro. No caso, a possibilidade de observar a cidade fica bastante reduzida à lateral do Teatro. A monumentalidade da edificação, seus elementos construtivos e ornamentação está no centro da narrativa visual. Até mesmo por uma intenção da publicação, que poderia não estar interessada em registrar o Teatro inserido no contexto da cidade.
<input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DATA DO FICHAMENTO: 31 / 10 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



ESTADO DE S. PAULO, *Italo de Faria* - TEATRO CARLOS GOMES.

Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultural

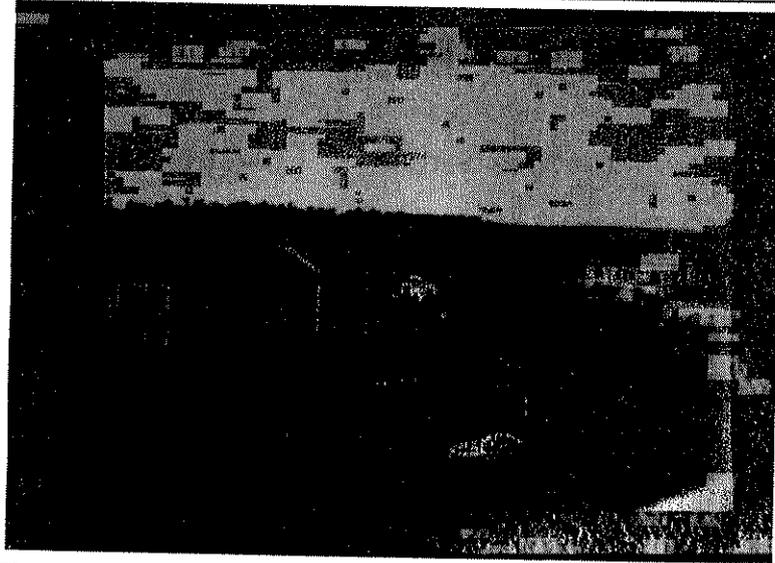
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10/20 DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizada			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Diferentemente das outras imagens do Teatro, essa possibilita visualizar não outras áreas da cidade, mas, outros dos importantes edifícios: O Paço Municipal, inaugurado no ano de 1917 e o edifício da Sociedade Recreativa. A posição do fotógrafo permite também identificar parte do Morro do Cipó, na linha do horizonte da imagem. O Teatro, nessa imagem, não está mais em destaque como nas outras imagens, porém é possível observar todo o corpo da edificação.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 17/10/2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

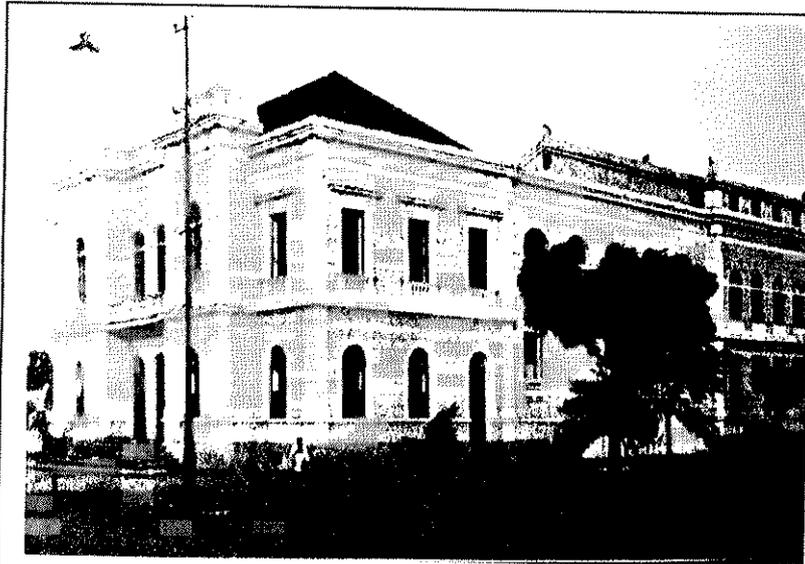
Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 05	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO
			LOCALIZAÇÃO:
			ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP
			REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada
			FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA:			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Como a maioria das imagens focalizadas no Teatro Carlos Gomes, essa também não possibilita uma compreensão do entorno próximo ao edifício. Porém, a imagem da lateral voltada para a Rua General Osório, não é mais comum das fotografias, possibilitando uma apreensão em perspectiva do edifício, sua composição volumétrica, os detalhes de fachada, as relações entre suas aberturas que se definem por uma inversão no desenho: na primeira parte do edifício, no <i>Foyer</i> , a relação é de aberturas em arcos na parte inferior e retangulares na parte superior. No corpo da platéia as aberturas assumem uma escala única, quase a do pé-direito, com uma desenho que finaliza em arco. Nesse caso, as aberturas também são áreas de circulação entre os níveis da platéia. No terceiro bloco, o do palco, a inversão se completa em relação ao <i>Foyer</i> . Aqui, as aberturas em arco estão na parte superior e as retangulares estão na inferior. Relações que são mais visíveis na foto 07 (Série Carlos Gomes)
Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA			
Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 16.0 (cm) ALTURA: 12.0 (cm)			
Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista			
Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada			
<input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 15 / 06 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinido

(EM) PERSONAGENS: transeunte

(EM) TRANSPORTE: bicicleta

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

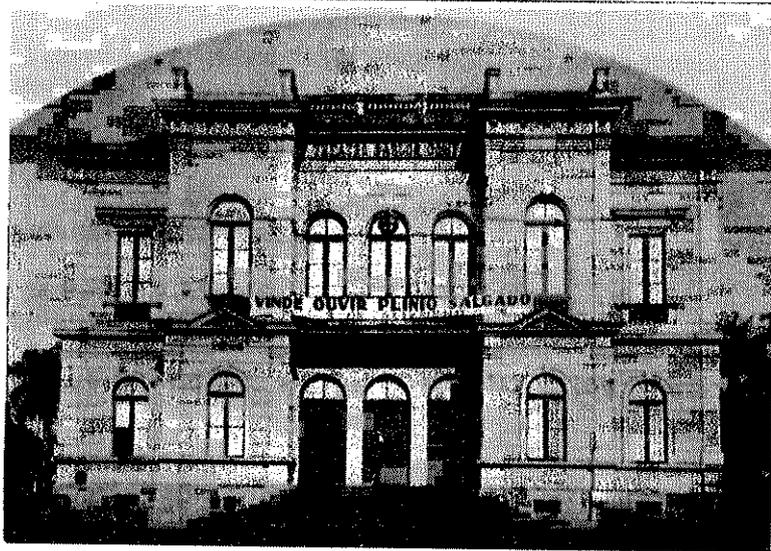
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 06 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 06	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Essa imagem faz parte de um conjunto de fotografias do Teatro que estão trabalhadas sobre a mesma formatação. São três imagens externas uma fotografia interna do edifício. As externas oferecem uma visualização do Teatro em três dos seus lados. O lado que falta pode ser observado na Foto 05 (Série Carlos Gomes). Na fotografia interna, imagem que muito recentemente foi doada para o Arquivo Público de Ribeirão Preto, junto com as Plantas, oferece a imagem da platéia, realizada do palco. Em três níveis distintos, os camarotes e superiores se organizam a partir do desenho em arco da platéia. No caso específico dessa foto, aquela inversão das aberturas não se repete, mas é dado uma ênfase nas aberturas em arco, simetricamente desenhadas na fachada frontal à Rua Visconde Inhaúma e Praça XV de Novembro. Por outro lado, rompimento dessa unidade por duas aberturas retangulares nas laterais superiores, favorece a visualização de uma linha triangular pelas outras aberturas em arco que se encontram numa linha de eixo central que delimita a simetria do conjunto.
			DATA DO FICHAMENTO: 17/10/2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício pública / edificação sobrado

(EM) TRANSPORTE: automóvel

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

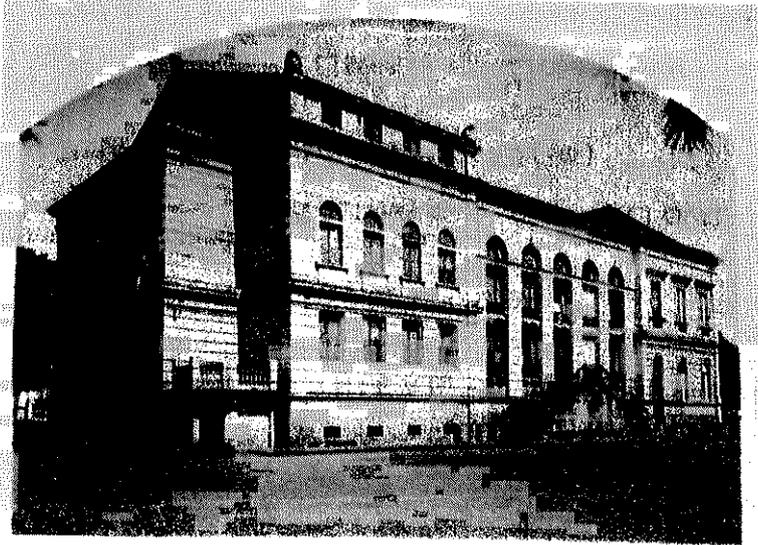
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 07	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizada			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem da Fachada do Teatro voltada para a Rua Duque de Caxias. Essa era a visão que tinham as pessoas localizadas nas proximidades do edifício da Sociedade Recreativa
			DATA DO FICHAMENTO 17 / 10 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 08	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: foto não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem da fachada voltada para o Rua Barão do Amazonas; é parte dos fundos do Teatro, marcada com a entrada de serviços. Obs: optou-se por não colocar a planta de situação, para poder ampliar o campo de impressão, devido à posição vertical da imagem.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 10 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

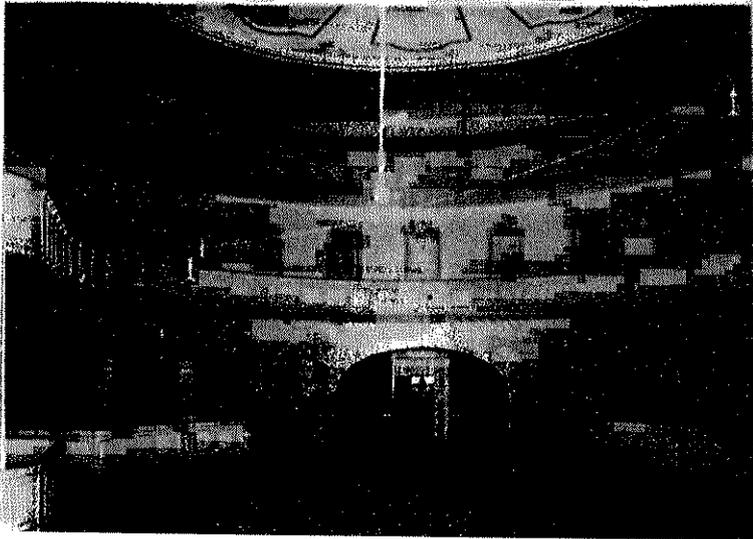
Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 09	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem da parte interna do Teatro, focalizando a área dos camarotes e platéia, parte da cobertura que apresenta um trabalho decorativo. É possível visualizar, pela imagem da platéia, a porta de entrada após o <i>Foyer</i> , com seu desenho modulado em planos retangulares.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 10 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista interna

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultura

PERÍODO FOTOGRÁFICO: indefinido

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 10	SÉRIE Carlos Gomes	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 40 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 17.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input checked="" type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem da demolição do Teatro. Em primeiro plano na foto, a parte do palco e platéia já demolidos. Consta colado na foto: "Demolição do Teatro Carlos Gomes".
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: mesma da foto 01 (Série Carlos Gomes)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: demolição

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação sobrado

ATIVIDADE URBANA: cultural

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

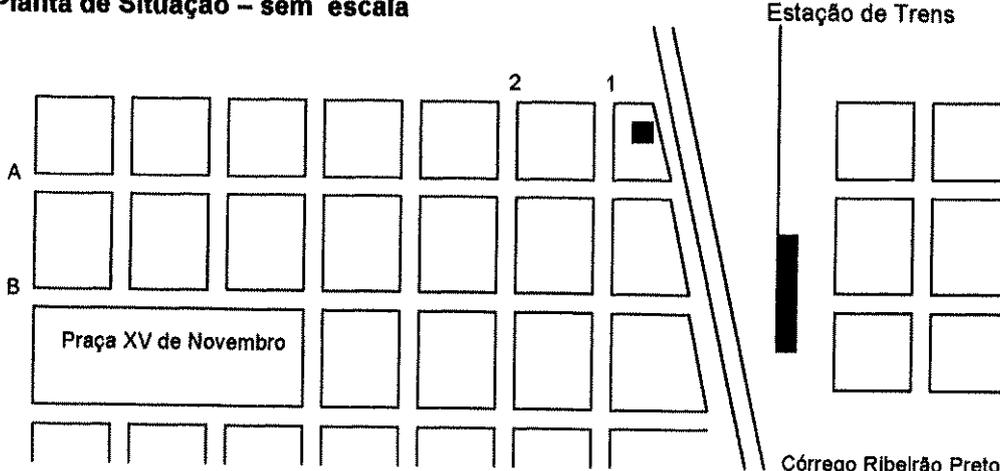
DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

SÉRIE MELHORAMENTOS ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Melhoramentos	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___/___/ LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: Edgard Novaes da Silveira
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) O Mundo Elegante: Ilustração Universal, 1909 (I). Segue o seguinte texto na impressão: "Estado de S. Paulo – O Ribeirão Preto."			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A Imagem está toda centralizada no eixo do Córrego Ribeirão Preto. Um padrão de enquadramento do imagem que valoriza toda a obra de infra-estrutura urbana que transformou uma região tomada de áreas paludosas e alagadas em um importante sistema viário, arborizado, através da retificação do leito do córrego. O que não deve significar a inexistência de problemas, pois desde a década de 1920 a região sofre com enchentes, que ainda no início do século XXI, acontecem na cidade no mesmo local. Mas para essa época, essa intervenção urbana era considerada de fundamental importância, o que provocou, com o aumento da densidade construtiva e impermeabilização do solo ao longo do século XX, sérios problemas ambientais e paisagísticos, que à época não eram considerados.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.5 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

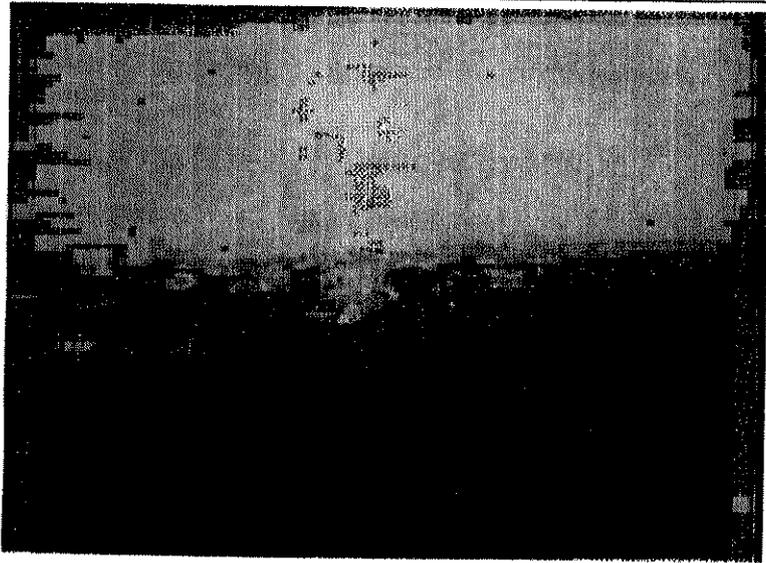
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

	<p>DESCRITORES DA IMAGEM</p> <p>AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana</p> <p>LOCALIZAÇÃO: centro</p> <p>MORFOLOGIA URBANA: limite urbano / avenida</p> <p>ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva</p> <p>ELEMENTOS NATURAIS: córrego</p> <p>(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: canalização</p> <p>(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / balaustrada</p> <p>(IE) PAISAGISMO: arborização urbana</p> <p>(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança</p> <p>PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna</p>
<p>Planta de Situação – sem escala</p>  <p>A- r. são sebastião; B- r. general osório; 1- r. josé bonifácio; 2- r. saldanha marinho</p>	<p>DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003</p>

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02 4.º	SÉRIE Melhoramentos	NEGATIVO	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Flosculo de Magalhães
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 138 caixa 02 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 22.5 (cm) ALTURA : 17.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A tomada panorâmica da fotografia, no sentido da Cervejaria Antarctica para a cidade, possibilita visualizar também o edifício da Catedral na Praça 13 de Maio. A imagem focaliza também uma proposta de ocupação paisagística ao longo do Córrego Ribeirão Preto, que pela imagem já está canalizado. Nesse caso, ao contrário do que se realizou, essa massa vegetal, poderia estar margeando o leito do córrego, e não após o sistema viário. Fator que vai contribuir com os problemas ambientais
			DATA DO FICHAMENTO: 18 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: avenida / córrego / limite urbano

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: canalização / arborização urbana / sistema viário

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

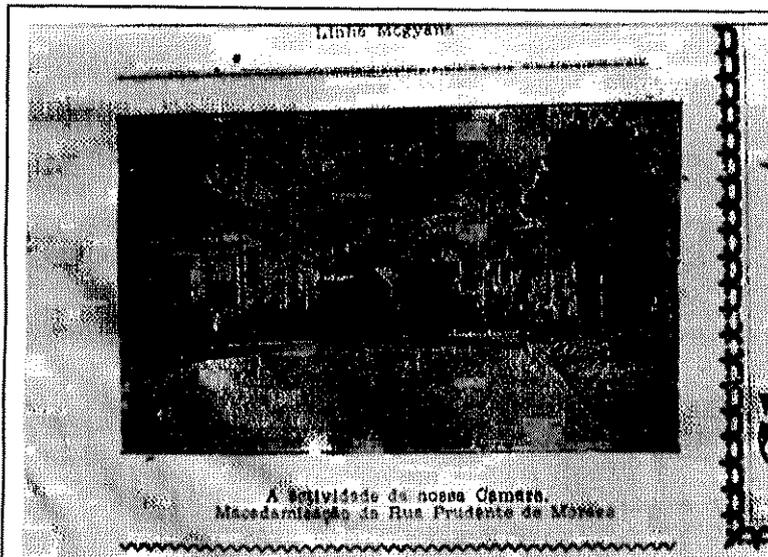
Obs: mesma região do córrego Ribeirão Preto – foto 01 (Série Melhoramentos)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Melhoramentos	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: (?) DÉCADA: (?) DATA: (?) LABORATÓRIO:
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913 (I). Segue o seguinte texto na edição impressa: A actividade da nossa Camara. Macadamisação da Rua Prudente de Moraes."p.31.</i>			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 18.0 (cm) ALTURA : 15.5 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Essa imagem é muito explícita no seu objetivo, que é o de registrar a implementação de infra-estrutura urbana em parte da cidade ainda desprovida de pavimentação. Porém, se a rua passa por obras o mesmo não se pode falar do passeio público, que já está delimitado por guias, mas, desprovido de pavimentação para pedestres.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: pavimentação / obras em geral

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação - energia

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

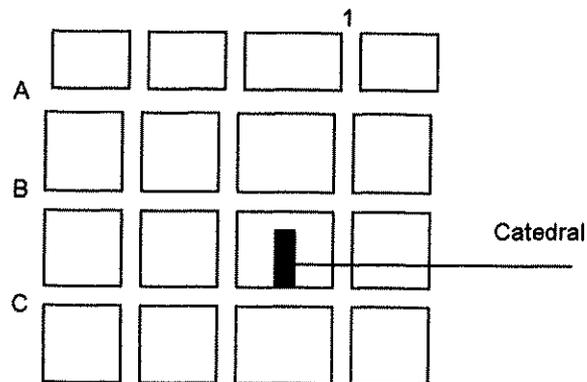
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: transeunte / trabalhador

(EM) TRANSPORTE: trator de pavimentação

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



A- r. prudente de morais; B- r. lafaiete; 1- r. tibirija; C- r. florêncio de abreu

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Melhoramentos	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogado FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Como a fotografia 01 (Série Melhoramentos), o objetivo nesse caso também enfatiza o processo de retificação e melhorias urbanas da região do Córrego Retiro, o mesmo que Martinho Prado Júnior relata ao chegar na Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, no final do século XIX. Os mesmos problemas decorrentes da imprópria canalização, sem preocupações, por exemplo, com impermeabilização do solo, entre outras questões ambientais que atualmente são consideradas, por lei, na execução de sistema viário margeando leito de Rios.
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 18.0 (cm) ALTURA : 12.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Avenida Francisco Junqueira

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: avenida / córrego / limite urbano

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: canalização / sistema viário

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

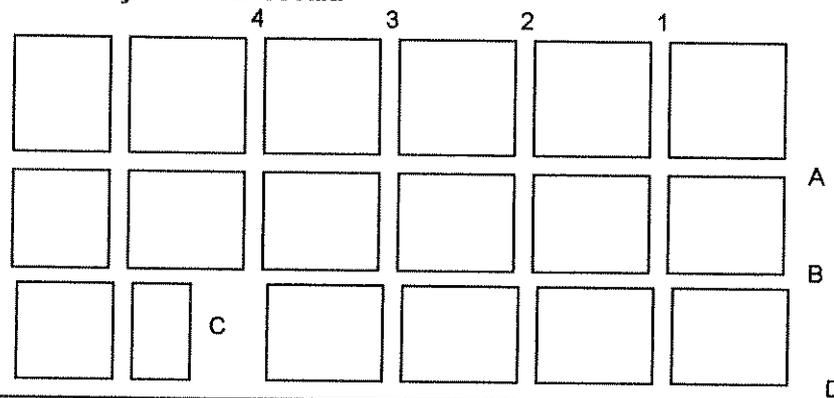
(EM) GÊNERO –ETÁRIO: não identificado

(EM) PERSONAGENS: transeunte

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / automóvel

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



1- r. amador bueno; 2- r. álvares cabral; 3- r. tibiríça; 4; r. visconde inhaúma; A- r. mariana junqueira
 B- r. visconde do rio branco; C- largo das dores; D- avenida francisco junqueira (avenida do café)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

SÉRIE ENCHENTE ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 95 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Assim como essa fotografia, o conjunto de imagens realizada pelo Fotógrafo Aristides Mota, definem como problemática central, as interferências e os problemas ocasionados com a enchente de 1297. Automóveis, carroças, animais e a própria população, ameaçada e acuada no passeio público (foto 04). Uma situação que ainda é constante no - na mesma área-, do Município de Ribeirão Preto. No caso desse tipo de situação, e pela sua localização, não só prejuízos materiais, mas, das próprias atividades desenvolvidas na Estação, localizada no final da Rua General Osório (foto 01). Como essas imagens fazem parte de um conjunto temático fechado, as descrições das imagens estarão restritas à identificação do local onde foram tiradas. Pela variação de pontos visuais, é de se observar que o fotógrafo não economizou esforço para registrar a dimensão da enchente. As fotos que fazem parte do conjunto são: 01;02; 03; 04; 05; 06; 07
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / enchente

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

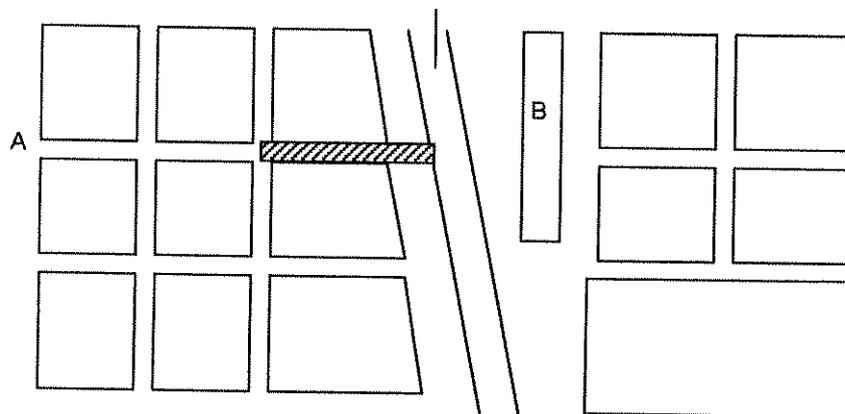
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / automóvel

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Córrego Ribeirão Preto



A- r. general osório; B- Estação de Trens

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 94 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem realizada da Rua General Osório, porém mais recuada em relação à foto 01 (Série Enchente).
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / enchente

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / automóvel

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: mesmo local da foto 01 (Série Enchente)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 93 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Fotografia realizada na margem do Córrego lateral à Estação de Trens, focalizando ao fundo, o Mercado.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: avenida / córrego

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / enchente

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação – energia /
 balaustrada

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança

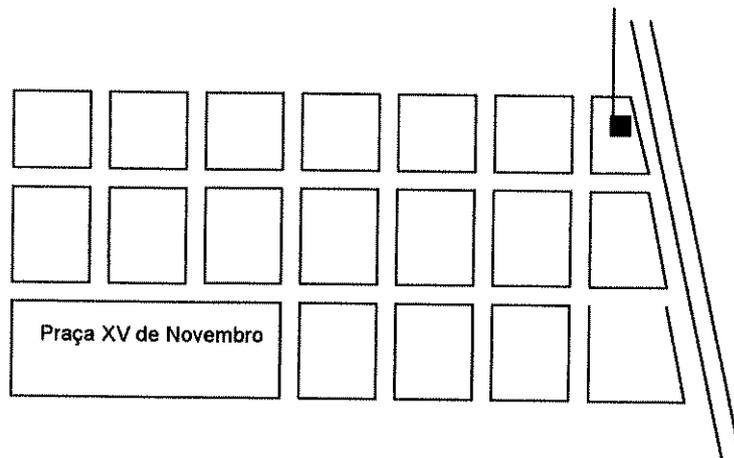
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: automóvel

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Mercado Municipal



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 92 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Fotografia realizada na esquina da Rua General Osório com a Avenida General Osório. No foco da imagem o importante Bazar 21.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

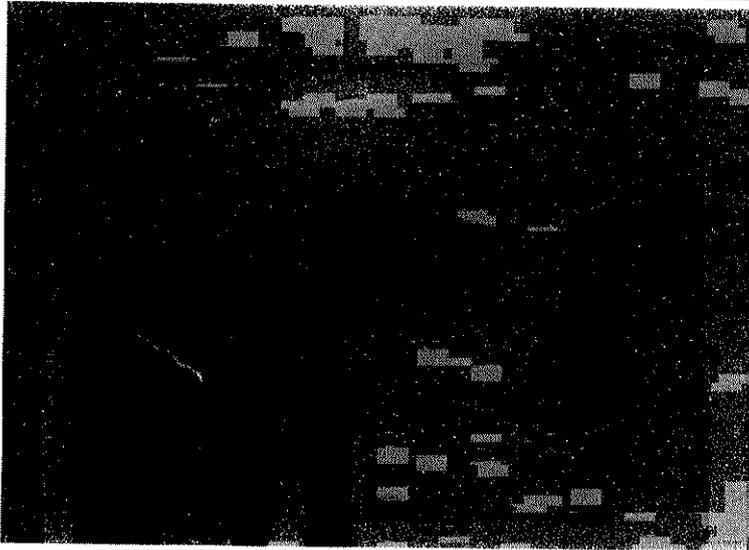
Obs: esquina da rua General Osório com a Avenida Gerônimo Gonçalves.
 Implantação na foto 01 (Série Enchente)

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 05	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 91 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Fotografia realizada da Rua Guatapará, já em direção à chamada Vila Tibério.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: periferia

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / enchente

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação - energia

(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: imagem não localizada. Região da Rua Guatapará, na continuação do córrego Ribeirão Preto, anterior à Estação de Trens.

DATA DA CATALOGAÇÃO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 06	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 89 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem realizada da Avenida Jerônimo Gonçalves. Na foto, o leito do Rio ultrapassa o limite da canalização e tudo se transforma numa imenso lago.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: avenida

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

ELEMENTOS NATURAIS: córrego / enchente

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação / balaustrada

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: imagem da extensão do Córrego Ribeirão Preto na área urbana do município.

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTONº 07	SÉRIE Enchente	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: 07 / 03 / 1927
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 96 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: Família Condeixa
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 14.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Fotografia realizada da Rua General Osório, delimitando no campo de visão, a parte alta da Rua, já próxima à Praça XV de Novembro.
			DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal / automóvel

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

Obs: imagem da Rua General Osório – foto 01 (Série Enchente) – no sentido inverso, ou seja, em direção à Praça XV de Novembro.

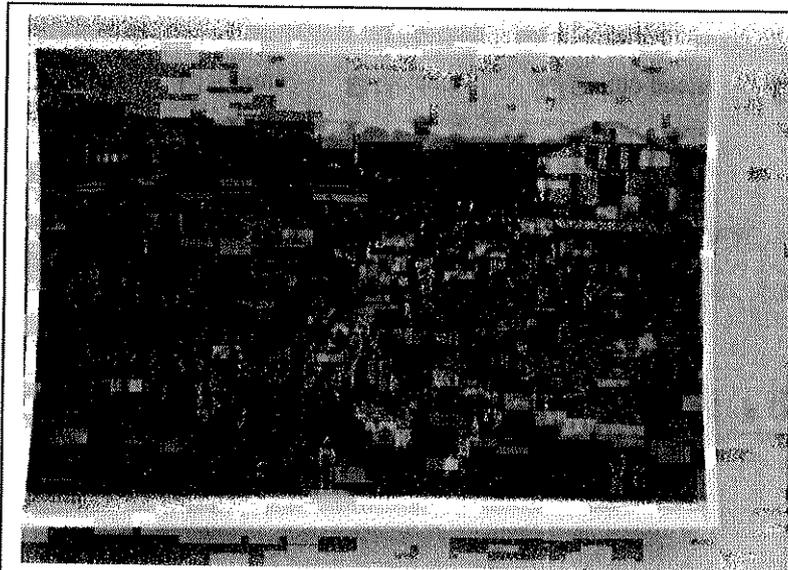
DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

SÉRIE PRAÇAS ■

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 01	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Arististides Motta
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: XX DATA: ___ / 01 / 1905 LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 112 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input checked="" type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Imagem tirada do Teatro Carlos Gomes, focaliza uma possível festa religiosa, com uma intensa ocupação da população no espaço entre os dois edifícios. Ao fundo, a área ajardinada do Largo e o eixo da Rua General Osório. Na imagem, a Igreja já está sem as duas torres. Nesse ano, o de 1905, a Igreja seria demolida, e o Teatro Carlos Gomes ficaria isolado no centro do grande largo. A nova Matriz, seria edificada no Praça 13 de Maio, após a realização de um concurso de projeto, vencido por Carlos Eickman, com Victor Dubugras em segundo lugar.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

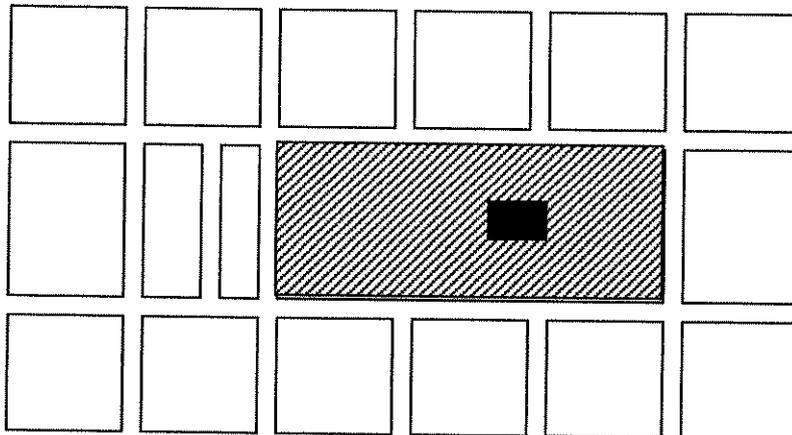
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer / religião

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 02	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS:
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			AUTOR: SÉCULO: XIX DÉCADA: 90 DATA: ___/___/1890 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>Album Comemorativo do 1º Centenário da Fundação da Cidade do Ribeirão Preto, 1956, (I). Na edição impressa está o seguinte texto: "O largo da Igreja Prça XV de Novembro, 1890. Esse largo foi demercado por Manoel Fernandes do Nascimento, com 400 metros por 100. Em 1891 os vereadores alegando que o largo era muito grande, grilaram parte dêle, entre a rua Visconde de Inhauma até a cadeia velha. O povo rebelou-se, arrancou a cêrca e queimou-a, conseguindo salvar a parte conhecida por Esplanad carlos Gomes. Daí ter a Praça XV ficado dividida e se formado a pequena Praça Rio Branco."p.6.</i>			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Anterior à construção do Teatro Carlos Gomes, a imagem evidencia o aspecto rudimentar do Largo da Matriz; sem nenhum tipo de calçamento, com um conjunto edificado ordenado quanto ao alinhamento e aberturas, e uma incipiente organização da arborização. Ao fundo da imagem, o área, ainda rural, do que seria a Vila Tibério. O posicionamento do Fotógrafo, provavelmente, sobre o telhado da Igreja, possibilita uma apreensão panorâmica da área mais importante da cidade. O arruamento paralelo entre o limite do lote urbano e a área do Largo – Rua General Osório- já apresenta uma diversidade de usos, com pequenos comércios e algumas residências. Como será possível verificar na Série Ruas, a General Osório será a mais fotografada das ruas da cidade nos anos iniciais do século XX.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 12.0 (cm) ALTURA: 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input checked="" type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / largo

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: chão batido

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinido

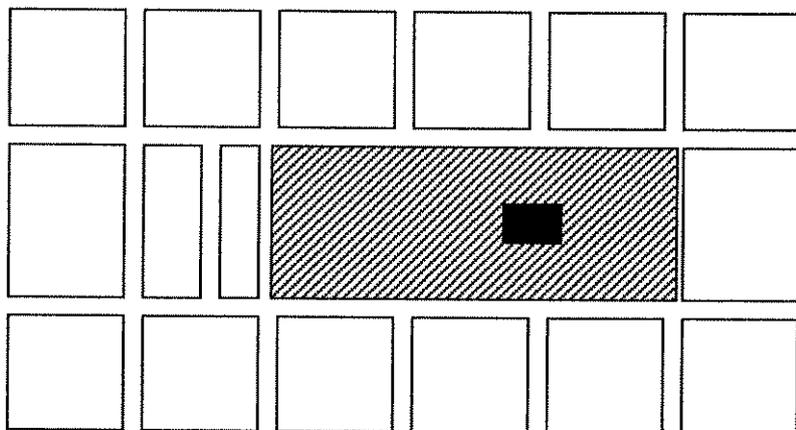
(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

(EM) TRANSPORTE: transporte animal

ATIVIDADE URBANA: uso misto

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

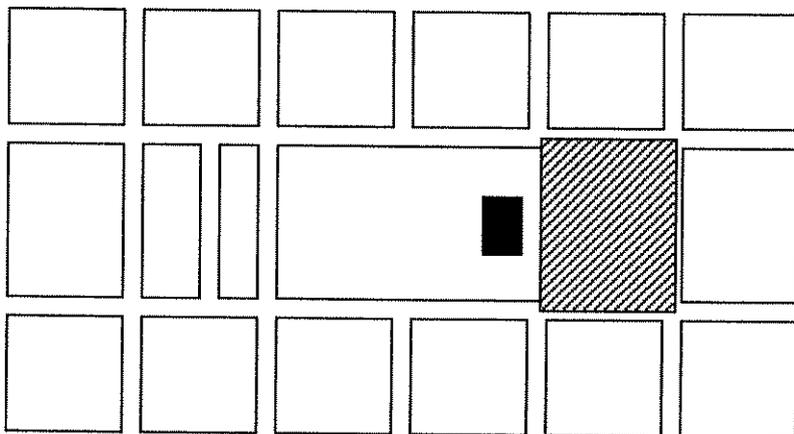
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 03	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1902/1903
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LABORATÓRIO
			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 79 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input checked="" type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A fotografia deixa bem evidente a parte do Largo da Matriz, com o jardim construído pelo Dr. Augusto Loyola. Não existe tanta certeza quanto à inauguração do Jardim: se em 1901 ou 1902. A imagem sugere alguma festividade, que pode ser a da Inauguração do jardim. Nesse período, a iluminação já estava implantada, o que possibilitava o uso noturno das áreas livres. A parte do Largo onde estava o Teatro e a Igreja, continuaria ainda sem arborização, jardins e passeios. Porém, é nesse momento que a Praça assume o papel centralizador no processo de transformação urbana, promovido pelo Poder Público Municipal.
			DATA DO FICAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação – energia / banco

(IE) PROCESSOS E SERVIÇOS: obras / chão batido

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 04	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/1902 (?) LABORATÓRIO
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 14 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: (cm) ALTURA: (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visibilidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A fotografia possibilita visualizar alguns detalhes da construção do Jardim do Dr. Loyola, como os desenhos dos jardins internos e o próprio coreto no centro da imagem. A imagem sugere, porém sem muita confiabilidade – mediante a sobreposição de alguns outros documentos -, a inauguração do coreto, com os funcionários públicos, todos homens, centrados para a foto da comemoração.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista pontual

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

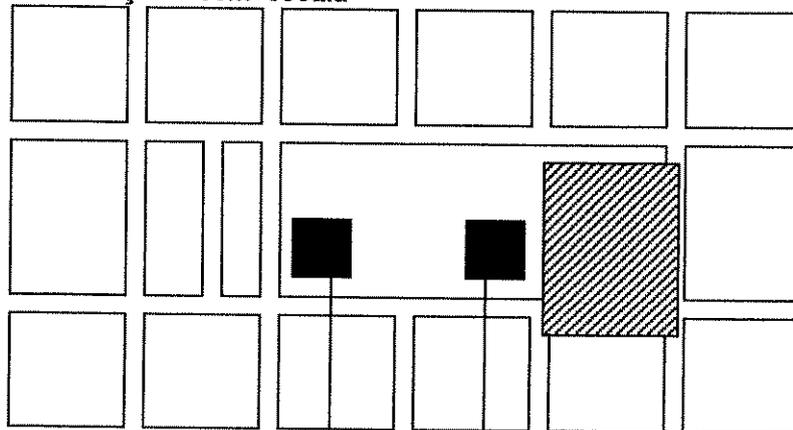
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança

(EM) PERSONAGENS: usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



Teatro Carlos Gomes

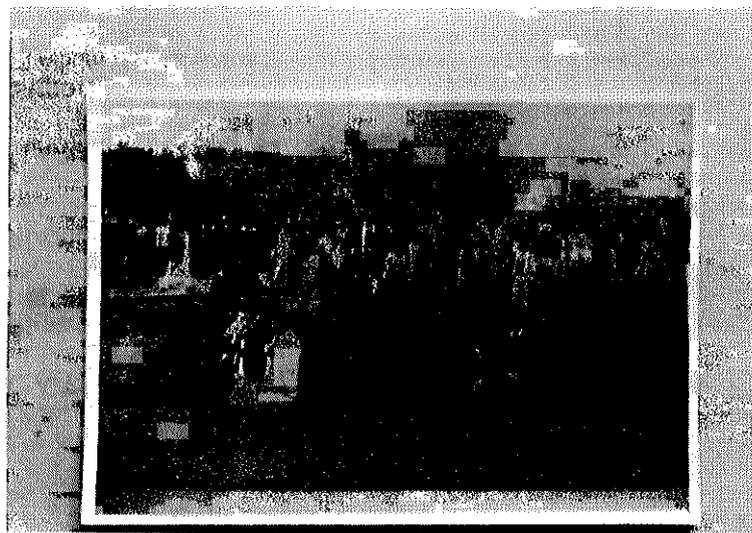
Igreja Matriz

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 05	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: João Passig
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: ___ / ___ / 1903 LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 19 caixa 20 FUNDO / COLEÇÃO: José Pedro Miranda
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa imagem, o fotógrafo focaliza a Praça XV de Novembro, na sua área ajardinada, a partir da Rua General Osório. A concentração da população sugere algum tipo de comemoração ou festejo nas proximidades do coreto. Por outro lado, o aspecto embaçado dificulta a visualização da área do Teatro Carlos Gomes, mas percebe-se as palmeiras alinhadas com a Rua Duque de Caxias.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input type="checkbox"/> Nítida <input checked="" type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala

Obs: foto 04 (Série Praças)

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua-praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 07 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 06	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?)
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) <i>O Mundo Elegante: Ilustração Universal, 1909 (I).</i> Na edição da revista tem o seguinte texto: "Estado de S. Paulo – Ribeirão Preto – O Jardim Público."			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 21.0 (cm) ALTURA : 13.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM A fotografia tirada do Teatro Carlos Gomes mostra a Praça XV de Novembro já toda ocupada com o jardim, que não mais está restrito à área do Jardim do Dr. Loyola. A Igreja Matriz já foi demolida, e nesses anos de 1910 os melhoramentos urbanos implementados pelo Poder Público Municipal já revertrem consubstancialmente aquele ambiente rural da então Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto. No centro da perspectiva é possível visualizar o coreto em meio à vegetação já adulta. Em sua quase totalidade, as imagens publicadas em revistas estrangeiras e nacionais procuram identificar a imagem do Município a esse ambiente urbanizado da área central da cidade.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco / chafariz

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

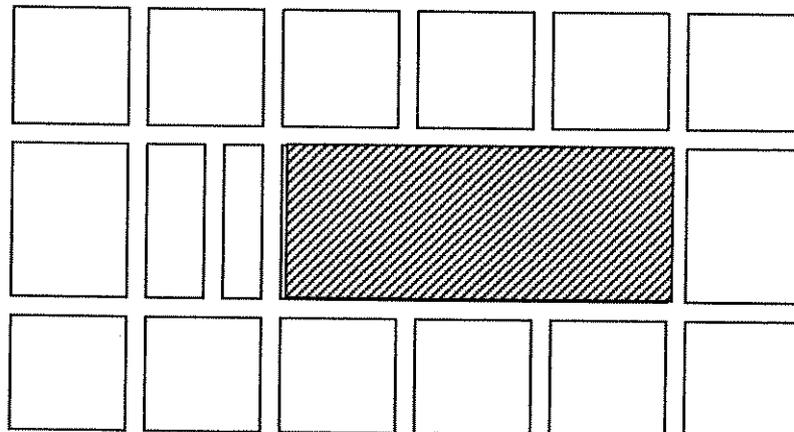
(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem

(EM) PERSONAGENS: transeunte

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

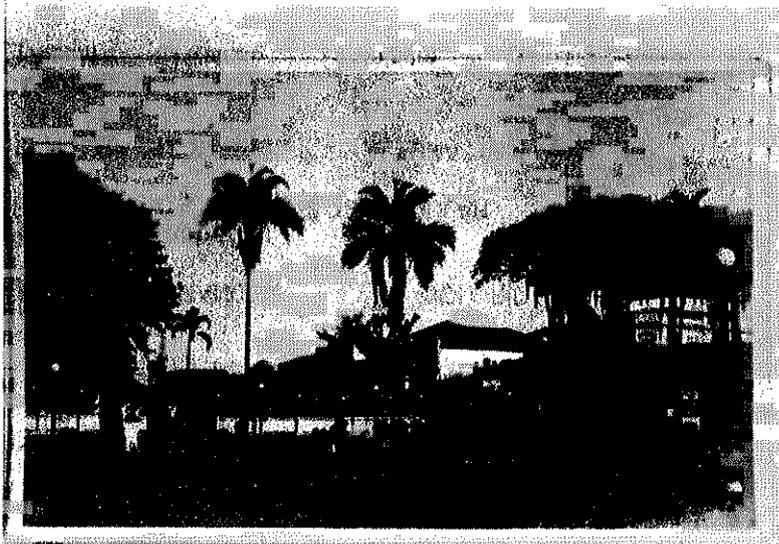


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA/
Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTONº 07	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: (?) LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 102 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Da perspectiva das transformações urbanas da Praça XV os anos de 1920, são o auge das melhorias urbanas. A praça já encontra-se toda ajardinada, com mobiliário urbano, iluminação. Como verifica-se na imagem, é local de trabalho dos fotógrafos. A rua que passa ao fundo, a General Osório, já não é mais constituída por edificações rudimentares dos anos finais do século XIX. Nessa época, o gabarito das edificações começa a dar uma nova escala na paisagem urbana.
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 13.2 (cm) ALTURA : 08.8 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial em perspectiva

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: banco / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

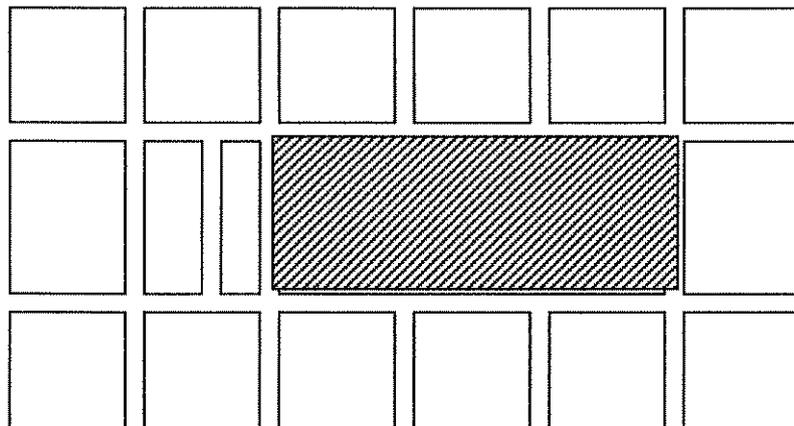
(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer / serviços

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala

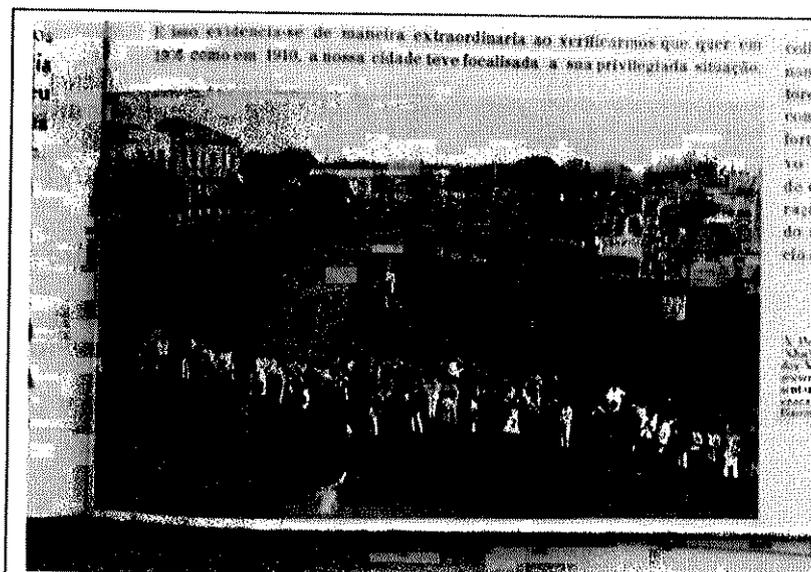


DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 08	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 00 DATA: ___/___/ 1906
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Revista de Ribeirão Preto, anno I (I).			LABORATÓRIO LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 12.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nessa imagem, a Praça XV de Novembro foi transformada em palco da festa "Qebra-Pote". Em verdade os potes são quebrados na rua que faz o limite entre a Praça XV e a área do Teatro Carlos Gomes. Porém, os enfeites que foram colocados na Praça – como as bandeirolas – demonstram que as festividades aconteciam em grande parte da área ajardinada.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

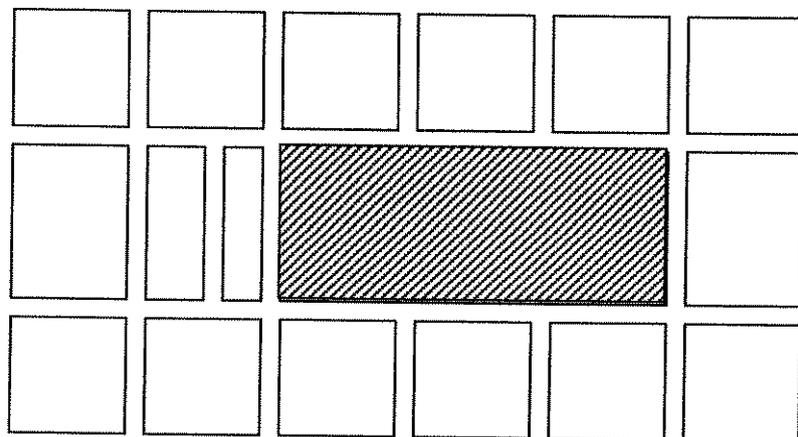
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

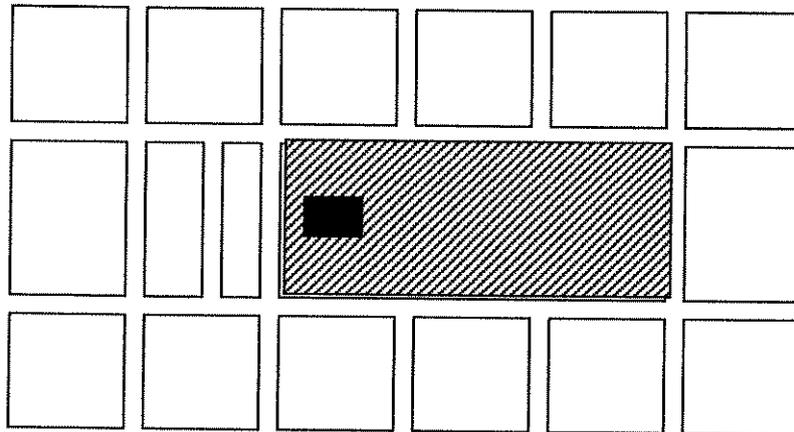
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 09	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input checked="" type="checkbox"/> Original <input type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: (?) LABORATÓRIO:
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: ainda não catalogado FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA: 12.0 (cm) ALTURA: 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Nesses anos da década de 1920, a Praça XV de Novembro já está toda ajardinada. Inclusive na área do Teatro Carlos Gomes, separada da Praça Por uma Rua, que até os dias atuais impede uma continuidade do espaço, que só existiu ainda na época da Igreja Matriz. Lugar dos passeios de Domingo, das apresentações das Bandas Musicais, como a "Filhos de Euterpe", a Praça era de fato o grande símbolo da modernidade da chamada - pelos moradores em geral- Capital D'Oeste. A imagem evidencia também, uma proposta de ocupação de toda aquela imenso largo de chão batido, por um ajardinamento ordenador, delimitador das áreas de passeio, de vegetação, sempre regulador dos percursos dos seus transeuntes e usuários.
			DATA DO FICHAMENTO: 17/10/2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista parcial

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem

(EM) PERSONAGENS: transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer / cultural

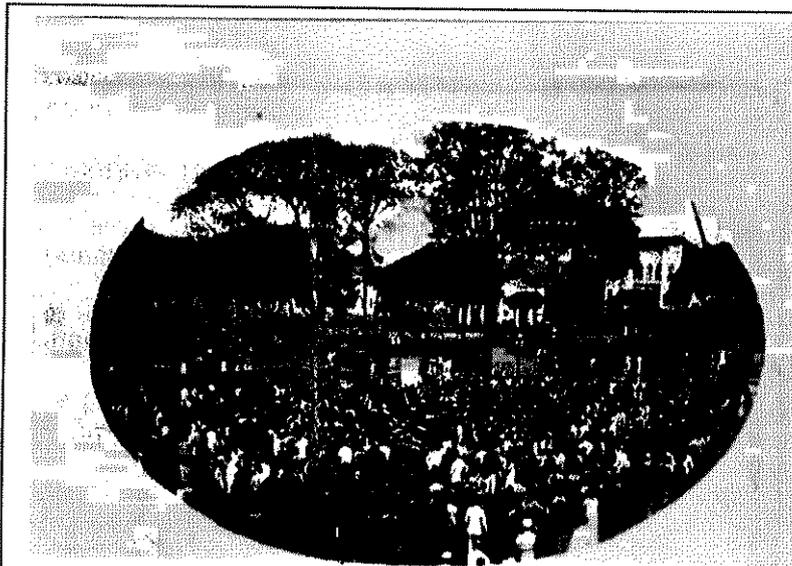
PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das imagens

FOTO Nº 10	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: Aristides Motta SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1923 LABORATÓRIO: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Foto 106 caixa 01 FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Em mais outra comemoração que ocorre nos jardins da Praça XV de Novembro, a população se concentra para a inauguração do monumento em homenagem Luiz Pereira Barreto. Numa fotografia mais panorâmica, tirada da sacada ou janela de algum edifício da Rua Genral Osório, a Praça XV é quase toda dominada pelo olhar do fotógrafo que define sua perspectiva pela concentração populacional, mas possibilita visualizar o Coreto o Chamado Bar da Antarctica e na ponta esquerda o Teatro Carlos Gomes.
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA:			
Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA			
Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input checked="" type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 13.7 (cm) ALTURA : 08.7 (cm)			
Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input checked="" type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista			
Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada			
<input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
DATA DO FICHAMENTO: 17 / 04 / 2001			

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação –energia / banco / obra de arte

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

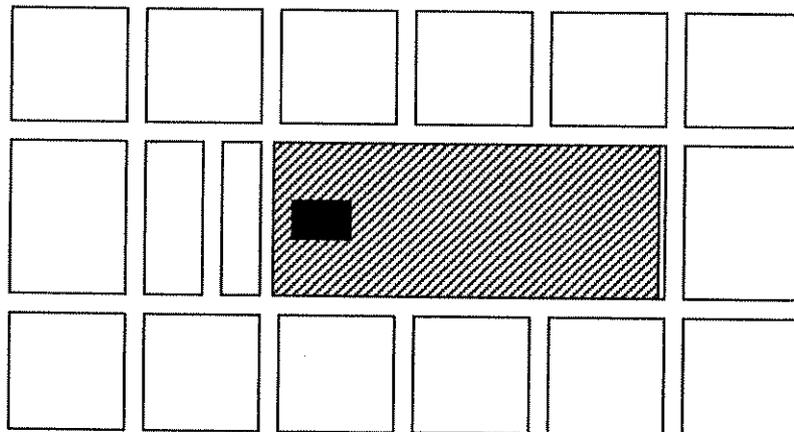
(EM) GÊNERO –ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRAFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

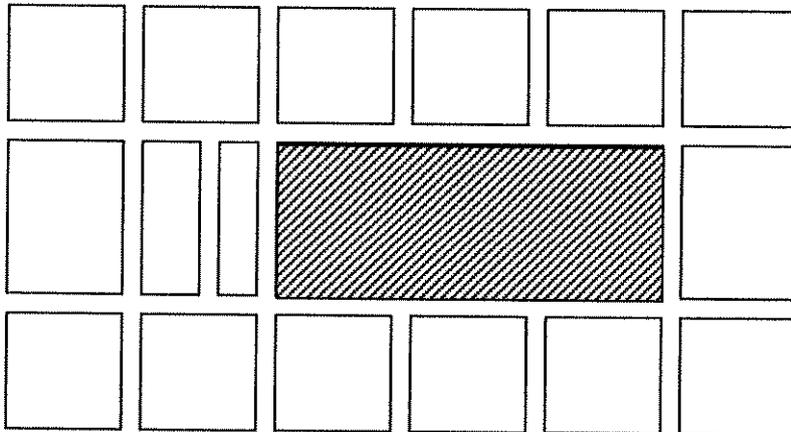
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 11	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input checked="" type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Copia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: (?) LABORATÓRIO:
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: não localizado			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - AHPRP REFERÊNCIA NO ACERVO: não catalogada FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 17.0 (cm) ALTURA : 12.5 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Exceção a todo o conjunto de fotografias trabalhadas, essa imagem ao final da tarde – quase noturna -, da Praça XV de Novembro, tem em si uma luminosidade muito característica da cidade, ao por do Sol. O arruamento todo à paralelepípedo, o passeio público desenhado por placas moduladas quadradas, o jardim perfeitamente desenhado pelos caminhos internos e os bancos instalados por toda a praça, entre outros elementos, são o cenário ideal para o lazer noturno da burguesia local, frequentadora dos teatros, cinemas, cafés, etc.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



Planta de Situação – sem escala



DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / banco

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

(EM) GÊNERO –ETÁRIO: indefinido

(EM) PERSONAGENS: transeunte

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: noturna

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 12	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado SÉCULO: XX DÉCADA: 10 DATA: (?) LABORATÓRIO: LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Cópia <input type="checkbox"/> OUTROS			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Área de implantação da Catedral da Cidade depois da demolição da Matriz na Praça XV, essa região foi também o local do segundo cemitério municipal. Nesses anos de 1910, ela também já estava toda urbanizada e ocupada por jardins arborizados. A implantação da Catedral e do Ginásio do Estado nessa área, contribuiu para expansão da malha urbana nessa direção, efetivando assim uma terceira vertente de crescimento na área central da cidade, que posteriormente se deslocaria para a região do terceiro cemitério, na Praça Aureliano de Gusmão.
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto, 1913 (I). Segue o seguinte texto na edição: "A Praça 13 de Maio. Um dos Pontos mais elevados desta localidade. É toda arborizada, tendo lindíssimos canteiros. No centro estão varias cianças do Cathecismo."p.40.			
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 15.7 (cm) ALTURA : 7.80 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input checked="" type="checkbox"/> Manchada <input checked="" type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens



A Praça 13 de Maio.
 Um dos pontos mais elevados desta localidade
 é o ponto de vista. O ponto central
 é o ponto de vista da cidade.

por Theotônio M. de Barros - Celso Santos Martins - José Trancoso

DESCRITORES DA IMAGEM

AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana

LOCALIZAÇÃO: centro

MORFOLOGIA URBANA: rua / praça

ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica

(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação

(IE) PAISAGISMO: arborização urbana

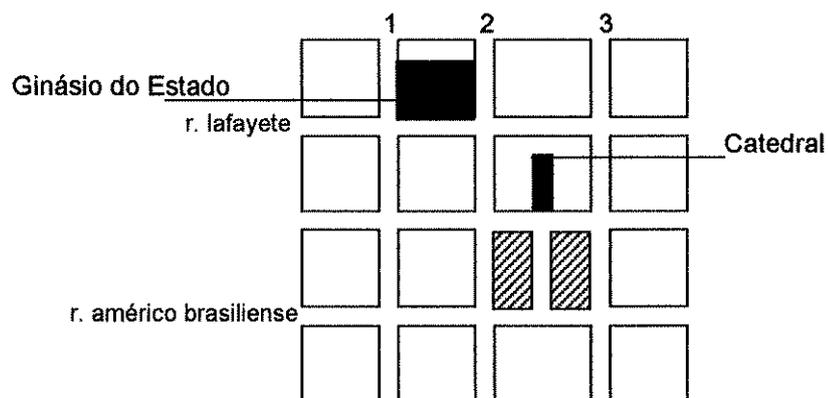
(EM) GÊNERO -ETÁRIO: homem / criança / mulher

(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário

ATIVIDADE URBANA: lazer

PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna

Planta de Situação – sem escala



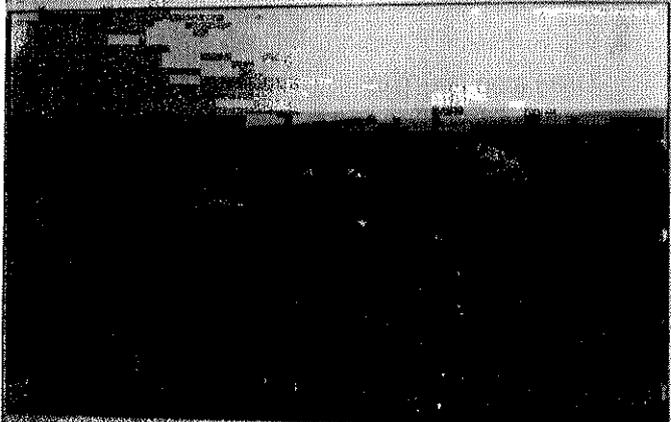
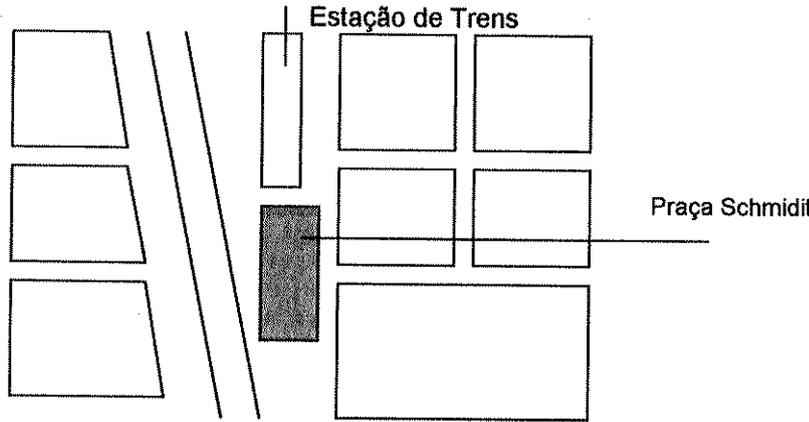
1- r. barão do amazonas; 2- r. visconde de inhaúma; 3- r. tibirica

DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

FOTO Nº 13	SÉRIE Praças	NEGATIVO Nº	DADOS AUTORAIS: AUTOR: não identificado
TIPO DE MATERIAL: <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Slide <input checked="" type="checkbox"/> Impresso <input type="checkbox"/> Original <input checked="" type="checkbox"/> Copia <input type="checkbox"/> OUTROS			SÉCULO: XX DÉCADA: 20 DATA: ___/___/1297 LABORATÓRIO:
LOCAL DE PUBLICAÇÃO: <input type="checkbox"/> mesma imagem (I) <input type="checkbox"/> outra imagem (II) Ribeirão Preto – Retratos da Terra. Revista Revide, no ano da comemoração dos 136 anos de Ribeirão Preto. Segue o seguinte texto: "Avenida Jerônimo Gonçalves e Praça Francisco Schimidt – 1927."			LOCALIZAÇÃO: ARQUIVO: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - APHRP REFERÊNCIA NO ACERVO: Revista FUNDO / COLEÇÃO: sem referência
CATEGORIAS TÉCNICAS DE ANÁLISE FOTOGRAFICA: Pigmentação <input checked="" type="checkbox"/> PRETO e BRANCO <input type="checkbox"/> COLORIDA Formato / Dimensões <input type="checkbox"/> QUADRADA <input checked="" type="checkbox"/> RETANGULAR <input type="checkbox"/> OVAL LARGURA : 13.0 (cm) ALTURA : 09.0 (cm) Suporte <input type="checkbox"/> Álbum <input type="checkbox"/> Retrato <input type="checkbox"/> Moldura <input type="checkbox"/> Cartão-postal <input checked="" type="checkbox"/> Jornal/Revista Condições técnicas: Conservação / Visualidade <input type="checkbox"/> Rasgada <input type="checkbox"/> Manchada <input type="checkbox"/> Escrita <input type="checkbox"/> Perfurada <input type="checkbox"/> Dobrada <input checked="" type="checkbox"/> Nítida <input type="checkbox"/> Embaçada <input type="checkbox"/> Pouco Contrastante			DESCRIÇÃO DA IMAGEM Outra importante Praça na cidade foi essa localizada ao lado da Estação Mogiana de Trens. Não se pode , porém, pensar esse lugar isoladamente no contexto local. A Praça Schimidt é parte de um projeto integrado de canalização do Córrego Ribeirão Preto, Arborização do eixo viário, construção da Estação. Mesmo que em tempos distintos, essa área urbana, com sua característica essencialmente comercial e industrial, deve ser trabalhada em conjunto. Até mesmo do ponto de visto dos promotores da modernização urbana, essa região era fundamental na consolidação do projeto de cidade moderna. Seus galpões, fábrica de cerveja, mercado, hotel, estação conferem ao entorno um aspecto particular em relação a região mais próxima da Praça XV de Novembro; essa última, mesma que com um uso misto nas edificações em suas proximidades, está consolidada com edificações, em sua maioria, numa escala residencial. Sem se falar, no importante eixo econômico que a região da Praça Schimidt, é para cidade, pelas mercadorias que chegam e saem da Estação.
			DATA DO FICHAMENTO: 05 / 02 / 2001

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS . DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA . MESTRADO EM HISTÓRIA
 Ribeirão Preto, uma cidade em construção: o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina (1895-1930)
 Levantamento Fotográfico . Séries Temáticas . Ficha de Análise . Análise das Imagens

 <p>Avenida Jerônimo Gonçalves e Praça Francisco Schmidt - 1927</p>	<p>DESCRITORES DA IMAGEM</p> <p>AMBIÊNCIA ESPACIAL: paisagem urbana</p> <p>LOCALIZAÇÃO: centro</p> <p>MORFOLOGIA URBANA: avenida / praça / limite urbano</p> <p>ABRANGÊNCIA ESPACIAL: vista panorâmica</p> <p>ELEMENTOS NATURAIS: córrego</p> <p>(IE) MOBILIÁRIO URBANO: grade de vegetação / poste de iluminação / balaustrada / banco</p> <p>(IE) PAISAGISMO: arborização urbana</p> <p>FUNÇÃO ARQUITETURA: edifício público / edificação térrea</p> <p>(EM) GÊNERO -ETÁRIO: indefinido</p> <p>(EM) PERSONAGENS: trabalhador / transeunte / usuário</p> <p>(EM) TRANSPORTE: transporte animal / automóvel</p> <p>ATIVIDADE URBANA: lazer / comércio / transporte</p> <p>PERÍODO FOTOGRÁFICO: diurna</p>
<p>Planta de Situação – sem escala</p> 	<p>DATA DA CATALOGAÇÃO: 16 / 02 / 2003</p>